

ANNAIS

da

BIBLIOTECA NACIONAL

Vol. 126 • 2006



Rio de Janeiro, 2009



ANAIIS

da

BIBLIOTECA NACIONAL

Vol. 126 • 2006



Rio de Janeiro
2009

REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL

Presidente da República
LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA

Ministro da Cultura
JUCA FERREIRA

FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL

Presidente
Muniz Sodré de Araújo Cabral

Diretora Executiva
Célia Portella

Gerência do Gabinete
Cilon Silvestre de Barros

Diretoria do Centro de Processamento Técnico
Liana Gomes Amadeo

Diretoria do Centro de Referência e Difusão
Mônica Rizzo

Coordenação Geral de Planejamento e Administração
Tânia Mara Barreto Pacheco

Coordenação Geral de Pesquisa e Editoração
Oscar Manoel da Costa Gonçalves

*Coordenação Geral do Sistema Nacional
de Bibliotecas Públicas*
Ilce Gonçalves Cavalcanti

ANALIS DA BIBLIOTECA NACIONAL, v. 126, 2009

Editor
Marcus Venício Toledo Ribeiro

Conselho Editorial
Carla Rossana C. Ramos, Eliane Perez, Irineu E.
Jones Corrêa e Marcus Venício T. Ribeiro

Revisão
Leonardo Fróes e Mônica Auler

Capa e Projeto Gráfico
Glenda Rubinstein

Diagramação
Conceito Comunicação Integrada

Fotografia
Cláudio de Carvalho Xavier e Leonardo da Costa

Ministério
da Cultura



SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	5
INGLESES NO BRASIL: RELATOS DE VIAGEM 1526 - 1608.....	7
<i>Sheila Moura Hue</i>	
O BARÃO DO RIO BRANCO E A POLÍTICA DE APROXIMAÇÃO COM OS ESTADOS UNIDOS.....	69
<i>Elizabeth Santos de Carvalho</i>	
COLEÇÃO NELSON WERNECK SODRÉ: INVENTÁRIO ANALÍTICO	139
<i>Filipe Martins Sarmento</i>	
PRECIOSIDADES DO ACERVO OS ESTATUTOS DA ACADEMIA BRASÍLICA DOS ACADÊMICOS RENASCIDOS	241
<i>Tarso Oliveira Tavares Vicente</i>	



Biblioteca Nacional (Brasil)

Anais da Biblioteca Nacional. – Vol. 1 (1876). – Rio de Janeiro : A Biblioteca, 1876-

v. : il. ; 17,5 x 26 cm.

Continuação de: Anais da Biblioteca Nacional de Rio de Janeiro.

Vols. 1-50 publicados com o título: Annaes da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro.

ISSN 0100-1922

1. Biblioteca Nacional (Brasil) – Periódicos. 2. Brasil – História – Fontes. I. Título.

CDD- 027.581

22 ed.

APRESENTAÇÃO

A América, ou melhor, a “Cabotiana”, foi descoberta por Giovanni Caboto (John Cabot), genovês radicado em Bristol, na Inglaterra, ao comandar uma expedição apoiada por Henrique VII, rei da Inglaterra. Em junho de 1497, ele chegou à região conhecida como Newfoundland (atuais ilha de Terra Nova e península do Labrador), na costa nordeste do Canadá, tornando-se o comandante do primeiro grupo de europeus a pisar em solo continental. Seu filho, Sebastião Caboto, fazia parte da tripulação. O também genovês Cristóvão Colombo, que navegou sob o patrocínio dos reis da Espanha, “não fez mais do que avistar ilhas”. Além do mais, segundo seu filho Fernando, Colombo só não navegou a serviço da Inglaterra porque o irmão dele, Bartolomeu Colombo, atacado por piratas, não pôde mostrar os planos de seu pai a Henrique VII. Se o fizesse e obtivesse sucesso, provavelmente não teria se limitado a “avistar ilhas”...

Essa curiosa versão dos descobrimentos, praticamente desconhecida dos brasileiros e que obviamente não teve longo curso, foi sustentada pelos ingleses nas últimas décadas do século XVI. Uma tentativa de “anglicização” da história desse período, normal no contexto da aguerrida disputa entre a Inglaterra de Elizabeth I e a Espanha de Filipe II pela hegemonia nos chamados Mares do Sul, como observa a historiadora Sheila Moura Hue em “Ingleses no Brasil: relatos de viagem, 1526 – 1608”, estudo que abre este volume dos *Anais da Biblioteca Nacional*.

Coordenadora do Núcleo de Manuscritos e Autógrafos do Real Gabinete Português de Leitura e organizadora, junto com a bibliotecária Ana Virgínia Pinheiro, da segunda edição (2004) do *Catálogo dos Quinhentistas Portugueses da Biblioteca Nacional*, Sheila Hue valeu-se do Plano Nacional de Apoio à Pesquisa (PNAP), mantido pela Fundação Biblioteca Nacional, para levantar os relatos de viagens de ingleses, no século XVI, em que há referências ao Brasil. Feito com a intenção de sistematizar essas fontes – e assim poder confrontá-las com as narrativas legadas por portugueses, franceses e holandeses, estes últimos diretamente envolvidos com a colonização da América portuguesa –, seus resultados são significativos. No catálogo que organizou, a autora identificou relatos de aproximadamente 19 viagens, escritas por 33 autores, dos quais até hoje apenas um, o de Antônio Knivet, foi traduzido (1870) para o português e publicado no Brasil. A imagem negativa das colonizações espanhola e portuguesa veiculada por ingleses, eles também nada inocentes, e o fato de seus movimentos no Brasil terem sido episódicos e de sentido apenas comercial seriam as razões, como indica o estudo, do pouco interesse no mundo ibero-americano até então em buscar e divulgar essas informações.

Favorecido também pelo PNAP é o estudo “O barão do Rio Branco e a política de aproximação com os Estados Unidos”, de Elizabeth Santos de Carvalho, que trata deste tema também em sua dissertação de mestrado em História Política na Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Ex-estagiária na Divisão de Manuscritos da Biblioteca Nacional, a autora explorou no acervo dessa divisão as coleções Salvador de Mendonça e José Carlos Rodrigues, cujos titulares mantiveram intensa correspondência com José Maria da Silva Paranhos Júnior, o barão do Rio Branco.

Signatário do Manifesto Republicano de 1870 (seria ele o autor do capítulo “A verdade democrática”) e um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras, Salvador de Mendonça foi também precursor da política de aproximação do Brasil com os Estados Unidos, país em que exercia o cargo de ministro plenipotenciário por ocasião da proclamação da República. O monarquista Rio Branco não só o admirava, como a direção que imprimiu à política externa brasileira teve a influência do republicano histórico. O jornalista José Carlos Rodrigues, por sua vez, entre outros de seus empreendimentos, criou duas publicações em Nova York, *Novo Mundo* e *Revista Industrial*, ambas em português; e comprou em 1890 o *Jornal do Comércio*, que dirigiu até 1915. José Maria da Silva Paranhos foi um de seus editorialistas. Rodrigues também constituiu uma das maiores coleções privadas de livros raros no Brasil, o que o tornou um dos nossos mais destacados bibliófilos. Em 1907 ele descreveu toda a coleção no famoso catálogo *Biblioteca Brasiliense* e a doou mais tarde à Biblioteca Nacional.

Este volume publica ainda o inventário do arquivo de um dos historiadores nacionais de maior influência nas gerações de historiadores e cientistas sociais brasileiros formadas nas décadas de 1960 a 1980, o general de brigada, cassado em 1964, Nélson Werneck Sodré. Autor de títulos como *História da burguesia brasileira*, *História da Literatura Brasileira*, *História militar do Brasil*, *História da imprensa no Brasil*, *Ideologia do colonialismo*, além de *Formação histórica do Brasil*, o de maior circulação entre os estudantes e militantes de esquerda, e *O que se deve ler para conhecer o Brasil*, talvez o primeiro do gênero, escolheu, ele próprio, a Biblioteca Nacional para ser depositária de seu arquivo particular. No acervo, doado em 1995, estão sua correspondência, artigos, programas de cursos, fotografias de familiares e pessoas públicas, documentos pessoais, fitas vídeo e audiomagnéticas, entre outros documentos.

Em *Preciosidades do Acervo*, Tarso Oliveira Tavares Vicente, mestre em História e técnico em documentação na Divisão de Obras Gerais da Biblioteca Nacional, comenta os Estatutos da Academia Brasileira dos Acadêmicos Renascidos, uma das muitas academias literárias e científicas criadas em Portugal e no Brasil no século XVIII.

Marcus Venicio Toledo Ribeiro
Editor

Ingleses no Brasil: relatos de viagem 1526 - 1608

Sheila Moura Hue

Doutora em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro e
coordenadora do Núcleo de Manuscritos e Autógrafos
do Real Gabinete Português de Leitura



Trabalho realizado com recursos do Programa Nacional de Apoio à Pesquisa da Fundação Biblioteca Nacional.

A autora agradece a inestimável colaboração de Vivien Kogut Lessa de Sá e Luciana Villas Bôas.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho partiu da observação de um descompasso entre o grande número de relatos, cartas, roteiros e outros documentos quinhentistas escritos por ingleses, sobre as viagens pelo Atlântico, em que há referências ao Brasil,¹ e a escassa fortuna crítica sobre essa ampla produção textual. Diante desse contraste, e da visível relevância dos relatos ingleses para a história do Brasil desse período, o projeto de pesquisa desenvolvido com o apoio da Fundação Biblioteca Nacional teve como principal objetivo proceder a um levantamento de relatos de viagens ingleses quinhentistas nos quais há referências ao Brasil, abrangendo desde a viagem de Sebastião Caboto, em 1526, até a de William Davies, em 1608, de modo a sistematizar essas fontes. O projeto previa a elaboração de um catálogo bibliográfico comentado e um estudo de conjunto sobre os relatos, de modo a pensar a sua relação com as narrativas produzidas por portugueses e franceses, entre outros, e o seu lugar em meio a estas, com a intenção de dar a conhecer e resgatar as fontes para a história da presença inglesa no Brasil no século XVI.

Ao contrário da popularidade dos relatos escritos por portugueses, franceses e holandeses, que efetivamente estiveram envolvidos em projetos de colonização do Brasil, a produção textual inglesa sobre a colônia não teve grande repercussão justamente por não se vincular a um projeto colonizador ou a uma concreta colonização do território brasileiro.

O desconhecimento desse amplo *corpus* de relatos de viagem relaciona-se ao fato de muitos deles não se centrarem exclusivamente no Brasil e de abrangerem outras regiões do então chamado *Mar do Sul* (expressão genérica que abrangia tanto o Atlântico Sul quanto o Pacífico), e também ao fato de estarem, em sua grande maioria, ‘perdidos’ em meio às quase seis mil páginas de duas grandes coletâneas inglesas de relatos de viagem. A compilação *Principall Navigations*, organizada por Richard Hakluyt, impressa em 1589 e reeditada, em três volumes, entre 1598 e 1600, e a coleção *Hakluytus Porthumus or Purchas his Pilgrimes*, organizada por Samuel Purchas, e publicada, em quatro alentados volumes, em 1625, reúnem descrições, roteiros, cartas, narrativas, notícias, observações e relatos de viajantes ingleses e de outras nacionalidades. Purchas publica os relatos de André Thevet, Jean de Léry e também, pela primeira vez, o de Fernão Cardim, sem atribuí-lo corretamente a seu autor, mas a um “Manuel Tristão”, justificando a publicação do texto português com as seguintes palavras: “I may well adde this Jesuite to the English Voyages, as being an English prize and captive”.²

As coletâneas de Hakluyt e Purchas são iniciativas editoriais ligadas à origem do Império britânico e empenhadas em sua legitimação e divulgação entre os ingleses,³ numa época em que as rotas de navegação pelo Atlântico, Pacífico e Índico, conhecidas e utilizadas por portugueses e espanhóis, eram objeto do interesse comercial e político inglês.

Sobre a parca difusão desses relatos, outro aspecto a ser observado é a imagem negativa que muitas dessas narrativas constroem sobre o Brasil, redigidas em uma época em que a Inglaterra começava a sua expansão marítima, cuja justificativa ideológica se construía na crítica ao caráter da colonização ibérica no Novo Mundo – o que viria a forjar o mito da *Leyenda Negra* –, em que espanhóis, e também portugueses, eram representados como um povo cruel e impiedoso com as populações indígenas. Não deixa de ser proveitoso citar aqui uma carta de Vincenzo Gradenigo, embaixador de Veneza na Espanha, em que podemos observar a não singularidade do ponto de vista inglês sobre a colonização hispânica da América (Veneza também se alinhava contra o monopólio comercial ibérico das rotas comerciais no Novo Mundo):

About Drake there is positive news that he has passed the Canaries, and, after capturing the flag ship of the Peruvian fleet with four hundred thousand crowns, has sailed towards Brazil. If he lands there, as they fear he has already done, there is not the smallest doubt but that the whole country will be thrown into confusion and danger, for there are no forts nor troops, and only discontent among the people on account of the brutal usage they experience from the Spaniards.⁴

É importante salientar que a extrema polarização política entre a Inglaterra e os países ibéricos durante parte do século XVI e o conseqüente ponto de vista construído a partir desse antagonismo fazem com que os relatos ingleses revelem aspectos sobre a sociedade, o comércio e a política colonial brasileira não considerados nas narrativas feitas por cronistas de outras nacionalidades, o que os torna uma rica e inexplorada fonte.

Talvez eclipsados tanto pela vitalidade dos estudos sobre o Brasil francês, cujo fértil terreno foi assentado desde o século XIX pelo clássico livro de Paul Gaffarel, como pelo farto aporte documental da posterior presença holandesa no Brasil, os ingleses, por não terem efetivamente estabelecido uma colônia no país, escreveram um capítulo pouco lido de nossa História.

Esse olhar ‘estrangeiro’ sobre o nosso primeiro século, e impiedosamente crítico em relação às práticas coloniais e comerciais ibéricas, contribuiu para que grande parte desses relatos não fosse recuperada quando, no século XIX, houve um resgate de descrições e narrativas do século XVI, capitaneado pelo Instituto Histórico e Geográfico, no Brasil, e pela Real Academia das Ciências, em Portugal, com as edições de Gabriel Soares de Sousa,⁵ Fernão Cardim,⁶

Pero de Magalhães de Gândavo,⁷ Jean de Léry,⁸ André Thevet e Hans Staden.⁹ O único relato inglês publicado nesse movimento de recuperação de fontes quinhentistas foi a narrativa de Anthony Knivet, traduzida em 1878¹⁰ a partir de uma edição holandesa incompleta.¹¹

Navegantes, corsários, piratas e comerciantes ingleses que aportaram nas costas brasileiras no século XVI deixaram testemunhos de sua passagem ou estada no Brasil em uma série de textos, de estilos e gêneros variados (indo do roteiro de navegação à narrativa de viagem, do tratado descritivo à epistolografia), escritos por almirantes, capitães, marinheiros, cirurgiões,¹² aventureiros, religiosos, pilotos, negociantes e outros membros das tripulações. Entre esses textos merecem destaque os livros de Anthony Knivet e de Richard Hawkins,¹³ duas excepcionais narrativas tanto por seu valor literário quanto pela qualidade de suas informações, bem como a narrativa de Peter Carder¹⁴ – prisioneiro no Brasil entre 1578 e 1586 –, integrante da viagem de circunavegação de Francis Drake. A presente pesquisa levantou relatos ou notícias de aproximadamente 19 viagens, escritos por cerca de 33 autores, visto que de muitas destas viagens há mais de um testemunho. É importante notar que, deste conjunto de textos, apenas o de Anthony Knivet foi traduzido para o português e publicado no Brasil.¹⁵

Contrastando com a presença de franceses e holandeses no Brasil, cuja ação é concentrada em períodos bem delimitados, a presença dos ingleses no Brasil tem uma história descontínua. Seu assédio às costas brasileiras foi irregular e inconstante, sendo interrompido pela guerra entre Inglaterra e França na década de 1540, e depois retomado com novo ímpeto no reinado de Elisabeth I. O caráter de seus interesses e intenções também variou, incluindo o período inicial de comércio pacífico, seguido por episódios de pirataria, empreitadas bélicas – como o ataque às vilas de Santos e São Vicente em 1592 por Thomas Cavendish, ou o saque de Recife em 1595 por James Lancaster –, e incipientes tentativas de fixação – como a possível construção de um forte, próximo à Bahia de Todos os Santos, em 1542, pelo comandante John Pudsey. Richard Hakluyt, empenhado na colonização inglesa da América do Norte e figura próxima à rainha, sugeriu que fossem estabelecidas bases navais inglesas no estreito de Magalhães e em território brasileiro, nas cidades de São Vicente e de Santos, observando:

The Iland of St. Vincent is easely to be wone with men, by meane it is nether manned nor fortified, and being wonne it is to be kept with. This iland and the mayne adjoyning doth so abound with victual that it is able to victual infinite multitudes of people, as our people report that were there with Drake, who had oxen, hogges, hennes, citrones, lymons, oranges, etc.¹⁶

Projeto que nunca se realizou. No entanto, observa-se nos relatos ingleses o quanto as frotas estavam familiarizadas com São Vicente, Santos, ilha Grande e ainda outras ilhas localizadas no litoral das capitanias de São Vicente e do Rio de Janeiro, pontos freqüentes de abastecimento e aguada.

Nas coleções de Richard Hakluyt e Samuel Purchas podemos ler uma história da América contada por ingleses, com a intenção de propagar e advogar os direitos políticos dos ingleses não apenas sobre o novo continente, mas também sobre as ricas rotas comerciais das especiarias, de forma a quebrar o monopólio político e comercial das coroas ibéricas. As coleções de Hakluyt e Purchas registram os relatos de navegadores ingleses e estrangeiros e, em seu aparato editorial e comentários, exaltam e elogiam o projeto inglês de expansão marítima e colonização da América, atuando como propaganda colonial e, também, conseqüentemente, como propaganda anti-espanhola, anti-católica. A justificativa ideológica dos direitos ingleses sobre a América começa pelo próprio descobrimento do continente, numa espécie de “anglicização” da história dos Descobrimentos. Richard Hakluyt transcreve na primeira edição de *Principall Navigations* (1589) dois trechos do livro de Fernando Colombo,¹⁷ filho de Cristóvão Colombo, em que este relata como seu tio, Bartolomeu Colombo, tinha sido incumbido por Cristóvão de oferecer ao rei inglês Henrique VII o projeto do descobrimento da América, antes de apresentar esse mesmo projeto aos reis espanhóis. Bartolomeu Colombo, entretanto, teria sido atacado por piratas e perdido o mapa que levava ao rei, tendo vindo a cumprir sua tarefa com muito atraso, mas movendo Henrique VII a apoiar a viagem de descobrimento. Entretanto, nesse meio tempo, Colombo já tinha obtido o apoio da Coroa espanhola e partido. Segundo Hakluyt, “God had reserved the said offer to Castille”. Por sua vez, Samuel Purchas, encontra um novo caminho para vincular o descobrimento da América aos ingleses, estabelecendo como marco inicial a descoberta de Newfoundland por Sebastião Caboto em 24 de junho de 1497.¹⁸ Afirmar Purchas que o continente foi descoberto por Sebastião Caboto, enquanto Colombo não fez mais do que avistar ilhas, e por isso seria muito melhor que o continente se chamasse *Cabotiana* do que *América*.¹⁹ Sebastião Caboto, de acordo com Purchas, era um cidadão inglês,²⁰ e, portanto, a descoberta da América era inglesa e não espanhola.

Richard Hakluyt esteve ativamente empenhado no projeto de colonização da América do norte pelos ingleses, e este é o impulso que o leva a publicar seu primeiro livro *Divers voyages touching the discoverie of America*, em 1582, cuja epístola dedicatória é extremamente esclarecedora sobre suas intenções, a saber, encorajar a colonização do Novo Mundo, advogar o direito inglês sobre os territórios americanos ainda não colonizados por espanhóis e portugueses e estimular o projeto expansionista inglês. Na epístola dedicatória, Hakluyt afirma que chegara o tempo de os ingleses seguirem o exemplo de espanhóis e

portugueses em tomarem parte do Novo Mundo, para onde poderiam mandar a população excedente de modo a formar colônias, e que os relatos que reunia em *Divers voyages* eram a prova de que as terras do norte da América pertenciam por direito aos ingleses. Hakluyt era um clérigo, e sublinhava não apenas as motivações políticas e comerciais, mas também as religiosas: “to reduce those gentile people to christianitie”.

Em sua propaganda colonial, seu esforço para estimular e justificar a expansão marítima inglesa, e sua escrita da história da expansão inglesa, em livros redigidos após o início da década de 1580, quando as relações entre a Inglaterra e a Espanha já tinham se deteriorado, observa-se um franco e acirrado antagonismo em relação aos povos ibéricos. A política européia nas duas últimas décadas do século XVI esteve polarizada entre católicos, liderados por Felipe II, rei da Espanha e Portugal, e protestantes, tendo como figura de proa a rainha Elisabeth I e sua política de expansão marítima. Felipe II apoiava os escoceses, contra a rainha inglesa, enquanto Elisabeth I apoiava os Países-Baixos contra o rei espanhol. A rainha inglesa apoiou também, de maneira irregular, mas ameaçadora, as intenções de D. Antônio, o prior do Crato, ao trono português, abrigando-o na Inglaterra entre 1585 e 1589 e apoiando algumas de suas ações políticas. O monopólio exercido pelo império de Felipe II após a anexação de Portugal pela Espanha, e o conseqüente domínio da América e das ricas rotas comerciais africanas e orientais foi objeto, então, de uma política marítima extremamente agressiva por parte da rainha inglesa, que teve como ápice a viagem de Francis Drake, em 1578, considerada pelos espanhóis, como atestam as muitas cartas de D. Bernardino de Mendonza, embaixador espanhol em Londres, a Felipe II, como um saque de enormes proporções de bens espanhóis, perpetrado com a anuência – e o aplauso – da rainha. Nos arquivos marítimos e nos arquivos de Elisabeth I encontram-se muitos processos movidos por espanhóis contra a indiscriminada ação de navios ingleses, particulares ou não, que saqueavam as cargas de embarcações comerciais de bandeira portuguesa e espanhola. A resposta mais efetiva do rei espanhol foi o envio da Invencível Armada, que redundou em fracasso.

Essa polaridade política, religiosa e ideológica tem como imagem emblemática, como dissemos, a formação da *leyenda negra* (*black legend*) – expressão cunhada no início do século XX para definir a propaganda inglesa contra os espanhóis. Os termos usados para designar os povos ibéricos na literatura de viagens inglesa desse período são os mais depreciativos, especialmente no que se refere à ambição comercial e à atitude frente aos seus opositores, sejam eles protestantes, sejam inimigos políticos, sejam povos conquistados, como os índios da América. Nos relatos ingleses, especialmente os produzidos a partir do início da década de 1580, portugueses e espanhóis são definidos como gananciosos, avarentos, cruéis, tiranos, perigosos, falsos, enganosos. Uma frase

do aventureiro inglês Anthony Knivet, que passou longos anos no Brasil, resume a visão negativa construída pelos ingleses: “preferi colocar-me nas mãos da piedade bárbara dos selvagens devoradores de homens do que da crueldade sanguinária dos portugueses cristãos”.

Curiosamente, um dos textos fundadores da imagem inglesa da extrema crueldade ibérica foi escrito por um bispo espanhol católico, frei Bartolomé de las Casas, para quem a denúncia dos maus-tratos e desumanidade dos espanhóis com os índios servia como instrumento de defesa dos povos nativos e como um plano de reforma dessas relações. Mas os ingleses, ao traduzirem e publicarem várias edições da *Brevíssima relação da destruição das Índias* (quatro edições entre 1583 e 1699), e ao divulgarem na Inglaterra as atrocidades denunciadas por las Casas, forjavam uma justificativa para o seu projeto imperialista e de colonização do novo mundo.

Dessa polaridade resulta uma das características mais marcantes dos relatos de viagens ingleses sobre o Brasil, se comparados às narrativas escritas por portugueses (como Gândavo, Gabriel Soares de Sousa, Fernão Cardim, Francisco Soares e demais jesuítas), por franceses (como Thevet e Lery) e pelo alemão Hans Staden. Enquanto os portugueses descreviam a natureza brasileira com intenções de amplificar suas qualidades, com a intenção de atrair novos colonos ou novos investimentos, enquanto os franceses escreviam seus livros como um relato das maravilhas do Novo Mundo, e Hans Staden redigia seu livro de memórias como uma peregrinação católica, sempre tendo a cultura indígena como paradigma da alteridade, os ingleses, especialmente a partir da década de 1570, descrevem a terra e suas relações com seus habitantes de um ponto de vista inteiramente diferente, tomando como paradigma principal da alteridade não os povos indígenas, mas os povos ibéricos. Esse ponto de vista relaciona-se também ao tipo de ação desempenhada pelos ingleses em território brasileiro, seja comercial ou expressamente de ataque e saque. Também contribuem para essa visão os relatos de ingleses que passaram longos períodos no Brasil na condição de escravos ou cidadãos à parte da sociedade, como Anthony Knivet e Peter Carder, que nos revelam determinados aspectos da sociedade colonial ausentes nos demais cronistas. O radical antagonismo religioso e político faz com que o seu olhar etnológico focalize não apenas os povos indígenas, mas também o colonizador português. Resulta daí que os portugueses configuram, para os ingleses, uma alteridade muito mais marcante do que a dos próprios índios, de forma que as práticas sociais e políticas ibéricas são descritas de forma desusada, em que o exótico e o bárbaro, geralmente aplicado aos índios, passam a ser qualidades ibéricas.

Períodos

No início do século XVI os ingleses ainda não possuem o conhecimento de geografia e ‘cosmografia’ – como se dizia na época – necessários para a navegação e o estabelecimento do comércio na América do Sul ou em outros territórios e rotas marítimas pertencentes às coroas portuguesa e espanhola. O conhecimento dos mapas, das rotas, correntes e regimentos marítimos era praticamente uma exclusividade dos povos ibéricos, e objeto da espionagem de ingleses. É interessante citar, a esse propósito, a declaração de Richard Hakluyt na epístola dedicatória de *Divers voyages*, de 1582, em que registra:

When I consider that there is a time for all men, and see the Portingales time to be out of date, & that the nakednesse of the spaniards, and their long hidden secretes are nowe at lenght espied... I conceive great hope, that the time approacheth and nowe is, that we of England may share and part stakes both the spaniarde and the Portingale in part of America, and other regions as yet undiscovered.

Enquanto portugueses e espanhóis desenhavam os novos mapas do mundo e desbravavam as novas rotas, construindo um conhecimento geográfico inteiramente novo, e estabelecendo um rentoso comércio de mercadorias, os ingleses empenhavam-se em associar-se a viagens comerciais espanholas, como demonstram os registros da atividade comercial de ingleses instalados em Sanlucar de Barrameda e em Sevilha. Comerciantes ingleses estabelecidos na Andaluzia investiam no comércio marítimo, participando ativamente de várias rotas, como a das ilhas Atlânticas, as do norte da África e da costa atlântica no continente, as do Oriente e mesmo as do Novo Mundo.²¹ A partir de 1529, ano do divórcio entre Henrique VIII e a espanhola Catarina, inicia-se um período não tão favorável para os comerciantes ingleses radicados na Espanha e vários retornam à Inglaterra.²²

Um exemplo da atividade comercial conjunta entre ingleses e espanhóis é a viagem espanhola de 1526 com destino às Molucas, mas realizada para o rio da Prata, comandado por Sebastião Caboto, filho do veneziano Giovanni Caboto, numa associação de capitais espanhóis e ingleses, e na qual os ingleses Caboto e Roger Barlow, entre outros, tinham como principal objetivo aprender a navegação pelo Atlântico e pelas rotas do Índico até as então chamadas “spice ilands”. Os ingleses, desde o início do século, tentaram encontrar um caminho alternativo e mais próximo para as especiarias, sendo várias as expedições marítimas em busca da “Northwesth passage” (uma passagem para o Pacífico Norte através de um suposto caminho marítimo atravessando o extremo norte do continente americano), que se tornou praticamente uma obsessão de várias figuras inglesas ligadas ao comércio, à navegação e à “cosmografia”, como John Davis, Robert Thorne e Richard Hakluyt.

Os franceses, desde o início do século XVI, freqüentavam as costas do território brasileiro e estabeleceram um próspero e pacífico comércio com os índios do litoral, em que a principal mercadoria era o pau-brasil, sendo a primeira viagem a de Binot Paulmier de Gonneville, em 1504. As primeiras incursões sistemáticas de ingleses na América do Sul teriam sido em associação com navios franceses. Segundo W. E. Minchinton,²³ entre 1539 e 1541 houve uma *joint-venture* entre França e Inglaterra no comércio no litoral brasileiro. Um exemplo disso é a viagem do navio *Barbara of London*, em 1540, uma empresa comercial inglesa, comandada por John Phillips, que contava com um experiente piloto francês. Ainda na década de 1530, o navegador William Hawkins, segundo registra Richard Hakluyt, teria feito três lucrativas viagens ao Brasil, também contando com a *expertise* de um piloto francês. Na década de 1530, segundo Eva G. R. Taylor, várias viagens comerciais ao Brasil foram empreendidas, não apenas as de William Hawkins.²⁴ Nesse período realizam-se ainda outras viagens, na década de 1540, registradas por Hakluyt, como a dos comerciantes Robert Reneger e Thomas Borey, e a de John Pudsey, que teria erguido um forte na Bahia.

A produtiva associação entre franceses e ingleses na exploração comercial de produtos tropicais nas costas brasileiras e o pacífico comércio com os índios do litoral seria interrompido por volta de 1542, quando as relações entre os dois países entram em uma fase de rivalidade.

O interesse na América do Sul só é retomado no final da década de 1570, especialmente após a espetacular viagem de Francis Drake, iniciada em 1577, cujos enormes tesouros angariados de navios espanhóis abriram o apetite de investidores ingleses, e este interesse se intensifica após a união das coroas ibéricas em 1580, dividindo-se entre as expedições de caráter comercial e aquelas francamente piráticas. Além das viagens registradas nos relatos compilados no “Catálogo bibliográfico” (página 42), outras foram realizadas, como atestam vários documentos,²⁵ entre os quais as cartas de D. Bernardino de Mendonza, embaixador espanhol na Inglaterra, em que registra:

An Alderman of London, and one Winter, are fitting out in this river two ships, one of 240 tons and the other small, to go on a plundering expedition to the coast of Brazil, whither they are to carry some merchandise.²⁶

Two ships which I mentioned as being fitted out to go to the coast of Brazil with merchandise have now been joined by others, and they are all ready to sail some time ago in **Plymouth**. They are the “Primrose” of London, 300 tons, the “Mignon” of 180, the barque “Hastings” of 100, a flyboat of 160, two vessels belonging to Francis Drake of 100 tons each, a pinnace of 80, and two little long boats of 12 oars a side, which are taken to pieces and stowed on board the ships. The

intention is to plunder what they can get, and, if possible, to touch at the same island of San Thomé, sailing thence to the Moluccas.²⁷

Após a união ibérica, estabelecem-se leis proibindo o exercício do comércio, da mineração e da agricultura por estrangeiros. Em 1588, o regimento do novo governador-geral do Brasil estabelecia várias recomendações que visavam a defender o território do ataque de corsários, e proibia que naus estrangeiras comerciassem no litoral, com exceção daquelas que possuíassem uma “provisão real”.²⁸ As recomendações desse regimento destinavam-se a Francisco Giraldes, que deveria ter assumido o governo-geral em 1588. No entanto, a nau em que vinha ao Brasil desgarrou-se da frota e retornou a Lisboa, tendo Giraldes permanecido em Portugal até sua morte em 1594. Foi apenas em 1591, portanto três anos depois, que o novo governador-geral, D. Francisco de Sousa, chegou ao Brasil para assumir o cargo.

Mesmo com a proibição legal, navios ingleses freqüentavam as costas brasileiras, sendo por vezes bem recebidos pelos colonos, e os portos de São Vicente, Santos e ilhas adjacentes – escala para o estreito de Magalhães – eram muito bem conhecidos e comumente empregados como bases de aprovisionamento e aguada pelas frotas inglesas, e houve, inclusive, um projeto inglês de construir um posto avançado no extremo sul do continente de forma a implantar uma nova rota inglesa que possibilitasse o acesso ao Pacífico. Tal projeto teve como resposta a viagem de Diego Flores de Valdés, cuja missão era construir fortes e vilas com o objetivo de fechar o acesso do estreito aos ingleses. Os interesses de corsários ingleses no Brasil centravam-se na pilhagem de vilas e embarcações, visando principalmente à obtenção de carregamentos de açúcar e de eventuais provisões de metais preciosos, ou ainda ao apresamento das ricas cargas dos navios espanhóis (principalmente no final do século XVI), ou simplesmente concentravam-se no abastecimento das frotas que seguiam em direção ao estreito. Facilitava o trabalho dos corsários o fato de os portos brasileiros não contarem com um sistema eficiente de defesa, o que, aliás, é observado em vários relatos ingleses da época.

As viagens na década de 1580 e a boa receptividade que algumas delas possam ter tido em alguns portos do Brasil podem ser relacionadas à adesão política de algumas autoridades do Brasil a D. Antônio, o prior do Crato, rei português vencido pelas forças de Felipe II e que se refugiou na Inglaterra, onde conseguiu certo apoio político. As cartas de D. Bernardino de Mendonza, embaixador espanhol na Inglaterra, a Felipe II, demonstram a sua preocupação com uma possível coalizão entre D. Antônio, os Açores e o Brasil. É ilustrativo o seguinte trecho de uma carta de D. Bernardino de Mendonza ao rei, de 16 de outubro de 1580:

The ships which I wrote to your Majesty were going to the coast of Brazil, have been delayed by Drake's return, in order to ship a larger number of men, in consequence of the promises made by Juan Rodriguez de Souza, who came hither to represent Don Antonio, as to the profits they will make if he goes with them, not only to the coast of Brazil, but also to the Portuguese Indies.²⁹

Há ainda outro fator a contribuir para o interesse dos mercadores ingleses no Brasil: sabia-se que a colônia estava ávida por produtos manufaturados, como têxteis e ferramentas, que poderiam ser intercambiados por açúcar a preços muito mais baixos do que se praticavam na Europa.

VIAGENS E NARRATIVAS³⁰

Sebastião Caboto no Brasil

A primeira viagem com participação de ingleses ao Brasil foi a comandada por Sebastião Caboto (filho do veneziano Giovanni Caboto, responsável pela descoberta da Newfoundland, na América do Norte), cuja nacionalidade inglesa é freqüentemente invocada nos relatos da época. A viagem teve início em San Lucar de Barrameda – na boca do rio Guadalquivir –, em 1526, e alongou-se até o ano de 1530. O destino era originariamente as Molucas, e a expedição foi resultado de uma união de investimentos espanhóis e ingleses. Sabe-se que Robert Thorne, comerciante inglês estabelecido em Sevilha e autor de um importante livro de geografia,³¹ investiu meio milhão de maravedis na viagem. Entretanto, a expedição não seguiu rumo ao seu destino inicial e concentrou-se na exploração do rio da Prata e do rio Paraná.

Sobre essa viagem foram conservados registros de três participantes: uma descrição geográfica intitulada *Brief Somme of Geographia*³² do mercador inglês estabelecido em Sevilha Roger Barlow, que estava no navio principal, escrita em 1540; uma carta do francês Louis Ramirez, publicada por Ternaux-Compans em *Nouvelles Annales de Voyages*, vol. III, em 1843;³³ e uma obra geográfica de Alonso de Santa Cruz, tesoureiro da expedição, que viria a ser cosmógrafo chefe de Felipe II, intitulada *Islario General de todas las islas del mundo*, escrita em 1542.

A obra de Barlow não é um relato de viagem, mas uma tradução quase literal da *Summa de Geographia* (1518) de Martin Fernandez de Enciso, sendo o primeiro livro sobre geografia escrito por um inglês após os Descobrimentos. Entre suas contribuições pessoais ao texto original espanhol estão descrições dos territórios que conheceu durante a viagem de Caboto, como a costa brasileira (cabo de Santo Agostinho, rio São Francisco, baía de Todos os Santos, Porto Seguro, Santos, Cabo Frio, Rio de Janeiro, ilha de Santa Catarina), e

detalhadas e precisas observações sobre os povos indígenas (tupis e guaranis) e fauna e flora brasileiras. O trecho sobre o Brasil destaca-se do restante da obra de Barlow por, além de trazer as informações técnicas de navegação e topografia que são a tônica de toda a obra, alongar-se em uma narração minuciosa dos aspectos naturais e sociais do território. Destacamos o seguinte trecho desta que é uma das primeiras descrições da colônia portuguesa:

Ther is plenty wylde beastes as wylde dere and falowe and mountayne hogges, and divers other straunge bestes of good mete and savour and greete plentie of foules as popingais of dyvers sortes, grete partriches, pecockys, duckys and herings and divers other straunge byrdes, and grete plentie of fyshe which thei kyll with arows in the water, for to reherse the straunge sort of fyshes that be upon this coste and also the straunge beastes ad foules of the lond it wold be a worke for to make another boke therof...³⁴

A primeira parada em território brasileiro foi em Pernambuco, onde se demoraram três meses, esperando a época propícia para continuar a navegação rumo ao estreito de Magalhães. Segundo Louis Ramirez, Caboto não deixou que seus homens desembarcassem, tendo a frota recebido a visita de índios e portugueses. Em Pernambuco, Caboto teria recebido informações sobre a existência de ouro e prata nas proximidades do rio da Prata, o que teria motivado a mudança do destino da viagem, contrariando os interesses dos investidores e de Carlos V. Quando deixaram Pernambuco, rumaram para São Vicente, e seguiram para a ilha de Santa Catarina, onde desembarcaram de forma a construir um bote que havia se perdido, e onde encontraram sobreviventes da expedição de Solis ao rio da Prata. Um dos sobreviventes, Henrique Montes, prometeu, segundo relata Louis Ramirez, encher os navios de ouro e prata se a frota o acompanhasse até o rio Paraná. Na ilha de Santa Catarina, Caboto perdeu seu navio, o principal da frota, e a urca que o acompanhava, com os mantimentos. Um galeão foi construído para suprir a perda do navio, e o novo destino da viagem foi fixado: não mais as Molucas, mas uma exploração do rio da Prata, o que dividiu a tripulação: alguns apoiavam a decisão de Caboto e outros continuavam fiéis ao plano inicial e aos investidores. Somente em fevereiro de 1527 a frota adentra a foz do rio da Prata, e se divide; parte fica no rio Uruguai, onde construíram um forte, e outros partem para a exploração do rio Paraná.

Tendo encontrado a frota de Diego Garcia, que viera expressamente com a missão de explorar o rio da Prata, Caboto envia à Espanha um navio, onde segue Roger Barlow (que chega a Lisboa em outubro de 1528), de forma a oficializar a sua exploração do rio da Prata e a pedir reforços para a descoberta. No entanto, os reforços nunca são enviados, porque em 1528 Pizarro havia

descoberto as riquezas do Peru e o caminho pelo rio da Prata perdia sua importância estratégica nas explorações em busca de ouro e prata. Em novembro de 1529, Caboto começa sua viagem de volta, passando por Santa Catarina e São Vicente. Ao chegar a Sevilha, imediatamente é instaurado um processo contra ele, que resulta em sua condenação ao desterro em Oran. O fato não impediu o prosseguimento da longa e atribulada carreira de Sebastião Caboto, pois, depois de cumprir a pena, foi novamente nomeado piloto-mor pelo rei.³⁵

A viagem de Caboto, como observa Rolando A. Laguarda Trías, “foi perdendo a importância desde que o descobrimento do rio Paraná, a ela atribuído, passou a ser tido, com toda razão, como obra de Cristóvão Jacques, e o do rio Paraguai ficou à conta de Aleixo Garcia”.³⁶

Richard Hakluyt faz referência a duas viagens de Caboto ao Brasil.³⁷ A primeira teria sido em 1516, juntamente com Thomas Pert (ou Spert), e teria se realizado para o Brasil, Santo Domingo e Porto Rico, às custas do rei Henrique VIII, informação baseada em livro de Richard Eden, *A treatise of the New India*, publicado em 1553; viagem sobre a qual não há nenhum outro registro e que provavelmente se trata de uma confusão com a viagem realizada em 1526.³⁸

Sobre a segunda, a de 1526 – que Hakluyt erroneamente data de 1527 –, sublinha especialmente que dois ingleses participaram da viagem ao rio da Prata; sua fonte foi uma carta de Robert Thorne, escrita em 1527 para Dr. Lee, embaixador de Henrique VIII na Espanha, que Hakluyt já publicara em suas *Divers voyages* em 1582, na qual Thorne menciona que dois amigos seus, “somewhat learned in Cosmographie”, participaram da viagem. Roger Barlow e o piloto Hugh Latimer, os dois amigos em questão, empenharam-se na viagem com o objetivo de aprender a rota para as então chamadas “Spice Islands”, de modo a que os ingleses pudessem iniciar-se nesse proveitoso comércio, e ainda averiguar, através do conhecimento da geografia do Pacífico, a possibilidade de estabelecer uma rota através da então sonhada “Northwest passage”, através do pólo Norte.³⁹

As viagens de William Hawkins

A seguir à expedição de Caboto, encontra-se, também em *Principal Navigations* de Richard Hakluyt, a breve notícia de três viagens⁴⁰ de William Hawkins, o velho (pai de John Hawkins), ao Brasil, de 1530 a 1532. Não se conhecem relatos da época sobre essas viagens, apenas o breve registro feito por Hakluyt. Experiente mercador e capitão, William Hawkins armou, por conta própria, o navio *Paul of Plimouth* e com ele fez três rentosas viagens ao Brasil, “a thing in those dayes very rare, especially to our nation”, comenta Hakluyt. As viagens também tinham como objetivo a costa da Guiné – a rota

comercial Guiné-Brasil passou a ser freqüentada por ingleses na década de 1520 –,⁴¹ onde comerciaram escravos africanos e outras *commodities*, como marfim. No Brasil, a frota estabeleceu cordiais e proveitosas relações com os índios e provavelmente abasteceu-se de pau-brasil, como faziam as frotas francesas. Na segunda viagem, um “rei” indígena concordou em ir para Inglaterra e em seu lugar foi deixado, na terra, um inglês. Ao chegar à Inglaterra, onde permaneceu perto de um ano, o rei indígena foi apresentado ao rei Henrique VIII, em Whitehall, e espantou a corte com os furos em seu rosto, de onde pendiam ossos e pedras. Na volta ao Brasil, o índio morreu durante a viagem marítima, mas seu povo, convencido da honestidade de Hawkins, devolveu o inglês que ficara como garantia, conta Hakluyt.

Segundo Kenneth R. Andrews, em 1536 William Hawkins pediu a Thomas Cronwell que o rei apoiasse com a quantia de 2 mil libras uma nova viagem com destino ao Brasil, e em 1540 a alfândega de Plymouth registra a entrada de mercadorias trazidas no navio *Paul of Plimouth*, contabilizando 100 quilos de marfim e 92 toneladas de pau-brasil,⁴² o que indica que Hawkins fez outras viagens além das registradas por Hakluyt em *Principall Navigations*.

Reneger, Borey e Pudsey

Na década de 1540, pelo que escreve Hakluyt, o caminho aberto por William Hawkins na década de 1530 já tinha se transformado numa rotina, e várias proveitosas viagens comerciais foram feitas ao Brasil, especialmente por ricos comerciantes de Southampton. De 1530 a 1542, segundo Kenneth R. Andrews, há muitos registros que indicam que houve uma considerável atividade comercial inglesa no Brasil. “This commodious and gainfull voyage to Brazil was ordinarily and usually frequentend by M. Robert Reneger⁴³ and M Thomas Borey, and divers others substantial and wealthie merchants of Southampton”, registra Hakluyt⁴⁴. Em 1542, ainda segundo Hakluyt, um certo Pudsey de Southampton fez uma viagem a “Baya de todos los santos, the principall towne of all Brasil”, e não longe da cidade ergueu um forte, o que pode indicar que havia um comércio regular com a costa brasileira ou que havia a intenção de que esse comércio viesse a se regularizar.

O Barbara of London

Em 1540, o navio *Barbara of London* fez uma viagem ao Brasil – não registrada por Hakluyt –, registrada em documentos da Alta Corte do Almirantado no Public Record Office.⁴⁵ A viagem tinha como objetivo o comércio pacífico nas costas brasileiras, mas atos de pirataria contra navios espanhóis foram cometidos no percurso e por isso instaurou-se um processo após a sua volta à Inglaterra. O *Barbara of London*, cujos donos eram John Chaundler,

John Preston e Richard Glaysner, comandado por John Philips, saiu de Portsmouth em 7 de março de 1540, com uma tripulação de 100 homens, entre eles 12 franceses, sendo um piloto e vários intérpretes (línguas) aptos a negociar com os índios. O *Barbara* levava mercadorias e uma comissão que estipulava “that they should do no robbery but folowe the usage like honest men”. No entanto, antes de atingir as Canárias e o Cabo Verde, capturaram um barco vasco e uma caravela carregada de ouro e âmbar, e se encaminharam para “the Ile of Brasell”. Chegaram, ao que tudo indica, a Fernando de Noronha, e rumaram para o cabo de São Roque, onde mandaram para a terra o piloto e um língua, que souberam pelos índios estarem distantes do ponto onde deveriam achar pau-brasil. Na saída do cabo, o *Barbara* ficou preso por algumas horas nas pedras, mas finalmente ancoraram em um lugar chamado *Callybalde* (ou *Kennyballes*), muito conhecido por John Bridges, autor do relato sobre a viagem, onde passaram um mês comprando “cotten wolle, popynjayes, monkeys, and dyvers other straunge beastes of that countrey”,⁴⁶ e onde construíram uma casa para estabelecer o comércio com os índios. Ali vieram a bordo um francês e um português que os instaram a sair de lá e a evitar o país “in his kinges names”. Naquela noite o francês e um seu conterrâneo tentaram cortar o cabo da âncora do navio, mas foram aprisionados pelos ingleses. Dias depois os dois franceses capturados foram levados a terra para ajudar os ingleses no comércio com os índios, mas escaparam e conseguiram convencer os franceses da tripulação, que estavam em terra, a fugirem levando todas as mercadorias. Alguns ingleses os perseguiram, mas todos foram mortos pelos índios, exceto um. No mesmo dia a casa foi atacada e incendiada, com todo o algodão estocado nela, e vários foram feridos. Estando com poucos homens para manejar dois navios – o *Barbara* e a nau basca tomada no início da viagem –, incendiaram a nau e partiram de volta para a Inglaterra. Atingiram Trinidad, Hispaniola e Santo Domingo, onde abandonaram o *Barbara*, que estava avariado, capturaram um galeão de Sevilha carregado de açúcar, no qual voltaram para casa. Em agosto de 1540 chegaram a Dartmouth, com treze homens. Nesse meio tempo, notícias do *Barbara* chegaram às cortes espanholas e processos judiciais foram movidos, mas não atingiram seu dono, John Chaundler, que em 1543 estava comerciando com o *Mary Fortune*.⁴⁷

Reginald Marsden faz referência ainda a uma viagem ao Brasil em 1539-41, citada na Adm. Court Libels 9, n. 61; 11, n. 64., em que mercadores de Dieppe também investiram.⁴⁸

O relato de Peter Carder

O marinheiro Peter Carder integrava a frota de Francis Drake, na viagem de circunavegação iniciada em 1577. Na Terra do Fogo, no Pacífico, em outubro de 1578, ele e outros sete homens foram mandados para uma pequena

pinaça, de modo a poder servir a embarcação principal (*Pellican*, renomeado *Golden Hind*), visto que o *Elisabeth* de John Winter tinha se perdido da frota. Mas, após uma tempestade, a pinaça também perdeu-se da frota, sem alimentos ou instrumentos de navegação. O grupo conseguiu atravessar o estreito de Magalhães, voltar ao Atlântico, e atingir o rio da Prata. Em seu impressionante relato publicado por Samuel Purchas,⁴⁹ Peter Carder conta suas aventuras no Brasil, entre índios e portugueses, onde teria passado oito anos antes de retornar para a Inglaterra. A narrativa de Carder não tem a sobriedade e a objetividade dos demais relatos de viagem, e se assemelha ao livro de Anthony Kniver; está no limite entre o relato de viagem e a literatura, a ficção, mas contém descrições extremamente valiosas dos povos indígenas e da sociedade colonial.

Em seu relato autobiográfico, Carder conta uma sucessão de peripécias, entre elas sua captura pelos índios tupi, com quem passa a conviver, e sua chegada à Bahia. Identificado como estrangeiro ilegal, é condenado pelo governador a ir para Lisboa e trabalhar nas galés, o que se igualava a uma pena de morte. Entretanto, foi salvo pelo senhor Antônio de Paiva, que lhe deu emprego e abrigo, e, anos depois, conseguiu que fosse embarcado clandestinamente em um navio a caminho de Portugal. O navio, para sua sorte, foi atacado nos Açores por ingleses, que o levaram de volta à sua terra, aonde chegou em 26 de novembro de 1586.

Samuel Purchas, em nota marginal ao curto relato de Carder, impresso em quatro páginas, declara ter publicado o documento a pedido de John Winter, com quem se encontrou em setembro de 1618.

O Minion of London

A próxima viagem de que se tem notícia é a do *Minion of London*, também chamado de *Mignon* em documentos ingleses da época. Richard Hakluyt publica três documentos relativos a essa viagem: uma carta do inglês John Whithall,⁵⁰ genro do senhor de engenho genovês José Adorno, e também dono de alguns engenhos de açúcar, escrita em Santos, a 26 de junho de 1578; uma carta, em resposta, de cinco comerciantes ingleses,⁵¹ enviada através do *Minion of London*; e um diário de bordo do agente comercial Thomas Grigges,⁵² relatando episódios da viagem.

John Whithall (chamado de João Leitão no Brasil), em carta dirigida ao inglês Richard Staper, comerciante com importantes investimentos no comércio com o Oriente, descreve sua boa situação econômica em São Vicente, demonstra a possibilidade de grandes lucros no comércio com a capitania, especialmente com o açúcar, relaciona as mercadorias que deveriam ser enviadas ao Brasil, e propõe a vinda de um navio inglês com as citadas mercadorias. Whithall sublinha que o provedor e o capitão da capitania lhe informaram ter

descoberto minas de ouro e prata, que precisavam de “masters to come to open the said mines”, que a região se situava nas vizinhanças do Peru, e que lhe haviam garantido dar licença comercial para o navio vindo da Inglaterra.

A carta em resposta, de quatro mercadores ingleses associados na viagem, Christopher Hodsdon, Anthonie Garrard (diversas vezes citado por Richard Hakluyt, em *Principall Navigations*, como fonte oral de viagens por ele publicadas), Thomas Bramlie, John Birde e William Elkin, relacionam as mercadorias enviadas no *Minion of London*, entre elas itens mandados especialmente para Whithall, tais como calderões de cobre para os engenhos, além de artífices ingleses, e uma cama de dossel, de presente, descrita em detalhes.

As duas cartas demonstram a intenção de iniciar uma relação comercial proveitosa para os dois lados (note-se que na carta dos mercadores ingleses há referências a outras cartas escritas por Whithall para potenciais parceiros comerciais na Inglaterra). Enquanto os ingleses lucrariam com o comércio de açúcar do Brasil, a colônia se beneficiaria dos produtos manufaturados ingleses e de outros países europeus, de que havia muita demanda, tais como tecidos, roupas, chapéus, facas, tesouras, copos, louças, além uma série de ferramentas e material para a construção de navios. Diz John Whithall em sua carta: “meu sogro e eu faremos anualmente uma boa quantidade de açúcar que pretendemos embarcar para Londres, se pudermos contar com um bom e leal amigo como você para comerciar conosco”.

É interessante observar que na capitania de São Vicente o navio foi muito bem recebido, sendo recepcionado, conforme conta Thomas Grigges em seu diário, pelo capitão, por oficiais do rei e por outras autoridades. Quando já estavam no Brasil, receberam a notícia sobre a “guerra” entre Portugal e Espanha pela sucessão da Coroa. D. Bernardino de Mendonza, embaixador espanhol na Inglaterra, escreve repetidamente a Felipe II comentando a viagem do *Minion* e recomendando medidas para evitar que tais viagens inglesas ao Brasil se repetissem.⁵³ É significativo, a esse propósito, o seguinte trecho de uma carta de 16 de outubro de 1580:

For this reason it will be desirable in your Majesty's interests, that orders should be given that no foreign ship should be spared, in either the Spanish or Portuguese Indies, but that every one should be sent to the bottom, and not a soul on board of them allowed to live. This will be the only way to prevent the English and French from going to those parts to plunder, for at present there is hardly an Englishman who is not talking of undertaking the voyage, so encouraged are they by Drake's return.⁵⁴

Provavelmente, antes da união ibérica o comércio da colônia com os ingleses não era visto com maus olhos pelos portugueses, do que também é

Having remained here the space almost of a whole yeere, and the king with his sight fully satisfied, M. Hawkins according to his promise and appointment, purposed to contrary him againe into his countrey: but it fell out in the way, that by change of aire and alteration of dirt, the said Savage king died at sea, which was feared would turne to the losse of the life of Martin Cockeram his pledge. Nevertheless, the Savages being fully perswaded of the honest dealing of our men with their prince, restored againe the said pledge, without any harme to him, or any man of the company: which pledge of theirs they brought home againe into England, with their ship freighted, and furnished with the commodities of the countrey. Which Martin Cockeram, by the witness of Sir John Hawkins, being an officer in the towne of Plimouth, was sitting within these few peeres.

An ancient voyage of M. Robert Reniger and M. Thomas Borey to Brasil in the yeere of our Lord 1540.

Have bene certainly informed by M. Anthony Garrard an ancient and worshipfull marchant of the cite of London, that this commodious and gainefull voyage to Brasil was ordinarily and usually frequented by M. Robert Reniger, M. Thomas Borey, and divers other substantial and wealthie marchants of Southampton, about 60. peeres past, that is to say in the yeere 1540.

A voyage of one Pudsey to Baya in Brasil anno 1542.

Like the worshipfull M. Edward Cotton of Southampton Esquire gave mee more particularly to understand, how that one Pudsey of Southampton, a man of good skill and resolution in marine causes, made a voyage in like manner 62. peeres agoe to Baya de todos los Santos the principall towne of all Brasil, and the seat of the Portugall vice-roy and of the bishop, and that he built a fort not farre distant from that place, in the

the fort built as Brasil by the English.

A letter written to M. Richard Staper by John Whithal from Santos in Brasil, the 26. of June 1578.

Worshipfull sir, and welbeloued friend M. Staper, I haue me most heartily commended vnto you, wishing your health euen as mine owne.

These few wordes may bee to let you understand, that whereas I wrote vnto you not many dayes past by the way of Lisbon, howe that I determined to bee with you very shortly, it is in this countrey offered mee to marry, and to take my choice of thre or foure: so that I am about thre dayes agoe consorted with an Italian gentleman to marry with his daughter within the se foure dayes. This my friend and father in law Signor Iosso Dore to home in the cite of Genoa in Italy: his kindred is well knowne amongst the Italians in London: also he hath but onely this child which is his daughter, which hee hath thought better bestowed vpon mee then on any Portugal in all the countrey, and doeth giue both her in marriage to me part of an Ingenio which he hath, that doeth make euery yeere a thousand rones of sugar. This my marriage will be worth to me two thousand duckets, little more or lesse. Also Signor Iosso Dore my father in lawe doeth intende to put into my handes the whole Ingenio with little or fewe seruente slaues, and thereof to make me factor for his both. I giue my kindest thanks for placing me in such honour and plentifullesse of all things.

Also certaine dayes past I talked with the Prouedor and the Captaine, and they haue certified me that they haue discovered certaine Mines of silver and gold, and looke euery day for Gallies to come to open the said Mines: which when they be opened will enrich this countrey very much. This place is called S. Vincent, and is distant from you two thousand leagues, and in 14. degrees of latitude on the South side of the Equinoctial line, & almost vnder the Tropike of Capricorne. A countrey it is very healthfull without sickness.

pieces of gold and silver printed vnto the north at S. Vincent.

Moreouer, I haue talked with the Captaine and Prouedor, and my father in law, who rule all this countrey, for to haue a ship with goods to come from London hither, which haue promised mee to giue mee licence, saying that nowe I am free denizen of this countrey. To cause a ship to come hither with such commodities as would serue this countrey, would come to great gaines, God sending in safety the profite and gaines. In such wares and commodities as you may ship hither from London is for euery one commodity deliuered here ther for one, and then after the profite may be employed in white sugar at foure hundred reis the rone.

The voyage to S. Vincent is worth three for one outward only.

Nnn

I meane

Carta de John Whithall ao comerciante Richard Staper: radicado em Santos, pretendia estabelecer comércio regular com a Inglaterra. 26 jun. 1578. In HAKLUYT, Richard. *The principall navigations*. The third volume. London: George Bishop, Ralfe Newberie, and Robert Barker, 1600.

Four yards of cassia red, blacke, and blew, with some greene.
 Two dozen of leather girdles.
 Sixe dozen of axes, hatchets, and small hilles to cut wood,
 Four mases of glitterne strings.
 Four hundred or five hundred ells of some linnen cloth that is of a low pyce to make
 Shirts and Sherts.
 Four tunne of yron.

These be such sort of wares as I would you should send. If you meane to deale, or send any ship
 hither, haue you no doubt, but by the helpe of God I shall put all things in good order according
 to your contentment and profit: for my father in lawe with the Captaine and Provedor doe rule
 this countrey.

My father in lawe & I shall (God willing) make a good quantitie of sugar every yeere, which su-
 gar we intend to ship for London from hence forth, if we can get such a trustie & good friend as you
 to deale with vs in this matter. I pray you presently after the receit of this my letter to write mee
 answere thereof, & send your letter to M. Holder to Lisbon, & he wil comey it to me out of hand.

Besides the promises send sixe yards of Charlet, parchment lacc of diuers colours.
 Sixe yards of crimosin velvet.
 Sixe yards of crimosin latten.
 Twelue yards of fine puke blacke.

Here in this countrey in stead of John Whithall they haue called me John Leitoan: so that ^{John Leitoan}
 they haue used this name so long tyme, that at this present there is no remedie but it must remaine
 so. When you write vnto me, let the superscription be vnto John Leitoan.

Thus I commit you with all yours to the holy Ghost for euer.

If you send this ship, I would haue you giue order that she touch in no part of the coast of Gui-
 nie nor any other coast, but to come directly hither to the port of S. Vincent, and from the Cana-
 ries let her be dispatched in my name, to wit, John Leitoan.

Sixe dozen of Shirts for my wearing let be sent, if you send the ship.
 Item, sixe or eight pieces of sayes for mantles for women, which is the most necessary
 thing that can be sent.

By your assured friend *John Whithall.*

A copie of the letters of the Aduenturers for *Brasill* sent to *John*
Whithall dwelling in *Santos*, by the *Minion* of *London*. Anno 1580. the 24.
 of October in *London*.

M After Whithall, as vnacquainted wee commend vs vnto you, &c. vnderstanding
 by your friends, M. John Bird, M. Robert Walkaden, and your brother James
 Whithall of certaine letters that they haue receiued of yours frō *Santos*, which
 wee haue seene and read, wherein from time to time you doe require, and desire
 them to find a good ship to *Santos*, with such wares and commodities as you shal
 write for, where by you did not onely promise that they should haue good inter-
 tainment, but also should sell the saide commodities to make three of one outward at the least in
 euery thing, and that for to relade their ship backe, they should haue of the best, finest, & whitest byle
 Sugars 32. pound of our weight for a bucker at the most. The promises considered, with the great
 credit that they and we doe giue to your writing & promise, haue caused vs, whose names be here-
 under written, to sojorne our selues in company together, & to be at great charges purposely to send
 this good ship the *Minion* of *London*, not onely with such marchandizes as you wrote for, but al-
 so with as many other things as we thought might any wayes pleasure you, or profit the countrey.
 And we craue of you, that we and our factours may haue so much credite of you, as we haue in you
 and of your letters, which is to beleue vs that we haue taken this voyage vpon vs, with no other
 minde or purpose, then to deale faithfully and truly in the trade by sea and land, so as you shall not
 onely haue cause to reioyce, and deserue thanks for our coming, but also you wil procure the ma-
 gistrates there to be bound, as they vse in *Galicia*, that we may be preserved and defended from all
 repittals and imbargements of princes or subiects for any causes or matters whatsoever, whereby
 wee may bee encouraged by them, giuing vs this securitie of good intertainment, to continue the
 trade peaceably henceforth: and for our parts we promise vpon our crendles and fidelities, to commit
 no outrage at the sea nor land, nor suffer any to be done in our company that we may let, but rather
 to defend and protect all other such peaceable marchants as we are, with their ships and goods.

Thus

And

Carta enviada a John Whithall, no navio Minion of London, por quatro
 comerciantes ingleses. 24 out. 1580. In HAKLUYT, Richard. *The principall*
navigations. The third volume. London: George Bishop, Ralfe Newberie, and
 Robert Barker, 1600.

And to the ende that you and others shall know that wee meane as we say, we haue giuen order to our factours to giue you good hostages for your assurance of our good fidelities: and further we haue sent a testimoniall of our owne true meaning in writing vnder the seales of this honourable Citie of London, which we wil not discredite by our brauours for all the treasure that you haue: and so we haue written to your magistrates of your port, and others in Spanish, the copy whereof we send you herewith enclosed in English. And if the time should fall out so contrary to our expectations, that there should not be fine white sugar sufficient to lade our said ship in due time at Santos, then we pray you direct our factours where they may goe with the shippe in safetie to supply their want: and helpe them to a good sure Pilot for that purpose, and write your letters to your friends where the best sugar is made in their countie, and helpe our factours to haue a testimoniall from Santos, that they and you traded together friendly, and so departed in good and perfect amitie, and shew them that the iust cause of our comming is to trade as marchants peaceably, and not as Pirats to commit any offence to one or other.

Also we pray you, if there be any store of ware, or salt-peeter, whereby the price there may peeld vs as much profit as the white sugars at a bucket the rowe, or any other commodity of like profit, then to procure that we may lade it without danger of lawe, be it ore of golde or silver or whatsoever else.

Wee haue sent you copper canyons for your Ingenios, with iron and all other necessities for your purpose, and artificers to set the same: and as wee haue at your request bene at great charges in sending these men, so we pray you let vs haue knowlfull fauour in like courtisie to further all our causes. And if any of our Mariners or passengers in any respect of displeasure against their company, or in hope of preferment of marriage or otherwise would procure to tarp and dwell there, and leaue his charge and office, that then you will bee a meane to the Justice that such fugitiues should bee sent aboord the ship as prisoners: for as you know, without our men wee cannot bring home our ship.

Wee haue giuen order to our factours to vse your counsell and helpe in their affaires, and to gratifie you for the same as to your courtisie and faithfull friendship shall appertaine to your good liking: and in the meane time for a token of our good willes towarde you, we haue sent you a fiedred of linnin tree, with the canopy, valens, curtaines, and gilt knops. And if there be any commodity else that may pleasure you or your friends, wee haue giuen order that they shall haue the refusing of it before any other, giuing for it as it is worth.

And thus to conclude, promising to performe all the foresaide things on our parts in euery condition, we commit you to God, who euer preserue you with all his blessings.

Your louing friends
 Christopher Hodsdon,
 Anthonie Garrard,
 Thomas Bramlie,
 Iohn Bird. } } William Elkin,

*M. Stephen Hare
 was Captaine
 in this voyage.*

**Certaine notes of the voyage to Brasill with the *Minion of London*,
 aforesaid, in the yere 1580. written by *Thomas Grigg* Purser of the said ship.**



The thirde day of Nouember in the yere abovesaid we departed in the *Minion of London* from Harwich, from which time no great thing worth the knowledge or regard of others happened until the 22. of December the next moneth, which day for our owne learning & vse wee obserued the setting of the Sunne, which was West south-west, we then being vnder the line Equinoctiall, where we found the aire very temperate, and the wind for the most part South-east and East south-east. The same day we also obserued the rising of the moone, being one day after the full, which rose at East north-east.

*The yle of S.
 Sebastian.*

The first land that wee fell with vpon the coast of Brasill was the pland of S. Sebastian, where we arrived the 14. day of Ianuary in the yere 1581.

*The yle of S.
 Catalina.*

The 16. day Thomas Babington, and others in our pinnesse, went ashore to Guaybes, where they met with Iohn Whitchall his father and mother in lawe, who hauing receiued letters from thence to be deliuered at Santos, came aboard, and then we weped and set saile, and the 28. day wee arrived at the pland of Santa Catalina, neere the entrance of Santos.

Our course from S. Sebastian was South-west and by West, and betwixt the South-west and by West, and West south-west.

This

Diário de bordo do tesoureiro do *Minion of London*, Thomas Grigg, escrito durante a viagem ao Brasil em 1580. In HAKLUYT, Richard. *The principall navigations*. The third volume. London: George Bishop, Ralfe Newberie, and Robert Barker, 1600.

Atten.
Cassares.
Debuta.

solde for two and thirty, and five and thirty, and forty: reals a turre, by reason there is great store of limmons and oranges in the countrey: but in Angola it is more worth. Olives are sold for halfe a real a piece: wherefore I hope to sell the hoghead for twenty thousand reys. In cassares and belures there will be gotten two hundred and fifty and thre hundred for one hundred. If I had brought great store, I could haue sold it all at this rate. I haue already gotten good store of reals of plate: for it is tolde mee that money is a good commodity in Angola. But I must employ some in meale, which is in the grinding. All the rest of my money I will send you by bills of exchange, and some part I will employ in sugars: for I haue sent order to Baia for that purpose. For from this place there is no shipping that doth go that way. So these letters I do send by the way of Fernambuc, and haue directed them to my cousin: for I do determine to settle my selfe here in this countrey. There is come downe from Peru, by this riuer of Plate, a merchant called Alonso Ramires, and he hath brought downe with him ten or twelue thousand ducats in reals of plate, and is come downe to this place to build him a ship to returne into Spaine: and there is come in his company a bishop. And thus Iesus Christ send you long health.

Your louing brother Francis Siles.

The well gouerned and prosperous voyage of M. James Lancaster,

begun with three ships and a galley-frigate from London in October 1594, and intended for Fernambuck, the port-towne of Olinda in Brasil. In which voyage (besides the taking of nine and twenty ships and frigats) he surprized the sayd port-towne, being strongly fortified and manned; and held possession thereof thirty dayes together (notwithstanding many bolde assaults of the enemy both by land and water) and also prouidently defeated their dangerous and almost ineuitable fire-works. Heere he found the *engazon* or freight of a rich East Indian carack; which together with great abundance of sugars, Brasil-wood, and cotton he brought from thence; lading therewith fifteene sailes of tall ships and barks.

In September 1594 the worshipfull *Mr.* John Wats, alderman, *Mr.* Paul Banning, alderman, & others of we ship in the city of London, victualled thre good ships; to wit, The *Consent*, of the burthen of 240 tunnes of thre adoub, The *Salomon*, of 170 tunnes, and The *Virgin*, of 60 tunnes: and appointed for commanders in this voyage, *Mr.* James Lancaster of London, gentleman, admittall of the fleet, *Mr.* Edmund Barker of London, vice admittall, and *Mr.* John Audely of Poplar neere London, ree admittall, hauing in their sayd ships to the number of 275 men and boyes.

Being fully furnished with all needfull provision, we departed from Blackwall in October following, keeping our owne coast, untill we came into the West countrey, where we met with such gulls and stormes, that the *Salomon* spending her mast at the Range of Dartmouth, put in to harbour: but by the exact care and industry of the generall and others hauing charge, she was shortly againe provided. Which done, hauing a pleasant gale for our purpose, we put forth from Dartmouth the last of November following. But contrary to our expectation, not fifty leagues from our owne coast, we lost the *Salomon* and the *Virgin*, by a storme of contrary winde that fell vpon vs: yet being alone, in hope to meet them about the Canaries or Cape Blank, we kept on our course to the Canaries, but could heare no tidings of our consorts; which greatly grieved vs.

Thence we went, bearing for the isle of Teneris, where in the morning early we had sight of a saile, which being becalmed vnder the shore, was rowing with their boat & head, hauing one ocher at her sterme. For this saile we manned our boat, appointing our men well for fight, if need should require. The Spaniards seeing our boat come, entered theirs, and leauing the ship, sought to saue themselves by flight: but our men pursued them so fast, that they boorded them, and brought them with their shippe to our Generall. This ship was laden with 80 tunnes of Canary wine, which came not vnto vs before it was welcome. We kept and manned it, plying that day, and the next night thereabout. The very next morning we had sight of one other; to whom in like manner we sent our boat: but their gunner made a shot at her, and strooke off a proper young mans arme; yet we enforced her to yeeld, and found 40 tunnes of wine in her. The Spaniards hauing their free passage, and an acquittance for the deliuerie of their wines, were all set on stoe vpon Teneris, making a quickie returne of their long voyage intended into the West Indies.

Once we departed toward Cape Blank; and before we came thither, we met againe with the *Virgin* our ree admittall, whose men tolde vs for very truth, that the *Salomon* was returned for England; enforced so to doe, by spending her mast the second time. Which when our men vnder-

stood

3 ships with
30 tunnes of
wine each.

40000000
with 40 tunns
of wine each.

All these I referre to the painfull labours of Master Hakluyt, who hath well deserved of the English Nation, and of these *Northern Heroes*, that I mention not the many Voyages of others in those times of difference betwixt England and Spain, which here and there you shall finde mention of in these Relations. Also, *Aug. 1589.* three ships were sent forth by Master Chidley and others for the *Magellan Straits*, one of which arrived there and took there a *Spaniard*, one of the foure hundred which had bene sent thither to inhabit, which had long lived there alone, the rest being famished. They spent fixe weekes there with contrary winds, and fixe only of their company returned, they also being racked on the Coast of *Normandie*, as *M. Magellan* one of the fixe hath related.

These I doe but summarily mention, as an Index rather to Master Hakluyts labours, then with any intent to give the discourse thereof. But the strange fortunes of *Peter Carder* (not hitherto published) compell me to take speciall notice thereof, which himselfe hath thus related.

CHAP. V.

The Relation of *PETER CARDER* of *Saint Verian* in *Cornwall*, within seven miles of *Falmouth*, which went with *Sir Francis* in his Voyage about the World, begun 1577. who with seven others in an open Pinnasse or Shallop of five tum, with eight Oares, was separated from his Generall by foule weather in the South Sea, in October, An. 1578. who returning by the Straits of *Magellan* toward *Brasil*, were all cast away, save this one only afore named, who came into England nine yeeres after miraculously, having escaped many strange dangers, aswell among diuers *Sauages* as *Christians*.

After *Sir Francis Drake* had passed the Straits of *Magellan*, the sixt of September 1578. and was driven downe to the Southwards in the South Sea, vnto the latitude of fiftie fixe Degrees, and a tertie, with such accidents as are mentioned in his Voyage, and returning backe toward the Straits againe. The eight of October we lost sight of the *Elizabeth*, one of our Conforts, wherein Master *Iohn Winter* was, who returned by the Straits againe, as wee understood afterward at our coming home into England: according to his Voyage extant in print. Shortly after his separation from our company, our Generall commanded eight men to furnish our small Pinnasse or Shallop with eight men, whose names were these, my selfe, *Peter Carder* afore said, *Richard Barne* of *London*, *Iohn Caine* and another, both seruants to Master *Iohn Hambur*, *Arthur a Dutch* Trumpeter, *Richard Ioyne*, seruant to *Vincent Scoble* of *Plimouth*, *Pascbe Gule* of *Saint Alphe*, and *William Pitcher* of *London*.

This company was commanded to waite vpon the ship for all necessary vses, but hauing not passed one dayes victuals in vs, nor any Card nor Compass, sauing only the benefit of eight oares, in the night time by foule weather suddenly arising we lost the sight of our ship, and though our ship sought vs and we them, for a fortnight together, yet could we neuer meet together againe. Howbeit within two dayes after we lost them, we recovered the shoare, and released our selves with *Musells*, *Oysters*, *Crabs*, and some sorts of *Roots* in the Woods, and within a fortnight after the losse of our conforts, wee returned backe into the Straits of *Magellan*, and in two places came on land on the mayne of *America*, to relieve our selves in certaine Bayes, where wee found *Oysters*, *Musells* and *Crabs* as before, and filled our Barriques with fresh water, and in one of these places we found *Sauages*, but they fled from vs.

Afterward we came to *Penguin* Island in the Straits, and there wee salted and dried many of the *Penguins* for our sustenance. Thence we shaped our course for *Port Saint Iohn*, where *Sir Francis Drake* not many moneths before had beleaded *Captayne Drake*. In this Port we stayed a day or two, and tooke fish like *Breames* and *Mackerels*, with hookes and lines. Then crossing the land for some fortnight, some hundred leagues beyond the Riuer of *Plate*, wee found a small Island three leagues from the mayne full of *Seales*, whereof wee killed good store to our sustenance, the young ones we found best and ate them roast. Then passing ouer the Riuer of *Plate* to the North side, we put into a small Riuer, and went vp into the Woods fixe of vs: other two remaining on the shoare to looke to the Boat.

While we were thus seeking food in the Woods the people of the Country, called *Tapiers*, some fixtie or seuentie armed with *Bowes* and *Arrows* shot fiercely at vs, and wounded vs all very grievously, and foure of vs were taken by them, and neuer recovered: the rest of vs they pursued to our Pinnasse, and wounded vs all: but in the end we put them to flight. Thence we went to an Island some three leagues off in the Sea, not above a league in compass. Where wee

Capevine *Waters* *course*. *With this* *Cape* *Waters* *course* *had* *experience* *in* *Sept. 1578.* *at* *last* *which* *told* *me* *that* *solenne* *god.* *Session* *was* *re-* *gularly* *taken* *of* *those* *parts,* *in* *the* *vic* *of* *her* *Majesty* *and* *her* *successors* *which* *he* *de-* *sired* *also* *should* *be* *pub-* *lished* *to* *the* *World.* *The* *names* *of* *his* *compan-* *ies.* *They* *lose* *this* *ship.* *Their* *returne* *to* *the* *Straits* *and* *thence* *to* *the* *North* *Sea.* *Penguin* *Island.* *Port* *Saint* *Iohn.* *Riuer* *of* *Plate.* *Seales.* *Four* *English* *men* *by* *house* *was* *the* *rest* *wounded.*

Elif 2

Narrativa do marinheiro Peter Carder: nove anos no Brasil, depois que se desgarrou da frota de Francis Drake em 1578. In PURCHAS, Samuel. Hakluytus Posthumus or Purchas his pilgrimes in five bookes. The fourth part. London: William Stansby for Henrie Fetherstone, 1625.

it with all diligence, meaning (if I had found it) to have there ended my unfortunate life. But God suffered not such happinesse to light vpon me, for I could by no meanes finde it, so as I was forced to goe towards England: and having gotten eight degrees by North the Line, I lost my most dearest cousin.

And now consider, whether a heart made of flesh, be able to indure so many misfortunes, all falling vpon me without intermission. I thank my God, that in ending of me, he hath pleased to rid me of all further trouble and mis-haps. And now to returne to our private matters, I haue made my Will, wherein I haue giuen speciall charge, that all goods (whatsoever belong vnto me) be deliuered into your hands. For Gods sake, refuse not to doe this last request for mee, I owe little, that I know of, and therefore it will be the lesse trouble: but if there be any debt, that (of truth) is owing by mee, for Gods sake, see it paid. I haue left a space in the Will for another name, and (if you thinke it good) I pray take in my Cousin *Henrie Sackford*, hee will call you much in many businesses. There is a Bill of Adventure to my Cousin *Richard Locke* (if it happen the other ship returne home with any thing, as it is not impossible) I pray remember him, for he hath nothing to shew for it. And likewise Master *Hera* the Customor of *Hampden*, which is 50. pounds, and one *Edw* of *Ratcliffe* by *London*, which is 50. pounds more, the rest haue all Bills of adventure, but the ruine in the victuall, onely two excepted, which I haue writtten vnto you. I haue giuen Sir *George Cary* the *Desire*, if euer shee returne, for I alwayes promised him her, if shee returned, and a litle part of her getting, if any such thing happen, I pray you see it performed.

To the complements of love (now at my last breath) were fruitlesse, but know: that I left none in England, whom I loued halfe so well as your selfe: which you, in such sort deserued at my hands, as I can by no meanes requite. I haue left all (that little remayning) vnto you, not to be accomptable for any thing. That which you will (if you finde any ouerplus of remayned, your selfe specially being satisfied to your owne desire) giue vnto my sister *Anne Candish*. I haue writtten to no man liuing but your selfe, leauing all friends and kinmen, onely requesting you as dearest. Commend me to both your brethren, being glad, that your brother *Edward* escaped so unfortunate a voyage. I pray giue this Copie of my vnhappy proceedings in this Action, to none, but onely to Sir *George Cary*, and tell him, that if I had thought, the letter of a dead man would haue beene acceptable, I would haue writtten vnto him. I haue taken order with the Master of my ship, to see his peeces of Ordnance deliuered vnto him, for hee knoweth them. And if the *Roe-bucke* bee not returned, then, I haue appointed him to deliuer him two brasse peeces, out of this ship, which I pray see performed. I haue now no more to say but take this last farewell. That you haue lost the louingest friend, that was lost by any. Commend mee to your wife, no more, but as you loue God, doe not refuse to vndertake this last request of mine. I pray forget not Master *Cary* of *Cockington*, gratifie him with some thing: for hee vied mee kindly at my departure. Beare with this scribbling: for I protest, I am scarce able to hold a pen in my hand.

40

CHAP. VII.

The admirable adventures and strange fortunes of Master ANTONIE KNIVET, which went with Master THOMAS CANDISH in his second voyage to the South Seas. 1591.

50

§. I.

What befell in their voyage to the Straits, and after, till he was taken by the Portugals.

WE departed from *Plimmouth* with five saile of ships, determining to goe for the South Sea (the names of our Ships were these) the *Gallion Leicester*, which was our Admirall; the *Roe-bucke*, Vice-admirall; the *Desire*, the *Damne*, and the *Blacke Pinnasse*. Sixe or seuen dayes after that wee were departed from the Coast of England, we met with nineteene saile of *Flemmings* in the night. Not regarding what they were, our Vice-admirall tooke one of them, and all the rest escaped. In the morning the Master of our *Flemmish* prize was brought before the Generall, and of him wee had newes of a fleet of ships, that was departed out of *Lisbon* for *Brazile*, the which newes wee

GEESSE 3

were

Narrativa do jovem Anthony Knivet sobre os quase dez anos passados no Brasil: abandonado pela frota de Thomas Cavendish em 1592, tornou-se escravo da família Correia de Sá. In PURCHAS, Samuel. *Hakluytus Posthumus or Purchas his pilgrimes in five bookes*. The fourth part. London: William Stansby for Henrie Fetherstone, 1625.

CHAP. VIII.

Relations of Master THOMAS TURNER who lived the best part of
two yeeres in Brazil, &c. which I receiued of him in conference
touching his Travells.

IN Saint Michael one of the Apres, they ascend vp in a forenoon: journey vnto
a hill into a Chappell, wherein they need a fire in Summer for the cold: there
being a little off three Springs, the one whereof casteth vp waters in a continual
boiling with a terrible noise, and of great heate, the second of heate intoler-
able, which in short time scaldeth any living thing to death, the ground also here
to stand on: but the water calme. The third is warme, and a fit Bath. In these
Islands in Caves bee found men buried before the Conquest, whole, &c. *Braslian Indians are Can-
nibals*, and not for revenge only, but for food also deuoure mans flesh. The *Portugals* make not
slaves of them, nor can enioyne them worke, by reason of a commission to the contrarie obtai-
ned by the Iesuits: neither doe they winne of them ought but by faire meynes. They are most
excellent Archers, goe stark naked, the womens haire long and blacke, harsh as a Horse-taile. He
did see vp the River of *Plate*, one twelue foot high, and report was of higher in that Countrey.
Their Weapons are two massie bowles at the two ends of a string cast, &c. He saw also men there
with the hinder parts of their heads, not round but flat, (and a little before this Relation, about
Aune 1610. he said that at *London* he had seene carried to the Court a thigh bone of a man a yard
and halfe in length.)

Their beasts in *Brazil* are great Apes with beards and Mustachioes. Kint like vnto ours of
both sexes, but living in the waters and resorting to land to feed. Having no Vdders, nor hornes,
long legs, harmlesse, lesse somewhat then ours, their flesh like beefe, but eaten in the name of fish.
Tigres like Grey-hounds, fowled like *Quarts* exceeding swift, the force of whose paw at a
blow killeth his prey. Their beast by some called *Hay*, which yet he saith, eateth leaues of trees
and not Aire only: the lovely prettie *Seguin*. The Serpent *Cobras*: whereof he saw one almost
as bigge as himselfe, twentie foot long, killed by their Indian boy, of colour like an Adder. Of
whom they report (and a Father gaue him instance of the prooffe) that watching his prey, that
is whatsoeuer cometh by, it windeth about and getteth the taile into the fundament drawing
the guts after it: and so preyeth on the same, deuouring all, till that it be not able for fulnesse to
stirre, but setteth as it lyeth, the flesh quite away, the head and bones remanning, in which
the life continuing recovereth at last his former Race. One was thus found in the rottenotth,
and being bound for prooffe by the *Portugals*, with a wither to a Tree, at their returne was
so found repaired. The beast that baggeth vp her young ones, &c. (as in others Relations, beere
therefore omitted.)

The Indian is a fish in the Sea, and a Foxe in the Woods, and without them a Christian is nei-
ther for pleasure or profit fit for life or liuing.

Out of *Angola* is said to bee yearly shipped eight and twentie thousand * slaves and there
was a Rebellion of slaves against their Masters, tenche thousand making a head and batta-
doing themselves, but by the *Portugals* and *Indians* chased, and one or two thousand reduced.
One thousand belonged to one man, who is said to haue tenne thousand slaves, Righte
Legimus, &c. his name is *Iabo de Pais*, exiled out of *Portugall*, and heere prospering in this
incredibillitie of wealth.

There are Apples called *Ananas*, pleasant in colour and exceedingly in taste, and wholesome,
but eating Iron is *Aqua fortis*.

Brazil is full of Monets, if the King would suffer the digging them.

50

CHAP. IX.

The taking of Saint Vincent and Puerto Bello, by Captaine WIL-
LIAM PARKER of Plimmouth, the seventh of
February 1601.

IN the beginning of November 1601. I departed from *Plimmouth* with two ships,
one Pinasse and two Gallies in quarters toward the *West Indies*. My chiefe
ship wherein I went my selfe as Admirall was named the *Prudence*, of an hundred
tuns, wherein I had an hundred and thirtie tall men, the second was the *Pearle*, a
small ship of fiftie tunnes, wherein went as my Vice-admirall Master *Robert
Rawlin*, accompanied with sixte lustie fellows, my Pinasse of twentie tuns
was manned with eighteene men. In this Conquest were Master *Edward Giles*, and *Philip Ward* Gen-
Gen-

Breve noticia de Thomas Turner, que viveu dois anos no Brasil, sobre a flora e a
fauna brasileiras e o comércio de escravos com Angola. In PURCHAS, Samuel.
Hakluytus Posthumus or Purchas his pilgrimes in five bookes. The fourth part.
London: William Stansby for Henrie Fetherstone, 1625.

CHAP. XVIII.

A Description and Discoverie of the River of Amazons, by
WILLIAM DAVIES Barber Surgeon
of London.

- 10**  He River of the *Amazons* lieth in the highest part of the West *Indies*, beyond the Equinoctial Line, to fall with this River fortie leagues from Land you shal haue 8. 6. & 7. fathomes water, & you shal see the Sea change to a reddish colour, the water shal grow fiesh, by these signes you may run boldly in your course, and coming nere the Rivers mouth, the depth of your water shal increase, then you shal make Discoverie of the Trees before the Land, by reason the Land is very low, and not higher in one place then another three foote, being at a Spring tide almost all ouerflowne, God knowes how many hundred leagues. It flowes much water therewith a verie forcible tide. In this River I comend twent weeks, seeing the fashion of the people and Countrey there: This Countrey is altogether full of Woods, with all sorts of wilde Beasts: as Lions Beares, Woolues, Leopards, Baboones, strange Boones, Apes, Monkeys, Martins, Sanguines, Marmosets, with divers other strange beasts: also these Woods are full of Wild-fowle of all sorts, and Parrots more plentiful then Pidgeons in *England*, and as good meate, for I haue often eaten of them.
- 20** Also this Countrey is very full of Rivers, hauing a King ouer euery River. In this place is continuall Tempests, as Lightning, Thunder, and Raine, and so extreame, that it continues most commonly sixteene or eightene houres in foure and twentie. There are many standing waters in this Countrey, which bee full of *Alligators*, *Guanoes*, with many other feurall water Serpents, and great store of fresh fish, of strange fashions. This Countrey is full of *Muskies*, which is a small Fie, which much offends a Stranger coming newly into the Countrey. The manner, fashion, and nature of the people is this: They are altogether naked, both men and women, hauing not so much as one thred about them to cover any part of their nakednesse, the man taketh a round Cane as bigge as a penne Candle, and two inches in length, through the which hee puts the fore-skinne of his yand, tying the skinne with a piece of the rinde of a Tree about the bignesse of a small pick-threed, then making of it fast about his middle, hee continueth thus till hee haue occasion to vse him. In each Ear hee weareth a Reede or Cane, which hee bores through it, about the bignesse of a Swannes Quill, and in length halfe an inch, and the like through the midst of the lower lippe: also at the bridge of the Nose hee hangs in a Reede a small glasse Beade or Button, which hanging directly afore his Mouth, flies too and fro still as hee speaks, wherein hee takes great pride and pleasure. Hee weares his Haire long, being rounded below to the neather part of his Bare, and cut short, or rather as Lindged pluckt bald on the crowne like a Frier. But their women vse no fashion at all to set forth themselves, but sturke naked as they were borne, with haire long of their Heads, also their Breasts
- 40** hang verie low, by reason they are neuer laced or braced vp: they doe vse to anoint their Bodies, both Men and Women, with a kind of redde Earth, because the *Muskies*, or Fies shall not offend them.

These people are verie ingenious, craftie, and treacherous, verie light of foot, and good Bowemen, whose like I haue neuer scene, for they doe ordinarily kill their owne food, as Beasts, Fowle, and Fish, the manner of their Bow and Arrows is this. The Bow is about two yards in length, the Arrow seven foote. His Bow is made of Brasill-wood verie curious, his string of the rinde of a Tree, lying close to the Bow, without any bent, his Arrow made of Reede, and the head of it is a fish bone, hee kils a Beast in this manner: standing behinde a Tree, hee takes his marke at the Beast, and wounding him, hee followes him like a Bloud-hound till hee fall, oftentimes secunding his shoot: then for any Fowle be he neuer so little, he neuer misses him: as for the fish, hee walkes by the water side, and when hee hath spied a fish in the water, hee presently strikes him with his Arrow, and suddenly throwing downe his Bow, hee leapes into the water, swimming to his Arrow which hee drawes along with the fish fastened to it, then hauing each kild his owne food, as well fiesh, and fowle, as fish, they mette together, to the number of fiftie or sixtie in a company, then make a fire after this fashion: They take two stiches of Wood, rubbing one hard against another, till such time as they hee fired, then making of a great fire, every man is his owne Cooke to broile that which he hath gotten, and thus they feed without Bread or Salt, or any kind of drinke but Water and Tobacco, neither doe they know what it means: In these Countreies we could find neither Gold nor Silver Ore, but great store of Hebes. For I haue bought a couple for a *Leute Harpe*, when they would refuse tenne shillings in money. This Countrey is full of delicious fruite, as Pines, Plantines, Guanoes, and Potatoes, of which Fruits and Roots I would haue bought a mans burthen for a glasse Button or Bead. The manner of their Lodging is this: they haue a kinde of Net made of the rinde of a Tree which they call *Hamar*, being three fathome in length, and two in breadth, and gathered

Distans from
England 1600
leagues.
This is a part
of a Booke let
forth by the
said Davies of
his modest
expensive.

Relato da viagem de dez semanas ao Amazonas feita pelo cirurgião barbeiro William Davies, em 1608. In PURCHAS, Samuel. *Hakluytus Posthumus or Purchas his pilgrimes in five bookes*. The fourth part. London: William Stansby for Henrie Fetherstone, 1625.

testemunho a boa recepção do *Minion* pelas autoridades da capitania de São Vicente.

Não há nada nos documentos publicados por Hakluyt sobre a escala na Bahia, onde ocorreu uma série de problemas e desentendimentos entre a tripulação, mas o episódio está registrado no processo que se instaurou na High Court of Admiralty após a volta do navio, documentos estudados por Olga Pantaleão.⁵⁵

Thomas Grigges, um dos agentes comerciais embarcados, já tinha estado na capitania de São Vicente, juntamente com o piloto Edward Cliffe, no navio comandado por John Winter, o *Elisabeth*, que fazia parte da frota de Francis Drake na viagem de circunavegação, mas que se desgarrou dos demais no estreito de Magalhães e voltou para a Inglaterra (Edward Cliffe é autor do relato de viagem sobre o episódio). Grigges tinha noções de língua portuguesa – serviu de intérprete na Bahia –, e seu relato, além de narrar todos os episódios da viagem, de registrar informações úteis para a navegação, traz ainda descrições sobre a atividade comercial, o comércio do rio da Prata com o Peru, e sobre as populações indígenas de São Vicente e suas relações com os portugueses.

O *Minion*, comandado por Stephen Hare, tendo como piloto Edward Cliffe (que abandonou o navio na Bahia para se tornar “frade” da Companhia de Jesus, segundo seus companheiros), saiu de Harwich a 3 de novembro de 1580, chegou à ilha de São Sebastião em 14 de janeiro de 1581, onde fez escala para que alguns agentes comerciais fossem ao encontro de Whithall e de seu sogro na ilha de Santo Amaro, onde lhes entregaram cartas que deveriam ser levadas a Santos. Seguiu, então, para Santos, mas permaneceu perto da entrada do porto, em uma ilha, por uma semana, e entrou no porto em 3 de fevereiro de 1581, onde ficou até meados de junho comerciando pacificamente e carregando o navio com açúcar local. Dirigiu-se então para Salvador para comerciar, fazendo escala em São Sebastião, onde permaneceu até julho para reparos no navio, e chegou à Bahia em 19 de setembro de 1581, onde conseguiu licença de comércio concedida pelo governador, segundo afirma Bernardino de Mendonza (carta de 4 de maio de 1582).⁵⁶

Na Bahia houve desentendimentos entre a tripulação e os agentes comerciais. Segundo Olga Pantaleão, “alguns agentes dos comerciantes não cuidavam dos negócios ou de providenciar os retornos para a viagem: acusação foi feita de terem eles gasto ou consumido as mercadorias a seu cargo ou de terem delas se apossado, tencionando ficar na Bahia”.⁵⁷ O agente comercial Thomas Babington efetivamente ficou na Bahia, assim como alguns membros da tripulação, entre eles Abraham Cocke. O *Minion* chegou a anunciar publicamente que levaria para a Inglaterra mercadorias de qualquer negociante interessado, o que indica que o navio não tinha sido suficientemente carregado com as

mercadorias da terra. Como observa Olga Pantaleão, “uma das razões que prejudicaram o resultado da viagem do *Minion* foi a atitude dos seus próprios elementos”, e não empecilhos impostos pela administração local. No entanto, houve também desentendimentos religiosos, e ao que tudo indica partiu do bispo a ordem para que alguns ingleses fossem interrogados.

O *Minion* iniciou sua volta para Inglaterra em fins de janeiro de 1582, após uma troca de tiros de canhão entre o castelo da Bahia e o navio, sendo, em sua volta, instalado um processo para averiguar as irregularidades da viagem.

Edward Fenton

Em *Principall Navigations*, de Richard Hakluyt, encontram-se alguns documentos relativos à viagem de Edward Fenton, em 1582, planejada para atingir as então chamadas “Índias orientais” e as Molucas, mas que se deteve no Brasil e no estuário do rio da Prata: o diário de navegação do vice-almirante Luke Ward⁵⁸ (significativamente reduzido na edição de 1600 de *Principall Navigations*), as instruções oficiais dadas a Fenton⁵⁹ antes de sua partida em 9 de abril de 1582, e um “Discurso” do português Lopez Vaz⁶⁰ (manuscrito obtido pelos ingleses durante viagem ao Brasil em 1587) em que são narrados os episódios da viagem de John Drake após ter abandonado a frota de Fenton. Sobre essa atribulada viagem há também outros testemunhos, publicados somente no século XX: o diário do próprio Edward Fenton (que documenta os últimos seis meses da viagem) e outros documentos editados por Eva G. R. Taylor em 1959,⁶¹ e o diário do capelão Richard Madox, editado na íntegra por Elisabeth Donno em 1976.⁶²

Segundo E. G. R. Taylor, a viagem de Fenton, financiada pela Privy Chamber, tinha como objetivo estabelecer a primeira base comercial inglesa no Oriente. Havia também outros investidores, como o conde de Leicester, chanceler da Universidade de Oxford, que mandara seu capelão, Richard Madox, na viagem. Devido ao fracasso da missão, o episódio não atraiu a atenção de historiadores até o século XX. O único relato conhecido durante séculos, o de Luke Ward, publicado por Hakluyt, mas reduzido à metade na segunda edição de *Principall Navigations*, ganhou novas edições que reproduziram o texto censurado. Pelo relato do capelão Richard Madox, escrito em inglês, em latim e em linguagem cifrada, em que o autor usa pseudônimos tirados da literatura clássica para nomear os principais ‘personagens’ de seu livro, sabe-se que a tripulação desde o início rejeitou Edward Fenton, e que este logo mudou de planos, contrariando os objetivos dos investidores, intencionando fazer uma viagem pirática, e um de seus objetivos era conquistar São Vicente, no Brasil, e tornar-se rei, o que hoje parece absurdo e risível. Edward Fenton é descrito por Madox como egocêntrico, irascível, cruel e ambicioso. Ainda segundo Madox, seu plano alternativo era rumar para Santa Helena e tornar-se rei do

local, fazendo dos homens da tripulação seus colonos: aí esperariam os navios portugueses vindos das Índias, tomariam posse de seus carregamentos, e os venderiam na Inglaterra. Estes são os motivos que levaram a não publicação dos documentos relativos à viagem de Fenton – o que veio a ocorrer, como foi dito, apenas do século XX –, pois a história da expansão marítima inglesa contada por ingleses como Richard Hakluyt e Samuel Purchas obviamente não estava interessada neste tipo de eventos.

O diário de Richard Madox detém-se especialmente nas intrigas entre os homens da frota e na descrição do caráter de seus principais elementos, mas contém descrições da natureza brasileira, da flora e da fauna, e também ilustrações de animais e plantas.

A viagem foi marcada pelos desentendimentos entre Edward Fenton e membros da tripulação, como mercadores e seus subordinados diretos. Após a partida da Inglaterra, fizeram aguada no golfo da Guiné e passaram um longo tempo na África; em assembléia decidiram fazer a próxima parada no Brasil, seguindo para rio da Prata e para o estreito de Magalhães. Chegaram à baía de Dom Rodrigo, no atual estado de Alagoas, onde tomaram um navio espanhol que levava frades franciscanos para o rio da Prata, que lhes passaram uma série de informações e foram liberados. Entre essas informações estava a da rota comercial, por terra, entre o rio da Prata e o Peru, e a da existência de uma boa quantidade de cavalos aptos a fazer o percurso. Havia pouca provisão na frota e uma nova assembléia foi feita, ocorrendo uma série de desentendimentos sobre o que fazer. Fenton decidiu ir para São Vicente, de modo a abastecer os navios, e obrigou seus subordinados a assinarem essa decisão – não assinada por John Drake, que um mês mais tarde abandonou a frota. Nesta altura surgiram os rumores de que Fenton pretendia atacar São Vicente e tornar-se rei. Mas ao chegarem lá, os colonos anunciaram que estavam agora sob o domínio de Felipe II e proibidos de negociar com os ingleses, em represália aos recentes ataques de Drake aos navios espanhóis. No entanto, segundo Eva G. R. Taylor, tornou-se claro de que havia a possibilidade de comércio ilegal. John Whithall visitou secretamente a frota, com a intenção de iniciar os negócios entre ingleses e colonos. No entanto, a chegada da frota de Diego Flores de Valdés, que tinha sido avisado sobre os navios ingleses fortemente armados, interrompeu as negociações.

Seguiu-se uma batalha entre as duas frotas, narrada por Pedro Sarmiento de Gamboa.⁶³ Após a batalha, o navio de Luke Ward voltou para a Inglaterra, mas Edward Fenton seguiu para o Espírito Santo, e estabeleceu ótimas relações com o governador, e o comércio só não se realizou por conta da chegada de uma pequena embarcação portuguesa. Desistindo do Brasil, Fenton, surpreendentemente, não se dirigiu à Inglaterra, mas rumou para Newfoundland. Devido, no entanto, a problemas na navegação precisou voltar a sua terra natal.

Seguiu-se a prisão dos capitães e um processo. No entanto, cinco anos depois Fenton estava no comando do *Mary Rose* contra a Invencível Armada.

Robert Withrington e Christopher Lister na Bahia

Em viagem organizada e financiada pelo conde de Cumberland – planejada para atingir o Pacífico, com o objetivo de saquear naus espanholas –, os capitães Robert Withrington e Christopher Lister apossaram o recôncavo baiano entre abril e junho de 1587, durante seis semanas, em uma ação francamente pirática. Richard Hakluyt, em *Principall Navigations*, publica o relato do comerciante John Sarracol,⁶⁴ vívida e bem escrita narrativa da viagem e do agressivo ataque à Bahia, e ainda um extrato do manuscrito de Lopes Vaz sobre o episódio.⁶⁵ Frei Vicente do Salvador, na *História do Brasil*, também narra em detalhes o ataque dos ingleses ao recôncavo e a resistência armada pelo governador da Bahia, Cristóvão de Barros, e pelo bispo D. Antônio Barreiros.

No dia 26 de junho de 1586, partiram de Gravesend o navio *Red Dragon* e a barca *Clifford*, com 200 homens. Passaram pelas canárias e pela Guiné, onde saquearam e incendiaram povoações locais. No dia 17 de novembro saíram de Serra Leoa, seguindo para o estreito de Magalhães, e no dia 2 de janeiro avistaram terra (28 graus abaixo do equador). Nas proximidades do rio da Prata apresaram duas naus portuguesas, que pertenciam ao bispo de Tucuman, a caminho do Peru – em uma delas estava o inglês Abraham Cocke (do *Minion of London*) –, carregadas de açúcar, geléias [*marmelades*] e doces [*succats* ou *suckets*], e tomaram posse de seu carregamento e de alguns membros da tripulação. Nestes navios foi tomado o manuscrito de Lopes Vaz sobre a viagem de Fenton e John Drake, posteriormente publicado por Hakluyt. Um dos portugueses aprisionados explicou-lhes o caminho que fariam até o Peru: seguiriam nas naus até Santa Fé, no rio da Prata, onde as mercadorias passariam para pequenas barcas que iriam até Assunção, e daí seriam transportadas por cavalos, por terra, até o Peru. No dia 7 de fevereiro reuniram-se em conselho, do qual participou Sarracol, para deliberarem sobre o destino da viagem, visto não terem suprimentos e os ventos e o clima estarem desfavoráveis ao prosseguimento do destino programado, o mar do Sul [Pacífico]. Decidiram, portanto, rumar para a costa do Brasil com o objetivo de conseguir víveres, vinho e outros suprimentos. Tinham ainda o seguinte plano, segundo escreve Sarracol:

Besides, it is given us here to understand by the Portugals which we have taken, that there is no doubt but that by Gods helpe and our endevour, wee shall bee able to take the towne of Baya, at our pleasure, which if wee doe put in practise, and doe not performe it, being somewhat advised by them, they offer to loose their lives.

O plano consistia em passar alguns meses na Bahia e depois seguir viagem rumo ao estreito de Magalhães e ao Pacífico, de modo a completar o objetivo da viagem. No dia 5 de abril de 1587 aportaram no Brasil, a altura de “sixteen degrees and a tierce” (em Camamu), alguns homens desembarcaram, e em uma canoa veio um oficial português [“one of the chiefest Portugals that belonged to the place”], e ali conseguiram “beefes, hogs, water and wood at our pleasure, having almost no man able to resist us”. No dia 11 chegaram à Bahia, onde foram recebidos a tiros, e nos dias seguintes conseguiram tomar alguns navios e caravelas na baía, e receberam a visita de dois comerciantes, um holandês e outro português. Seguiram-se batalhas, em mar e terra, com portugueses e índios, e diversos outros episódios, como pilhagens nos engenhos na baía de Todos os Santos, incendiados pelos ingleses, vivamente descritos por Sarracol. Ao resolverem partir, no dia 10 de junho, Withrington considerou que não tinham condições de rumar para o estreito e que seria melhor ir para os Açores ou para as Índias orientais de forma a tentar obter os lucros que deveriam ser apresentados ao conde de Cumberland. Seguiram viagem, tencionando ir a Pernambuco, mas a 20 de junho resolveram retornar para a Inglaterra, onde chegaram em 29 de setembro de 1587, com grandes ganhos financeiros.

A viagem de Thomas Cavendish

A frustrada segunda viagem de circunavegação de Thomas Cavendish⁶⁶ gerou um dos livros mais desconcertantes sobre o Brasil quinhentista, escrito pelo jovem aventureiro inglês Anthony Knivet, publicado por Samuel Purchas em 1625,⁶⁷ e ainda outros testemunhos igualmente veementes, como a última carta de Thomas Cavendish⁶⁸, escrita no Atlântico pouco antes de sua morte, também publicada por Purchas, e o relato de viagem de um dos integrantes da frota, John Jane,⁶⁹ tripulante do navio comandado por John Davies, publicado por Richard Hakluyt na segunda edição de *Principall Navigations*, cujas informações contradizem as da carta de Cavendish.

O relato de Anthony Knivet é uma extensa narrativa autobiográfica sobre os quase dez anos em que o jovem inglês permaneceu no Brasil, a maior parte deles como escravo da família Correia de Sá, em que descreve suas aventuras entre índios e colonos, e suas viagens por diversas capitâneas, entre elas Rio de Janeiro, São Vicente, Pernambuco e Rio Grande do Norte. No relato sobressai a visão de um inglês sobre a colônia e seus habitantes, em que a polaridade entre ingleses e ibéricos é o vetor que guia a narrativa e que traz à tona informações sobre a colônia que não estão presentes nas demais narrativas da época, como a escravidão de estrangeiros, as expedições de extermínio dos povos indígenas, as condições das prisões do Rio de Janeiro e descrições detalhadas das viagens em busca de metais preciosos.

A carta de Thomas Cavendish, publicada com cortes por Samuel Purchas⁷⁰ – uma edição integral da carta foi publicada em 1975, por David B. Quinn⁷¹ –, é uma amarga justificativa do fracasso da viagem. A frota, inicialmente composta por cinco embarcações, e financiada por uma série de investidores, não ultrapassou o estreito de Magalhães, e precisou retornar à Inglaterra, tendo perdido quase todos os navios e grande parte dos homens, sendo reduzida à ruína. Como bem observou Philip Edwards:

It is for the reader to judge whether the voice we hear in the narrative is the voice of a dying man or of a man determined to die. I consider the narrative to be the last act of defiance of a defeated leader before he took his own life.⁷²

Cavendish atribui a culpa do fracasso da viagem ao comportamento de John Davies – o grande navegador inglês que comandava a nau *Desire*, e que teria abandonado a frota na altura do estreito de Magalhães –, culpando também a tripulação amotinada e igualmente o mau tempo que enfrentara durante toda a viagem.

No entanto, por outros testemunhos, como os de Knivet (abandonado semi-morto por Cavendish em uma praia no litoral de São Vicente) e o de John Jane, sabe-se que a viagem foi marcada pelo autoritarismo feroz de Cavendish, cuja frota não tinha sido suficientemente abastecida e que prolongou demasiadamente sua estadia em Santos, tendo assim perdido a temporada correta para a travessia do estreito, e empreendendo a viagem em meio às piores condições.

O relato de viagem de John Jane, publicado por Samuel Purchas, concentra-se nos episódios do percurso e não se detém em descrições sobre os lugares que visitam. Toda a narrativa é construída com o propósito de responder às acusações feitas por Thomas Cavendish contra John Davies, e a provar que o navegador inglês não abandonou a frota e, portanto, não foi o responsável pela ruína da viagem.

A frota de Cavendish saiu de Plymouth a 26 de agosto de 1591, e passou pelas Canárias. Ao chegarem ao Brasil, atacaram uma nau portuguesa na altura de Cabo Frio, cujos tripulantes foram deixados na ilha Grande (denominada Placência pelos ingleses), onde saquearam as casas dos colonos. Em 25 de dezembro de 1591 atacaram, saquearam e se instalaram em Santos, sendo o assalto cometido quando grande parte da população estava na igreja, celebrando o Natal. O episódio teve grande repercussão, devido à sua violência. Os ingleses permaneceram cerca de dois meses – os mais graduados se instalaram no convento dos jesuítas – e, antes de saírem, saquearam e incendiaram a vila de São Vicente. No dia 3 de fevereiro seguiram para o estreito de Magalhães, em uma estação inadequada para a viagem, tendo enfrentado violentas

tempestades e frio extremo, o que causou a morte de muitos homens, e o desgarramento da *Desire*, nau comandada por John Davics. Cavendish, então, decide voltar para a costa brasileira, e atacar Santos, mas, após uma batalha, seus homens são repelidos pelos habitantes locais. Resolve, então, atacar a vila de Vitória, no Espírito Santo, mas são também vencidos pelas forças locais. Parte então para a ilha de São Sebastião, onde abandona vários feridos, entre eles Anthony Knivet. Segue em direção à ilha de Santa Helena, mas não consegue atingi-la, decidindo rumar para a Inglaterra, onde o *Leicester* chega sem o seu comandante, morto durante a viagem.

A *Desire*, após se perder da frota, juntamente com a *Black Pinasse*, consegue atravessar o estreito de Magalhães, mas ao entrar no Pacífico enfrenta grandes tempestades, tendo a pinça naufragado. De volta à costa brasileira, John Davies pára na ilha Grande para abastecer o navio e desembarcar os homens doentes, mas é atacado por índios e portugueses, e perde vários homens da tripulação. Chega à Irlanda em 11 de junho de 1593.

James Lancaster no Recife

Assim como John Davies, um grande nome da época de ouro da navegação inglesa, James Lancaster também é uma personagem de relevo da expansão marítima elisabetana. Comandou várias viagens à Índia, tendo sido responsável pela abertura e consolidação da rota comercial inglesa para o Índico, e foi um dos fundadores da Companhia das Índias Ocidentais. Após sua primeira e pioneira, e no entanto malsucedida, viagem à Índia (1591-1594), Lancaster comanda uma frota armada por vários comerciantes, cujo objetivo era capturar barcos espanhóis vindos da América.

Partem de Blackwall em outubro de 1594, passam pelas Canárias e pelo Cabo Verde, onde se juntam a quatro navios de Edward Fenner, capturando no caminho algumas naus espanholas. Dos tripulantes dessas embarcações, colhem a informação de que uma nau da carreira da Índia, carregada de mercadorias, encalhara no Recife, onde havia sido descarregada. Em 24 de março de 1595 atacam o Recife com uma frota de doze naus, apoderando-se da vila. Ganham o reforço de cinco embarcações francesas comandadas por Jean de Noyer, e passam um mês saqueando a vila e carregando os navios da frota. Houve vários episódios de resistência por parte das autoridades locais, especialmente de Olinda. Na última batalha, trezentos ingleses enfrentaram as forças de Olinda, quando morreram três dos principais comandantes da armada, entre eles Jean de Noyer. Após esse episódio, os ingleses partem do Recife, fazem aguada no Rio Grande do Norte, e voltam para a Inglaterra, em julho de 1595, com um enorme botim.

A empreitada foi extremamente bem sucedida e lucrativa, e Richard Hakluyt, ao publicar o relato da viagem na segunda edição de *Principall Navigations* (1600), resume o sucesso de Lancaster no seguinte título:

The well governed and prosperous voyage of M. James Lancaster, begun with three ships and a galley-frigat from London in October 1594, and intended for Fernambuck, the port-towne of Olinda in Brasil. In which voyage (besides the taking of nine and twenty ships and frigats) he surprized the sayd port-towne, being strongly fortified and manned; and held possession thereof thirty dayes together (notwithstanding many bolde assaults of the enemy both by land and water) and also providently defeated their dangerous and almost inevitable fire-works. Heere he found the cargazon of freight/sreight of a rich East Indian carack; which together great abundance of sugars, Brasil-wood, and cotton he brought from thence; lading there with fiteene sailes of tall ships and barks.

Richard Hawkins

Sobrinho de William Hawkins e filho de John Hawkins, participou da viagem de Francis Drake à América do Norte em 1584-85, comandou um dos navios da rainha Elisabeth contra a Invencível Armada, e em 12 de junho de 1593 partiu de Plymouth com três navios para uma viagem à América, provavelmente com o apoio da coroa. Esta viagem, que culminou com a prisão de Hawkins na América espanhola, gerou o livro *The observations of sir Richard Hawkins*, publicado em 1622,⁷³ e posteriormente incluído na coletânea de Samuel Purchas em 1625.⁷⁴ Redigido por volta de vinte anos após seu retorno, o livro não é um relato nos moldes dos escritos por seus contemporâneos, ou uma narrativa autobiográfica de aventuras como as de Carder e Knivet, sendo uma obra extremamente original que ao mesmo tempo descreve detalhada e objetivamente o percurso da viagem, e estende-se em longas digressões sobre os mais variados temas, geografia, navegação, hábitos dos povos que visitou, medicina, religião, zoologia, botânica, redigidas de forma elegante e culta. O caráter de Richard Hawkins era muito diferente do de Drake, Fenton ou Cavendish. Como observa C. R. Drinkwater Bethume, editor de *The observations* de 1847, Hawkins teve uma conduta marcada “pela humanidade e pela benevolência”, e sua elegância pode ser observada tanto na maneira como conduziu a viagem quanto em seu relato.

Hawkins chega a Santos em outubro de 1593 com grande parte da população extremamente doente devido ao escorbuto. Após curar os homens com laranjas, limões e remédios, e de ser educadamente convidado a se retirar pelas autoridades locais, passa por várias ilhas do litoral do sudeste do Brasil, onde trava relações com índios e colonos, captura alguns navios portugueses, e parte a 18 de dezembro em direção ao estreito de Magalhães, chegando ao

Pacífico em 29 de março de 1594. Capturado e ferido no Chile, Hawkins se entrega, passa três anos preso no Peru, é depois enviado para a Espanha, e chega a Inglaterra em 1602, após o pagamento de um resgate.

Suas páginas sobre o Brasil são pródigas em descrições da fauna e da flora, em que mescla sua experiência pessoal com o conhecido da época sobre botânica e zoologia, citando diversos autores clássicos, e inserindo a observação das espécies tropicais no escopo do conhecimento europeu. Trata também das relações estabelecidas com os povos indígenas, colonos e portugueses, de seus hábitos alimentares, das rotas comerciais portuguesas para a África e para Potosí, e faz uma longa descrição do território, abarcando vários temas, entre eles a geografia, os principais produtos, as doenças tropicais e suas curas.

William Davies no Amazonas

Samuel Purchas publica uma pequena parte do relato do cirurgião-barbeiro londrino William Davies,⁷⁵ em 1625, em *Hakluytus Posthumus or Purchas his Pilgrims*. O trecho, retirado da obra completa que havia sido impressa em 1614,⁷⁶ relata vividamente dez semanas de viagem pelo Amazonas.

No entanto, não se tratava de uma viagem inglesa, mas italiana. Davies foi capturado na costa de Tunis por uma frota toscana, quando viajava em um navio inglês, em 1594, tendo se tornado escravo ao ser levado para Livorno. Trabalhando nas galés, fez uma viagem a bordo de uma embarcação italiana, pertencente ao duque de Florença, em 1608, pelo rio Amazonas. Quando volta à sua pátria, publica o relato de suas aventuras.

Seu relato é escrito em um estilo fluente e indica que o autor teve boa educação formal, e contém uma minuciosa descrição do clima, da flora e da fauna, além dos costumes indígenas.

CATÁLOGO BIBLIOGRÁFICO

I – Relatos em *The principall Navigations*, 1589

HAKLUYT, Richard. *The principall Navigations, voiages and discoveries of the English nation, made by Sea or over Land, to the most remote and farthest distant Quarters of the earth at any time within the compasse of these 1500 yeeres: Devided into three severall parts, according to the positions of the Regions whereunto they were divided.* London: George Bishop and Ralph Newberie for Christopher Barker, printer to the Queenes most excellent Maiesty, 1589.

HAKLUYT, Richard. To the right honorable sir francis walsingham knight, principall secretarie to her maiestie, chancellor of the duchie of lancaster, and one of her maiesties most honorable privie councill.

Epístola dedicatória em que Hakluyt declara os princípios do projeto editorial de *The principal navigations*.

_____. Richard Hakluyt to the favorable reader.

Prólogo ao leitor de *The principal navigations*, tratando das matérias e critérios do livro.

THE OFFER of the discoverie of the West Indies by Christopher Columbus to King Henrie the seventh in the yeere 1488 the 13 of Februarie: with the Kings acceptation of the offer, and the cause whereupon he was deprived of the same, recorded in the thirteenth chapter of the historie of Don Fernand Columbus of the life and deeds of his Father Christopher Columbus. [p. 507-508]

Trecho que Hakluyt diz ter extraído do capítulo 13 da *História* que Fernando Colombo escreveu sobre a vida e os feitos de seu pai. Conteúdo do trecho: temendo que o rei de Castela não apoiasse seu projeto, como não apoiara o de Portugal, Cristóvão Colombo ofereceu o mesmo projeto ao rei Henrique VII da Inglaterra, para tanto enviou seu irmão Bartolomeu, que era um homem versado no mar, em mapas e matérias de cosmografia; quando Bartolomeu partiu para a Inglaterra caiu nas mãos de piratas, os quais roubaram seus bens; a embaixada, por isso, se atrasou, mas durante esse tempo Bartolomeu conseguiu fazer um mapa do mundo, que apresentou a Henrique VII, este aceitou a oferta de Colombo e mandou chamá-lo à Inglaterra; entretanto, nesse meio tempo, Colombo tinha feito sua descoberta; “because God had reserved the said offer to Castile”.

ANOTHER testimony taken out of the 60 chapter of the foresayd historie of Ferdinando Columbus, concerning the offer that Bartholomew Columbus

made to king Henrie the seventh on the behalfe of his brother Christopher. [p. 509]

Trecho que Hakluyt diz ter extraído do capítulo 60 da *História* que Fernando Colombo escreveu sobre a vida e os feitos de seu pai. Conteúdo do trecho: voltando do descobrimento de Cuba e Jamaica, Cristóvão Colombo encontrou em Hispaniola seu irmão Bartolomeu; este voltava para Castela, com cartas do rei da Inglaterra para Colombo, quando tomou conhecimento, em Paris, através do rei da França, de que o descobrimento já se realizara.

THE VOYAGE of Sir Thomas Pert and Sebastian Cabot, about the eight yeere of King Henry the eight, which was the yeere, 1516. to Brasil, S. Domingo, and S. John de Puerto Rico. [p. 515-516. Também em HAKLUYT, 1600, p. 498-499]

Neste curto texto de Hakluyt, o Brasil é referido mas não há qualquer outra informação. Nada se conhece sobre essa viagem a não ser uma breve referência de Richard Eden e esta notícia de Hakluyt, baseada em Eden.

THE VOYAGE to Brasill, made by the worshipfull M. William Hawkins of Plimmouth, father for Sir John Hawkins knight now living, in the yeere 1530. [p. 520-521. Também em HAKLUYT, 1600, p. 700-701.]

Breve descrição de três viagens de William Hawkins ao Brasil, em que se sublinha o comércio pacífico e rendoso com os índios, e a viagem de um chefe indígena à Inglaterra, onde foi apresentado ao rei.

WHITHALL, John. A letter written to M. Richard Stapers by John Whithall from Brasill, in Santos the 26 of June. 1578 [p. 638-640. Também em HAKLUYT, 1600, p. 701-703.]

Carta em que John Whithall, genro do senhor de engenho italiano José Adorno, descreve sua situação econômica em São Vicente, propõe a vinda de um navio da Inglaterra, promete grandes ganhos e lista as mercadorias que deveriam ser enviadas.

HODSDON, Christopher; GARRARD, Anthonie; BRAMLIE, Thomas; BIRD, John; ELKIN, William. A copie of the letters of the Adventurers for Brasill sent to John Whithall dwelling in Santos, by the Minion of London. Ano 1580 the 24 of October in London. [p. 640-641. Também em HAKLUYT, 1600, p. 703-704]

Carta, dirigida a John Whithall, dos comerciantes ingleses responsáveis pela viagem a Santos do *Minion of London*, comandado por Christopher Hare, demonstrando suas intenções de comércio pacífico e lucrativo com o Brasil. No sumário, *The same letter ansewered by divers merchants of London, and sent to him in the Minion of London*.

GRIGGES, Thomas. Certaine notes of the voyage to Brasill with the Minion of London aforesaid, in the yeere 1580, written Thomas Grigges Purser of the said shippe. [p. 641-643. Também em HAKLUYT, 1600, p. 704- 706]

Diário de bordo de Thomas Grigges, ou Grigs, sobre a viagem do Minion of London ao Brasil, sob o comando de Christopher Hare. Indicado no sumário como *The voyage of Christopher Hare, with the Minion of London to Brasil*. An. 1580.

INSTRUCTIONS given by the honourable, the Lordes of the Counsell, to Edward Fenton Esquire, for the order to be observed in the voyage recommended to him for the East Indies and Cathay. April 9. 1582. [p. 644-647]

Instruções dadas a Edward Fenton para a viagem planejada à Índia e à China, mas realizada ao Brasil.

WARD, Luke. The voyage intended towards Chine, wherein M. Edward Fenton was appointend Generall, written by master Luke Ward his Vice-admirall, and Captaine of the Edward Bonaventure, begun Anno Dom. 1582. [p. 647-672. Também em HAKLUYT, 1600, p. 757-768]

Diário de navegação do vice-almirante Luke Ward sobre a viagem de Edward Fenton ao Brasil. No sumário, indicado como *The voyage of Edward Fenton, and Luke Warde, as farre as 34 degrees of southerlie latitude*. An. 1582.

VAZ, Lopes. A extract out of the discourse of one Lopez a Spaniard before spoken of, touching the foresayd fight of M. Fenton which the spanishs ships together with a report with the proceeding of M. John Drake after his departing from him. [p. 673-674. Também em HAKLUYT, 1600, p. 726-728]

Relato sobre os confrontos das frotas de Edward Fenton e do espanhol Diego Flores de Valdés, e breve narrativa da viagem do navio comandado por John Drake após ter se separado da frota de Fenton. Segundo Purchas, John Drake esteve quinze meses entre os índios no Brasil. Este relato é parte da relação de Lopes Vaz, que se encontra no manuscrito 100 da coleção BM Lonsdowne, atualmente na British Library. No sumário, indicado como *The voyage of John Drake, after his separation from Master fenton, at the land of Sancta Catelina, to the river of Plate*. A. 1583. Em Hakluyt (1600), Lopez Vaz é apontado como português, e não espanhol.

SARRACOL, John. The voiage set out by the right honorable the Earl of Cumberland, in the yeere 1586, intended for the South Sea, but performed no farther then the latitude of 44. deg. To the south of the Equinoctiall, written by John Sarracoll Merchant in the same voyage. [p. 793-803. Também em HAKLUYT, 1600, p. 769-778]

Relato do comerciante John Sarracol sobre a viagem de Robert Withrington e Christopher Lister ao Brasil, em uma frota armada pelo conde de Cumberland. O manuscrito em que Hakluyt se baseou é o ms. 100 da coleção BM Lonsdowne, atualmente na British Library, cujo título original é "Capt Wytherington's and capt. Lyster's voyage to the south seas, in the Red Dragon and the bark Clifford, at the cost of the Earl of Cumberland, june 26, 1586. Compiled by John Saracould, and copied for the use of Lord Burghley". As críticas de Sarracol a Withrington foram suprimidas na versão publicada por Hakluyt. No sumário, indicado como *The voyage or Robert Withrington, and Christopher Lister, as farre as 44 degrees to the south of the Equinoctiall, set out by the right honorable the Earle of Cumberland. A. 1586.*

A VERY exact and perfect description of the distances from place to place, from the river of plate, til you come to Pette Guaras, northward, and beginning againe at the river of Plate, til you come to the ende of the Streights of Magellan, Southwards, with the degrees of latitude, wherein every place standeth. [p. 803-808]

Roteiro detalhado de navegação da costa brasileira desde o Rio Grande do Norte (região dos petiguares) até o sul do país, também intitulado "braziliam distances".

CAVENDISH, Thomas. A letter of Master Thomas Candish to the right honorable the Lord Chamberlaine, one of her Maiesties most honorable privie Counsell touching the successe of his voyage about the world. [p. 808]

Carta de Thomas Cavendish relatando o sucesso de sua viagem de circunavegação.

N.H. The worthy and famous voyage os Master Thomas Candishe made round about the globe of the earth, in the space of two yeeres ande lesse then two monethes, begun in the yeere 1586. [p. 809-813]

Relato sobre a próspera viagem de circunavegação de Thomas Cavendish, escrito por N. H.

II – Relatos em *The principall navigations*, 1600

HAKLUYT, Richard. *The third and last volume of the voyages, navigations, traffiques, and discoveries of the English Nation, and in some few places, where they have not been, of strangers, performed within and before the time of these hundred yeeres, to all parts of the Newfound world of America, or the West Indies, from 73. degrees of Northerly to 57. Southerly latitude. Collected by Richard Hakluyt Preacher. London: George Bishop, Ralfe Newberie, and Robert Barker, 1600.*

HAKLUYT, Richard. A briefe relation of the two fundry voyages made by the worshipful M. William Hawkins of Plymmouth, father to sir John Hawkins knight, late treasurer of her maiesties navie, in the yeere 1530 and 1532. [p. 700-701]

Descrição mais detalhada e extensa das viagens de William Hawkins ao Brasil do que a publicada em 1598.

_____. An ancient voyage of M. Robert Reniger and M. Thomas Borey to Brasil in the yeere of our Lord 1540. [p. 701]

Registro de que o comerciante inglês Anthony Garrard informou a realização de uma “commodious and gainefull” viagem ao Brasil, por comerciantes de Southampton.

A VOYAGE of one Pudsey to Baya in Brasil anno 1542. [p. 701]

Notícia informando que Edward Cotton, de Southampton, relatou que John Pudsey, de Southampton, fizera uma viagem à “Baya de Todos los Santos, the principall towne of all Brasil” e perto dali construía um forte.

SOARES, Francisco. A letter of Francis Suarez to his brother Diego Suarez dwelling in Lisbon, written from the river of Jencro in Brasil in June 1596, concerning an exceeding rich trade newly begunne betweene that place and Peru, by the way of the river of Plate, with small barks of 30 or 40 tunnes. [p. 706-708]

Carta escrita por um comerciante português, no Rio de Janeiro, sobre as expectativas de grandes lucros na venda de mercadorias, em que há referências à rota comercial entre o Brasil e o Peru através do rio da Prata. No sumário, a carta é indicada como “an intercepted letter...”

THE WELL governed and prosperous voyage of M. James Lancaster, begun with three ships and a galley-frigat from London in October 1594, and intended for Fernambuck, the port-towne of Olinda in Brasil. In which voyage (besides the taking of nine and twenty ships and frigats) he surprized the sayd port-towne, being strongly fortified and manned; and held possession thereof thirty dayes together (notwithstanding many bolde assaults of the enemy both by land and water) and also providently defeated their dangerous and almost inevitable fire-works. Heere he found the cargazon of freight of a rich East Indian carack; which together great abundance of sugars, Brasil-wood, and cotton he brought from thence; landing there with fifteene sailes of tall ships and barks. [p. 708-715]

Relato sobre a viagem de James Lancaster ao Brasil, armada por comerciantes ingleses e marcada por atos de pirataria como a tomada e o saque do porto de Recife.

CARVALHO, Feliciano C. A speciall letter written from Feliciano Cieça de Carvalho the Governour of Paraiva in the most Northerne part of Brasil,

1597 to Philip the second king of Spaine, answering his desire touching the conquest of Rio Grande, with the relation of the besieging of the castle of Cabodclo by the Frenchmen, and of the discoverie of a rich silver mine and diverse other important matters. [p. 716-718]

Carta de Feliciano Coelho de Carvalho, governador da capitania da Paraíba, sobre a conquista da capitania do Rio Grande aos índios aliados dos franceses, e outros assuntos. Indicada no sumário como “an intercepted letter of...”

YORKS, John. A special note concerning the currents of the sea betweene the Cape of Buena Esperança and the coast of Brasilia, given by a French Pilot to sir John Yorks knight, before Sebastian Cabote; which pilot had frequented the coasts of Brasilia eightene voyages. [p. 719]

Guia náutico sobre as correntes entre o cabo da Boa Esperança e o Brasil, fornecido por um piloto francês.

A RUTTIER or course to be kept for him that will sayle from Cabo Verde to the coast of Brasil, and all along the coast of Brasil unto the river of Plate; and namely first from Cabo Verde to Fernambuck. [p. 719-723]

Roteiro de navegação do Cabo Verde à costa do Brasil e ao rio da Prata.

A REPORT of a voyage of two Englishmen in the company of Sebastian Cabota, intended for the Malucos by the Streights of Magellan, but performed onely to the river of Plate in April 1527. Taken out of the information of M. Robert Thorne to Doctor Ley Ambassador for King Henry the eight, to Charles the Emperour, touching the discovery of the Malucos by North. [p. 724-725]

Reporta uma viagem de dois ingleses (Roger Barlow e Hugh Latimer) da tripulação de Sebastião Caboto ao rio da Prata em 1527, e especula sobre questões de “cosmografia”, especialmente sobre a tentativa inglesa de localização da terra “das especiarias” da coroa portuguesa. Texto elaborado a partir de uma carta de Robert Thorne e provavelmente também a partir de “The book made by the worshipful Master Robert Thorne in Anno 1527”, manuscrito 100 da coleção Lonsdowne, atualmente na British Library.

Um dos integrantes dessa viagem, na verdade realizada em 1526, Roger Barlow escreveu a obra *A brief summe of geography*, em que há uma descrição detalhada da flora e fauna brasileiras e dos costumes indígenas. Há mais dois registros de participantes da viagem: uma carta do francês Louis Ramirez e uma obra geográfica de Alonso de Santa Cruz.

VAZ, Lopes. An extract of the discourse of one Lopez Vaz a Portugal, touching the sight of M. Fenton with the Spanish ships, with a report of the proceeding of M. John Drake after his departing from him to the river of Plate. [p. 726-728]

Breve relato sobre o confronto naval entre Edward Fenton e Diego Flores de Valdés, e sobre a viagem de John Drake, integrante da frota de Fenton.

Segundo item sob o título geral *Two voyages of certaine englishmen to the river of Plate situate in 35 degrees of southerly latitude: together with an exact ruttier and description thereof, and of all the maine branches, so faire as they are navigable with small barkes. By which river the Spaniards of late yeeres have frequented an exceeding rich trade to and from the Peru, and the mines of Potossi, as also to Chili, and other places.*

A RUTTIER which declareth the situation of the coast of Brasil from the Isle of Santa Catelina unto the mouth of the river of Plata, and all along up within the sayd river, and what armes and mouthes it hath to enter into it, as farre as it is navigable with small barks. [p. 728-730]

Roteiro de navegação da ilha de Santa Catarina ao rio da Prata, e ao longo do rio.

THE FAMOUS voyage of sir Francis Drake into the South sea, and therhence about the whole Globe of earth, begun in the yeere of our Lord 1577. [p. 730-742]

Breve referência ao Brasil: aproximam-se da costa brasileira, a altura de 33 graus, em 5 de abril, quando os “selvagens” os avistaram “they made upon the coast great fires for a sacrifice (as we learned) to the devils, about whith they use communications”.

SILVA, Nuno da. The relation of a voyage made by a pilot called Nuno da Silva for the Vice-roy of new Spaine, the 20 of may, in the yeere of our lord 1579, in the citie of Mexico, from whence it was send to the Vice-roy of Portugal Indian, wherein is set downe the course and actions passed in the Voyage of sir Francis Drake that tooke the aforesaid Nuno da Silva at S. Iago one of the islands of Cabo Verde, and carried him along with him through the Streights of Magellan, to the haven of Guatalco in new Spaine, where he let him go againe. [p. 742-748]

Relato do piloto português Nuno da Silva sobre sua viagem com Francis Drake em 1578. Breve referência ao Brasil: aproximaram-se da costa a 1º de abril de 1578, na altura de 30 graus, onde pretendiam fazer aguada, mas não desembarcaram e daí partiram para o estreito.

CLIFFE, Edward. The voyage of M. John Winter into the South Sea by the streight of Magellan, in consort with M. Francis Drake, begun in the yeere 1577. By which streight also returned safely into England the second June 1579. Contrary to the false reports of the Spaniards which gave out that the said passage was not repasseable. Written by Edward Cliffe mariner. [p. 748-753]

Breve referência ao Brasil. Viagem de John Winter, que acompanhou parte da circunavegação de Francis Drake.

MAGOTS, William. A briefe relation of a voyage of the Delight a ship of Bristoll one of the consorts of M. John Chidley esquire and M. Paul Whecle, made unto the Straight of Magellan with divers accidents that happened unto the company during their 6 weekes abode there: begun in the yeere 1589. Written by. W. Magoths. [p. 839-840]

Tendo como objetivo atingir o Chile, a frota atravessa o estreito de Magalhães mas é obrigada a voltar. Entra em choque com um navio português e vai até a ilha de São Sebastião.

VAZ, Lopes. A discourse of the West Indies and South sea written by Lopez Vaz a Portugal, borne in the citie of Elvas, continued unto the yere 1587. Wherein among divers rare things not hitherto delivered by any other writer, certaine voyages of our Englishmen are truely reported: which was intercepted with the author thereof at the river of plate, by Captaine Withrington and Captaine Christopher Lister, in the fletee set foorth by the right honorable the Earle of Cumberland for the South Sea in the yeere 1586. [p. 778-802]

Crônica histórica do piloto português Lopez Vaz, interceptado por Withrington e Lister no rio da Prata, sobre os ataques de Francis Drake, a política do rei espanhol diante da ameaça inglesa, e vários episódios da presença espanhola na América. Há referências ao Brasil (p. 786-788 e p. 794-796), à viagem de Withrington e Lister, a Diego Flores de Valdés e a John Drake. Na edição de 1598, Lopez Vaz é identificado como um espanhol. Informação corrigida na edição de 1600.

PRETTY, Francis. The admirable and prosperous Voyage of the worshipfull Master Thomas Candish of Trimley in the Countie of Suffolke Esquire, into the South sea, and from thence round about the circumference of the whole earth, begun in the yeere of our Lord 1586, and finished 1588. Written by Master Francis Pretty lately Ey in Suffolke, a Gentleman employed in the same action. [p. 803-824]

Referências a São Vicente, a Christopher Hare e ao *Minion of London*, e a *John Whithall*, em um curto trecho sobre o Brasil.

FULLER, Thomas. Certaine rare and special notes most proply belonging to the voyage of M. Thomas Candish next before described; concerning the heights, soudings/foundings, lyings of lands, distances of the places, and their abode in them, as also the places of their harbour and anckering, and the depths of the same, with the observation of the windes on severall coastes: written by M. Thomas Fuller of Ipswich, who was Master in The Desire of M. Thomas Candish in his foresaid prosperous voyage about the world. [p. 825-834]

Roteiro de navegação dividido em três seções: 1) *A note of the heights of certaine places from the coast of Brasil to the South Sea and Soundings the coast of Brasil*; 2) *A note of our ime spent in sailing betweene certaine places out of England* [com referências ao

Brasil]; e 3) *A note of our ankering in those places where we arrived after our departure from England 1586* [com referências ao Brasil].

JANE, John. The last voyage made by the worshipful M. Thomas Candish esquire, intended for the South sea, the Philipinas, and the coast of China, with 3 tall ships, and two barks; Written by M. John Jane, a man of good observation, imployed in the same, and many others voyages. [p. 842-852]

Relato de um integrante do *Desire*, comandando por John Davis, sobre a viagem de Thomas Cavendish ao Brasil, em 1592, cujas informações contradizem as apresentadas por Cavendish em sua carta. Consta, na p. 845, o subtítulo *The testimonial of the companie of the Desire touching their losing of their Generall, which appeareth to have beene utterly against their meanings*.

III – Relatos em *Hakluytus Posthumus*, 1625

PURCHAS, Samuel. *Hakluytus Posthumus or Purchas his pilgrimes in five bookes. The second part.* London: William Stansby for Henrie Fetherstone, 1625.

BATTELL, Andrew. The strange adventures of Andrew Battell of Leigh in Essex, sent by the Portugals prisioner to Angola, who lived there, and in the adioyning [sic] regions, neere eighteen yeeres. [p. 970-985]

Andrew Battell foi aprisionado pelos portugueses no Brasil e enviado para Angola. No relato, breves referências à ilha Grande, à ilha de São Sebastião e ao Rio de Janeiro.

PURCHAS, Samuel. *Hakluytus Posthumus or Purchas his pilgrimes in five bookes. The fourth part.* London: William Stansby for Henrie Fetherstone, 1625.

PURCHAS, Samuel. To the most reverend father in God, George, Lord. Archb. of Canterburie His grace, primate of all England and Metropolitan, one of His Maiesties most Honorable Privie Councell, His very good Lord. [p. 3-5]

Epístola dedicatória, em que Purchas louva a expansão marítima elisabetana.

A BRIEF relation of severall voyages, undertaken and performed by the Right Honorable, George, Earl of Cumberland, in his owne person, or at his owne charge, and by his direction: collected out of the Relations and Journals of credible persons Actors therein. [p. 1141-1149]

Relação de várias viagens empreendidas pelo conde de Cumberland, entre elas a de 1585, com breve passagem pelo Brasil (altura 30 graus e 40 minutos). Temas abordados: resgate, a um barco português, de Abraham Cock of Leigh “married in that country”; referências à estada de John Drake entre os índios, à cidade da Bahia onde tomaram posse dos barcos no porto e de suas mercadorias, à viagem de 1589 com Christopher Lister; referência a dois navios brasileiros carregados de açúcar nos Açores, onde foram apreendidos; na viagem de 1593, referência a um piloto português trabalhando para os ingleses.

CUMBERLAND, conde de. The voyage to Saint John of Porto Rico, by the right Honorable, George, Earl of Cumberland, written by himselfe. [p. 1150-1154]

Referências ao Brasil, especialmente a Pernambuco, e ao emprego de pilotos portugueses em viagem realizada em 1598.

THE FIRST voyages made to divers parts of America by englishmen, sir Sebastian Cabot, sir Tho. Pert. also sir John Hawkins, and sir Francis Drake, and many others, collected briefly out of master Candem, master Hakluyt, and others writers. [p. 1177-1179]

Breve relação das primeiras viagens inglesas à América, em que Purchas defende que Sebastião Caboto, “um inglês”, foi o verdadeiro descobridor do continente.

A BRIEF histoire of sir Francis Drake voyages. [p. 1179-1186]

Relato em que há uma brevíssima referência ao Brasil.

A BRIEF recitall or nominations of souldiers, other englishmens voyages related at large in the printed works of master Hakluyt. [p. 1186-1187]

Breve relação de viagens publicadas na coleção de Hakluyt, entre elas “sir James Lancaster taking of Fernambuc”.

CARDER, Peter. The relations of Peter Carder, of Saint Verian in Cornwall, within seven miles of Falmouth, wich went with sir Francis Drake in his voyage about the world, begun 1577. who with seven others in an open pinasse or shallop of five tuns, with eight oares was separeted from his generall by soule weather in the south sea, in october, An. 1578. who returning by the straites of Magellan toward Brasill were all cast away, save this one only afore named, who came into England nine yceeres after miraculously, having escaped many strange dangers, as well among divers savages as christians. [p. 1187-1190]

Narrativa de Peter Carder, integrante da frota de Francis Drake, sobre sua estada de nove anos no Brasil. Afirma Purchas: “but the strange fortunes of Peter Carder (not hitherto published) compell me to take speciall notice thereof, which himselfe hath thus related”.

PURCHAS, Samuel. To the reader. [p. 1190-1192]

Prólogo sobre os relatos de Thomas Cavendish e Anthony Knivet.

CAVENDISH, Thomas. Master Thomas Candish his discourse of his fatall and disastrous voyage towards the south sea, with his many disaventures in the Magellan Straits and other places; writeen with his own hand to sir Tristram Gorges his executor. [p. 1192-1202]

Carta de Thomas Cavendish, escrita no Atlântico, na volta de sua malograda viagem de 1592, em que expõe os motivos do fracasso da expedição.

KNIVET, Anthony. The admirable adventures and strange fortunes of master Antonie Knivet, wich went with Master Thomas Candish in his second voyage to the south sea. 1591. [p. 1201-1242]

Narrativa das aventuras vividas por Anthony Knivet, integrante da frota de Thomas Cavendish, durante os dez anos que passou no Brasil como escravo da família Correia de Sá.

TURNER, Thomas. Relations of Master Thomas Turner who lived the best part of two yeeres in Brasil, which I received of him in conference touching his travels. [p. 1243]

Companheiro de Andrew Battell, Thomas Turner, nesta breve relação, descreve a fauna brasileira, os costumes dos índios e as relações comerciais entre Brasil e Angola, especialmente o tráfico de escravos.

DAVIES, William. A description and discovery of the river of Amazons, by Willian Davies barber surgeon of London. [p. 1287-1288]

Relato da viagem de dez semanas pelo rio Amazonas, em 1608; descrição da terra, flora, fauna e dos costumes indígenas.

PURCHAS, Samuel. Voyages to and about the southerne America with many marine observations and discourses of those seas and lands, by englishmen and others. [p. 1289]

Prólogo à tradução inglesa do livro do padre Fernão Cardim.

HAWKINS, Richard. The observations of sir Richard Hawkins, Knight, in his voyage into the south sea. An. Dom. 1593 once before published, now

reviewed and corrected by a written copie, illustrated with notes, and in divers places abbreviated. [p. 1367-1415]

Relato de viagem em que há uma pormenorizada descrição da flora, fauna, gente e território brasileiros.

FELIPE II. El rey. [p. 1417]

Carta do rei Felipe II de Espanha sobre a proibição de estrangeiros circularem em terras da coroa espanhola.

VAZ, Lopes. The histoire of Lopez Vaz a Portugall (taken by Captaine Withrington at the River of Plate, Anno 1586 with this discourse about him), touching american places, discoveries and occurents, abridged. [p. 1432]

Crônica histórica do piloto português Lopez Vaz, interceptado por Withrington e Lister no rio da Prata, sobre os ataques de Francis Drake, a política do rei espanhol diante da ameaça inglesa, vários episódios da presença espanhola na América. Há referências ao Brasil, à viagem de Withrington e Lister, a Diego Flores de Valdés e a John Drake.

IV – Relatos em *Purchas his pilgrimage*, 1626

PURCHAS, Samuel. *Purchas his pilgrimage; or relation of the world and the religions observed in all ages and places discovered from the creation unto this present.* London: William Stansby, 1626.

No capítulo IV, *Of Brasil*, reúnem-se quatro seções escritas por Samuel Purchas a partir dos relatos originais que possuía:

- I – The discoverie and relations thereof by Maffæus, etc.
- II – More full relations by Sradius, Lერიუს and Peter Carder.
- III – Most ample relations of the brasilian nations, and customes by Master Anthony Knivet.
- IV – Of the strange creatures in Brasile

No capítulo V, *Of the customes and rites of the brasilians*:

- I – Of their warres and man eating, and of the diuel torturing them.
- II – Of their priestes or magicians
- III – Of other rites, and a new Mungrell [...] amongst them.

V - Outros relatos e edições

BARLOW, Roger. *A brief summe of geographie*. Edited with an introduction and notes by Eva G. R. Taylor. Hakluyt Society, 2nd Series, LXIX, 1932. p. 148-55

Primeira obra geográfica inglesa no período da expansão marítima. Relato sobre a viagem ao Brasil de Sebastião Caboto em 1526 escrita por Roger Barlow, com descrição da bacia do Paraná, da flora, da fauna e dos costumes indígenas.

DAVIES, William. *True Relation of the Travailes and Most Miserable Captivitie*. London: Thomas Snodham for Nicholas Bourne, 1614.

Relato da viagem do cirurgião inglês William Davies, em que há um trecho sobre a expedição de dez semanas pelo rio Amazonas (trecho publicado por Samuel Purchas em 1625).

FENTON, Edward. *The troublesome voyage of capitain Edward Fenton 1582-1583*. Ed. Eva G. R. Taylor. Cambridge: Cambridge University Press, 1959.

Inclui dois diários privados, algumas cartas pessoais e o diário marítimo de Edward Fenton.

HAWKINS, Richard. *The observations of Sir Richard Hawkins Knight, in his voyage into the South Sea*. Anno Domini 1593. London: I. D. for John Jaggard, 1622.

Livro em que Richard Hawkins relata sua viagem à América, iniciada em 1593, com um longo trecho sobre sua passagem pelo Brasil.

MADOX, Richard. *An Elizabethan in 1582: The Diary of Richard Madox, Fellow of All Souls*. Ed. Elizabeth Donno. London: Cambridge UP for Hakluyt Society, 1976.

Diário do capelão Richard Madox, participante da viagem de Edward Fenton ao Brasil em 1582; contém ilustrações da fauna e da flora brasileiras.

VI - Outras fontes

HAKLUYT, Richard. *Divers voyages touching the discoverie of America.* London: Thomas Woodcocke, 1582.

Trecho sobre o Brasil na epístola dedicatória.

MARSDEN, Reginald G. “Voyage of the Barbara of London to Brazil in 1540.” *English Historical Review*, XXIV, p. 98, 1909.

Inclui o relato de John Bridges sobre a viagem.

_____. “Voyage of the Barbara to Brazil, anno 1540.” *Naval Miscelany*, II, Navy Records Society, 1912.

Sobre a viagem do *Barbara of London*, com o comandante John Phillips, 1540.

CRONOLOGIA DAS VIAGENS

- 1526 – Sebastião Caboto
- 1530 – William Hawkins
- 1532 – William Hawkins
- 1540 – Robert Reniger e Thomas Borey
- 1540 – *Barbara of London* / John Phillips
- 1542 – John Pudsey
- 1577 – Francis Drake
- 1580 – *Minion of London*
- 1582 – Edward Fenton
- 1583 – John Drake
- 1585 – Conde de Cumberland
- 1586 – Robert Withrington e Christopher Lister
- 1586 – Thomas Cavendish
- 1589 – *Delight* / John Chidley
- 1589 – Abraham Cocke
- 1591 – Thomas Cavendish
- 1593 – Richard Hawkins
- 1594 – James Lancaster
- 1608 – William Davies

QUADRO DE VIAGENS E RELATOS

Data	Viagem	Autor	Relato
1526	Sebastião Caboto	Richard Hakluyt Roger Barlow	A brief summe of geographie
1530-32	William Hawkins	Richard Hakluyt	
1540	Robert Reniger e Thomas Borey	Richard Hakluyt	
1540	<i>Barbara of London</i> / John Phillips	John Bridges	["The voyage of the Barbara to Brazil..."]
1542	John Pudsey	Richard Hakluyt	
1577	Francis Drake	anônimo Nuno da Silva Peter Carder Edward Cliffe Samuel Purchas	The famous voyage of Francis The relation of a voyage The relations of Peter Carder The voyage of John Winter A briefe historie ...
1578		John Whithall	A letter written to M. Richard Stapers...
1580	Minion of London	Christopher Hodsdon et alli. Thomas Grigges	A copie of the letters of the adventures for Brasil Certaine notes of the voyage to Brasil
1582	Edward Fenton	Edward Fenton Luke Ward Richard Maddox anônimo	Diário de viagem The voyage intendend... Diário de viagem Instructions given by...
1583	John Drake	Lopes Vaz	A extract out of the discourse
1585	Conde de Cumberland	Samuel Purchas Conde de Cumberland	A briefe relation of ... The voyage to Saint...
1586	Robert Withrington e Christopher Lister	John Sarracol Lopes Vaz	The voyage set out by the... A discourse of the West...
1586	Thomas Cavendish	Thomas Cavendish N.H. Francis Pretty Thomas Fuller	A letter of Master Cavendish The worthy and famous... The admirable and ... Certaine rare and special...
1586		Lopes Vaz	The historie of Lope Vaz...
1589	<i>Delight</i> /John Chidley	William Magots	A briefe relation of a voyage
1589	Abraham Cocke	Andrew Battell	The strange adventures...
1591	Thomas Cavendish	Anthony Knivet John Jane Thomas Cavendish	The admirable adventures The last voyage... Master Thomas Candish...

1593	Richard Hawkins	Richard Hawkins	The observations of...
1594	James Lancaster	anônimo	The well governed voyage...
1596		Francisco Soares	A letter of Francis Suarez...
1597		Feliciano C. Carvalho	A special letter...
s.d. (ci. 1590)		Thomas Turner	Relations of Master...
1608		William Davies	A description...
s.d.			A very exact and perfect description (roteiro)
s.d.		John York	A special note concerning... (roteiro)
s.d.			A ruttier or course...
s.d.			A ruttier which declareth...
s.d.		Samuel Purchas	The first vouages made to divers parts of America...
s.d.		Samuel Purchas	A briefe recitall...
s.d.		Samuel Purchas	To the reader.
s.d.		Samuel Purchas	Voyages to and about...
s.d.		Felipe II	El rey.
s.d.		Samuel Purchas	Of Brasil

RELAÇÃO DOS AUTORES

BARLOW, Roger
BATTELL, Andrew
BIRD, John
BRAMLIE, Thomas
BRIDGES, John
CARDER, Peter
CARVALHO, Feliciano C.
CAVENDISH, Thomas
CLIFFE, Edward
CUMBERLAND, conde de
DAVIES, William
ELKIN, William
FENTON, Edward
FULLER, Thomas
GARRARD, Anthony
GRIGGES, Thomas
HAKLUYT, Richard
HAWKINS, Richard
HODSDON, Christopher
JANE, John
KNIVET, Anthony
MADDOX, Richard
MAGOTS, William
PRETTY, Francis
PURCHAS, Samuel
SARRACOL, John
SILVA, Nuno da
SOARES, Francisco
TURNER, Thomas
VAZ, Lopes
WARD, Luke
WHITHALL, John
YORKS, John

BIBLIOGRAFIA

- ANDREWS, Kenneth. R. *English Privateering Voyages to the West Indies: 1588-1595*. Cambridge: Hakluyt Society, 1959.
- . *Trade, plunder and settlement*. Cambridge: Cambridge University Press, 1984.
- ARBER, Edward (ed.). *The first three English books on America [1511?]-1555*. Birmingham: [s.n.], 1885.
- ARMITAGE, David. *The Ideological Origins of the British Empire*. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.
- BARLOW, Roger. *A brief summe of Geographie*. Edited with an Introduction and Notes by E. G. R. Taylor. London: Hakluyt Society, 1932.
- BERGER, Paulo; WINZ, A. Pimentel & GUEDES, Max Justo. Incursões de corsários e piratas na costa do Brasil. In: GUEDES, Max Justo. *História naval brasileira*. v. I, t. II. Rio de Janeiro: SDGM, 1975.
- BETHEL, Leslie. *Brazil by British and Irish Authors*. Oxford: Centre for Brazilian Studies, 2003.
- BURKE, Peter. America and the rewriting of the world history. In: KUPPERMAN, Karen Ordahl (ed.). *America in European Consciousness, 1493-1750*. Chapel Hill: The University of North Carolina Press, 1995.
- BURNS, E. Bradford (ed.). *A documentary History of Brasil*. Edited with an introduction by E. Bradford Burns. New York: Alfred A. Knopf, 1966.
- CALMON, Pedro, Brasil, defesa da unidade nacional contra a fixação estrangeira: século XVI. In: BAIÃO, A. et al. (ed.). *História da expansão portuguesa no mundo*. v. III. Lisboa: Ática, 1940.
- DAVIES, William. *True Relation of the Travailes and Most Miserable Captivitie*. London: Thomas Snodham for Nicholas Bourne, 1614.
- DONNO, Elisabeth Story. *An elisabethan in 1582. The diary of Richard Madox, Fellow of All Souls*. London: Hakluyt Society, 1976.
- EDEN, Richard. *The decades of the newe worlde or west India*. London: Guilhelmi Powel for William Seres, 1555.
- EDWARDS, Philip. *Last Voyages: Cavendish, Hudson, Raleigh*. Introduced and edited by Philip Edwards. Oxford: Clarendon Press, 1988.
- FENTON, Edward. *The Troublesome Voyage of Captain Edward Fenton: 1582-1583*. Narratives and documents edited by E. G. R. Taylor. Cambridge: Hakluyt Society, 1959.
- FOSTER, Sir William (org.). *The voyages of Sir James Lancaster to Brazil and the East Indies, 1591-1603*. London: Hakluyt Society, 1940.
- GUEDES, Max Justo (ed.). *História Naval Brasileira*. v. I, t. I e II. Rio de Janeiro: SDGM, 1975.
- HAKLUYT, Richard. *Divers voyages touching the discoverie of America*. London: Thomas Woodcocke, 1582. Ann Arbor (Michigan): University Microfilms International, 1966.

-
- _____. *The Principall Navigations, Voyages, Traffiques and Discoveries of the English Nation*. London: George Bishop e Ralph Newberie, 1589.
- _____. *The Principal Navigations, Voyages, Traffiques & and Discoveries of the English Nation*. 3 vols. London: Bishop, Newberie and Barker, 1598[-]1600.
- _____. *The Principal Navigations, Voyages, Traffiques & and Discoveries of the English Nation*. Edinburgh: Edmund Goldsmid, 1890.
- _____. *The Principal Navigations, Voyages, Traffiques & and Discoveries of the English Nation*. 12 vols. Glasgow: James MacLehose, 1903[-]05; fac-símile, 2 vols, 1965.
- HAWKINS, Richard. *The observations of Sir Richard Hawkins Knight, in his voyage into the South Sea. Anno Domini 1593*. London: I. D. for John Jaggard, 1622.
- _____. *The observations of Sir Richard Hawkins Knight in his voyage into the South Sea in the year of 1593, reprinted from the edition of 1622*. Edited by C. R. Drinkwater Bethune. London: Hakluyt Society, 1847.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Visão do paraíso*. São Paulo: Brasiliense, 2007.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de & PANTALEÃO, Olga. Franceses, holandeses e ingleses no Brasil quinhentista. 2. Ingleses. In: HOLANDA, S. Buarque de (ed.). *História geral da civilização brasileira*. T. I, v. I. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1960.
- KNIVET, Anthony. *As incríveis aventuras e estranhos infortúnios de Anthony Knivet*. Tradução de Vívien Kogut, introdução e notas de Sheila Moura Hue. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.
- KRAUEL, Blanca. Events surrounding Thomas Malliard's will, an english merchant in Seville, (1522-1523). *Proceeding of the II Conference of SEDERI*, p. 157-165, 1996.
- KUPPERMAN, Karen Ordahl (ed.). *America in European Consciousness, 1493-1750*. Chapel Hill: The University of North Carolina Press, 1995.
- LESTRINGANT, Frank. *Le Huguenot et le Sauvage*. L'Amérique et la controverse coloniale, en France, au temps des guerres de religion. Genebra: Droz, 2004.
- MARSDEN, Reginald G. Voyage of the 'Barbara', of London, to Brazil in 1540. *English Historical Review*, XXIV, p. 96-100, 1909.
- MINCHINTON, W. R. Brazil 1530-1580: an English View. *Revista de Ciências do Homem da Universidade de Lourenço Marques*, Lourenço Marques, v. IV, 1971.
- PANTALEÃO, Olga. Um navio inglês no Brasil em 1581; a viagem do 'Minion of London'. *Revista de Estudos Históricos*, n. 1, Marília, p. 45-93, jun. 1963.
- PENNINGTON, L. E. (ed.). *The Purchas Handbook: Studies of the Life, Times and Writings of Samuel Purchas, 1577-1626*. v. 1. London: Hakluyt Society, 1997.
- PURCHAS, Samuel. *Hakluytus Posthumus or Purchas his pilgrimes in five bookes*. Livro IV. London: William Stansby for Henric Fetherstone, 1625.
- _____. *Purchas his pilgrimage; or relation of the world and the religions observed in all ages and places discovered from the creation unto this present*. London: William Stansby, 1626.
- _____. *Hakluytus Posthumus or Purchas his pilgrimes*. 20 v. Glasgow: Hakluyt Society, 1905-1907.
-

- QUINN, David B. (ed.). *The Hakluyt Handbook*. Second series, v. 144-145. London: The Hakluyt Society, 1974.
- QUINN, David B. *The last voyage of Thomas Cavendish, 1591-1592*. Chicago / London: University of Chicago Press, 1975.
- RAMIREZ, Louis. Lettre du Louis Ramirez sur le voyage de Sebastien Cabot en rio de La Plata, traduite du manuscrit inédit de la bibliotheque de M. Ternaux-Compans. *Nouvelles annales de voyages e sciences géographiques*. Dir. J. B. Eyriès e Malte-Brun. v. III. Paris: Gide, 1843.
- SALVADOR, frei Vicente do. *História do Brasil*. Belo Horizonte / São Paulo: Itatiaia / Edusp, 1982.
- SANTA CRUZ, Alonso. *Islario General de todas las islas del mundo*. Edición, transcripción y estudiode Mariano Cuesta Domingo. Madrid: Real Sociedade Geográfica, 2003.
- SCANLAN, Thomas. *Colonial Writing and the New World, 1583-1671*. Cambridge: Cambridge University Press, 1999.
- TAYLOR, Eva G. R. Introduction. In: BARLOW, Roger. *A brief summe of Geographie*. Edited with an introduction and notes by E. G. R. Taylor. London: Hakluyt Society, 1932.
- TRÍAS, Rolando A. Laguarda. "A expedição de Sebastião Caboto." In: GUEDES, Max Justo (coord.) *História naval brasileira*. v. I, t. I. Rio de Janeiro: SDGM, 1975.

NOTAS

1. Essa observação partiu da pesquisa feita para uma edição moderna comentada (*As incríveis aventuras e estranhos infortúnios de Anthony Knivet*. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.) de *The admirable adventures and strange fortunes of Master Antonie Knivet* (PURCHAS, 1625).
2. "Eu bem posso adicionar esse jesuíta às viagens inglesas, sendo ele um prisioneiro e um butim inglês". Fernão Cardim e seu manuscrito haviam sido capturados, em uma viagem do Brasil para Roma, pelo inglês Francis Cooke, em 1601.
3. Cf. ARMITAGE, David. *The ideological origins of the British empire*. Cambridge: Cambridge University Press, 2000; KUPPERMAN, Karen Ordahl (ed.). *America in European consciousness, 1493-1750*. Chapel Hill: The University of North Carolina Press, 1995; SCANLAN, Thomas. *Colonial writting and the new world 1583-1671*. Cambridge: Cambridge University Press, 1999.
4. Carta ao Dodge e ao senado de Veneza, de 21 de dezembro de 1585. *Calendar of State Papers Relating to English Affairs in the Archives of Venice*, Volume 8: 1581-1591 (1894), pp. 126-128. URL: <http://www.british-history.ac.uk>. Data de acesso: 10 out. 2008.
5. A primeira edição foi impressa por ordem da Real Academia das Sciencias de Lisboa, em 1825, na *Colecção de Notícias para a História e Geografia das Nações Ultramarinas*, seguida pela edição de Varnhagem, de 1851, na *Revista do Instituto Histórico e Geographico do Brasil*.
6. Foi publicado pela primeira vez na Inglaterra, em 1625, por Samuel Purchas, em *Purchas his Pilgrimes*. A primeira edição em português é de 1925, impressa o Rio de Janeiro, seguida por uma edição em 1933.

7. Foi publicado por Henri Ternaux, em francês, em 1837, na coleção *Voyage, relations et mémoires*. Primeiras edições em português em 1858, pela Real Academia das Sciencias, em Lisboa, e pela *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, tomo 21.
8. Primeira edição em português na *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, em 1889.
9. Primeira tradução para o português, em 1892, na *Revista Trimensal do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*.
10. “Narração da viagem, que nos annos de 1591 e seguintes, fez Antonio Knivet da Inglaterra ao Mar do Sul, em companhia de Thomas Cavendish.” *Revista Trimensal do Instituto Histórico Geographico e Ethnographico do Brasil*, Rio de Janeiro, tomo XLI, parte primeira, 1878.
11. KNIVET, Anthony. *Aanmerkelyke reys [...] van Anthony Knivet, gedaen uyt Engelland na de Zuyd-Zee, met Thomas Candish, anno 1591 en de volgende jaren*. Leiden: P. Vander Aa, 1706.
12. “A description and discovery of the river Amazons, by William Davies barber surgeon of London”, in *Hakluytus Posthumus or Purchas his pilgrimes in five bookes*, livro IV, Londres, Impresso por William Stansby para Henrie Fetherstone, 1625.
13. “The observations of Sir Richard Hawkins Knight, in his voyage into the South Sea. Anno Domini 1593”, in *Hakluytus Posthumus or Purchas his pilgrimes in five bookes*, livro IV, 1625.
14. “The relations of Peter Carder [...], which went with Sir Francis in his voyage about the world, begun 1577 [...] who returning by the Straits of Magellan toward Brasill, were cast away [...], who came into England nine yeeres after miraculously, having escaped many strange danger, as well among divers savages as christians”, in *Hakluytus Posthumus or Purchas his pilgrimes in five bookes*, livro IV, 1625.
15. Primeira tradução em português do livro de Knivet foi publicada na *Revista Trimensal do Instituto Histórico Geographico e Ethnographico do Brasil*, em 1878.
16. Apud MINCHINTON, W. R. “Brazil 1530-1580: an English View.” *Revista de Ciências do Homem da Universidade de Lourenço Marques*, Lourenço Marques, v. IV, 1971. p. 218.
17. “The offer of the discoverie of the West Indies by Christopher Columbus to King Henrie the seventh in the yeere 1488 the 13 of Februarie: with the Kings acceptation of the offer, and the cause whereupon he was deprived of the same, recorded in the thirteenth chapter of the historie of Don Fernand Columbus of the life and deeds of his Father Christopher Columbus” e “Another testimony taken out of the 60 chapter of the foresayd historie of Ferdinando Columbus, concerning the offer that Bartholomew Columbus made to king Henrie the seventh on the behalfe of his brother Christopher”.
18. Na verdade a descoberta foi feita pelo Giovanni Caboto, pai de Sebastião, que talvez tenha também participado da viagem.
19. “Sir Sebastian Cabota wee have alreadie nentioned in the former Booke, as a great Discoverer of that, which most justly should have beene called Columbina, and great deale better might have beene stiled Cabotiana then America, neither Vesputius nor Columbus having discovered halfe so much of the Continent of the new World North and South as he (yea, the Continent was discovered by him, when Columbus had yet but viewed the Ilands)”. Purchas (1625), vol. 4, p. 1157.

20. Richard Eden, em *The decades of the newe worlde or west India* (1555), também atesta a nacionalidade inglesa de Sebastião Caboto, que a certa altura de sua vida pediu a nacionalidade veneziana: "Sebastian Cabote tould me that he was borne in Brystowe, and that at iiij. yeare ould he was carried with his father to Venice, and so returned agayne into England after certayne years, whereby he was thought to have been born in Venice".
21. Cf. KRAUEL, Blanca. "Events surrounding Thomas Malliard's will, an English merchant in Seville, (1522-1523)." *Proceeding of the II Conference of SEDERI*, 1996, pp. 157-165. Comerciantes ingleses forneceram mercadorias para frotas comerciais com destino a Santo Domingo.
22. Cf. TAYLOR, E. G. R. *Introdução à A brief summe of Geographie*, de Roger Barlow.
23. MINCHINTON (op. cit.).
24. In *Introdução a A brief summe of Geographie*, de Roger Barlow.
25. Um exemplo é a nota espanhola, não assinada, de 30 de junho de 1586: "As I have already advised, there are seven well found ships here bound for the coast of Brazil, amongst which is a barque of 60 tons belonging to Don Antonio". *Calendar of State Papers, Spain (Simancas): Volume 3, 1580-1586* (1896), pp. 583-589. URL: <http://www.british-history.ac.uk>. Data de acesso: 10 out. 2008. Citaremos os documentos espanhóis em inglês, reproduzindo as versões a que tivemos acesso publicadas no site indicado.
26. Carta de 11 de julho de 1582. *Calendar of State Papers, Spain (Simancas): Volume 3, 1580-1586* (1896), pp. 382-394. URL: www.british-history.ac.uk. Data de acesso: 10 out. 2008.
27. Carta de 10 de novembro de 1582. *Calendar of State Papers, Spain (Simancas): Volume 3, 1580-1586* (1896), pp. 405-420. URL: www.british-history.ac.uk. Data de acesso: 9 out. 2008.
28. Cf. GUEDES, Max Justo in *Historia Naval Brasileira*, tomo II, pp. 496-497. O Regimento ordenava que o governador construísse "por conta de minha fazenda", vinte quatro galeotas para que pudessem "continuamente andar goardando a costa da bahia atee a praiba", e instava os donos de engenho a ajudarem o policiamento naval "com mantimentos necessarios para os soldados, marinheiros e chusma que ouverem de andar nestas quoaatro embarcaçoens". O Regimento ordenava ainda que os donatários das capitanias, ao perceberem a presença de corsários, informassem todos os dados sobre as frotas estrangeiras ao Porto da Bahia para que fosse enviada uma armada para combater os invasores. Há ainda um alvará de 30 de junho de 1592 que criava a Casa e o Direi-to do Consulado, em Lisboa, de forma a proteger a navegação e o comércio marítimo português, devido às "muitas perdas que recebem no mar nos roubos dos corsários". Cf. *História Naval Brasileira*, tomo II, p. 500.
29. *Calendar of State Papers, Spain (Simancas): Volume 3, 1580-1586* (1896), pp. 52-63. URL: <http://www.british-history.ac.uk>. Data de acesso: 10 out. 2008.
30. Destacam-se aqui as principais viagens e narrativas conhecidas de ingleses no Brasil. Para a relação completa conferir o "Quadro de viagens e relatos" na página 57.
31. *The book of Robert Thorne*, 1527.
32. Royal MSS. 18. B. xxviii, British Museum. Editado por Eva G. R. Taylor, em 1932, com o título *A brief summe of geographie by Roger Barlow*.

33. "Lettre du Louis Ramirez sur le voyage de Sebastien Cabot en rio de La Plata, traduite du manuscrit inédit de la bibliotheque de M. Ternaux-Compans." *Nouvelles annales de voyages et sciences géographiques*, vol 3, 1843, pp. 39-73.

34. Há muitas bestas selvagens e veados e pássaros selvagens e porcos monteses, e diversas outras estranhas bestas de boa carne e bom sabor, e muita quantidade de pássaros como papagaios de diversos tipos, grandes perdizes, pavões, patos e garças e outros diversos tipos de estranhos pássaros, e muita quantidade de peixes que eles matam com flechas na água, que para descrever as estranhas castas de peixes que há nesta costa e as estranhas bestas e pássaros que habitam a terra seria um tal trabalho que renderia um outro livro.

35. Cf. *História Naval Brasileira*, Primeiro Volume, Tomo I, "A expedição de Sebastião Caboto", p. 331.

36. *História Naval Brasileira*, Primeiro Volume, Tomo I, "A expedição de Sebastião Caboto", p. 303.

37. 1) The voyage of Sir Thomas Pert and Sebastian Cabot, about the eight yeere of King Henry the eight, which was the yeere, 1516 to Brasil, S. Domingo, and S. John de Puerto Rico, HAKLUYT (1589); 2) A report of a voyage of two Englishmen in the company of Sebastian Cabota, intended for the Malucos by the Streights os Magellan, but performed onely to the river of Plate in April 1527. Taken out of the information of M. Robert Thorne to Doctor Ley Ambassador for King Henry the eight, to Charles the Emperour, touching the discovery of the Malucos by North, HAKLUYT (1600).

38. Segundo Edward Arber, citando Gomara, Sebastião Caboto estava na Espanha nessa época, onde permaneceu até 1524. Cf. ARBER, Edward (ed.). *The first three english books on América* [1511?]-1555. Edward Arber, Birmingham, 1885.

39. Diz a carta de Robert Thorne: "In a flote of three ships and a carvell that went from this citie armed by the Marchaunts of it, which departed in April laste paste, I and my partyner [o genovês Leonardo Cataneo] have 1400 ducates that we employed in the saide armye, principallie for that twoo englishe men freendes of myne, which are somewhat learned in cosmographie, shuld goo in the said shippes to brynge me certeign relacôn of the scituatôn of the countrie, and to be expert in the navigation of those Seas ... and specialle to knowe what naviagation they have for those llandes northwarde and northes-twad: for if from the said Islandes the Sea doth extende without interposition of londe, to saile from the northe pointe to the northest pointe 1700 or 1800 leagues they shuld come to the newe found landes that we discovered. And that wise we shuld be nearer the spicerie by almost 2000 leagues them the Emprour or kinge of Pontigall are...". *Apud* TAYLOR, Introdução a *A brief summe of Geographie*, de Roger Barlow, p. xxviii.

40. *The voyage to Brasill, made by the worshipfull M. William Hawkins of Plimmouth, father for Sir John Hawkins knight now living, in the yeere 1530*, HAKLUYT (1598). *A briefe relation of the two fundry voyages made by the worshipful M. William Hawkins of Plymmouth, father to sir John Hawkins knight, late treasurer of her maiesties navie, in the yeere 1530 and 1532*, HAKLUYT (1600).

41. Cf. ANDREWS, Kenneth R. *Trade, plunder and settlement*. Cambridge: Cambridge University Press, 1984.

42. ANDREWS (op. cit.).

43. A respeito de Robert Reneger, um documento de 31 de março de 1545, de *Letters and Papers, Foreign and Domestic, Henry VIII*, a respeito de navios ingleses presos na Espanha,

revela outras atividades marítimas do mercador: "An order to the alcaldes of Ayamonte, Huelva, Moger, Perlos, Trigueros and Lepe, given upon receipt of information that Robert Reneguel (Reneger or Regener in § 2) and John his brother, Englishmen, with four ships and a pinnace, have, near Cape St. Vincent, boarded the ship of Francisco Gallego, coming from the Spanish Island, and taken all the gold and pearls therein together with 124 chests of sugar and 140 hides, the value of the goods taken being 7,243,075 maravedis (29,315 ducats in § 2); to arrest all ships and goods of Englishmen and deliver them by obligation in presence of Francisco Guera to substantial persons to be kept safe. Dated in the House of Contratacion at Seville, 27 March 1545, by the Marshal and Marques de Almar, and others named". [Letters and Papers, Foreign and Domestic, Henry VIII: 1545, Volume 20 Part 1 (1905), pp. 193-229. URL: www.british-history.ac.uk. Data de acesso: 10 out. 2008.

44. "An ancient voyage of M. Robert Reniger and M. Thomas Borey to Brasil in the yeere of our Lord 1540", HAKLUYT (1600).

45. Os documentos foram estudados por MARSDEN, Reginald G. "Voyage of the Barbara of London to Brazil in 1540." *English Historical Review*, XXIV, 1909.

46. Lã de algodão, papagaios, macacos e diversas outras estranhas bestas daquela terra.

47. Cf. MARSDEN (op. cit.)

48. Cf. MARSDEN (op. cit.)

49. "The relations of Peter Carder, of Saint Verian in Cornwall, within seven miles of Falmouth, wich went with sir Francis Drake in his voyage about the world, begun 1577. who with seven others in an open pinasse or shallop of five tuns, with eight oares was separeted from his generall by soule weather in the south sea, in october, An. 1578. who returning by the straites of Magellan toward Brasill were all cast away, save this one only afore named, who came into England nine yeeres after miraculously, having escaped many strange dangers, as well among divers savages as Christians", PURCHAS (1625).

50. "A letter written to M. Richard Stapers by John Whithall from Brasill, in Santos the 26 of June 1578", HAKLUYT (1598 e 1600).

51. "A copie of the letters of the Adventurers for Brasill sent to John Whithall dwelling in Santos, by the Minion of London. Ano 1580 the 24 of October in London", HAKLUYT (1598 e 1600).

52. "Certaine notes of the voyage to Brasill with the Minion of London aforesaid, in the yeere 1580, written Thomas Grigges Purser of the said shippe", HAKLUYT (1598 e 1600).

53. Carta de 1 de março de 1582: "I believed your Majesty would punish the officers of the two ports for having allowed the ship to enter, against the orders of your Majesty, in accordance with the prohibition decreed in the time of King Sebastian, against Englishmen going to that part of the coast, they being confined to certain specified places. I said that for this the "Mignon" might legally be arrested and confiscated ; and although the treaty I have mentioned had only been for three years and expired in December 1579, when Antonio de Castillo came, "erat pro gentium tacito consensu et in re mutuo commercio," nothing having changed on either side. The English, therefore, had no ground for claiming the restitution of the ship.

They replied that they would send the secretary to me to discuss the matter, and I am going to reply that if the Council are so unjust as to permit Englishmen here to detain property in respect of this ship, I have no doubt that your Majesty will at once order the

detention in Portugal, and elsewhere, of all property belonging to Englishmen, as it is of the greatest importance that on no account, should the English be allowed to imagine that they can go on that or any other voyage to the Indies, where prohibitions exist, excepting at the risk of being sent to the bottom. Otherwise they would continually fit out ships under the guise of trade, which would simply be sent to plunder all the property of your Majesty's subjects they could come across. I think it will be advantageous, if this ship (the "Mignon") was not captured after the caravel left, that she should be seized, in order to warn them not to send any more thither." Calendar of State Papers, Spain (Simancas), Volume 3: 1580-1586 (1896), pp. 299-317. URL: <http://www.british-history.ac.uk>. Data de acesso: 10 out. 2008.

54. Calendar of State Papers, Spain (Simancas): Volume 3, 1580-1586 (1896), pp. 52-63. URL: <http://www.british-history.ac.uk>. Data de acesso: 10 out. 2008.

55. PANTALEÃO, Olga. "Um navio inglês no Brasil em 1581; a viagem do 'Minion of London'." *Revista de Estudos Históricos*, Marília, n. 1, pp. 45-93, jun. 1963.

56. "In some of my former letters I advised your Majesty of the arrival here of the ship from the coast of Brazil, leaving there seventeen men. I am informed by the Englishmen themselves that this was not caused by an attempt to capture their ship, which would have been extremely easy if those on shore had wanted to do so, since all the artillery and men had to be put on shore whilst the ship was careened and repaired. But the Governor had given them licenses to trade on payment of the dues, which was also confirmed by the Bishop. By virtue of this the merchandise was placed in the stores, and the supercargoes for the merchants here who were in charge were so favourably impressed with the country that they resolved, four or five of them, to appropriate some of the merchandise and settle there. Another of them was converted to the Catholic faith by the preaching of the friars there, and as he regularly attended the ceremonies of the church his companions began to mock him, which came to the knowledge of the Bishop and the Inquisitors."

'Simancas: May 1582, 1-15', Calendar of State Papers, Spain (Simancas), Volume 3: 1580-1586 (1896), pp. 352-370. URL: <http://www.british-history.ac.uk>. Data de acesso: 10 out. 2008.

57. PANTALEÃO (op. cit.), p. 67.

58. "The voyage intended towards Chine, wherein M. Edward Fenton was appointend Generall, written by master Luke Ward his Vice-admirall, and Captaine of the Edward Bonaventure, begun Anno Dom. 1582", HAKLUYT (1598 e 1600).

59. "Instructions given by the honourable, the Lordes of the Counsell, to Edward Fenton Esquire, for the order to be observed in the voyage recommended to him for the East Indies and Cathay. April 9. 1582", HAKLUYT (1598 e 1600).

60. 1) "An extract out of the discourse of one Lopez a Spaniard before spoken of, touching the foresayd fight of M. Fenton whith the spanishs ships together with a report with the proceeding of M. John Drake after his departing from him", HAKLUYT (1598); 2) "An extract of the discourse of one Lopez Vaz a Portugal, touching the sight/fight of M. Fenton with the Spanish ships, with a report of the proceeding of M. John Drake after his departing from him to the river of Plate", HAKLUYT (1600).

61. *The Troublesome Voyage of Captain Edward Fenton / 1582-1583*. Narrativas e documentos editados por E. G. R. Taylor. Cambridge: Hakluyt Society, 1959.

62. *An elisabethan in 1582*. The diary of Richard Madox, Fellow of All Souls. London: Hakluyt Society, 1976.
63. *Viage al estrecho de Magallanes*. Madrid: Imprenta Real de la Gazeta, 1768.
64. "The voiage set out by the right honorable the Earl of Cumberland, in the yeere 1586, intended for the South Sea, but performed no farther then the latitude of 44. deg. To the south of the Equinoctiall, written by John Sarracoll Merchant in the same voyage", HAKLUYT (1600).
65. "A discourse of the West Indies and South sea written by Lopez Vaz a Portugal, borne in the citie of Elvas, continued unto the yere 1587. Wherein among divers rare things not hitherto delivered by any other writer, certaine voyages of our Englishmen are truly reported: which was intercepted with the author thereof at the river of plate, by Captaine Withrington and Captaine Christopher Lister, in the fleete set forth by the right honorable the Earle of Cumberland for the South Sea in the yeere 1586", HAKLUYT (1600). Há ainda um outro extrato de Lopes Vaz, publicado por Purchas: "The histoire of Lopez Vaz a Portugall (taken by Captaine Withrington at the River of Plate, Anno 1586 with this discourse about him), touching american places, discoveries and occurents, abridged", PURCHAS (1625).
66. Cavendish havia feito uma bem sucedida e rentosa circunavegação entre os anos de 1586 e 1588, quando voltou para a Inglaterra com a tripulação vestida de seda, as velas do navio feitas de damasco e o mastro principal folheado a ouro.
67. "The admirable adventures and strange fortunes of master Antonie Knivet, wich went with Master Thomas Candish in his second voyage to the south sea. 1591", PURCHAS (1625).
68. "Master Thomas Candish his discourse of his fatall and disastrous voyage towards the south sea, with his many disaventures in the Magellan Straits and other places; written with his own hand to sir Tristram Gorges his executor", PURCHAS (1625).
69. "The last voyage made by the worshipful M. Thomas Candish esquire, intended for the South sea, the Philipinas, and the coast of China, with 3 tall ships, and two barks; Written by M. John Jane, a man of good observation, employed in the same, and many others voyages", HAKLUYT (1600).
70. Purchas justifica os cortes feitos ao texto original da carta afirmando que omitiu "some passionate speeches of Master Candish against some private persons", PURCHAS (1625), p. 53.
71. QUINN, David B. *The last voyage of Thomas Cavendish 1591-1592*. Chicago / London: University of Chicago Press, 1975.
72. EDWARDS (1988), p. 29.
73. *The observations of Sir Richard Hawkins Knight, in his voyage into the South Sea*. Anno Domini 1593. London: impresso por I. D. para John Jaggard, 1622.
74. "The observations of sir Richard Hawkins, Knight, in his voyage into the south sea. An. Dom. 1593 once before published, now reviewed and corrected by a written copie, illustraded with notes, and in divers places abbreviated", PURCHAS (1625).
75. "A description and discovery of the river of Amazons, by Willian Davies barber surgeon of London", PURCHAS (1625).
76. *True Relation of the Travailes and Most Miserable Captivitie*. London: impresso por Thomas Snodham para Nicholas Bourne, 1614.

O barão do Rio Branco e a política de aproximação com os Estados Unidos

Elizabeth Santos de Carvalho

Mestranda em História Política pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro



Este trabalho, preparado em parte como monografia de conclusão do curso de História no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, foi realizado com recursos do Programa Nacional de Apoio à Pesquisa da Fundação Biblioteca Nacional.

INTRODUÇÃO

A mudança da forma de governo no Brasil em 1889 acarretou alterações na condução da política externa. O Império, embora demonstrasse simpatia pela república norte-americana, havia mantido o eixo diplomático em Londres. Com o advento da República, os novos ideais impregnaram a orientação adotada pelo Ministério das Relações Exteriores, aprofundando a tendência americanista.

Os turbulentos anos iniciais do regime republicano também se refletiram na formulação da política externa brasileira. A instabilidade política não só comprometeu a constituição do corpo diplomático, como dificultou a atuação dos representantes brasileiros no sistema internacional e a construção de uma atuação.

Com a estabilização política e financeira alcançada no governo de Campos Salles (1898-1902) configurou-se um cenário favorável à atuação mais ativa do Brasil no concerto internacional. O governo de Rodrigues Alves (1902-1906), tendo no Ministério das Relações Exteriores José Maria da Silva Paranhos Júnior, o barão do Rio Branco, introduziu novas estratégias e diretrizes que garantiram conquistas relevantes no âmbito internacional.

O presente estudo analisa a atuação política de Rio Branco, destacando a importância que a política de aproximação com os Estados Unidos teve na condução da política externa brasileira. A trajetória de Rio Branco nos ajuda a perceber como um monarquista pôde ocupar um ministério do governo republicano. Sua competência na condução das missões de fronteiras certamente foi decisiva para que fosse nomeado, em 1902, ministro das Relações Exteriores, e o sucesso da sua gestão justifica a permanência no cargo até 1912.

À frente do ministério, Rio Branco deu continuidade aos esforços de aproximação com os Estados Unidos e aumentou o prestígio do Brasil no cenário internacional, tornando mais atuante e moderna a política externa brasileira. Ao estabelecer vínculos mais estreitos os Estados Unidos, nação em vertiginosa ascensão à condição de potência mundial, Rio Branco garantiria ao Brasil vantagens tanto no sistema internacional, quanto nas relações mais específicas com a América do Sul. Esta aproximação com os Estados Unidos chegaria ao auge em 1906, com a visita do secretário de Estado norte-americano, Elihu Root, por ocasião da III Conferência Internacional Americana no Rio de Janeiro.

O momento era favorável à aproximação. Na corrida imperialista, os Estados Unidos, buscando estabelecer sua área de influência, haviam retomado

a Doutrina Monroe e procuravam renovar o diálogo com a América Latina. As relações comerciais com o Brasil e a maneira como Rio Branco interpretou os interesses nacionais também reforçavam a tendência de aproximação. Sua visão realista, característica que se eternizou na condução da política externa brasileira, passou a reger as ações do Itamaraty da mesma forma que a presença norte-americana, que, já no primeiro mandato de Rio Branco, se manifestou até mesmo nas importantes questões de fronteira com as repúblicas vizinhas.

Para a realização deste estudo analisei as cartas encontradas em diversas coleções da Fundação Biblioteca Nacional (FBN), documentação que tem ficado à margem nas análises da atuação de Rio Branco. Agrupei informações pessoais do barão, dados contemporâneos aos acontecimentos e cotejei com as análises posteriores.

Uma das coleções consultadas foi a de Salvador de Mendonça, um dos precursores da política de aproximação com os Estados Unidos. A partir do exame dos documentos reunidos, pude analisar o alcance e a influência de suas idéias sobre o barão do Rio Branco, além de buscar respostas para as críticas que fazia a Paranhos.

A coleção José Carlos Rodrigues também se revelou interessante fonte de pesquisa. Encontram-se nela cartas em que Rio Branco trata principalmente da questão com a Guiana Francesa (de cuja defesa o barão se encarregou) fornecendo inclusive informações privilegiadas e artigos para publicar no *Jornal do Commercio*, do qual Rodrigues foi diretor.

Reveladora de suas impressões pessoais sobre acontecimentos internos e comentários que na ocasião não chegavam ao conhecimento público, a correspondência de Rio Branco mostrou-se extremamente útil para se conhecer melhor as origens e fundamentos de algumas posições adotadas pelo Ministério das Relações Exteriores no período em questão.

Rio Branco: de cônsul-geral em Liverpool a herói nacional

A queda pacífica da monarquia contribuiu favoravelmente para a imagem do Brasil no exterior. Alguns países reconheceram de imediato o novo regime, como os Estados Unidos, que há muito se inclinavam neste sentido. A configuração, no entanto, de um cenário politicamente instável nos primeiros anos da República brasileira não agradava nem aos Estados Unidos nem às potências européias.

Esta instabilidade rendeu duras críticas na imprensa inglesa, que repercutiram negativamente, preocupando investidores vinculados ao Brasil. A crise financeira da década de 1890 agravou a situação, a ponto de banqueiros estrangeiros chegarem a se articular para retirar investimentos do país.

As questões que haviam composto o cenário da crise que culminou com o fim do Império¹ enfraqueceram este regime, unindo cafeicultores paulistas

e militares insatisfeitos e desejosos de mudanças políticas adequadas aos seus interesses. Alguns segmentos sociais expressivos identificaram no imperador o inimigo comum e decidiram destituí-lo do trono. Acreditavam que a monarquia era o problema. Mas, depois do 15 de novembro, encontravam-se num vazio de poder. O problema agora era estabelecer as novas instituições e redefinir as relações de poder. E a única força que parecia capaz de conduzir o novo quadro político era o exército.

Os governos provisório (1889-1891) e constitucional (1891) de Deodoro representam o momento fundador do novo regime político, fruto de uma confusa ideologia republicana que se dividia em diferentes grupos e transformava-se, nos seus primeiros anos, em sinônimo de agitação, desordem, anarquia. O governo republicano precisava lidar com dois pólos: a *polis* e o *demos*.²

A instabilidade política persistiria durante a administração de Floriano Peixoto (1891-1894). A situação caótica, causada pelo jacobinismo nas ruas do Rio, contribuía para que as incertezas permanecessem dominantes. Grandes revoltas eclodiram no território nacional³ demonstrando a vulnerabilidade do regime. Somente perseguindo a oposição com “mão de ferro”, o presidente pôde alcançar maiores conquistas e seu governo passou a ser considerado responsável pela consolidação do novo regime.

O temor dos monarquistas parecia se realizar. Aquela que foi a única monarquia na América assemelhava-se agora aos demais países do continente até na instabilidade política. A correspondência entre os que temeram o fim da monarquia transmitia o receio de que, com o advento da República, passasse a predominar no Brasil a turbulenta rotina das antigas colônias espanholas. Em carta a Rui Barbosa, ministro da Fazenda e grande articulador do governo provisório, José Maria da Silva Paranhos Júnior, o futuro barão, que desde 1876 exercia as funções de cônsul-geral em Liverpool, a esse respeito externava:

A questão hoje, como V. Ex.^a disse em um telegrama, não é mais entre a Monarquia e República, mas República e Anarquia. Que o novo regime consiga manter a ordem, assegurar, como o anterior, a integridade, a prosperidade e a glória do nosso grande e caro Brasil, e ao mesmo tempo consolidar as liberdades que nos legaram nossos pais – e que não se encontram em muitas das intituladas repúblicas hispano-americanas – é o que sinceramente desejo.⁴

No final do século XIX, na transição da monarquia para a república, a intelectualidade brasileira buscava referências. Defensores da monarquia tomam a América hispânica como um exemplo a não ser seguido, enquanto defensores da república consideram o Império um corpo estranho entre as repúblicas americanas.⁵ Os que defendiam o regime fundador do país eram testemunhas de um Segundo Reinado estável frente ao perturbador período regencial e à

experiência dos latino-americanos. Portanto, os primeiros anos da República pareciam comprovar suas suspeitas, mas cada um agiu a seu modo: uns romperam laços e se exilaram, outros aprenderam a conviver com o regime, mesmo não lhe sendo favoráveis.

A eleição de Prudente de Moraes (1894-1898) inaugurou o governo civil na República depois de turbulentos mandatos de militares que buscaram restabelecer a ordem para que o controle político entrasse em consonância com as tendências econômicas. A permanência do café como principal artigo de exportação definia a hegemonia dos produtores paulistas, que estavam profundamente ligados aos movimentos republicanos e se estabeleciam no poder.

O mandato do primeiro presidente civil foi dividido com representantes florianistas, como o vice-presidente Manuel Vitorino, o que confere um caráter de transitoriedade ao seu governo. “O Governo Prudente ora aparece como continuador de Floriano, atraindo a ira dos ‘reacionários’, ora como ‘civilista’, traindo, segundo os radicais jacobinos, os ideais da República.”⁶ Um grave problema de saúde afastou Prudente, levando seu vice à administração do país. De volta ao governo, restaram-lhe poucos meses para ensaiar medidas econômicas que atendessem aos interesses do café – a má administração financeira dos governos militares foi herança para o governo civil de Prudente, que encontrou dificuldades em revertê-la com o impasse criado pelo Congresso, levando o governo federal a tomar mais empréstimos.

A par disso, Prudente não desfrutou de estabilidade política. Enfrentou a resistência de Canudos numa guerra com muitas baixas que abalou o moral do exército,⁷ além de insistentes agitações dos jacobinos e das manifestações com a morte de Floriano em 1895. Somado ao cenário de inquietação política, um atentado ao presidente aterrorizou a população e levou o país ao estado de sítio. Fazendeiro paulista e republicano histórico, Prudente deveria trazer o Brasil de volta à normalidade para a consolidação da elite econômica no poder político. A exclusão do *demos* da participação no novo regime ainda repercutia em manifestações e movimentos que dificultaram a consolidação, mas não a impediram.

A Carta de 1891 carregava os ideais do projeto liberal paulista, e a partir dela instituíam-se um sistema político presidencialista e federalista. Os governos militares não conseguiram solucionar os problemas institucionais que dependiam da reordenação das relações da *polis*, e o primeiro presidente civil não foi capaz de realizar todo seu projeto tendo em vista a permanente tensão entre o Legislativo e o Executivo.

Evitando influir nas decisões do Congresso, Prudente de Moraes reivindicava, no entanto, a sua liberdade de ação relativamente à política dos estados. As tendências

do Congresso para sobrepor-se ao Executivo, e as tendências deste para controlar soberanamente a política e administração dos estados completavam-se, pois, como claras manifestações dos hábitos parlamentaristas e centralizadores do Império. E como não era possível harmonizá-los no espírito do novo regime e no tumulto das paixões ainda quentes da guerra civil, extrema-se o dissídio, que agitaria todo o quatriênio civil e que lhe inutilizaria em grande parte os esforços de recuperação financeira e administrativa.⁸

Somente com o governo de Campos Salles (1898-1902) a República experimental a fórmula política que vigorou até 1930. Sua propaganda de candidato refletia-se sobre os primeiros anos republicanos, negando seu passado imediato. Deste modo pretendia se distanciar do início caótico do novo regime. Segundo Renato Lessa, em seu programa “O que está sendo sugerido pelo candidato é um modelo centrífugo, no qual a política e as relações entre *polis* e *demos* encontrem nos estados seus lugares de resolução.”⁹

A autonomia dos poderes estaduais era vital para o funcionamento da máquina governamental. Essa percepção garantiu a Campos Salles o papel de articulador de uma estratégia que manteve as principais oligarquias no poder, a “política dos governadores”:¹⁰ “[...] com o beneplácito do governo federal, e baseando-se em fórmulas legais e no poder de coerção, os grupos estaduais podem consolidar-se e permanecer reinando sem perigo”.¹¹

Definida a configuração política que dominou durante toda a República Velha, Campos Salles pôde voltar-se para as questões econômicas que constituíram o cerne de sua campanha.¹² A criação da política de favores apaziguou o cenário político, levando sua preocupação maior, a crise econômico-financeira, ao centro do seu governo. Com uma política econômica ortodoxa e cumprindo o primeiro mandato republicano que não precisou apelar para o estado de sítio, conseguiu recuperar a confiança internacional no Brasil, consolidando um projeto conservador.

A construção das instituições na República não seria feita negando a Monarquia, mas garantindo a estabilidade que fora desfrutada nesta. Negava, sim, o passado imediato dos primeiros anos turbulentos da República. Campos Salles viabilizou seu mandato identificando o poder dos estados e restringindo à esfera destes as disputas que anteriormente perturbavam o bom funcionamento do governo republicano. Seu sucessor, Francisco de Paula Rodrigues Alves, assumiu em 1902 um governo profundamente diferente dos antecedentes, podendo desfrutar de um cenário político e economicamente favorável.¹³ Coube a ele construir uma nova imagem do Brasil.

Com o quadro político controlado e a economia saneada, faltava reorganizar o espaço nacional. Reformas em diversas frentes encarregavam-se de dar um novo contorno estável e moderno ao Brasil. A reforma urbana buscava

superar o desenho do Rio de Janeiro, que permanecia sem a dinâmica das cidades do século XIX, com “ruas estreitas, praças mesquinhas, falta de higiene” e uma arquitetura decadente que mantinha os aspectos coloniais. Rodrigues Alves era o terceiro presidente civil e obedecia ao critério de ser paulista, ou seja, representante das oligarquias do café. No entanto, diferia desses oligarcas quanto ao engajamento político, pois não pertencia à propaganda republicana. Era um monarquista que, assim como muitos, sobrevivera na República. Depois do 15 de novembro pensou em afastar-se da vida política, mas foi convencido a fazer parte da chapa dos delegados paulistas à Constituinte e continuou em sentido ascendente até ser eleito presidente da República.¹⁴ Sua candidatura representou uma nova fase da República, que passou da euforia doutrinária para um período construtivo.

A composição do corpo ministerial correspondeu à formação conservadora de Rodrigues Alves, que fora inclusive reconhecido, pela princesa Isabel, conselheiro do Império. Figuravam nomes de personalidades criadas no seio da Monarquia, mas que se colocavam a serviço do país, tal como o antigo cônsul em Liverpool, o barão do Rio Branco, que veio a ocupar a pasta das Relações Exteriores. No mesmo sentido formaram-se outros setores da administração pública, como a prefeitura do Distrito Federal, sob a liderança de Pereira Passos, grande articulador da reforma urbana, e Oswaldo Cruz na direção da Saúde Pública.

O escritor e diplomata Álvaro Lins faz uma apreciação deste governo destacando que, embora muitos acusassem o presidente de ter ficado à sombra de seu ministério, Rodrigues Alves teria desempenhado com maestria suas atribuições como coordenador deste corpo administrativo. Garante sua habilidade em lidar com todas as esferas do governo: “Respeitava seus ministros tanto quanto respeitava o Congresso. Porque compreendesse que a estabilidade do regime dependia da autonomia e do prestígio de cada um dos três poderes, valorizava tanto o Legislativo e o Judiciário quanto o Executivo.”¹⁵

O caráter reformador de seu governo construiu um Rio de Janeiro mais moderno, com ruas largas e prédios novos, tendo a Avenida Central, inaugurada em 1905, como o grande símbolo destas transformações:

A remodelação e o saneamento do Rio de Janeiro, as primeiras grandes vitórias da presidência Rodrigues Alves, assinalavam uma etapa histórica na vida nacional. Não era apenas a capital do país que se modernizava e se embelezava, perdendo a sua antiga fisionomia de grande burgo provinciano, anti-higiênico e inestético. Com o exemplo do Rio de Janeiro, redimido da febre amarela, com o seu porto moderno, onde começavam a atracar grandes transatlânticos, e as suas largas avenidas asfaltadas e arborizadas, o Brasil parecia nascer para uma vida nova, mais ativa, mais alegre, mais confiante e mais orgulhosa de si mesma.¹⁶



José Maria da Silva Paranhos Júnior, o barão do Rio Branco: sua atuação à frente do Ministério das Relações Exteriores aproximou o Brasil dos Estados Unidos e aumentou o prestígio do país no cenário internacional



Berne, 19 de Set.º de 1900

51 Brühlstrasse.

meu caro José Carlos.

Envio-lhe em dois exemplares
uma mappa que V. pode se fazer
reproduzir ali, mas que, para
maior clareza, em um cliê
em zinco, deve ser aumentada
de um terço, mais ou menos.

Em um dos exemplares fiz
as traduções portuguezas.

Esta mappa só comprehende
a parte oriental do território
contestado. O meu desenhista
agui está fazendo um outro
em escala menor, complementando

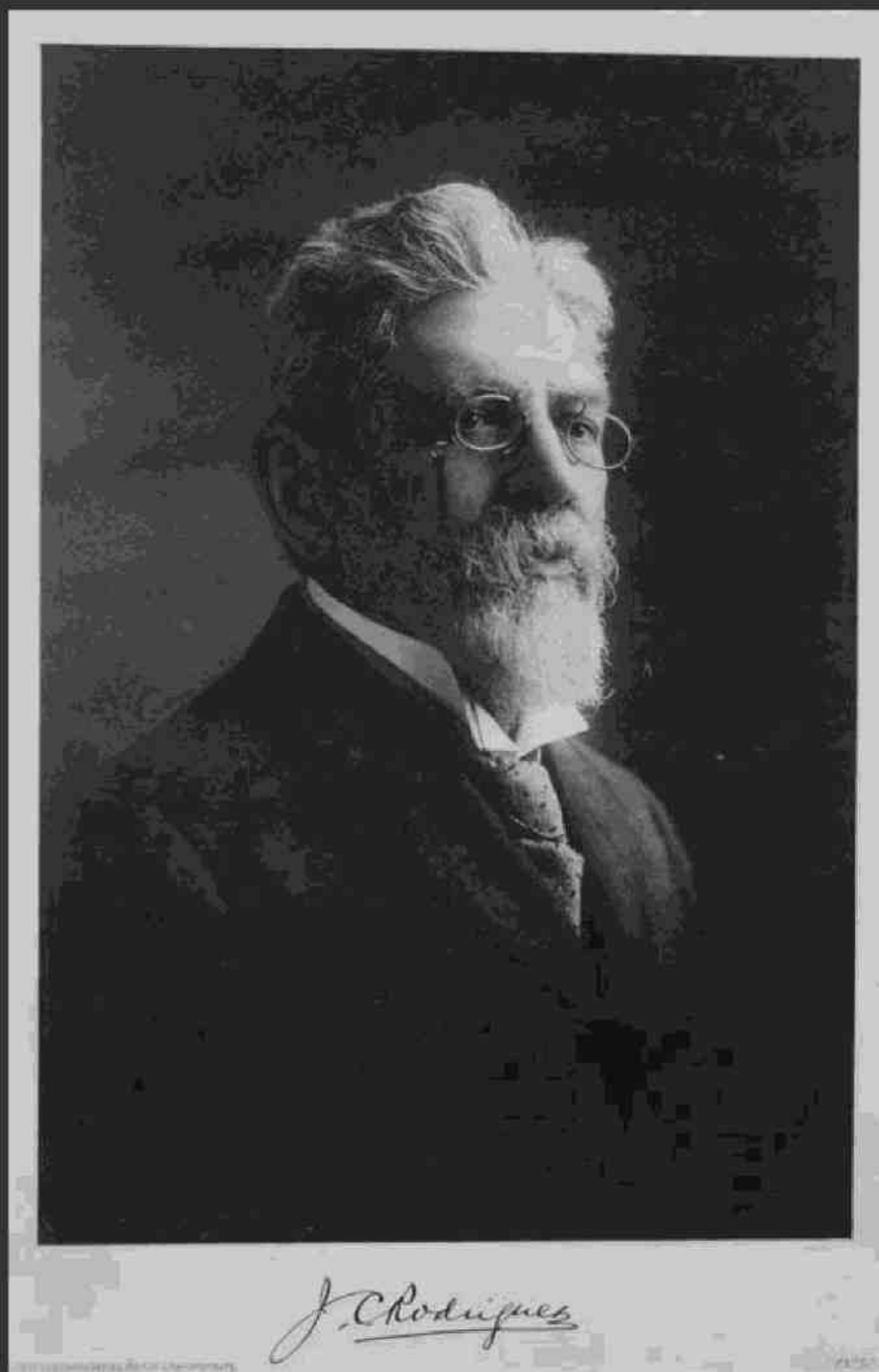
Carta de Rio Branco a José Carlos
Rodrigues acompanhada de mapa
sobre a questão de limites com a
Guiana Francesa: a área contestada
correspondia a "cerca de 400.000
quilômetros quadrados ou perto
de 13.000 léguas quadradas, mais
de 10 vezes o território da Suíça".
Berna, 19 set. 1900.

Tudo o território contestado até
ao Rio Branco, isto é, cerca
de 400.000 kil. quadrados ou
perto de 13.000 léguas qua-
dradas, mais de 10 vezes
o território da Suíça.

Esta mappa (o desenho)
ficará pronto dentro de
alguns dias, e logo que eu o ti-
ver examinado e corrigido
o remetterei ao seu endereço.

Ainda estou doente, com
riscos de ter um larvazito (?)
aparecer em 12 dias.

Abraço-o affectuosa-
mente o seu velho amigo
Rio Branco



José Carlos Rodrigues: cartas de Rio Branco em sua coleção contém informações preciosas sobre a questão com a Guiana Francesa

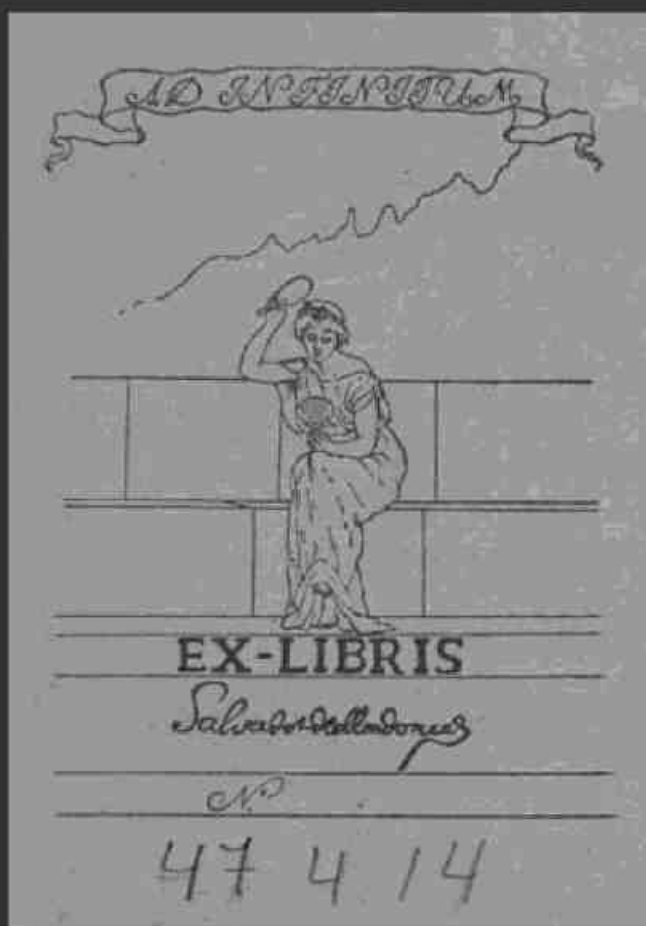
CADEIRA N. 20



Salvador de Mendonça

Nascido em 21-7-1841 — Fallecido em 5-12-1913

Signatário do Manifesto Republicano (1870) e um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras, as ideias de Salvador de Mendonça tiveram influência na política externa consolidada por Rio Branco ao longo de dez anos no Itamaraty



Ex-libris da
Biblioteca do
barão do
Rio Branco

Ex-libris da
Coleção Salvador
de Mendonça



Mas na execução de suas reformas escondia-se a insatisfação de muitos que não foram tão beneficiados com a reforma urbana e ainda estavam transformados pela “agressividade” das políticas sanitárias. “A castração política da cidade e sua transformação em vitrina, esta última efetivada nas reformas de Rodrigues Alves e na grande exposição nacional de 1908, inviabilizaram a incorporação do povo na vida política e cultural.”¹⁷

Excluída da participação no governo, a maioria da população sofria ainda com o custo da política econômica ortodoxa de Campos Salles. As agitações, provenientes da atmosfera popular insatisfeita, somadas ao levante militar, facilmente reprimido, de 14 de novembro de 1904, representam a única tensão sofrida pelo governo de Rodrigues Alves.

Passados os turbulentos anos da infância republicana, a “república dos conselheiros” promovia reformas que garantiriam perspectivas positivas sobre o Brasil em todo o mundo. O bom andamento da política interna permitia maior ação da política externa preocupada em definir as fronteiras brasileiras.

Em busca do território nacional – as questões de Palmas e do Amapá

O território nacional é elemento indispensável para fixação de um país, é o espaço no qual exerce sua soberania.¹⁸ A delimitação de suas fronteiras é imprescindível para a formação de sua identidade e o reconhecimento de seus direitos perante o sistema internacional. “A noção de fronteira não é apenas geográfica e histórica, mas sobretudo política e jurídica. Ela ocupa um lugar fundamental no Direito Internacional, porque, na realidade, um Estado sem fronteiras definidas permanece numa situação de insegurança e instabilidade.”¹⁹

A independência do Brasil data de 1822, mas a definição de suas fronteiras arrastou-se pelo primeiro e segundo reinados chegando à República com questões definidas apenas com o Uruguai e o Paraguai. Tomando a vastidão do território brasileiro, um gigante na América do Sul, as pendências eram significativas. Representavam uma instabilidade que prejudicava a imagem do Brasil. Sua unidade precisava ser garantida por um território de fronteiras sólidas, demarcadas de maneira definitiva, estabelecendo concretamente aquilo que poderíamos chamar de Brasil.

Superado o período em que a política externa se dedicou exclusivamente ao reconhecimento da independência brasileira,²⁰ o princípio de rejeitar a expansão territorial – em contraste com a conjuntura externa das potências européias inseridas na lógica imperialista –, a doutrina do *uti possidetis*²¹ e a recorrência aos tratados já firmados, a posição de não ceder território e o entendimento bilateral eram os princípios configurados nos meados do século XIX.

Ao final do Império houve uma flexibilização desses termos e a aceitação da solução por arbitramento, instrumento que fora utilizado pelo imperador D. Pedro II para valorizar a imagem do Brasil no sistema internacional. A neutralidade que manteve na guerra do Pacífico e os esforços para o não-envolvimento da Argentina no conflito garantiram a participação na comissão arbitral no pós-guerra, demonstrando seu prestígio internacional.

O imperador utilizou seu prestígio na Europa para resguardar interesses nacionais. Em suas três viagens internacionais e em eventos afins representava o Brasil e reunia ao seu redor países simpáticos ao Império. Neste contexto de abertura política, decide participar dos congressos pan-americanos. Todo esse empenho garantiu ao Brasil imagem privilegiada com a qual os republicanos teriam facilidade de diálogos no sistema internacional, não fosse a instabilidade política que configurou a última década do século XIX. “A República encontrara o Brasil na plenitude de seu prestígio internacional.”²²

O grande esforço diplomático deste período consistiu em minimizar a turbulência interna sofrida no momento de consolidação da nova ordem. O reconhecimento da República Federativa do Brasil foi concedido em dois anos. A demora na manifestação dos governos europeus deve-se em grande medida a esses “anos entrópicos”, marcados pela anarquia e alto grau de incerteza, protagonizados pelas revoltas que revelavam a fragilidade inicial do novo regime político frente à realidade brasileira.

O Manifesto Republicano de 1870 havia indicado novas diretrizes que negassem a conduta da política monárquica. Sobre a política externa, a proposta era “americanizar” as relações da República, não somente no que dizia respeito aos Estados Unidos, mas também aos países sul-americanos. Quintino Bocaiúva, o primeiro ministro das Relações Exteriores no regime republicano, tentou avançar neste sentido oferecendo à Argentina um tratado²³ que dividia a área litigiosa de Palmas²⁴ entre os dois países, mas seu projeto não passou na votação do Congresso Nacional; se a área litigiosa era por direito brasileira, não havia motivos para propor divisão. Ao fim, a proposta não foi aprovada e a questão com a Argentina manteve-se sem solução.

Não havia antecedentes na história das relações internacionais do Brasil de um debate diplomático mais solene: nele tomaram parte toda a imprensa brasileira, ministros de Estado, plenipotenciários, geógrafos, publicistas e demarcadores de limites, todos quantos nos últimos anos haviam intervindo na política exterior do Brasil.²⁵

Um tratado celebrado no final do Império, em 7 de setembro de 1889, entre o Brasil e a Argentina, previa a solução da disputa territorial por arbitramento sob o juízo do presidente dos Estados Unidos, caso as partes conflitantes não

chegassem a um acordo em noventa dias.²⁶ Frente ao fracasso de Quintino Bocaiúva, a solução por arbitramento se tornou patente.

A missão especial que partiu com objetivo de defender, junto ao governo dos Estados Unidos, os interesses do Brasil e dos brasileiros que habitavam a região litigiosa era chefiada pelo barão Aguiar de Andrada. A escolha de Floriano Peixoto baseou-se nos conselhos do visconde de Cabo Frio, que indicou o nome de Aguiar talvez influenciado pelo fato de este ter sido enviado extraordinário e ministro plenipotenciário do Brasil em 1876, buscando restabelecer negociações acerca desta fronteira nas bases do tratado de 1857.

Afastado do cenário nacional e refugiado nos arquivos europeus por quase vinte anos encontrava-se o barão do Rio Branco, que em 1891 passara de cônsul-geral do Brasil em Liverpool²⁷ a diretor do Serviço de Imigração em Paris. Os anos que permanecera na Europa proporcionaram-lhe facilidade de acesso a documentos importantes sobre a história do Brasil. Sua habilidade em vasculhar os arquivos e o gosto pelos estudos históricos e geográficos fizeram dele o maior conhecedor das questões sobre o litígio de Palmas. No entanto, seu nome, esquecido pela maioria do círculo político brasileiro à ocasião da convocação da missão especial, só foi lembrado por amigos que mantinham contato com ele, ou porque moravam na Europa ou porque se correspondiam,²⁸ e pelo meio intelectual que tinha conhecimento de seus estudos sobre a região.²⁹ A morte do barão Aguiar de Andrada, porém, trouxe novamente a oportunidade de Paranhos definir a fronteira com a Argentina em negociação, que a rigor teve início com seu pai, o visconde do Rio Branco, em tratado celebrado em 1857.

Sobre a escolha do barão do Rio Branco há algumas hipóteses e pouca certeza. Quem o teria indicado ao presidente? A versão mais aceita é que Floriano tenha acolhido a sugestão de Sousa Dantas, influenciado por sua vez por Joaquim Nabuco.³⁰ O convite alcançou Paris por intermédio do ministro em Londres, Sousa Correia, e a resposta foi dada quase de imediato. Em telegrama a Paula Sousa, ministro das Relações Exteriores, Rio Branco comunicava: “Agora acudindo ao apelo do Sr. Marechal Presidente e de V. Ex.^a, vou sair por alguns meses do meu retiro, voltar por assim dizer ao mundo, e V. Ex.^a viu que tomei essa resolução sem hesitar um só momento.”³¹

O convite foi accito prontamente por Rio Branco. A disposição em defender o Brasil residia no profundo conhecimento adquirido e no apelo sentimental que a questão suscitava. Diante dos documentos que havia consultado ao longo dos anos, sabia que a decisão da arbitragem não poderia ser outra se não favorável ao Brasil. Desta maneira encerraria com vitória um processo iniciado por seu pai. O seguinte trecho de seu caderno de notas comprova a confiança do barão em um laudo favorável: “Tenho a mais profunda convicção de que nenhum árbitro imparcial poderia resolver contra nós este litígio lendo a

nossa exposição que deve ser escrita com a precisa clareza e acompanhada de mapas; por isso, nenhuma inquietação tenho quanto à resolução que há de proferir o Presidente Cleveland.”³²

Os elementos que garantiram a Rio Branco a segurança da vitória faltaram a seu antecessor, o barão Aguiar de Andrada, que ao aceitar a incumbência de chefiar a missão especial em Washington lamentava: “Vai ser o fim da minha carreira, porque esta é uma questão perdida.”³³

Mesmo acreditando no sucesso de sua missão, Rio Branco dedicou-se exclusiva e integralmente ao trabalho. Os esforços de Aguiar de Andrada e seus auxiliares estavam aquém das necessidades da missão. Os documentos e a defesa que pretendiam entregar ao governo norte-americano tinham muitas falhas e carências em diversos pontos, comprometendo o interesse brasileiro na delimitação de acordo com os rios Pepiri e Santo Antônio.

Desde o dia de seu desembarque nos Estados Unidos em 1893 ocupou-se incansavelmente da defesa brasileira, seja na elaboração e escrita da memória entregue ao presidente Cleveland ou nas articulações e coletas de informações que reunia a partir de consultas com os seus de inteira confiança. Salvador de Mendonça, ministro do Brasil em Washington, foi quem o apresentou ao círculo norte-americano, no qual fez importantes amizades. “O amigo mais próximo e mais importante feito por Rio Branco nos Estados Unidos foi, sem dúvida, o professor John Basset Moore, uma renomada autoridade no direito internacional.”³⁴ Depois do convite que recebera e aceitara em março de 1893 só conseguiu descansar após receber, em 6 de fevereiro de 1895, o laudo favorável ao Brasil na questão de Palmas.

Rio Branco precisou transpor alguns obstáculos à realização de seu trabalho. A memória da questão não seria elaborada integralmente por ele. Recebera um memorando do ministério e outro apresentado pelo advogado contratado Ivins. Mas o barão, com todo o rigor que dedicava a sua missão, não aceitou as condições. Em correspondência direta ao ministério e com seus amigos no governo fez entender a todos que, se confiavam nele, precisavam dar-lhe autonomia para conduzir os trabalhos de defesa. A mensagem foi entendida e seu desejo atendido. “Rio Branco quis fazer obra nova que refletisse sua visão pessoal do assunto e incorporasse as descobertas recentes por ele feitas. Foi, pois, o redator único da memória, de cabo a rabo.”³⁵

Em sua estadia em Nova York, o barão isolou-se na companhia dos documentos que o auxiliaram na elaboração da exposição que apresentou ao juízo norte-americano. Evitava circunstâncias que pudessem comprometer seu trabalho e não alimentava especulações que surgiam na imprensa, com as quais teve de lidar durante os dois anos em que lá residiu. Os inconvenientes da imprensa estavam usualmente ligados ao argentino Estanislau Zeballos, res-

ponsável pela defesa da República da Argentina, que parecia se divertir com a publicidade.

Assim como a missão brasileira, que perdera por uma fatalidade o seu primeiro designado para representar o Brasil no arbitramento, a missão argentina, depois da morte de Nicolas Calvo, nomeou para o cargo Estanislau Zeballos. Seduzido pela imprensa, o representante argentino aparecia constantemente nos noticiários afirmando que a vitória seria da Argentina, e por vezes criou situações que perturbaram o barão. Embora Rio Branco tenha mantido a postura, não aceitando as provocações de Zeballos, o encontro em Washington marcou o início de uma relação conflituosa.³⁶

Proferido o laudo, que aceitava os termos apresentados pela exposição brasileira, Zeballos comportou-se de maneira mais elegante do que nos dois anos anteriores. Reconheceu o mérito brasileiro tão bem defendido pela memória elaborada por Rio Branco.

O fruto de tanto trabalho não poderia ser outro senão a vitória. Em 1895 o barão do Rio Branco conquistou o primeiro traçado de nossas fronteiras que levaria sua assinatura. A obra correspondia a 35.000 km² de território oficialmente reconhecido como brasileiro. O laudo favorável ao Brasil provocou intensas manifestações que glorificavam a atuação de Rio Branco. As felicitações do presidente Prudente de Moraes chegaram por telegrama: “Em nome da pátria brasileira agradeço inolvidável serviço reconhecimento seus direitos”.³⁷ O grande público passou da surpresa por sua nomeação, em virtude do seu longo afastamento do cenário nacional, à admiração pela sua façanha.

Realmente, no Brasil o regozijo foi imenso, não só porque resolvia a nossa mais importante questão de fronteiras, num período em que herdávamos do Império quase todas as questões de limite do Brasil com os nossos vizinhos ainda não resolvidas, como porque a solução viera evitar o nosso único motivo de divergência com a Argentina.³⁸

Mas havia discussão em outras regiões de fronteiras brasileiras. Resolvido o litígio de Palmas, Rio Branco, em seu retorno à Europa, recebe um pedido para que analise a questão de limite com a Guiana Francesa visando, em breve, defendê-la em arbitramento.

A oficialização de Rio Branco como enviado extraordinário encontrou alguns percalços originários da situação política no Brasil. Manuel Vitorino, ao assumir interinamente o governo brasileiro, fez um convite a Rui Barbosa para ir a Paris como delegado especial da missão. Além disso, o ministro do Exterior, Olinto Magalhães, pretendia nomear um segundo plenipotenciário que, em caso de vitória, dividiria as glórias com Rio Branco. Estes problemas só retardaram a nomeação que era garantida pelo prestígio de que o barão

gozava com Prudente de Moraes, que o manteve nos estudos sobre a disputa, tornando incontestável o ato oficial de 1898, no governo Campos Salles, que o nomeou enviado extraordinário e ministro plenipotenciário do Brasil.

Em 1894 a situação de anarquia na região, somada à descoberta de ouro, levou à retomada das negociações paradas desde 1888. Rio Branco chefiou a Missão Especial, concentrando a defesa nos seguintes pontos: 1 – estabelecer a região litigiosa e 2 – limitar poderes do árbitro. Depois de algumas possibilidades analisadas o árbitro escolhido foi o Conselho Federal Suíço.

O zelo e empenho que dedicara à defesa em Washington repetiram-se na elaboração da memória que pretendia fixar os limites com a Guiana Francesa. Estabelecidos nessa região, os franceses traficavam com índios pelos rios amazônicos. Em seguida começam as contestações dos limites entre o Brasil e a Guiana Francesa. O verdadeiro interesse era na bacia amazônica e nos benefícios do “comércio” com índios, além do acesso à vasta região precariamente ocupada e protegida.

Ao longo dos anos, que se estenderam desde a ocupação, o Brasil tentou firmar acordos para resolver as contestações sobre a região, mas o que podemos notar é a França querendo avançar na região amazônica, propondo a fronteira cada vez mais ao sul. Neste caso a definição do rio Oiapoque seria fundamental. Os interesses na bacia amazônica não eram apenas dos franceses. A questão de limites com os ingleses, que estava sendo estudada ao mesmo tempo e à qual Rio Branco prestava auxílio como assessor, também abrangia a região. Desta forma o barão acreditava que conduzir as negociações simultâneas, mas com diferentes árbitros e delegados, poderia favorecer o Brasil, ao mesmo tempo em que instigaria disputa entre as duas potências européias.

Mesmo distante, Rio Branco colaborava com jornais brasileiros. Aproveitando o conhecimento e a amizade que desfrutava neste meio, mantinha alguns jornalistas permanentemente informados sobre o curso do arbitramento. Na correspondência de José Carlos Rodrigues, responsável pelo *Jornal do Commercio*, podemos encontrar inúmeras cartas fornecendo dados privilegiados acerca do caso do Amapá. Desta forma o ministro fazia da imprensa um instrumento a favor da sua missão no estrangeiro.

O barão não estava tão confiante neste caso como na questão com a República Argentina, mas acreditava no direito do Brasil na causa que defendia. “O seu problema nesse debate era rigorosamente histórico. Ele devia provar – através de tratados, memórias, cartas régias e mapas – que o Japoc ou Vicente Pinzon do Tratado de Utrech era o Oiapoque brasileiro.”³⁹ Desta vez tratava-se de uma diplomacia européia, mais ardilosa, e os documentos produzidos nas diversas tentativas de solucionar a questão não falavam a favor da causa brasileira. Neste episódio foram duas as memórias produzidas por Rio Branco, a primeira entregue em 1899 e uma segunda em réplica à memória

francesa. Todo seu esforço fora empenhado na redação das exposições, escritas sempre no último momento, na esperança de encontrar novos documentos que pudessem favorecer o Brasil.

Em 1º de dezembro encerrou-se a espera pelo laudo final, o Conselho suíço reconheceu inteiramente o direito brasileiro sobre a área litigiosa. A exposição de Rio Branco não deixou dúvidas ao Conselho, que tradicionalmente preferia um termo conciliatório, mas as memórias eram esclarecedoras e o direito do Brasil incontestável.

A figura de Rio Branco ganhava prestígio. A notícia da vitória foi acolhida no Brasil com acaloradas manifestações que o elegiam herói nacional.⁴⁰ “Novo e brilhante êxito do mesmo representante do Brasil encerraria para sempre duas das mais velhas e irritantes questões de fronteiras, que datavam da época colonial”.⁴¹

O prestigiado barão do Rio Branco contrastava com a figura do jovem José Maria da Silva Paranhos Júnior, que em 1876 havia enfrentado grandes dificuldades para conseguir sua primeira nomeação como cônsul-geral em Liverpool,⁴² dando início a sua carreira diplomática. Estava em marcha a carreira do estadista, que no início do século XX, ocupando a pasta do Ministério das Relações Exteriores (MRE), alcançaria seu esplendor.

UM MONARQUISTA NO MINISTÉRIO REPUBLICANO

“Não venho servir a um partido político: venho servir ao nosso Brasil, que todos desejamos ver unido, íntegro, forte e respeitado.”⁴³

Discurso de Rio Branco no Clube Naval em 1/12/1902

A formulação da política externa de um país é condicionada por diversos fatores, entre os quais sobressaem as percepções de seus principais gestores. São estas variações subjetivas que, de acordo com o sistema de crenças,⁴⁴ influenciam a política adotada por determinado país. O meio ao qual o formulador pertence exerce influência direta sobre suas percepções e na maneira pela qual a política externa será conduzida.

Nos anos de instabilidade política da recém-proclamada República brasileira, a direção das relações exteriores sofreu com o impacto da mudança do regime. As percepções são diferentes daquelas que conduziam o Império, seus objetivos neste primeiro momento parecem se opor à política externa imperial. Enquanto a Monarquia mantinha relações mais estreitas com a Europa, a República buscou maior aproximação com o continente americano:

O Brasil viveu momentos de delírio. Queria romper com tudo que lembrasse o passado. O radicalismo exacerbou-se. Pretendeu-se até mesmo expropriar as companhias estrangeiras e expulsar do país o capital europeu. As manifestações do nacionalismo, paradoxalmente, acompanhavam as tendências para americanização do país.⁴⁵

A orientação americanista estava presente no próprio Manifesto Republicano de 1870, no qual se afirma: “Somos da América e queremos ser americanos”. Por América entendiam todo o continente, sejam as “republicuetas” vizinhas hispano-americanas, sejam os Estados Unidos. Acreditavam que com a mudança de regime estavam mais próximos dos países americanos, e que pelo fato de pertencerem ao mesmo continente deveriam se considerar irmãos, em contraste com a Europa. O passado colonial fundamentava essa visão, na qual o Novo Mundo, depois de séculos de sofrimento e exploração promovidos pelas metrópoles, deveria unir-se contra qualquer pretensão européia. Neste sentido a doutrina de Monroe se fortalecia.

Instaurada a República, coube ao corpo diplomático brasileiro, como primeiro grande esforço, trabalhar em prol do reconhecimento do regime político por outros países. A transferência pacífica sinalizava um processo rápido. Sem registros de agitações e resistências, a notícia de um Brasil republicano agradava no cenário internacional, que parecia disposto a reconhecê-lo como legítimo. Mas a configuração do quadro nacional sofreu alterações, e a paz inicial foi engolida pela instabilidade política, conforme já se mencionou no capítulo anterior.

Desta forma, o reconhecimento tornou-se mais difícil e a imprensa internacional não colaborou com as intenções do governo brasileiro. Uma missão que parecia fácil de ser executada exigiu maior esforço dos diplomatas, que tentavam contornar manchetes pejorativas sobre a situação política no Brasil. O efeito destas notícias, que estavam presentes em folhas como o importante *The Times*, era sentido nas variações dos títulos brasileiros, vulneráveis aos boatos e às especulações. Os acontecimentos eram acompanhados pela imprensa internacional e repercutiam na postura dos governos:

Com a renúncia de Deodoro, ponto culminante da crise política, e a conseqüente ascensão de Floriano, renovaram-se as visões sombrias sobre o futuro do Brasil. O atento Conde Paço d’Arcos, ministro de Portugal no Rio de Janeiro, constou ao governo de seu país preocupação que, no geral, coincidia com a dos demais observadores europeus: vislumbra o ingresso do Brasil numa era de pronunciamentos, de exacerbação da crise financeira, com risco de conflagração generalizada e até desmembramento.⁴⁶

As notícias na imprensa britânica prejudicavam a imagem do Brasil no exterior. Na maioria dos casos os eventos eram maximizados, visto que muitos dos colaboradores dos jornais na Grã-Bretanha eram monarquistas e queriam sabotar o governo. Com toda essa repercussão negativa predominou a cautela entre os Estados europeus; todos esperavam por sinais que garantissem a ordem.

A Grã-Bretanha manteve relações oficiosas até o cenário político brasileiro apresentar-se mais estável. Embora navios britânicos tenham saudado a bandeira brasileira em novembro de 1890, seu reconhecimento oficial só foi realizado em 1891, quando também se pronunciaram, neste mesmo sentido, a Itália e a Espanha.

Os Estados Unidos queriam demonstrar imediatamente simpatia e apoio à República recém-instaurada, mas o cunho da ditadura militar fez o governo norte-americano hesitar. Após ampla discussão no Congresso e na imprensa, o reconhecimento da República veio em janeiro de 1890. O tratado comercial celebrado em 1891 entre os dois países demonstra a boa impressão causada pelo governo norte-americano, além de dimensionar a importância das relações econômicas estabelecidas entre o Brasil e os Estados Unidos.

Por sua vez, as repúblicas americanas, menos vulneráveis às notícias sobre o Brasil, reconheceram o novo regime antes dos países europeus. O Uruguai foi o primeiro a se manifestar em favor da República brasileira.

O experimento dos republicanos no poder alcançou inclusive a organização do ministério das Relações Exteriores. Sem prestígio no Legislativo, o incipiente ministério assistiu discussões sobre a proposta orçamentária que prejudicava o corpo diplomático. Alvo da política interna, seu quadro passou a ser constituído por funcionários que não pertenciam à carreira diplomática, acarretando ingerências, além de contaminar o ministério com disputas partidárias. Muitas dessas interferências tinham como objetivo tirar antigos representantes do Império de postos no estrangeiro ocupados antes da proclamação.

Carentes do conhecimento necessário, os deputados defendiam a supressão de legações,⁴⁷ visando diminuir custos. As propostas eram de tal forma absurda que pretendiam suprimir a legação na Suíça enquanto o Conselho Federal deste país aceitara mediar negociações no arbitramento com a França sobre a questão do Amapá. Justificavam essa supressão pela ausência de relações comerciais com a Suíça, mas este argumento tornava-se frágil tendo em vista a postura adotada com as repúblicas vizinhas. “No tocante à América do Sul, onde poucos eram ainda os interesses comerciais em determinados países, mantinham-se e criavam-se legações por sentimentalismo republicano.”⁴⁸

O romantismo do Manifesto Republicano de 1870 explicaria a aproximação que tentavam realizar com os países hispano-americanos. Neste sentido

destaca-se o empenho em estreitar relações com a Argentina, tradicional rival do Brasil. Durante a gestão de Carlos de Carvalho⁴⁹ no ministério das Relações Exteriores, que corresponde ao governo de Prudente de Moraes, o chanceler declarou sua intenção de aproximar as duas nações, selando amizade com acordo comercial, que acreditava ser a melhor expressão de cordialidade.

O projeto apresentado em 1894 permite identificar o que o Legislativo considerava como prioridade no campo das relações externas brasileiras: as legações da França e da Inglaterra, seguidas pelas representações nos Estados Unidos, Argentina, Uruguai, Portugal, Alemanha e Itália. Destaca-se ainda a maior atenção dedicada à América do Sul, propondo a criação da legação no Equador e na Colômbia, justificada por interesses comerciais ou de negociação de fronteiras, além da supressão da legação mexicana. O retraimento na Europa e a expansão no continente americano comprovam a “constatação que reforça conclusão de que a República provocou ruptura na política exterior que vinha sendo praticada pelo Império.”⁵⁰

Por outro lado, a quantidade de ministros nomeados para a pasta das Relações Exteriores reflete a instabilidade do período. Em treze anos de governo republicano, de 1889 a 1902, onze ministros dirigiram a política externa brasileira. Portanto, faltavam diretrizes para a atuação da diplomacia na inserção do Brasil, agora uma República, no cenário internacional.

A emoção que contagiou a administração do país depois do 15 de novembro foi substituída pelo realismo que tomou seu lugar, sobrepujando o romantismo inicial. A aproximação com outros países americanos deveria ser regida por interesses previamente estabelecidos, e não pelo simples fato de compartilharem o mesmo regime político e estarem geograficamente no mesmo continente. Segundo o professor Clodoaldo Bueno, “O evento político (‘fato curto’) refletiu movimentos profundos de estrutura (‘fato longo’). As ocorrências de natureza política corresponderam à culminância de um processo de transformações econômicas e sociais.”⁵¹ Assim como a queda da Monarquia, a política externa brasileira na República estava ligada às mudanças socioeconômicas do Brasil com a ascensão de nova classe hegemônica, os cafeicultores. E as percepções dos novos dirigentes sobre o interesse nacional estavam em confluência com os interesses dessa nova elite, ou seja, uma diplomacia de agroexportação.

O primeiro passo da diplomacia no novo regime político foi concluído em dois anos. Os esforços antes direcionados para o reconhecimento do Brasil republicano concentraram-se na resolução dos litígios lindeiros. A política territorial passou a definir em muitos aspectos a política externa brasileira. Foi debaixo desta orientação que Rio Branco ganhou lugar e conseqüentemente projeção nacional. As resoluções favoráveis ao Brasil sobre as questões de limites com a República Argentina e com a Guiana Francesa revelaram o

nome do barão e garantiram a ele status de herói. Seu prestígio era tal que lhe ofereceram duas opções, sendo uma delas de seu sabido interesse.⁵² Entre Lisboa e Berlim, Rio Branco preferiu ir para a Alemanha como ministro plenipotenciário do Brasil.

A curta espera pela nomeação para tal posto foi antecedida por imensa ansiedade, dadas as dificuldades financeiras enfrentadas pelo barão. Em certa medida, seus problemas econômicos deviam-se às dívidas contraídas em prol da defesa do Amapá. Mesmo representando uma parcela pequena, o aspecto social que envolvia as negociações era levado a sério por Rio Branco, que gastou mais do que cabia nos seus honorários de encarregado especial, patrocinando a realização de jantares e outros agrados àqueles que colaboravam de alguma forma com sua defesa.

Além da confirmação de sua nomeação para o posto em Berlim, a aprovação de uma lei no Congresso tranquilizava seu coração preocupado com a ajuda que prestava a suas filhas. A dita lei concedeu ao barão do Rio Branco o título de Benemérito Brasileiro, somado a uma quantia considerável pela sua contribuição à nação brasileira com as vitórias de 1895 e 1900, e a uma dotação anual que poderia ser destinada à família em caso de morte.

Rio Branco retomou sua vida em Berlim com o projeto, interrompido pelo trabalho, de escrever suas obras históricas. Teve um início complicado pela crise financeira que passara e pela morte de amigos, fato que o deprimia,⁵³ mas esperava encontrar paz na nova residência para poder dar continuidade aos seus estudos.

Durante sua longa estadia na Europa passou pelos lugares mais importantes os quais contribuíram imensamente para sua formação. “De um ponto de vista externo o jovem diplomata teve ampla oportunidade para estudar a posição do Brasil no mundo.”⁵⁴ Pôde observar a política internacional e analisar a difícil rede de relacionamentos que a envolve; a capital alemã foi o quarto ponto de observação que faltava a Rio Branco. Este foi um espectador privilegiado, tendo passado por Londres, Paris, São Petersburgo, e agora Berlim, justamente no momento das articulações de Bismarck e da configuração de todo o contexto europeu que definem as alianças da I Guerra Mundial.⁵⁵

A rotina tão desejada pelo barão foi interrompida por um telegrama de Campos Salles em julho de 1902. Era um convite em nome do Brasil: “Rodrigues Alves deseja confiar-lhe pasta exterior e encarregou-me consultá-lo esperando de seu patriotismo não recusar. São estes também os meus votos”.⁵⁶

Antes de tomar posse como presidente da República, Rodrigues Alves já se preocupava com um problema que sobreviveria ao governo de Campos Salles: a chamada questão do Acre. E pensando numa possível solução para o caso lembrou-se do barão. Esta foi sua primeira escolha, antes de qualquer decisão sobre quais seriam os demais ministros.

Um convite como este que Rio Branco recebera deveria causar grande felicidade em qualquer diplomata de carreira. Não poderia imaginar que a jornada iniciada em 1876 lhe daria as glórias já conquistadas nem mesmo o prazer deste convite. O prazer, no entanto, tomou um gosto amargo.

A obra que se apresentava por proposta do presidente era grande e audaz. Contrariava seus últimos desejos de dedicar-se à História do Brasil, de manter-se no estrangeiro e mergulhado em seus papéis. A honra de receber tal convite não foi suficiente para convencer o barão, este não parecia disposto a renunciar às suas aspirações.

Sua correspondência demonstra o esforço que despendeu para conseguir a dispensa do serviço para o qual era convocado. Tudo transformara-se em motivos potenciais para que não fosse nomeado ministro das Relações Exteriores. Alegou problemas de saúde, a dependência financeira de suas filhas, a dificuldade da questão do Acre, a melhor qualificação de Nabuco, seu afastamento por demais alongado da política interna...

O convite de Rodrigues Alves era mantido em segredo. Sem saber das novas articulações, o então ministro das Relações Exteriores, Olinto Magalhães, desejando ao fim do mandato de Campos Salles ir para Berlim, ofereceu a Rio Branco o posto de ministro em Roma. Esta era uma alternativa a que o barão tentou se agarrar para evitar sua volta para o Brasil. Assim expunha sua situação ao amigo Hilário Gouvêa:

Lembro-me muito da nossa pobre terra, mas devo procurar servi-la utilmente, e penso que no exterior posso servi-la melhor segundo minhas aptidões. Devo também considerar o meu interesse pessoal e os meus recursos de vida. O meu interesse não está em meter-me naquela agitação constante, deixando por aqui parte da minha família, a que só poderei ajudar desmantelando em pouco tempo o magro pecúlio de que disponho.⁵⁷

Apresentava a mesma preocupação em carta confidencial a José Carlos Rodrigues, de 22 de agosto de 1902, na qual afirmava que deveria recusar o convite: "Se, entretanto, o Dr. Rodrigues Alves não entender assim, e insistir em que eu vá para o seu ministério, obedecerei, embora certo de que o meu sacrifício será estéril."⁵⁸

Rio Branco não poupou esforços para convencer a todos que defendessem a sua causa. Tentava a todo custo provar como verdadeiro algo que era falso. E diante da hesitação do barão, o presidente Rodrigues Alves argumentava:

Quando pedi ao Dr. Campos Sales que o convidasse, em meu nome, para o cargo de ministro das Relações Exteriores, disse-lhe que as questões diplomáticas têm assumido entre nós tal importância que eu precisaria do concurso

de um homem de reconhecida autoridade para bem estudá-las e de real competência para indicar as melhores soluções. Era para V. Ex.^a um sacrifício, eu bem sabia, mas é preciso que os homens bons o façam em benefício do país quando o seu esforço é reclamado em nome de seus grandes interesses.⁵⁹

Em carta reservada a José Carlos Rodrigues, de 1º de setembro de 1902, Rio Branco confidenciava que “Já agora estou resignado a ir ao completo sacrifício, e a ruína total [...]”,⁶⁰ indicando que aceitaria a pasta das Relações Exteriores. Depois de longas cartas, o barão acatou a convocação em nome de seu país. A erudição, suas qualidades de homem público e vitórias alcançadas superavam qualquer identificação com a Monarquia, porque acima de tudo entendia seu dever de servir à sua pátria, desprendido de paixões partidárias e ideológicas.

Viu-se novamente envolvido nos transtornos da mudança. Há pouco instalado em Berlim, com pretensões de ficar por muito tempo na capital alemã, precisou organizar tudo para em dezembro de 1902 desembarcar no Rio de Janeiro. O sacrifício de que falava em suas cartas começou desde o primeiro instante em que aceitou o desafio do ministério. Seus amigos tentavam consolá-lo; Joaquim Nabuco lembrava-lhe que sacrifícios pessoais precisam ser feitos por aqueles que representam um grande papel na História. Outros amigos o engrandeciam dizendo que abandonava seu ofício de historiador para fazer parte da História, e esse fim exigia sacrifícios.

Observador atento, o ministro dos Estados Unidos no Rio de Janeiro, Charles Page Bryan, transmitia as impressões ao Departamento de Estado sobre a constituição do governo de Rodrigues Alves como favorável às pretensões comerciais norte-americanas, e sobre a nomeação de Rio Branco dizia:

For the Ministry of Foreign Affairs Baron Rio Branco is specially well qualified, having enjoyed eighteen years of experience in Europe and North America in many responsible positions. He has acquitted himself with such distinguished ability that he is today unquestionably the most popular public man in Brazil and to his brilliant advocacy of his country's boundary claims is credited the favorable decision of several boundary disputes submitted to arbitration.⁶¹

A figura do diplomata atormentado pelo convite de Rodrigues Alves foi substituída pela imagem de um homem engajado no objetivo que se propunha. E a chegada ao Rio de Janeiro revitalizou o espírito de Paranhos Júnior.

Em meio ao verão carioca, num dia ensolarado, as ruas da capital estavam cheias de brasileiros ansiosos para receber o herói das fronteiras. Rio Branco desembarcou em 1º de dezembro de 1902 festejado por todos os desejosos de conhecer o maior representante do Brasil, que se tornou público ainda em

terras estrangeiras. Mas o barão não se sentia à vontade diante de tamanha manifestação, como podemos notar em carta que dirigiu a seu amigo José Carlos Rodrigues: “Você sabe melhor do que ninguém que fujo de ser alvo de manifestações. Não vim ao Brasil depois de Washington e Berna para evitar recepções barulhentas.”⁶²

Desde a vitória na questão de Palmas, em 1895, o barão era aguardado para agradecimentos em festividades a sua altura. Naquele dia, Rio Branco andou entre a multidão na rua do Ouvidor, sendo exaltado por todos. Aqueles que tinham a sorte de se aproximar ficavam admirados com sua figura. Nas manifestações transpareciam o poder e a glória que o barão do Rio Branco conquistou e com os quais se engrandecia para chegar ao ministério das Relações Exteriores.

Rio Branco – Formulador da política externa brasileira

Desde 1876 desprendi-me da nossa política interna com o propósito de não mais voltar a ela e de me consagrar exclusivamente a assuntos nacionais, porque assim o patriotismo daria forças a minha fraqueza pessoal. Aceitando depois de longas hesitações e reiterados pedidos de dispensa o honroso posto em que entendeu dever colocar-me o ilustre Sr. Presidente da República, em nada modifiquei aquele meu propósito. A pasta das Relações Exteriores, deu-me S. Ex.^a, não é e não deve ser uma pasta de política interna. Obedecei ao seu apelo como o soldado a quem o chefe mostra o caminho do dever. Não venho servir a um partido político: venho servir ao Brasil, que todos desejamos ver unido, íntegro, forte e respeitado. Não posso dizer que desconheço as nossas parciaisidades políticas porque acompanhei sempre com vivo interesse os acontecimentos da nossa pátria. Não os desconheço porque a todos estou preso desde alguns anos pelos laços da gratidão. Peço a Deus que me dê forças para poder continuar a merecer a estima dos meus compatriotas no posto para mim demasiadamente alto e difícil em que acabo de ser colocado.⁶³

Estas foram as primeiras palavras que o barão do Rio Branco dirigiu ao povo brasileiro no Clube Naval, por ocasião da sua chegada ao Rio de Janeiro. Na verdade é a terceira parte de um breve discurso que visava agradecer o distinto tratamento que recebia de todos e esclarecer que sob sua administração o ministério das Relações Exteriores seria autônomo, independente da política interna. Garantia, aliás, que o recebera de Rodrigues Alves, e desde o primeiro momento quis expor isso a todos. O tom do discurso pronunciado no Clube Naval anunciava as mudanças no ministério, que com o prestígio do novo titular conquistou autonomia jamais vista na política nacional. De fato, Rio Branco havia galgado mais um passo: o de formulador da política externa brasileira.

Na sua gestão o caráter realista impregnou a formulação e implementação da política externa. Para ele a diplomacia devia ser de Estado e não de governo, ou seja, a política interna não devia intervir no intercâmbio entre Estados soberanos. A política externa brasileira passou a predominantemente ativa; com projeto e iniciativa próprios, iniciou uma nova fase na história diplomática brasileira.

Nesse ponto não há como deixar de associar sua posição à de Bismarck, quando este via “a política como uma ciência das possibilidades a considerar”. O senso de oportunidade de Rio Branco foi, assim, marca de uma concepção de *Realpolitik*, que, entretanto, ao contrário de outros exemplos europeus, pautou-se por alguns critérios éticos e jurídicos muito explícitos.⁶⁴

Considerando que os países dispõem de recursos concretos (poderio militar, economia forte) e recursos simbólicos (prestígio, política externa confiável), Rio Branco percebia o Brasil como um país carente de tais recursos. Organizou sua política viabilizando meios para que conseguíssemos recursos simbólicos de maneira a compensar nossa “deficiência”, habilitando-nos para um melhor desempenho no sistema internacional. Esta lógica permeia os eixos da política externa do Brasil.

A política territorial, que já ocupava a pauta das relações exteriores, ganhou novas diretrizes. No início da República era uma maneira de lidar com o passado, com Rio Branco ganha novas estratégias, que garantem maior sucesso. Sob sua orientação cada questão tinha um tratamento específico; como propósito ideológico, defendia as posições herdadas do Império e assumia a possibilidade de mudanças, caso fossem necessárias, na abordagem das negociações.

Além desses aspectos, a política territorial de Rio Branco passa a obedecer a princípios básicos que permeiam as resoluções de fronteira: os tratados coloniais, o princípio do *uti possidetis* e as negociações bilaterais. O arbitramento, recurso pelo qual o barão obteve suas primeiras vitórias, embora fosse aceito, era considerado com reservas. Depois da decisão desfavorável ao Brasil emitida pelo rei da Itália, no arbitramento com a Guiana Inglesa, o barão evitou apelar para esta mediação.

Os limites estabelecidos depois de 1902 restringiram-se a negociações bilaterais sem intervenção ou mediação de qualquer outro país. Baseado nos princípios enumerados, Rio Branco foi capaz de concluir o desenho da fronteira brasileira e, com sua atuação e defesa, o mapa do Brasil ganhou contorno definitivo. Realizou esta obra sem o recurso da guerra; desta maneira fundamentou um princípio que permanece vigente na política externa brasileira, o pacifismo.

As questões lindeiras, que fomentaram guerras entre as repúblicas hispano-americanas, foram resolvidas pelo Brasil de forma pacífica, sem derramamento de sangue. O mérito em grande parte foi do barão, que, de acordo com suas percepções, conduziu as negociações pela celebração de tratados.

Mas política territorial não foi o único elemento definidor da atuação do ministério de Rio Branco. Suas ações também contemplavam as relações de assimetria com as grandes potências e de relativa simetria com os países sul-americanos. Partindo da observação dessas relações, Ricupero identifica o paradigma Rio Branco,⁶⁵ que é composto por três elementos fundamentais para a condução de sua política externa: a convergência ideológica, o aspecto pragmático e o empenho para harmonização de interesses com os Estados Unidos e destes com a América Latina.

As relações assimétricas foram marcadas pelos tratados britânicos, e a dependência financeira de Londres proveniente deles. A maneira que Rio Branco encontrou para se defender foi não renovar estes tratados. Buscou aumentar seus recursos simbólicos procurando diminuir as diferenças. O princípio de igualdade entre as nações também foi um elemento a favor de suas pretensões.

Nas relações de relativa simetria podemos destacar o esforço de aproximação com os países vizinhos, que só poderia ser ensaiada mais profundamente com as questões de limites resolvidas. Houve em 1909 um projeto conhecido como ABC, que não chegou a ser realizado, de criar um grupo simétrico entre Argentina-Brasil-Chile para articular assimetricamente com os Estados Unidos. Rio Branco almejava fazer do Brasil um líder na América Latina, era a expressão de sua visão realista de uma política externa ativa engajada na busca pelo “lugar devido” no mundo. “A aspiração de elevar o prestígio do Brasil derivava, tanto em Rio Branco quanto em Joaquim Nabuco, da concepção segundo a qual o país ocupava uma posição diferenciada no contexto latino-americano.”⁶⁶

A diplomacia é a condução do intercâmbio com outras unidades políticas, Estados soberanos, que deve estar subordinada à política, ou seja, à concepção da coletividade sobre o interesse nacional.⁶⁷

Identificar os objetivos e interesses do Estado brasileiro, que expressava as superiores finalidades nacionais sobre os aspectos circunstanciais e eventuais de governos, grupos partidários e homens públicos, era seu norte político, claramente expresso em diferentes momentos de sua presença no Itamaraty.⁶⁸

Como um meio, um instrumento para alcançar os fins estabelecidos, o barão do Rio Branco traçou sua política de aproximação com os Estados Unidos. Mesmo sendo monarquista, tendo vivido vinte e seis anos na Europa e

declarado depois de dois anos morando em Nova York: “Eu prefiro que o Brasil estreite as suas relações com a Europa a vê-lo lançar-se nos braços dos Estados Unidos”,⁶⁹ Rio Branco direcionou a maioria de seus esforços para estreitar laços de amizade com o gigante do Norte.

Essa diretriz é fruto de sua percepção de que os Estados Unidos encontravam-se em condição ascendente, para ocupar no sistema internacional lugar de potência mundial. Diante desta circunstância, estabelecer vínculos com o país em ascensão garantia prestígio ao Brasil. “Percepção e imagem contribuíram e muito para o prestígio diplomático brasileiro da época, e o prestígio era e é componente não desprezível do poder”.⁷⁰

No grandioso projeto de Rio Branco destaca-se a “aliança não-escrita”, um meio para alcançar os objetivos estabelecidos de acordo com suas percepções enquanto formulador da política externa brasileira. Uma política de aproximação que se revelou pragmática durante a gestão do barão, na qual a dita amizade não é incondicional, mas serve aos interesses nacionais e, neste caso, aos interesses estipulados por Rio Branco.

POLÍTICA DE APROXIMAÇÃO – UM ELEMENTO DO PARADIGMA RIO BRANCO

“Entre os modos de ver de um homem de Estado, a respeito do interesse nacional, e os resultados que finalmente ele realiza, existe sempre certa margem, às vezes certo abismo. É todo o espaço que separa o sonho da realidade.”⁷¹

Conforme já se viu, a transição pacífica da Monarquia para a República foi sufocada rapidamente pelas agitações de diferentes grupos, instaurando-se a temida instabilidade política. Ideais da propaganda republicana contagiaram o governo do novo regime, configurando nesse primeiro momento um cenário de ruptura com a ordem anterior.

No âmbito das relações internacionais buscou-se a aproximação com as repúblicas americanas em oposição à tradição européia. Mas a nomeação de Rio Branco para a pasta das Relações Exteriores no governo de Rodrigues Alves trouxe, de certa forma, a orientação do Império novamente para a condução da política externa brasileira.

É no contexto da “república dos conselheiros” que o barão passa a formulador⁷² da política externa. Como um monarquista se tornou formulador da política externa brasileira na República? A resposta para tal pergunta reside no fato de que os objetivos da política externa, neste momento, encontravam certa correspondência com a orientação do Império, logo, com a formação de Rio Branco. Mas foram os meios adotados para se alcançar estes objetivos,

estratégias diferentes, que proporcionaram maiores conquistas à política do barão.⁷³

A mudança do regime político não alterou por si a política externa brasileira, foram as diferentes percepções do interesse nacional que resultaram em novas diretrizes. O interesse nacional como representação dos anseios do povo e da União é meramente um elemento ideal,⁷⁴ que surgiu em oposição aos interesses soberanos dos príncipes. Cada formulador de políticas dá aos interesses nacionais uma interpretação que tende a atender aos seus interesses, seja como parte de uma classe social, seja como indivíduo.

Definir o perfil de uma política implica apreender as intenções do homem de Estado, suas reais intenções. É sobre este aspecto que se encontra a maior dificuldade; estudar e conhecer a personalidade do homem de Estado que influencia a política adotada por determinado país. A dinâmica da política externa de Rio Branco corresponde a uma das concepções do conceito de interesse nacional descrita por Pierre Renouvin, a concepção da busca pela segurança, pela sobrevivência. Segundo Renouvin: “O conceito de segurança implica diversos componentes: manutenção da soberania e da independência, manutenção da integridade do território, manutenção, na medida do possível, da vida dos habitantes.”⁷⁵

Este é o conceito mais geral a partir do qual os estados podem escolher objetivos e estratégias diversas para o mesmo fim. Seja uma potência mundial ou um país periférico, seu norte será sempre a manutenção da segurança, os meios seguidos por cada um variam de acordo com sua realidade nacional e a forma como está inserido no sistema internacional.

À diferença das grandes potências, que em muitos casos podem garantir sua própria segurança, países como o Brasil precisam buscar alternativas para salvaguardar sua integridade territorial e sua independência. Buscam em meios externos uma maneira de aumentar suas capacidades, seus recursos, para defenderem seus interesses. A política de alianças é uma prática desses países que tentam se proteger sob o poderio dos Estados mais fortes.

A motivação racional da *formação de alianças* é simples. O formulador da política percebe que os objetivos de seu Estado não poderão ser alcançados ou atingidos tão eficientemente, sem a ajuda externa. Por isso é empreendida uma tentativa de adicionar as capacidades de um ou mais Estados ao seu, tendo em vista a consecução dos referidos objetivos. O pressuposto é de que um comportamento coletivo cooperativo, respaldado por um aumentado poder, irá maximizar o atendimento dos objetivos específicos a um menor custo possível.⁷⁶

A política de aproximação promovida por Rio Branco para estreitar relações com os Estados Unidos visava aumentar os recursos de poder do Brasil.⁷⁷

A atuação do barão foi decisiva para o estabelecimento de uma aliança entre os dois países que pudesse favorecer sua inserção no sistema internacional e facilitar sua relação com as repúblicas vizinhas inclusive nas negociações de limites.

Desta forma a amizade com os Estados Unidos e os esforços empreendidos para diminuir as desconfianças dos hispano-americanos quanto ao governo norte-americano fundamentaram-se como elementos do paradigma Rio Branco. Embora fosse filho do Império, ele soube adaptar suas percepções às novas circunstâncias da conjuntura internacional. A preponderância norte-americana se definia tanto no concerto mundial quanto na dimensão hemisférica, na qual os países latino-americanos eram transformados na área de influência do gigante do Norte que expandia seu sistema capitalista.

No âmbito interno, o barão do Rio Branco modificou profundamente o Itamaraty. Mesmo que tenha consolidado tendências do tempo da monarquia,⁷⁸ suas estratégias inovaram a atuação do corpo diplomático conferindo um caráter mais ativo à política externa brasileira.

A visão realista perpassaria as diretrizes do ministério comprometido com o interesse nacional. Sendo este o principal critério da política exterior, seus objetivos são defendidos no sistema internacional, o qual se encontrava em estado de anarquia. Diferente dos sistemas políticos internos, para os realistas, no cenário internacional, onde o Estado é considerado o ator principal, não há uma autoridade hierárquica.

Na ausência de uma hierarquia cabe aos Estados influir ou controlar os outros através de recursos de poder. Rio Branco compartilhava desta visão de sociedade anárquica⁷⁹ e empreendia seus esforços para angariar recursos de poder para o Brasil. Na falta de recursos concretos, investia sua política na cooptação de recursos simbólicos, estratégia da qual se destaca a busca pelo prestígio.

O estabelecimento da aliança com os Estados Unidos foi inclusive uma estratégia para garantir prestígio ao Brasil. Projetar-se no cenário internacional a partir da amizade com a república norte-americana foi a escolha mais acertada naquele momento. A “aliança não-escrita” favorecia o ministério engajado para resolver as questões de limite, visto que, mais de uma vez, as repúblicas hispano-americanas, envolvidas em questões de litígio com o governo brasileiro sobre a definição de fronteira, recorriam ao governo dos Estados Unidos buscando seu apoio contra o Brasil. Além de fomentar uma política de poder, o prestígio, oriundo dessa aproximação, garantia ao Brasil maior participação em conferências e arbitragens. Sua imagem ligada à ascendente república do norte era projetada com maior relevo no meio internacional.

Ao analisar a aliança política que o barão buscou estabelecer com os Estados Unidos, não se deve perder de foco que esta relação, esta “amizade

tradicional”, serve como um *meio* para os objetivos da política externa brasileira, que são a expressão dos interesses nacionais. O pragmatismo de Rio Branco não permitia considerar que a amizade implicasse apoio incondicional aos Estados Unidos. A aproximação com este país estava condicionada aos interesses superiores da Nação, dos quais se entendia como representante.

A gestão do barão do Rio Branco através da “aliança não-escrita” buscou alcançar os objetivos da política externa brasileira a serviço dos interesses nacionais. A tendência de aproximação com os Estados Unidos remonta aos primeiros anos de independência; apenas na República, com a administração de Rio Branco, ela pôde ser implementada.

Antecedentes da política de aproximação

Entre 1889 e 1903 certos eventos ajudaram a configurar as relações exteriores do Brasil, criando bases para que Rio Branco pudesse realizar sua política de aproximação com os Estados Unidos. Neste sentido, destaca-se a atuação de personagens como Salvador de Mendonça, que foram fundamentais para que ao tempo do barão as relações fossem favoráveis à amizade.

As notícias da proclamação da República espalharam-se pelo continente no momento em que se realizava a I Conferência Internacional Americana 1889-1890, convocada pelo governo norte-americano. O secretário de Estado, James Blaine, desde 1881 tentava reunir as nações americanas em uma conferência idealizada para atender aos “interesses do continente”.

Mas o ideal pan-americanista das reuniões latino-americanas organizadas anteriormente,⁸⁰ nas quais se destacava o caráter jurídico-político, foi tomado pelos interesses americanos como instrumento a serviço das relações comerciais e financeiras entre os países do continente. Desta forma, a economia dos Estados Unidos, que se encontrava em pleno crescimento, buscava estabelecer laços mais fortes com as economias latino-americanas, de tal forma, que definiu assim sua área de influência. O enfoque econômico que a Conferência de 1889 adquiriu, do qual os Estados Unidos muito se beneficiavam, era mascarado pelos ideais de cordialidade e amizade entre as repúblicas do Novo Mundo em oposição ao imperialismo agressivo das potências européias.

A delegação brasileira enviada à I Conferência era chefiada por Lafayette Rodrigues Pereira e orientada pelas instruções do governo imperial, o qual nutria reservas ao encontro, e o identificava como símbolo do expansionismo norte-americano, que pretendia limitar as relações dos países da América com a Europa. Em virtude do novo regime, Salvador de Mendonça, que já fazia parte da representação brasileira na Conferência, assumiu a chefia da delegação e recebeu de Quintino Bocaiúva, ministro das Relações Exteriores, autorização para reorientar as instruções brasileiras de acordo com o “espírito republicano”. Desta forma mudou a postura sobre o arbitramento, que era

negado pelas instruções monarquistas e passou a ser defendido pela representação republicana.

Em escritos posteriores, Salvador de Mendonça relataria a reação dos participantes da Conferência, que traduzia o sentimento americano diante do advento da República no Brasil: “Depois da retirada do Senhor Lafaiete, Amaral Valente e eu voltamos às sessões da Conferência Internacional Americana, que nos acolheu com aplausos por ver presentes os delegados da nova república, que vinha integrar a democracia do continente.”⁸¹

A delegação brasileira, sob liderança de Salvador de Mendonça e inspirada pelas novas propostas republicanas, conseguiu, através de diálogos com argentinos, a aprovação do arbitramento obrigatório e a abolição do direito de conquista defendido pelos Estados Unidos. O secretário Blaine, ao indagar Salvador de Mendonça, sobre seus objetivos recebeu a seguinte resposta:

Respondi-lhe que os EUA com o acordo do Brasil e da República Argentina tinham conseguido o arbitramento obrigatório, e agora o Brasil e a República Argentina, com o acordo dos Estados Unidos, se o pudessem obter, e no caso contrário mesmo sem ele, riscariam do Direito Público Americano o pretenso direito de conquista. Chamei atenção para as naturais suspeitas que deviam surgir por parte dos latino-americanos contra essa abstenção dos Estados Unidos, se nela perseverassem.⁸²

Mesmo nas discussões em que divergiam, o representante brasileiro se empenhou em manter relações amistosas com os enviados norte-americanos, engajados no desejo de aprofundar a amizade com este país.

As intenções do governo dos Estados Unidos revelaram divergências com os países da América Latina e desconfianças que as repúblicas hispano-americanas tinham em relação ao governo norte-americano. Os avanços que pretendiam promover no intercâmbio comercial favoreciam principalmente a economia norte-americana, mas sua plena realização não foi possível, entre outros motivos, devido à ativa participação dos delegados latino-americanos que discutiram amplamente as pautas do programa.⁸³

Como resistência dos representantes sul-americanos, a união aduaneira proposta pela conferência foi criticada e não conseguiu obter pareceres favoráveis a sua implementação. Em contrapartida, apresentou-se a criação da União Internacional das Repúblicas Americanas.⁸⁴ Esta organização, através do Bureau Comercial das Repúblicas Americanas,⁸⁵ visava o intercâmbio de informações de interesse comercial, com a publicação de boletins divulgando estatísticas e dados específicos de cada país membro.

A I Conferência Pan-Americana marcou um momento de esforço dos Estados Unidos para fortalecer sua economia e fixar sua zona de influência, assim

como faziam as potências européias na corrida imperialista.⁸⁶ A diferença reside no meio utilizado para alcançar o mesmo fim: “A extensão da influência dos Estados Unidos em direção ao sul far-se-ia de modo pacífico; a ampliação do comércio teria a marca da reciprocidade.”⁸⁷

A atuação de Salvador de Mendonça contribuiu para que os resultados da I Conferência Internacional Americana fossem positivos, embora de alcance pouco prático. Salvador participou ativamente da propaganda republicana, tendo redigido um capítulo do Manifesto Republicano de 1870.⁸⁸ Junto com Quintino Bocaiúva e Saldanha Marinho fundou o Clube Republicano, que divulgava os ideais de seu grupo inclusive através de jornais em que colaboravam.

Em 1875 foi nomeado cônsul em Nova York. A partir deste momento passou a conhecer mais profundamente a república americana e admirá-la. Permaneceu em serviço nos Estados Unidos até 1898, quando foi transferido para Lisboa. Durante esse período seu posto de maior importância, ocupado de 1890 até ser removido, foi como ministro do Brasil em Washington.

Enquanto representava o Brasil na capital norte-americana, pôde contribuir para que as relações entre as duas nações se tornassem cada vez mais amistosas e cordiais. Seus esforços junto com o secretário de Estado James Blaine resultaram em 1891 no tratado celebrado entre os Estados Unidos e o Brasil, que ficou conhecido como “Tratado de reciprocidade”. Visando incentivar as relações comerciais entre os dois países, o acordo estabelecia produtos americanos que poderiam penetrar no mercado brasileiro desfrutando de benefícios alfandegários, na mesma medida em que o café e o açúcar brasileiros eram favorecidos para entrar no mercado americano.

Além de representar a tendência brasileira de se aproximar dos Estados Unidos, o tratado de 1891⁸⁹ refletia as mudanças na direção da política externa, que durante o Império, depois dos acordos desiguais firmados à ocasião do reconhecimento da independência, evitou selar relações por via de tratados comerciais.

A política exterior do Império foi sempre no sentido de evitar as alianças embaraçosas, as *entangling alliances*, que os americanos repeliram desde sua independência. [...] a proclamação da República fez esquecer a lição do Império. O acordo aduaneiro de 31 de janeiro de 1891 foi a primeira concessão de favores comerciais que o Império não permitira.⁹⁰

Anterior ao tratado de 1891 é o reconhecimento do novo regime político do Brasil pelo governo dos Estados Unidos. Ainda reunidos na I Conferência de 1889-1890, Salvador de Mendonça buscou articular com ministros americanos e com o secretário de Estado para que Washington fosse o primeiro a

se pronunciar reconhecendo o novo regime político como legítimo. Recebeu informação por carta do barão de Itajubá, ministro do Brasil em Londres, de que as potências européias só se manifestariam depois que o governo norte-americano o fizesse.

James Blaine reagiu favoravelmente ao reconhecimento imediato, como defendia Salvador de Mendonça, mas a resolução não foi tão simples e o reconhecimento oficial só se realizou depois de o assunto ser discutido pelo Congresso. Em janeiro de 1890 nosso ministro em Washington, José Gurgel do Amaral Valente, foi recebido pelo governo dos Estados Unidos, que em abril enviou uma mensagem congratulatória ao governo brasileiro.

Diante dos impasses gerados pela Revolta da Armada, que agitaram o cenário brasileiro de 1893 a 1894, Salvador de Mendonça foi novamente peça fundamental na articulação com o governo norte-americano. Suas ações auxiliaram a construção dos alicerces para a política de aproximação realizada por Rio Branco.

É indiscutível que, da ação do nosso representante em Washington, advieram medidas do governo americano que evitaram que a atitude simpática das potências européias a favor dos rebeldes degenerasse numa intervenção prejudicial ao Brasil, em momento tão delicado como o foi o da Revolta da Armada.⁹¹

O movimento eclodiu em tempos de instabilidade política a partir de rivalidades entre a Marinha e o Exército. A sublevação começou no Rio Grande do Sul em 1893 com a Marinha de Guerra (composta pela aristocracia), que contestava o poder de Floriano, e atingiu outros estados, como o Rio de Janeiro. Inicialmente a revolta, que estava ligada a princípios republicanos, passou a monarquista, o que aterrorizava os governistas que temiam um retorno ao regime monárquico apoiado pelas potências européias.

A Marinha rebelou-se e, diante da ameaça de bombardearem a cidade, o governo pediu apoio dos navios estrangeiros ancorados na baía da Guanabara. Temendo que um posicionamento pudesse comprometer as relações comerciais, as forças ancoradas afirmavam que só auxiliariam se os rebelados bombardeassem a cidade; buscavam manter neutralidade.

O governo pediu a Salvador de Mendonça que negociasse a compra do navio norte-americano *Newark*, ancorado no Rio. Mas o comportamento do comandante deste navio provocou uma situação delicada entre os dois países. O almirante Staton saudou e visitou o navio dos rebelados, o que representava uma afronta ao governo brasileiro.

Mas a atuação isolada deste almirante não refletia a posição de seu governo, os telegramas de nosso ministro em Washington afirmavam que qualquer sinalização de intervenção estrangeira na revolta levaria os Estados Unidos a

defender os interesses brasileiros. Acima de tudo estava em voga o respeito à Doutrina Monroe. “As palavras do presidente Cleveland, pelas declarações de seu secretário Gresham, foram decisivas a favor do governo do Brasil e contra os desejos que as outras potências européias manifestavam de intervir na revolta.”⁹²

O apoio decisivo foi dado pelo novo comandante norte-americano que, frente à tentativa dos rebeldes de impedirem o desembarque de um navio mercante dos Estados Unidos, declarou que reagiria com força, responderia com balas ao bloqueio. Coagidos, vendo o movimento enfraquecido, os revoltosos pediram asilo ao navio português, que o concedeu. A atitude dos representantes de Portugal foi recriminada pelos Estados Unidos e recebida como afronta à soberania pelo governo brasileiro.

A intervenção do governo de Washington na Revolta da Armada auxiliou a consolidação do novo regime promovida por Floriano. Da mesma maneira fortalecia a Doutrina Monroe e aumentava a influência norte-americana no Brasil. Em gesto de agradecimento pela ajuda prestada, no ano de 1894, o dia da independência dos Estados Unidos foi considerado feriado e as comemorações tomaram conta do país, que se enfeitou de azul, vermelho e branco.

As circunstâncias econômicas eram favoráveis e os eventos políticos contribuíam para que os dois países fortalecessem sua amizade. As diferenças entre o Brasil e os Estados Unidos diminuíam ao fim do século XIX. À medida que nos afastávamos da Europa, nos aproximávamos cada vez mais dos Estados Unidos.

Origens do americanismo

As bases dessa relação foram afirmadas por Rio Branco à ocasião de sua execução buscando um “respaldo” histórico que remontava à independência do Brasil. Neste sentido, destaca-se o seu artigo, publicado sob o pseudônimo J. Penn, “O Brasil, os Estados Unidos e o Monroísmo”,⁹³ no qual, através de documentação histórica, estabelece laços da tradicional amizade.

Assim, o Brasil, desde os primeiros dias da revolução que o separou da mãe pátria, pôs particular empenho em se aproximar politicamente dos Estados Unidos, aderiu logo à doutrina de Monroe e procurou até concluir, sobre a base dessa doutrina, uma aliança ofensiva e defensiva com a Grande Nação do Norte, como lhe chamavam já então os próceres da independência brasileira.⁹⁴

Muitos historiadores encontram no século XVIII uma figura que pode ter sido precursora do americanismo. Rodrigo Otavio, em artigo na *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (RIHGB)*, de 1940, estabelece as raízes do americanismo com Alexandre de Gusmão e o Tratado de Madri em 1750.

Em alguns pontos deste tratado, destaca que os povos da América deviam se manter unidos e que uma eventual guerra entre as metrópoles na Europa não deveria repercutir nas suas colônias, o princípio da paz na América.

Joaquim de Sousa Leão Filho, e outros que escreveram sobre o “Dia Pan-Americano” na *RIHGB*, destacam os mesmos pontos sobre Alexandre de Gusmão e o Tratado de Madri e ainda ressaltam outros marcos dessa amizade antes de Rio Branco assumir a pasta em 1902.

Apenas instalado neste lado do Atlântico, d. João VI passa a encarar os problemas americanos de maneira que devia parecer insólita a europeus, ao formular votos de união e amizade em carta ao presidente dos Estados Unidos. E logo que d. Pedro I proclama nossa independência, despacha um Encarregado de Negócios [Silvestre Rebello] para alcançar o reconhecimento de Washington [...] ⁹⁵

Em 1824, imediatamente após a mensagem de Monroe (dezembro de 1823), o Brasil teria proposto uma aliança para que prevalecesse a política americana à européia. Declaração do ministro dos Negócios Estrangeiros, Carvalho e Melo:

Vossa Mercê observará que não só a política do gabinete brasileiro é propriamente americana e tem por essencial objeto a sua independência de qualquer tutela européia, mas que este governo não desaprova nem maquina contra Instituições Políticas que esses governos (os governos de outros estados sul-americanos) adotarem [...] ⁹⁶

A apreciação do histórico da amizade entre o Brasil e os Estados Unidos demonstra que, depois de o governo norte-americano ter reconhecido o Brasil independente e terem selado um tratado de livre comércio e navegação em 1828, essa aproximação foi ligeiramente interrompida em função das crises no Prata, que o Brasil enfrentava, e do próprio contexto americano de isolacionismo. Ainda como fatores dissonantes aparecem pequenos desentendimentos entre representantes das duas nações. ⁹⁷

Passados anos de transformações e consolidação de regimes políticos, os dois países estreitaram novamente suas relações. Embora fosse uma tendência ainda do Império, a aproximação não condizia com o contexto da época, a presença inglesa era muito intensa e a influência americana só conseguiu aumentar à medida que a *pax britannica* foi sendo substituída pela hegemonia norte-americana. ⁹⁸

Sob a liderança de Theodore Roosevelt o governo dos Estados Unidos relembrou as palavras de Monroe de 1823, seus princípios pareciam ainda atuais e foram adotados por uma nova leitura do presidente que passou a ser

chamada de “corolário Roosevelt”. A declaração original tinha um caráter defensivo, anticolonialista, direcionado às pretensões européias no continente. Retomada no início do século XX, tratava a América Latina como um todo que estava sob o poderio norte-americano camuflado pela propaganda pan-americana de cooperação entre as nações.

Desta maneira legitimava intervenções dos Estados Unidos pelo continente de acordo com seus interesses. À diferença das potências européias que avançavam sobre suas zonas de influência com práticas agressivas de dominação, o governo norte-americano intitulou-se polícia da América, defensor da paz, e assim, penetrando nelas, dominou econômica e politicamente as repúblicas latino-americanas.

O pronunciamento de Roosevelt em 6 de dezembro de 1904 estabelecia os deveres dos Estados no concerto hemisférico. Coube aos Estados Unidos garantir a segurança das repúblicas mais fracas contra o inimigo imperialista europeu, enquanto as nações instáveis da América Latina deviam aceitar a preponderância do “gigante do Norte” e buscar apaziguar suas questões internas.

A Europa era simpática ao “corolário Roosevelt” na medida em que tornava mais estável a situação nas “republiquetas” hispano-americanas, onde possuía muitos investimentos que precisavam ser garantidos. Sob a ameaça da intervenção da polícia do continente, o mercado internacional sentia que suas aplicações na América Latina estavam mais seguras.

Enquanto a política norte-americana do “Big Stick” gerava desconfianças entre as repúblicas hispano-americanas, Rio Branco tranquilizava os ânimos mais exaltados de seu país afirmando que o Brasil não devia temer a polícia do continente, uma vez que não apresentávamos um cenário interno instável. Ao contrário, o governo de Rodrigues Alves desfrutava de uma política interna estabilizada, depois dos primeiros anos turbulentos da República, e de uma economia crescente que se enquadrava na Divisão Internacional do Trabalho e mantinha relações importantes com a economia dos Estados Unidos.

A garantia do alcance dessa política norte-americana dependia da identificação dos países sul-americanos com ela. O apoio do Brasil apresenta-se como peça fundamental para sua aplicabilidade. De acordo com Álvaro Lins, “Rio Branco não vinha colocar o Brasil como caudatário de uma doutrina de política externa de uma grande nação, mas oferecer a essa doutrina, como aliado em situação de igualdade, um apoio que a ela daria mais vitalidade e condições de exequibilidade”.⁹⁹ Ao abraçar a Doutrina Monroe e frente às interpretações dadas pelos governantes norte-americanos, o barão buscava um diálogo conciliatório com países da América do Sul, e garantia que países como o Brasil, Chile e Argentina não tinham por que temer o corolário Roosevelt, que se direcionava a nações “turbulentas” e “desgovernadas”.

Cabe, porém, assinalar que a tendência de aproximação com os Estados Unidos já estava presente na pauta das relações exteriores do Brasil antes mesmo de o barão assumir o ministério. Buscando conceder caráter tradicional à amizade, alguns autores remetem a eventos anteriores ao Império e identificam na orientação monarquista uma disposição para estreitar vínculos com o governo norte-americano. Os ideais do pan-americanismo e a Doutrina Monroe constituem o cenário onde políticas de engajamento entre as nações do continente se tornam possíveis.

Aspecto econômico como fator de aproximação

A economia brasileira no início do século XX baseava-se no comércio exterior, fundamentada na exportação de produtos primários e na importação de produtos industrializados produzidos pelas potências européias, tal como no passado colonial. A presença da Inglaterra era predominante, seguida por mercados ascendentes como a Alemanha e os Estados Unidos. Os vínculos comerciais e financeiros entre o Brasil e a potência inglesa foram sedimentados à época da independência, em 1822, e fortalecidos durante o Império.

A proclamação da República em 1889 levou a uma maior aproximação com suas “semelhantes” repúblicas vizinhas. Mas a dependência econômica estabelecida ao longo dos anos não permitiu ao Brasil um afastamento imediato da influência inglesa. À medida que as potências européias envolviam-se cada vez mais na lógica imperialista, nas disputas e na concorrência entre elas, a economia norte-americana, em vertiginosa ascensão desde o final da guerra de Secessão, ganhava espaço como nova potência mundial e lançava suas garras sobre as fragilizadas economias latino-americanas.

Porém, a mudança de regime político não implicou transformações na condução da economia brasileira.¹⁰⁰ Essa variação nem seria justificável, pois o movimento que suplantou a Monarquia estava ligado à força econômica que os cafeicultores paulistas representavam. O que podemos notar na consolidação do regime republicano é a condução de uma política comprometida com os interesses do café que levou, ainda na primeira década do século XX, à implementação de políticas de valorização acordadas no convênio de Taubaté em 1906.

Assim como a política interna estava ligada à economia nacional, a política externa encontrava-se comprometida com interesses dos cafeicultores. Este período caracteriza-se por uma política de agroexportação, na qual as articulações políticas visam atender às necessidades dos produtores de café.

As relações comerciais entre os Estados Unidos e o Brasil no século XIX ganham nova dinâmica em virtude do aumento na venda do café brasileiro. Desde o período 1865-70, a república norte-americana se destacaria como o

maior comprador das sacas de café produzidas no Brasil,¹⁰¹ índices alcançados inclusive com os benefícios alfandegários concedidos pelos dois países.

A visita de Pedro II em 1876 à Exposição de Filadélfia repercutiu favoravelmente para a imagem do Brasil neste contexto de ampliação de mercado para as exportações brasileiras. Os americanos encantaram-se com a figura intelectual do imperador tropical inaugurando um período de fortalecimento das relações econômicas. Mas os Estados Unidos, voltados para seu próprio desenvolvimento industrial, ainda não desempenhavam papel relevante nas importações brasileiras nem consideravam o potencial desse mercado. A exportação norte-americana era fruto apenas dos excedentes de sua produção, logo, as potências européias dominavam o concerto das importações brasileiras.

Este momento, considerado por Bradford Burns como “negligência amigável”, encerra-se em 1889 com o advento da República. A orientação americanista da política brasileira estava em consonância com os interesses dos cafeicultores, favorecendo o comércio entre o Brasil e os Estados Unidos, que se fortaleceu no final do século XIX e alcançou índices extraordinários no início do XX.

O governo republicano adotou medidas que beneficiaram a economia de agroexportação. O mencionado tratado de 1891 foi o primeiro esforço neste sentido, buscando facilitar as relações comerciais com Washington. Mas a posterior concessão norte-americana à livre entrada do açúcar antilhano no seu mercado agravou as discussões no Brasil, que já denunciavam o convênio como prejudicial à economia brasileira.

Os opositores ao acordo, assim como a opinião pública, sentiam-se traídos pelo novo tratado celebrado pelo governo norte-americano, que deixava o açúcar brasileiro em desvantagem frente ao açúcar das Antilhas. O impasse gerou desconfianças e reações que repercutiram em estados como Bahia e Pernambuco, os quais criaram uma taxa especial para os produtos americanos, o que acarretou o fracasso do convênio aduaneiro de 1891, anulado pelo Congresso em 1894.

O empenho em promover as relações comerciais entre os dois países apresenta-se inclusive pela ação do governo dos Estados Unidos com a criação da tarifa Dingley em 1897, a qual estabelecia uma lista de produtos tropicais, excetuando o açúcar, que desfrutariam de benefícios alfandegários para entrar no mercado norte-americano. “A partir de 1904, como compensação da livre entrada do café e outros produtos brasileiros, sobretudo borracha e fumo, no mercado norte-americano, o país concedeu redução, renovada a cada ano, de 20% (elevada a 30% a partir de 1910 para a farinha de trigo) aos produtos de procedência norte-americana.”¹⁰²

Os esforços para aprimorar as relações comerciais do Brasil com os Estados Unidos procediam das duas nações envolvidas. Neste sentido destacam-se

acontecimentos¹⁰³ que configuram o momento de consolidação do conceito de “amizade tradicional” evocado na política americanista.

A balança comercial resultante das trocas entre os dois países gerava divisas para o Brasil, e o valor das exportações superava o das importações. “Durante o período de Rio Branco, esse desequilíbrio permaneceu constante: o Brasil vendia aos Estados Unidos quatro vezes mais do que comprava, e essa estatística revela a política comercial seguida pelos dois países.”¹⁰⁴

Mesmo com a balança comercial desfavorável, a economia norte-americana foi o maior beneficiado dessas relações a longo prazo, pois conseguiu estabelecer a dependência brasileira e continuou no seu percurso ascendente, enquanto o Brasil via seu desenvolvimento comprometido pela estrutura agroexportadora. A expansão do sistema capitalista dos Estados Unidos elevava o país à condição de potência e subjugava o Brasil ao seu sistema de poder.

À época do ministério de Rio Branco, as relações avançavam a ponto de os Estados Unidos, na busca por mercados para seus produtos industrializados, pretenderem fazer do Brasil uma base para suas articulações na América do Sul. Em contrapartida, o governo brasileiro preocupava-se com a manutenção dos benefícios conquistados no mercado norte-americano para continuar escoando a produção de café. Desta forma, as relações comerciais configuram o fator econômico como elemento a favor da política de aproximação e intrinsecamente ligado a ela.

PRÁTICAS DO MINISTÉRIO RIO BRANCO 1902-1906 – AUGE DA APROXIMAÇÃO COM OS ESTADOS UNIDOS

“A sua fidelidade à tradição, com efeito, não se realizava pela cômoda e medíocre atitude de repetição, mas pelo poder de imaginar o que os grandes homens do passado teriam feito no seu lugar e na sua época.”¹⁰⁵

O Brasil festejou a chegada de Rio Branco ao Rio de Janeiro em dezembro de 1902 tanto por seus méritos relativos às vitórias já conquistadas, quanto pela necessidade de levar um representante ao Itamaraty que fosse capaz de resolver a polêmica questão do Acre. O barão parecia reunir qualidades suficientes para negociar uma solução a favor dos brasileiros, principalmente a favor daqueles que desbravaram a floresta para exploração da borracha.

A expansão dos seringais levava um número cada vez maior de trabalhadores, a maioria oriunda do Nordeste, para a região do Amazonas. Fixavam-se no meio da floresta com suas famílias, formando um contingente significativo de brasileiros em território disputado pela Bolívia e o Brasil. Assim, como os bandeirantes haviam feito no período colonial, os seringueiros alargavam a

fronteira brasileira. “Ninguém é mais bandeirante que o seringueiro”, como afirma o historiador Viana Moog.¹⁰⁶

A interpretação oficial, tanto no Império quanto no governo republicano, reconhecia a área como território boliviano, aceitando o limite demarcado pelo tratado de 1867. Este acordo, celebrado entre o Brasil e a Bolívia em Ayacucho, foi, na verdade, uma manobra diplomática do governo imperial que pretendia impedir a participação da Bolívia na guerra do Paraguai (1865-70). Para evitar que o envolvimento boliviano prejudicasse a posição brasileira na guerra, os estadistas que propuseram o tratado concediam o território à soberania boliviana. Mas não eram ingênuos e a própria redação do tratado conferia um caráter provisório, visto que condicionava a demarcação definitiva e relativizava sua validade.¹⁰⁷

Diante da progressiva ocupação brasileira, o que daria respaldo à argumentação do princípio de *uti possidetis*, e da promissora exploração da borracha, a situação tomava novos contornos e o tratado de 1867 não era capaz de contemplar essa nova realidade. O que antes se resumia a entendimentos históricos e geográficos agravou-se com a introdução de aspectos políticos e econômicos.

A população acreana, que era majoritariamente brasileira, não aceitava a soberania da Bolívia e inflamava-se contra o governo deste país em revoltas que implicaram a ação das forças bolivianas. Essas agitações pesariam nas negociações entre os dois países. Mesmo o Brasil reconhecendo o direito boliviano, precisava resguardar a segurança dos 60.000 brasileiros¹⁰⁸ residentes nesta região.

As revoltas dos seringueiros, somadas à dificuldade de acesso ao Acre, levaram o governo boliviano à decisão de arrendar as terras para representantes estrangeiros através do Bolivian Syndicate:

[...] por contrato firmado em 11 de julho de 1901 entre Félix Aramayo, ministro da Bolívia em Londres, e Frederick Whitridge, de Nova York, para a administração fiscal, polícia e exploração do Território do Acre ou Aquiri, contrato aprovado pelo Congresso Nacional da Bolívia e promulgado pelo Presidente Pando.¹⁰⁹

Desta forma o governo boliviano concedeu plenos poderes sobre a região àquela empresa anglo-americana, que passou a desfrutar de direitos conferidos apenas a Estados. De acordo com Bradford Burns, “A Bolívia esperava que uma próspera companhia estrangeira seria capaz de ocupar e garantir em seu nome o território amazônico que ela reivindicava”.¹¹⁰

A inclusão do elemento externo e privado na questão gerou irritação no governo brasileiro e em todas as nações vizinhas, que viviam assombradas pelo fantasma do imperialismo europeu à maneira que era praticado na Ásia e na

África. Ainda no governo Campos Salles essa notícia agitou o meio político e repercutiu intensamente na imprensa,¹¹¹ que se ocupava do caso em defesa dos brasileiros no Acre. A partir deste momento a postura do Itamaraty começou a mudar. O ministro das Relações Exteriores, Olinto Magalhães, que a princípio defendia o direito da Bolívia, comunicou ao governo boliviano que esta decisão acarretaria mudanças na resolução da questão.

Rio Branco assumiu o ministério no final do ano de 1902, durante o segundo levante dos brasileiros naquela região, rebelados desde agosto sob a liderança de Plácido de Castro. A primeira revolta havia sido reprimida pelo governo boliviano em 1899. O barão, enquanto ministro das Relações Exteriores, pronunciava que defenderia os filhos da nação brasileira contra investidas militares da Bolívia. A opinião pública reclamava medidas de proteção à população acreana e a reivindicação do território. Este era o cenário conflituoso que reinava e ocupava a imprensa e as discussões em diferentes esferas da sociedade, quando Rio Branco assumiu a pasta. Ao analisar o caso, ele concluiu que “só uma solução se impunha, urgente e inadiável: tornar brasileiro o território habitado pelos nossos nacionais mediante sua aquisição”.¹¹²

À diferença das diretrizes que definiram as defesas do caso de Palmas e do Amapá no final do século XIX, Rio Branco, mesmo com seus profundos conhecimentos de historiador e geógrafo, conduziu as negociações para o âmbito político e diplomático porque entendia que os argumentos históricos e geográficos não favoreciam o Brasil. Modificando em definitivo a posição do Itamaraty, declarou a área em litígio, levando a Bolívia para a negociação, e considerou a aquisição por compra do território.

A primeira tarefa que se impunha ao ministro exigia dele audácia e ampla percepção da conjuntura internacional, além de boa articulação com a imprensa. Que caminho deveria tomar para não se descentender com as potências envolvidas através do Bolivian Syndicate e para manter a opinião pública favorável a sua administração? Decidido pela aquisição, precisava orientar suas negociações com o governo boliviano e com a empresa anglo-americana separadamente.

Frente às dificuldades encontradas para seguir com as negociações junto ao governo boliviano, o ministério se empenhou em afastar o consórcio estrangeiro da questão. O Bolivian Syndicate era composto por empresários de diferentes nacionalidades, que buscavam apoio nos seus países para defenderem seus direitos, estabelecidos pelo contrato assinado com a Bolívia. Rio Branco precisava garantir que nenhuma potência interferisse nas suas negociações, e para tal a garantia de que os Estados Unidos não se envolveriam era fundamental para que pudesse agir seguramente em prol dos interesses brasileiros.

Homens influentes na economia e no governo norte-americano, como um primo do presidente Roosevelt e banqueiros de Nova York, faziam parte da

coligação de estrangeiros que constituíam o grupo internacional. Neste sentido, o governo dos Estados Unidos, atendendo aos interesses destes empresários, inclinava-se a intervir na conflituosa situação para garantir os direitos dos seus nacionais.

Ao barão restava “apenas” a ação diplomática para conseguir que o gigante ianque não interferisse nas questões fronteiriças entre as repúblicas sul-americanas. Por meio de constante correspondência e da ação conjunta com os nossos representantes diplomáticos, conseguiu convencer o governo norte-americano de que, mesmo diante da corrida imperialista, não valeria a pena implementar o modelo de dominação utilizado pelas potências europeias na região sul-africana, enquanto seguiam a tendência de dominação orientada pela Doutrina Monroe. Equiparar-se ao imperialismo europeu colaborando com a implementação do Bolivian Syndicate comprometeria a dominação sutil que pretendiam exercer na América Latina. “A tentativa do Bolivian Syndicate deixou claro, mesmo aos mais céticos, que o Brasil não estava imune às investidas do imperialismo.”¹¹³

Os Estados Unidos compreenderam a mensagem de Rio Branco. Defenderam apenas que os investidores não fossem lesados e mantiveram-se neutros nas negociações. Assim, nos últimos dias de fevereiro de 1902, o governo brasileiro conseguiu a revogação do contrato firmado entre a Bolívia e o consórcio, cabendo-lhe indenizar o Bolivian Syndicate, decisão considerada satisfatória pelos empresários que já haviam percebido a inviabilidade do projeto. Ao pagar a indenização, o barão foi criticado por comprar uma concessão caduca, visto que não seria viável sua aplicabilidade, mas ele queria encurtar o caminho para a resolução final.

Resolvido o impasse com a empresa anglo-americana, o ministério dedicou-se integralmente às negociações com o governo boliviano. Depois de incansáveis esforços diplomáticos¹¹⁴ sem apelar para o confronto armado, o que parecia em certos momentos inevitável, foi celebrado o tratado de Petrópolis em 17 de novembro de 1903, único caso de aquisição territorial depois da Independência.

Por ele, o Governo boliviano cedia ao Brasil um território de 191.000 km², em troca de compensações territoriais em vários trechos da fronteira mato-grossense; uma área de 3.200 km² habitada por bolivianos entre o Beni e o Madeira; a construção de uma estrada de ferro entre Porto Velho e Guajará-Mirim; a indenização de dois milhões de libras esterlinas.¹¹⁵

A questão do Acre se ramificou configurando pequenos problemas que Rio Branco precisou solucionar. Ao fim, além de definir a fronteira com a Bolívia, comprovou sua capacidade diplomática, mesmo tendo recebido duras críticas

pelo tratado de Petrópolis, e vislumbrou a importância do apoio, ou mesmo da neutralidade, dos Estados Unidos frente à resolução das questões de limites com as repúblicas sul-americanas.

A forma como conduziu as negociações demonstrou suas habilidades e pôs ainda mais em voga a tendência de aproximação: “[...] a atitude de afastamento assumida pelos Estados Unidos na disputa do Acre aumentou a confiança do barão nos Estados Unidos, fazendo com que se conduzisse de modo ainda mais amigável do que em outras circunstâncias.”¹¹⁶

Manter relações amistosas com os Estados Unidos era um meio de neutralizar os pedidos de apoio e intervenção direcionados a este governo pelas nações sul-americanas envolvidas em questões de limites com o Brasil. Para a condução dessas negociações, o barão percebe a importância da Doutrina Monroe, que, mesmo sendo um instrumento imperialista para os Estados Unidos, poderia servir aos interesses do Brasil, embora se limitasse a agregar recursos simbólicos. “Nunca o barão apelaria, nunca apelou, para o expediente de um pedido de intervenção parcial dos Estados Unidos nas questões e incidentes entre o Brasil e os países sul-americanos.”¹¹⁷

No mesmo ano da assinatura do tratado que estabeleceu os limites entre o Brasil e a Bolívia, Rio Branco teve nova oportunidade de demonstrar sua amizade à nação norte-americana. Resultante de movimento separatista,¹¹⁸ o Panamá proclamou sua independência em 3 de novembro de 1903 com amplo apoio do governo dos Estados Unidos, que reconheceu o país independente em 13 do mesmo mês. As nações americanas que seguissem seu exemplo teriam, sem dúvida, a simpatia de Washington.

A reação no Brasil foi favorável à emancipação. Os movimentos vinham sendo relatados nos jornais que apoiavam o reconhecimento; tal manifestação era notada, inclusive, em jornais de oposição que defendiam o pronunciamento do governo brasileiro desde o primeiro momento. As críticas à ação dos Estados Unidos, embora existissem, eram poucas e não ganharam projeção.

Ciente do envolvimento norte-americano no processo de independência e dos interesses que tinham no istmo, Rio Branco sabia que deveria fazer da situação uma oportunidade para demonstrar sua intenção de estreitar os laços de amizade com os Estados Unidos. Neste sentido, aguardava apenas um pedido formal do Panamá, como revelou a David E. Thompson, ministro dos Estados Unidos no Rio de Janeiro, para reconhecer como país independente o mais novo membro do continente americano.

Além da ocasião ser conveniente para aproximar as duas nações (Brasil-Estados Unidos), acreditava-se no Brasil que a construção do canal, o qual Washington tanto se empenhara para realizar, facilitaria as relações comerciais com a costa americana banhada pelo Pacífico. A obra diminuiria a distância entre esses mercados, o que poderia impulsionar as vendas para esse destino,

possibilitando o aumento inclusive da exportação do café brasileiro para a região. Logo, o aspecto econômico era mais um fator a favor do reconhecimento e coincidia com os interesses do Itamaraty.

Todo o processo de reconhecimento ficou a cargo das legações dos dois países credenciadas em Washington. A 6 de dezembro, Rio Branco informa ao representante brasileiro nesta capital de que não havia dúvidas sobre a independência panamenha, sinalizando desde esse momento a disponibilidade do Brasil em reconhecer tal condição. Mas a sagacidade do barão, sua percepção de boas oportunidades, o levou a uma execução serena do ato, buscando desta forma produzir mais frutos para sua política.

Rio Branco condicionou seu reconhecimento à articulação com a República Argentina e com seu tradicional aliado, o Chile. Na espera pelo cumprimento das formalidades exigidas por esses governos, que permitissem o reconhecimento conjunto das repúblicas em questão, outras repúblicas americanas se adiantaram manifestando-se primeiro.¹¹⁹

Mesmo o governo brasileiro tendo recebido o pedido formal dos representantes do Panamá em 27 de novembro, apenas sete dias após a conversa que Rio Branco teve com o ministro norte-americano, só manifestou seu reconhecimento em março de 1904 em virtude das articulações com a Argentina e com o Chile.¹²⁰ A demora não comprometeu o efeito da coordenação. O secretário de Estado John Hay tinha conhecimento de que, de acordo com o governo brasileiro, o reconhecimento poderia ter sido manifestado desde dezembro de 1903, mas, preferindo-se a ação conjunta, foi retardado alguns meses.

A decisão brasileira foi transmitida ao governo norte-americano pelo encarregado de Negócios dos Estados Unidos no Brasil, Thomas Dawson: "Upon March 2nd, Baron Rio Branco said that he was now ready to recognize, Chile having indicated her intention to make immediate action, and there being no doubt that Argentina would soon do the same."¹²¹ Essa comunicação demonstra a articulação entre os países do ABC para reconhecerem juntos a independência do Panamá.

O ministro das Relações Exteriores calculava muito bem suas ações para que pudesse ganhar com elas o máximo possível. Conquistava a simpatia dos Estados Unidos, que se inclinavam por aceitar a política de aproximação pretendida por Rio Branco, mas ambos deixavam tudo na forma de uma "aliança não-escrita". O pronunciamento brasileiro aprovando a atuação norte-americana no caso do Panamá e o subsequente reconhecimento garantiam uma imagem positiva do Brasil que favorecia a política externa brasileira na busca por prestígio (recurso de poder simbólico).

A maneira como cada ator é visto no sistema internacional depende inclusive do prestígio de que desfruta neste meio e nos subsistemas em que

está inserido. A conquista brasileira para o primeiro cardinalato sul-americano representa um caso de prestígio internacional, e Rio Branco, consciente deste valor, soube explorar eximamente a questão, da negociação à conquista.

Um objetivo de cunho tradicional, como era a criação do cardinalato brasileiro, encontrou espaço propício para sua realização na “república dos conselheiros”. A questão discutida desde o Império foi abandonada no início da República em função da problemática em torno da separação entre Estado e Igreja. O antecessor de Rio Branco, Olinto Magalhães, durante o governo Campos Salles, havia retomado os esforços para que fosse concedido ao Brasil o primeiro cardinalato na América do Sul. Neste momento, Roma, que com Ouro Preto quase procedeu a dita criação, estava disposta a elevar o arcebispo da Bahia à “púrpura cardinalícia”, mas o presidente do Brasil discordava desta escolha, defendendo a indicação do cardeal do Rio de Janeiro, capital da República.

As negociações ganharam força com Rio Branco, que, na defesa de uma maioria católica da população brasileira, empenhou-se na missão de conseguir esta designação de Roma.

Sabendo que a demora do Vaticano se justificava pelo temor que tinham da reação do Chile, caso o Brasil fosse favorecido com o cardinalato, o barão garantia dirimir este entrave. Passou então a defender a criação de um cardinalato na América portuguesa – o Brasil – e outro cardinalato na América espanhola, que seria no Chile. Desta maneira, buscava agilizar a resolução de Roma e ainda fazia boa propaganda com seus vizinhos.

Clodoaldo Bueno sustenta que, na verdade, travou-se uma disputa entre o Chile, a Argentina e o Brasil pelo primeiro cardinalato na América do Sul, na qual os dois rivais do Brasil intercederam contra ele. Mas a “vitória” brasileira representa o resultado do empenho de Rio Branco e o prestígio do Brasil que, com a criação do cardinalato, tendia a aumentar.

Os eventos que marcaram os primeiros anos da gestão de Rio Branco, como também seriam os anos subseqüentes, deixavam clara a orientação e a tendência de aproximação com os Estados Unidos. As relações amistosas e recíprocas caracterizavam a condução da diplomacia entre os dois países. Seguindo essa direção, visando aumentar o prestígio desfrutado no governo americano e sinalizar, não apenas entre eles mas para todo o mundo, o sentimento de cordialidade e cooperação que reinava na conexão Rio-Washington, Rio Branco centralizou esforços para a elevação recíproca das legações destes países à categoria de embaixada.

Em dezembro de 1904, o barão iniciou consultas ao ministro dos Estados Unidos no Rio de Janeiro sobre a disposição do governo norte-americano em retribuir àquela iniciativa brasileira. Para o barão interessava conseguir garantias de que a elevação seria recíproca, encontrando a correspondência

no Departamento de Estado. Desta forma, comunicava ao seu representante em Washington: “Desejamos nomear para aí o Sr. Joaquim Nabuco. O presidente elevaria a embaixada a nossa legação aí se esse governo quisesse elevar na mesma ocasião a sua aqui. Poderíamos fazer isto em janeiro. Estimaria se fizesse quanto antes.”¹²²

A escolha do representante brasileiro para tal missão já estava decidida. Joaquim Nabuco, a quem Rio Branco tentou passar o ministério das Relações Exteriores quando recebeu o convite de Rodrigues Alves, era a escolha do barão, pois não acreditava existir outro capaz de ocupar tal cargo e realizar a missão que investia a embaixada nos Estados Unidos: “a amizade pelos Estados Unidos, o apoio à Doutrina Monroe e a dedicação ao pan-americanismo faziam de Nabuco a escolha lógica de Rio Branco para servir em Washington como embaixador”.¹²³ Nabuco seria junto com Rio Branco peça mestra na aproximação, visto o entusiasmo e a competência que dedicou às relações entre os dois países.¹²⁴

O pronunciamento de Roosevelt sobre a retomada de princípios da Doutrina Monroe havia acontecido há poucos dias, e o seu acolhimento simpático no Brasil agradava ao governo de Washington, que não tardou a dar seu parecer favorável à questão. A proposta do barão foi aceita. Em janeiro de 1905 realizou-se o ato diplomático que confirmava a decisão, depois de aprovadas as nomeações dos embaixadores os presidentes dos dois países em 21 de janeiro assinaram as credenciais.

A recepção oficial de entrega das credenciais, pelo então nomeado embaixador dos Estados Unidos no Brasil, David E. Thompson, foi comentada pelos jornais e registrada pelas circulares do ministério das Relações Exteriores. Em 17 de março esta documentação destaca o discurso de Thompson ao presidente da República proferido no dia anterior:

A mútua confiança e boa vontade dos dois governos manifestou-se de novo na resolução por ambos tomada de elevarem as suas respectivas legações em Washington e no Rio de Janeiro à categoria de embaixadas. A amizade que de longa data existe entre os dois países recebeu, assim, uma nova consagração. [...] todos nós desejamos ver, cada dia, estreitar-se mais a amizade entre as duas repúblicas irmãs.¹²⁵

Com o mesmo espírito encontramos o discurso de Rodrigues Alves, pronunciado nesta ocasião, o qual também busca demonstrar a simpatia diante da realização de elevação das embaixadas “[...] uma nova afirmação da amizade que, jamais interrompida desde a nossa independência, subsiste felizmente entre os dois povos”.¹²⁶ A circular descreve ainda detalhes da recepção

que demonstram a devida importância que teve a oficialização da troca de embaixadas.

A entrega das credenciais por Nabuco ao presidente dos Estados Unidos foi oficializada em 24 de maio do mesmo ano e igualmente registrada nas circulares oficiais do Ministério das Relações Exteriores (MRE). Seu discurso, enriquecido por sua elegância e inteligência com as palavras, alcançou Roosevelt de tal maneira que este não se restringiu ao discurso protocolar e dirigiu ao embaixador brasileiro, espontaneamente, algumas palavras. Enaltecido, Joaquim Nabuco em telegrama para Rio Branco demonstra sua satisfação de representar o Brasil em tais circunstâncias e ressalta a importância do ato realizado. “Rogo a V. Exa. transmitir ao presidente e aceitar pessoalmente as minhas felicitações pelo modo por que o Brasil foi ontem acolhido na Casa Branca. Considero a data de 24 de maio de 1905 tão grande na nossa ordem externa quanto a de 13 de maio na nossa ordem interna.”¹²⁷

Nos jornais predominava uma apreciação favorável à elevação de categoria da legação brasileira em Washington e o ato equivalente do governo norte-americano. Os artigos demonstravam amplo conhecimento das intenções do ministério de angariar recursos simbólicos para o Brasil e de aproximar-se cada vez mais dos Estados Unidos. Trechos de jornais que abordavam o tema, alinhados à posição do ministério, eram inseridos nas circulares do MRE. Em torno do caso das embaixadas, o periódico *Jornal do Commercio* de 16 de março de 1905, dia da apresentação das credenciais pelo embaixador Thompson, pronuncia-se da seguinte maneira:

Todos sentem que, até hoje, depois da fundação da nacionalidade, na vida internacional brasileira, nenhum ato teve maior importância que o da nossa aproximação diplomática com os Estado Unidos. O barão do Rio Branco, realizando-o, deu ao nosso país uma posição no mundo como jamais teve.¹²⁸

No dia seguinte destaca-se no jornal *O Paiz* o mesmo assunto: “Não se tratava de mero ato de administração: o que se fazia era efetivamente uma aproximação mais estreita entre as duas maiores nações do continente, que assim queriam significar ao mundo o propósito recíproco de cimentar a sua amizade antiga de modo mais íntimo e formal.”¹²⁹

Uma visão favorável predominava, mas não era exclusiva. Alguns jornais apresentavam críticas ao ato, que era identificado como parte da política imperialista norte-americana. Estes, porém, não eram anexados às circulares oficiais, as quais normalmente utilizavam trechos de jornais que apoiavam as ações do ministério como os dois citados anteriormente. O *Jornal do Brasil*, como jornal de oposição, condenou o ato pelos altos gastos que implicava,

acusando-o de “mero luxo” e identificando a aproximação dos Estados Unidos como prática imperialista, na qual o Brasil estaria sob sua tutela.¹³⁰

Mas a oposição não encontrava grande repercussão. A opinião pública manteve-se favorável ao ato diplomático e à política externa como um todo. A aceitação das práticas de Rio Branco engrandecia cada vez mais sua figura e estimulava sua política de aproximação. A elevação recíproca das legações destes dois países marcava um momento de mudança na condução da política externa brasileira, o eixo diplomático se deslocava de Londres para Washington concretizando uma tendência que havia se fortalecido com o advento da República.

Rio Branco queria deixar claro para os Estados Unidos a importância da promoção da legação a embaixada quando elaborou as credenciais apresentadas por Nabuco, e, a partir do teor desta e de suas atitudes, David E. Thompson, embaixador dos Estados Unidos, relatava ao seu governo buscando atentar inclusive para o papel fundamental do Brasil para os interesses norte-americanos:

From thoughts of Baron Rio Branco's several times given to in our conversation since I came to Brazil two years ago, it is evident President Roosevelt's policy towards South America is looked upon some suspicion, and yet I believe he does not count this feeling, and wants to feel faith in our good intentions.

A compreensão do quadro no qual se elevavam as legações pode ajudar a dimensionar a relevância do ato. À época, eram poucas as embaixadas existentes; para o Brasil esta foi mais uma conquista de prestígio e mais um passo na direção dos Estados Unidos. O valor agregado a este ato diplomático repercutiu da maneira que Rio Branco havia calculado: nossa embaixada em Washington era a primeira da América do Sul, e não o era da América Latina apenas porque o México já havia elevado sua legação a esta categoria desde 1897.

Neste sentido ganhava força a idéia de liderança do Brasil no subsistema sul-americano, encorajada inclusive pela opinião do governo norte-americano. A imprensa ressaltava esse caráter: “O prestígio do Brasil no estrangeiro tem hoje um relevo que nunca possuiu: somos a grande potência da parte sul do continente, cuja amizade a grande nação do Norte acaricia e solicita.”¹³¹ Este pode ser considerado um fim da política externa brasileira, buscar exercer o papel de liderança na América do Sul, para tal precisava ter prestígio, ter as fronteiras definidas e um aliado como os Estados Unidos, todos meios para um fim que configura a inserção brasileira no sistema regional. A política externa ativa praticada por Rio Branco proporcionava novos horizontes ao Brasil.

Enquanto a amizade com os Estados Unidos estreitava-se cada vez mais, o governo brasileiro viu-se envolvido em um caso de violação de soberania com uma potência européia, que ficou conhecido como incidente *Panther*. Em 1905, ano marcado pelo deslocamento do eixo diplomático para Washington, uma canhoneira alemã invadiu o território brasileiro e desembarcou oficiais em Itajaí, Santa Catarina, na procura por um desertor que havia fugido do serviço militar em seu país.

O acontecimento foi amplamente explorado pela imprensa, que era à época bombardeada com artigos de inspiração norte-americana sobre o “perigo alemão”. Diante da concorrência imperialista entre as duas potências ascendentes, o Brasil e toda a América Latina configuravam-se como território de disputa. Desta forma, a imprensa norte-americana criou, em certa medida, o “perigo alemão”, que ajudava a justificar seu aparelhamento bélico, fundamentava a Doutrina Monroe e servia aos interesses comerciais.

O “perigo alemão” no Sul do Brasil, presente no jornalismo, pode ser mais bem entendido se colocado no âmbito da disputa comercial. A ameaça alemã era utilizada pelos norte-americanos com a finalidade de afastar concorrentes e para aumentar a sua influência sobre o Brasil, que, assim, ficava entre os dois capitalismo que desafiavam a longa hegemonia econômica inglesa.¹³²

O caso conferiu um forte apelo ao sentimento nacional ferido pela ação estrangeira e a imprensa nacional exigia do Itamaraty medidas que honrassem a soberania brasileira, que havia sido violada. Em inúmeros artigos repetia-se a necessidade de uma retratação formal pelo império alemão e a devida punição dos oficiais envolvidos. “Por detrás de um fato de reduzida importância erguia-se um frêmito nacional, uma força inconsciente, mas segura, de vigilância contra o poder arrogante que seria mais tarde um inimigo.”¹³³ Ciente da importância da opinião pública e do valor que tal caso teria sobre a política externa, o barão agiu imediatamente mantendo uma postura firme frente à potência européia; não se intimidou e fez valer suas exigências.

Depois de ter enviado um protesto formal ao governo alemão, comunicou-se com seus representantes em Berlim e em Washington. Estes, ocupando pontos estratégicos da nossa diplomacia, precisavam ser devidamente informados sobre o incidente que tomara grandes proporções com a repercussão na imprensa estrangeira e com as exigências da opinião pública. O articulador Rio Branco, que se empenhava para obter os melhores resultados deste incidente, transformou um caso de violação da soberania em demonstração do prestígio brasileiro.

Assim que Nabuco recebeu o telegrama do barão, dirigiu-se ao Departamento de Estado para informar ao governo norte-americano sobre a visão do

Brasil a respeito do caso *Panther*. Em poucos dias recebeu nota de Elihu Root, em que este declarava apoio à causa brasileira e comunicava que, com base na entrevista que tivera com o ministro alemão, podia garantir as intenções de seu governo de reparar o incidente. Mas essa comunicação gerou na imprensa acusações de que o governo brasileiro teria apelado para os Estados Unidos.

Nenhum documento oficial comprova a existência de instruções para que a embaixada em Washington conseguisse apoio deste país. Nabuco defendia-se afirmando que apenas informou a posição do Brasil diante do incidente, e não pediu a intervenção dos Estados Unidos no caso. Sobre o caráter de sua comunicação, Nabuco se justificou com Root:

The object of my call was only to let the Department have the most reliable information on the incident, so that no contrary version could be mislead either by you or the American opinion. As it will be in the recollection of Mr. Bacon, I did not tell him I was making the communication by the order of my Government, nor asked him to interfere in the matter. I only said it will be well if he would let your Ambassador in Berlim have our version of the high handed action of the *Panther*, so that any possible action of your Government should be at once understood.¹³⁴

Há menos de um ano na capital norte-americana, o embaixador brasileiro já havia estabelecido um forte vínculo de amizade e cooperação com o secretário de Estado Elihu Root, que respondeu à sua nota declarando que não recebera nenhum pedido de intervenção brasileiro; haviam apenas trocado informações, o que seria natural, e até mesmo necessário, nas relações entre duas nações irmãs. Root era do lado norte-americano um grande personagem pró-aproximação, sua atuação em consonância com a de Nabuco facilitava a comunicação entre os dois países.

A documentação deixa claro que Rio Branco não solicitou a intervenção de outros países no caso *Panther*. Quando telegrafou a Nabuco, pediu apenas que incitasse na imprensa norte-americana artigos fundados na Doutrina Monroe que demonstrassem uma posição favorável ao Brasil: “Trate de provocar artigos enérgicos (dos) monroístas”.¹³⁵ E assim o fez o influente Nabuco, que encontrou solo fértil para tal proposta; vários jornais adotaram a causa, todos com o mesmo tom de indignação pelo insulto que feria a soberania brasileira e desafiava o monroísmo do continente.

O que o barão julgava necessário era apenas a sinalização do governo norte-americano em defesa dos preceitos de Monroe e da amizade com o Brasil. Não queria a intervenção direta dos Estados Unidos, o peso de seu apoio bastava ao habilidoso diplomata para negociar a retratação da maneira mais proveitosa.

A resolução chegou em 2 de janeiro de 1906, após amplo debate na imprensa nacional e internacional (tanto norte-americana quanto europeia) e firmes defesas de Rio Branco, desfrutando do prestígio conquistado com sua política de aproximação. O império alemão pronunciou-se pedindo desculpas pelo incidente e prometendo punir os culpados pelo percalço. O governo brasileiro ficou satisfeito com a retratação. Mesmo sem a intervenção pôde notar os benefícios da amizade com o “gigante do Norte”. Seu apoio moral bastava para fortalecer a imagem do Brasil no sistema internacional.

Neste sentido, Clodoaldo Bueno e Bradford Burns chamam atenção para o fortalecimento da Doutrina Monroe com o incidente *Panther*. Frente a um caso real a opinião pública enxergou a importância do apoio dos Estados Unidos no cenário internacional diante do imperialismo europeu. Com o exemplo desta resolução, muitos que ainda nutriam reservas quanto à política de aproximação mudaram de opinião e passaram a vê-la com maior simpatia. Mas esta posição não foi unânime, uma vez que alguns jornais atentavam para o aumento de influência norte-americana decorrente de episódios como este.

Eventos impregnados do espírito pan-americanista eram as conferências internacionais americanas, que se reuniam desde 1889. Já na primeira, realizada em Washington, pode-se notar a tendência de aproximação das relações entre o Brasil e os Estados Unidos, o que veio a se firmar nos anos seguintes. Para sediar a III Conferência foi escolhido o Rio de Janeiro,¹³⁶ que, engajado nas reformas do governo de Rodrigues Alves, se delineava como uma cidade mais moderna e capaz de oferecer boa imagem do Brasil para seus visitantes.

As práticas da gestão de Rio Branco ao longo dos últimos quatro anos, ou seja, de 1902 a 1906, tornavam os vínculos entre as duas nações cada vez mais fortes. Os laços de amizade estreitavam-se. A “aliança não-escrita” ocupava papel imprescindível na política externa brasileira, que buscava demonstrar a cooperação e cordialidade que reinava nas suas relações com os Estados Unidos. A conferência de 1906 do Rio de Janeiro constituiu um momento culminante das práticas do barão.

Desde que fora anunciada a escolha da capital brasileira para sediar o evento, o ministro das Relações Exteriores não mediu esforços para que a conferência ocorresse de acordo com os padrões internacionais, refletindo uma imagem do Brasil como país civilizado e moderno. O enorme volume de anotações do barão em documentos que contemplam a organização da conferência revela o cuidado pormenorizado que dedicou a cada pequeno detalhe. Ele pensava em absolutamente tudo: há pelo menos vinte listas – que se encontram no Arquivo Histórico do Itamaraty – com os nomes dos membros de cada delegação contendo notas que definiam onde ficariam hospedadas. Teve o zelo de encaminhar cada delegação ao hotel que julgava mais apropriado.

Seguindo a orientação de aproximação com os Estados Unidos e uma política de cordialidade continental, empregou esforços para que a reunião pan-americana vislumbra-se temas relacionados às duas frentes de ação. Mas, para que o espírito de cooperação e o pacifismo encontrassem espaço, era preciso evitar que determinados assuntos fossem contemplados pelo programa da conferência.

Elihu Root, Joaquim Nabuco e Rio Branco concordavam que temas passíveis de suscitar discussões mais acaloradas não deveriam integrar o programa ou no máximo restringir-se a sua enunciação. O barão chegou a pedir a Nabuco que não fossem abordados casos de navegação de rios e lagoas, pois preferia dar a estes um tratamento bilateral, evitando confrontação com vários países ao mesmo tempo (o que poderia ser negativo para o Brasil).

De acordo com ata de 4 de abril de 1906, da sessão ordinária da União Internacional das Repúblicas Americanas, foi reunida uma comissão para a elaboração do programa da conferência, o qual passava pela avaliação de todas as repúblicas participantes. Desta forma, as nações participantes buscavam aperfeiçoar o evento, que nos encontros anteriores havia perdido muito tempo com discussões sobre os temas a serem abordados, visto que não eram definidos com antecedência. A dita comissão era composta pelo secretário de Estado dos Estados Unidos (presidente), o embaixador do Brasil em Washington (vice-presidente), o embaixador do México e os ministros de Costa Rica, Chile, Cuba e Argentina.

Na referida ata encontram-se registradas queixas sobre a elaboração do programa. O ministro da Bolívia questionou a ausência do tema de livre navegação que tanto interessava ao seu país, e pediu que fosse lida sua manifestação:

El sistema de los rios de la América del Sur es tal, que si no se reconociera su libre navegacion, quedaria planteado para lo futuro el germen de profundas y serias disenciones, que perturbarán la paz y la armonía de las repúblicas y que por ser una absoluta necesidad y un derecho natural incuestionable, tendría al fin que ser aceptada.¹³⁷

Inácio Calderón, ministro boliviano, defendeu a livre navegação em nome de um comércio livre, e afirmou ser este um direito natural dos países ribeirinhos. Acerca do mesmo tema se pronunciou o ministro da Colômbia, Delgado Mendonza, e ainda declarou que não considerava o programa uma fórmula fechada, e que, sendo pertinente, caberia ampliar as discussões. O ministro do Peru, Felipe Pardo, também se manifestou, primeiramente elogiou o programa, mas ressaltou que seus delegados não ficariam restritos aos temas, que a seu ver eram apenas recomendados e podia suscitar outras questões.

Em defesa do trabalho realizado pela comissão que elaborou o programa, o ministro do México reclamou das declarações anteriores. Afirmou que, se fossem aceitas as mudanças e intervenções neste programa, não haveria sentido a nomeação de uma comissão responsável pela elaboração do mesmo. O ministro do Chile, Joaquim Walter-Martinez, defendeu que, a partir do momento em que o programa fosse aprovado, deveria ser seguido: “En la Haya, como en toda conferencia internacional sujeta a un programa, una vez aceptado este se le respeta fiel y estrictamente.”¹³⁸

Feitas as explanações das partes citadas, o programa foi submetido à votação e aprovado por unanimidade. Os ministros que apresentaram algum ponto contestador o aceitaram por votação, mas declararam que não podiam responder por seus governos. Ou seja, a formalidade foi cumprida, mas com reservas, dada a postura de alguns países sobre os temas propostos e os que foram subtraídos.

Um dos assuntos mais polêmicos que o barão do Rio Branco empenhara-se para que não constasse nas discussões da terceira conferência foi a proposta da Doutrina Drago. Diante da intervenção de três potências européias na Venezuela em 1902, justificada pela cobrança de dívidas públicas, o ministro do Exterior da Argentina, Luis Maria Drago, aterrorizado com a aplicação de tal medida, defendia que não se reconhecessem como legítimas tais intervenções armadas ou ocupações territoriais. Havia uma tendência entre as repúblicas hispano-americanas em aceitar os termos de Drago, mas Rio Branco não compartilhava da mesma opinião das nações vizinhas e alinhava-se à posição norte-americana, que não compreendia que tal situação pudesse ser abarcada pela Doutrina Monroe. Washington argumentava que as potências européias não estavam engajadas numa missão de conquista de novos territórios, de forma que a Venezuela não poderia apelar para a doutrina.

Se abordado na conferência, o tema poderia isolar o Brasil na América Latina e fomentar as acusações de ser braço do corolário Roosevelt na região e de empreender práticas imperialistas. Na mesma medida o assunto também exporia um ponto de desacordo com os Estados Unidos, o que poderia gerar ânimos exaltados e reações negativas ao governo norte-americano. O objetivo de Washington era exatamente o contrário: pretendia fazer da terceira conferência, sob os ideais pan-americanistas, uma propaganda positiva da política norte-americana.

O programa constituiu-se num trabalho de inteligência diplomática a fim de atender aos interesses diversos das nações e evitar os assuntos desconcertantes para a amizade Brasil-Estados Unidos. O Brasil absteve-se do direito de propor temas e de discutir a formulação do programa, restringindo sua influência aos bastidores dos acertos diplomáticos. Na tentativa de evitar assuntos polêmicos encontrava respaldo em outros países, que compartilhavam

da mesma percepção. A Doutrina Drago, que também não agradava aos Estados Unidos, foi registrada na conferência apenas por uma resolução nas atas gerais que dizia:

A Terceira Conferência Internacional Americana resolve: Recomendar aos governos nela representados que considerem a conveniência de pedir à Segunda Conferência da Paz, na Haia, que estude o caso da cobrança, pelo emprego da força, das dívidas públicas, e, de modo geral, os meios tendentes a diminuir entre as Nações a possibilidade de conflitos de origem exclusivamente pecuniária.¹³⁹

Essa era a vontade de Rio Branco, como está registrada em despacho dirigido a Washington, em 30 de março de 1906, no qual elogia a atuação de Nabuco: “V. Exa. tem feito muito bem tentando arredar questões que antecipadamente se sabe darão lugar a votos discordantes no Congresso.”¹⁴⁰

A subtração da Doutrina Drago gerou especulações na imprensa argentina de que este país não enviaria sua delegação à Conferência. Não interessava ao barão que o encontro fomentasse discordância com nenhuma nação. Empenhou-se em averiguar os fatos, recebeu do ministro brasileiro em Buenos Aires, Assis Brasil, a quase confirmação da presença da Argentina depois de entrevista deste com o ministro argentino, Montes de Oca: “[...] neste momento tudo indica que a Argentina não deixará de comparecer”.¹⁴¹ Em ofício de 12 de abril de 1906, reitera que acredita na participação da República Argentina, embora não tenha nenhuma confirmação formal. Mas a insatisfação restringiu-se às queixas declaradas e sua delegação foi enviada à Terceira Conferência.

A escolha da delegação brasileira só foi realizada depois que o programa havia sido aprovado em definitivo. Dela faziam parte membros da oposição ao governo Rodrigues Alves, o que objetivava conferir um caráter justo e imparcial da administração brasileira.

A constituição de um programa que, acima de tudo, atendia aos interesses do Brasil não é apenas um resultado dos esforços empreendidos, mas demonstra um pouco do prestígio desfrutado pelo governo brasileiro. Este recurso simbólico favoreceu o ministério de Rio Branco sobre a definição da data da II Conferência de Paz em Haia. A princípio, esta seria realizada no mesmo ano da III Conferência Internacional Americana, mas os representantes do Brasil, juntamente com o secretário de Estado, Elihu Root, conseguiram adiar a reunião para 1907. A remarcação do evento junto ao governo da Rússia demonstra o prestígio do Brasil e a consonância com os interesses do Departamento de Estado dos Estados Unidos.

As práticas de Rio Branco estavam de tal forma em sintonia com os interesses da política norte-americana que, à ocasião da conferência, Elihu Root

anunciou que visitaria o Brasil. A relevância desta atitude reside no fato de que era a primeira vez que um secretário de Estado faria uma visita a outro país. E ele escolheu o Brasil.

Os nossos votos são porque desta Terceira Conferência resulte, confirmada e definida em atos e medidas práticas de interesse comum, a auspiciosa segurança de que não estão longe os tempos da verdadeira confraternidade internacional. Já é dela um penhor esse ânimo geral de procurar meios de conciliar interesses opostos ou aparentemente contrários, encaminhando-os em seguida para o mesmo serviço do ideal do progresso da paz. Já ela se manifesta na inteligência com que se busca promover relações políticas mais íntimas, evitar conflitos e regular a solução amigável de divergências internacionais, harmonizando as leis do comércio entre os povos, facilitando, simplificando, estreitando os contatos entre eles.¹⁴²

Essas foram as primeiras palavras do barão do Rio Branco na abertura da III Conferência, que contou com a presença do secretário de Estado dos Estados Unidos, pela primeira vez em visita oficial. Sem dúvida era o momento culminante do processo de aproximação entre as duas nações inseridas ainda na rede da América Latina, que se revelava diferente no projeto político de cada uma, embora ambas estivessem engajadas na mesma propaganda pan-americana.

A visita de Root dissipou algumas desconfianças e ajudou a delinear uma figura mais simpática dos Estados Unidos. Foi acolhido por uma suntuosa recepção que transmitia a importância de seu cargo e a relevância de sua presença dentre as demais nações. Nesta ocasião Joaquim Nabuco proferiu um discurso em homenagem ao visitante no qual afirmou que “A reunião desta conferência é, assim, grande parte da obra vossa”. As palavras do embaixador brasileiro antecederam o importante discurso do secretário de Estado, que repetidas vezes evocou os “direitos iguais entre as nações”, a “paz”, as “nações irmãs”, os “interesses comuns”. Defendeu que o desenvolvimento norte-americano não representava nenhuma ameaça à América Latina:

Desejamos aumentar nossa prosperidade, expandir nosso comércio, crescer a riqueza em sabedoria, em ânimo, mas a nossa concepção do verdadeiro modo de conseguir isso não é derrubar os outros e aproveitarmo-nos da sua ruína; mas sim auxiliar a todos os amigos a criarem uma prosperidade comum, para que possamos, todos juntos, tornarmo-nos maiores e mais fortes.¹⁴³

O embaixador dos Estados Unidos, Lloyd Griscom, telegrafou para seu país as impressões que tivera diante das festividades destinadas a Elihu Root:

Visited President; was entertained by brilliant reception at Palace today. He received official and social world. Visited St. Louis Pavillon, seat of the Pan American Congress. The Congress has voted to make Secretary of State and Brazilian Minister for Foreign Affairs honorary presidents, and will hold special session in honor of Secretary of State July 31st.¹⁴⁴

As atas gerais da conferência demonstram que os esforços dedicados à formulação do programa garantiram que o evento fosse marcado pela cooperação e cordialidade entre as nações americanas. As resoluções da conferência tinham como principal objetivo regulamentar as relações entre os países do continente, entre as quais se destacavam os seguintes temas: reorganização da Secretaria Internacional das Repúblicas Americanas; criação de uma seção de comércio, alfândega e estatística na Secretaria; naturalização; construção da estrada de ferro pan-americana.

A realização da conferência transcorreu dentro das expectativas do ministério de Rio Branco. Pequenos percalços e desentendimentos momentâneos entre algumas nações, não comprometeram o andamento do encontro regido por um programa amplamente articulado. “Assinalava-se a terceira conferência Internacional Americana, entre seus congêneres, pela ausência de polêmicas e vãs abstrações.”¹⁴⁵

Rio Branco, que na abertura da conferência havia dado ao edifício sede do evento o nome de Palácio Monroe, selava, com o sucesso da terceira conferência de 1906, os laços de amizade entre o Brasil e os Estados Unidos. A esplêndida execução do evento, reforçada pela visita de Elihu Root, marcou o auge da relação das duas nações. A política de aproximação encontrou um cenário propício para sua aplicação e desfrutou no início do século XX anos de perfeita adequação aos interesses brasileiros.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A política de aproximação com os Estados Unidos constituiu um meio para alcançar os objetivos da política externa brasileira formulada em função dos interesses nacionais. Rio Branco, formulador e executor da política externa, não mediu esforços para estreitar os laços de amizade entre as duas nações, estando sempre ativo, na busca por novas práticas que pudessem privilegiar esta aliança. Os objetivos que definiam a condução do Ministério das Relações Exteriores dependiam do fortalecimento da amizade entre os dois países.

Em momento algum Paranhos se imbuíu de um idealismo vazio, a aproximação que buscava com os Estados Unidos e a aceitação do “corolário Roosevelt” interessavam ao Brasil. Era sabida a ambição que o “gigante do Norte”

nutria sobre o mercado brasileiro, mas, com uma eficiente política bilateral, Paranhos articulou para unir-se à nova potência mundial em ascensão, protegendo-se do imperialismo europeu e objetivando maior poder de barganha ao sul do continente. A importância dada à Doutrina Monroe é justificada pelo caráter defensivo e preventivo. O barão foi pioneiro na visão da emergência dos Estados Unidos como potência hegemônica.

Embora o governo norte-americano não compartilhasse do mesmo entusiasmo que o Itamaraty, o momento era propício para estreitar os laços de amizade. O Brasil empenhava-se na política de aproximação, e os Estados Unidos aceitavam os esforços brasileiros sinalizando com políticas favoráveis, mas desproporcionais. Desta forma as relações mantiveram-se na condição de uma “aliança não-escrita”.

As práticas de Rio Branco, culminando com a III Conferência Internacional Americana em 1906, representam a confirmação da tendência de aproximação. O fortalecimento da amizade com os Estados Unidos auxiliou o governo brasileiro a alcançar seus objetivos. Ao que se propunha, a política de aproximação foi um sucesso. Mas ela não era incondicional, o que pode ser notado na segunda conferência de Haia em 1907. Embora represente um desentendimento passageiro entre os dois países, podemos perceber que, no âmbito hemisférico, os Estados Unidos preferiam a Europa, demonstrando os limites da “aliança não-escrita” e a inexistência de alinhamento automático.

O barão do Rio Branco, no controle do Ministério, forneceu elementos vitais para que o Brasil ocupasse um lugar no sistema internacional. O sucesso do paradigma Rio Branco garantiu-lhe o título de estadista e permanências de sua política externa. A “aliança não-escrita” acaba por transcender seu objetivo de criação. Destinada à adaptação da diplomacia às transformações internacionais da época, tornou-se paradigma invariável e permanente, que sobreviveu ao seu criador.

FONTES

FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL:

Coleção Salvador de Mendonça (manuscritos).

Coleção José Carlos Rodrigues (manuscritos).

Discurso de Elihu Root em visita ao Rio de Janeiro. O Estado de S. Paulo, São Paulo, 1 ago. 1906. (Periódicos – SPR 00002)

ARQUIVO HISTÓRICO DO ITAMARATY (AHI). Rio de Janeiro.

Correspondência diplomática de Buenos Aires e Washington.

Arquivo Particular do Barão do Rio Branco, coleção de recortes de jornais.

Maços referentes à III Conferência Internacional Americana.

CABRAL, João. Evolução do direito internacional: esboço histórico-filosófico. Rio de Janeiro: Tipografia do Jornal do Commercio, 1908.

CARDENOS DO CHIDD/ Fundação Alexandre de Gusmão, Centro de História e Documentação Diplomática. Ano IV, n. 7. Brasília: FUNAG, 2005.

RIO BRANCO, Barão do. Obras completas do Barão do Rio Branco. Rio de Janeiro: Ministério das Relações Exteriores, 1948. (VIII – Estudos Históricos; IX – Discursos)

_____. “O Brasil, os Estados Unidos e o monroísmo”. Jornal do Commercio, Rio de Janeiro, 12 maio 1906.

BIBLIOGRAFIA

ABRANCHES, Dunshee de. *Rio Branco e a política exterior do Brasil*. Rio de Janeiro: 1945, 2v.

_____. “O Brasil perante a doutrina Monroe”. In: *Revista Americana: uma iniciativa de cooperação intelectual (1909-1919)*. Brasília: Senado Federal, 2001.

ARON, Raymond; DEUTSCH, Karl; WENDZEL, Robert. *Curso de introdução às relações internacionais*. Brasília: UnB, 1983.

AZEVEDO, José Afonso Mendonça. *Vida e obra de Salvador de Mendonça*. Brasília: MRE, 1971.

BAGGIO, Kátia Gerab. “Revista Americana (1909-1919) e as relações entre as Américas”. In: DUTRA, Eliana de Freitas, MOLLIER, Jean Yves (Orgs.). *Política, nação e edição: construção da vida política no Brasil, Europa e Américas nos séculos XVIII-XIX*. São Paulo: Annablume, 2006.

_____. *A “outra” América: a América Latina na visão dos intelectuais brasileiros das primeiras décadas republicanas*. São Paulo: Tese de doutorado – Departamento de História. FFLCH-USP, 1998.

BANDEIRA, Moniz. *Presença dos Estados Unidos no Brasil: dois séculos de história*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1973.

BUENO, Clodoaldo. *Comportamento da economia e política exterior do Brasil (1905-1907)*. São Paulo: USP, 1977.

- _____. *A República e sua política exterior (1889-1902)*. Marília: Unesp, Tese de Livre Docência, 1984, 2v.
- _____. *Política externa da Primeira República: anos de apogeu (1902-1918)*. São Paulo: Paz e Terra, 2003.
- _____. *Política externa de Rio Branco: o Brasil e o subsistema norte-americano (1902-1912)*. São Paulo: Ática, 1977.
- BURNS, E. Bradford. *A aliança não-escrita: o barão do Rio Branco e as relações com os Estados Unidos*. Rio de Janeiro: EMC Ed., 2003.
- _____. “As relações internacionais do Brasil durante a Primeira República”. In: FAUSTO, Boris (Org.). *História geral da civilização brasileira*. São Paulo: Difel, 1977, pp. 375-400.
- CARDIM, Carlos Henrique e ALMINO, João (Orgs.). *Rio Branco, a América do Sul e a modernização do Brasil*. Rio de Janeiro: EMC, 2002.
- CARVALHO, Carlos Delgado. *História diplomática do Brasil*. Ed. fac-similar, Brasília: Senado Federal, 1998.
- CASTRO, Flávio Mendes de Oliveira. *Rio Branco em Liverpool (1876-1896)*. Brasília: MRE, 1970.
- _____. *História da organização do Ministério das Relações Exteriores*. Brasília: UnB, 1983.
- CERVO, Amado Luís & BUENO, Clodoaldo. *A política externa brasileira (1822-1985)*. São Paulo: Ática, 1986.
- _____. *História da política exterior do Brasil*. São Paulo: Ática, 1992.
- CONDURU, Guilherme. “O subsistema americano, Rio Branco e o ABC”. In: *Revista Brasileira de Política Internacional*. Brasília: IBRI, 1998, n. 2, p. 59-82.
- COSTA, Sérgio Correa da. *A diplomacia do marechal: intervenção estrangeira na Revolta da Armada*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1979.
- DORATIOTO, Francisco F. M. “A política platina do barão do Rio Branco”. *Revista Brasileira de Política Internacional*. ano 43/2. Brasília: IBRI, 2000.
- DUROSELLE, Jean-Baptiste. *Todo Império perecerá*. Brasília: UnB, 1992.
- GARCIA, Eugênio Vargas. *Cronologia das relações internacionais do Brasil*. Brasília: FUNAG, 2000.
- GOES FILHO, Synesio Sampaio. *Navegantes, bandeirantes, diplomatas: um ensaio sobre a formação das fronteiras do Brasil*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- JORGE, Arthur Guimarães de Araújo. *Rio Branco e as fronteiras do Brasil: uma introdução às obras do barão do Rio Branco*. Brasília: Senado Federal, 1999.
- LACOMBE, Américo Jacobina. *Rio Branco e Rui Barbosa*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1955.
- LINS, Álvaro. *Rio Branco*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1945. 2v.
- LOBO, Hélio. *Pan-americanismo e o Brasil*. São Paulo: Nacional, 1939.
- MERLE, Marcel. *Sociologia das relações internacionais*. Brasília: UnB, 1981.
- MOURA, Cristina Patriota de. “Herança e metamorfose: a construção social de dois Rio Branco”. In: *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro: FGV, vol. 14, 2000.

- NAPOLEÃO, Aluízio. *Rio Branco e as relações entre o Brasil e os Estados Unidos*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1999.
- _____. *O segundo Rio Branco*. Rio de Janeiro: Ed. A Noite, 1941.
- PINHEIRO, Leticia. *Política externa 1889-2002*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.
- REIS, Elisa P. "O poder privado e a construção de Estado sob a primeira república". In: BOSCHI, Renato R. *Corporativismo e desigualdade: a construção do espaço público no Brasil*. Rio de Janeiro: IUPERJ, 1991.
- RENOUVIN, Pierre & DUROSELLE, Jean B. *Introdução à história das relações internacionais*. São Paulo: Difusão Européia, 1967.
- RICUPERO, Rubens. *Rio Branco: o Brasil e o mundo*. Rio de Janeiro: Contraponto/Petrobras, 2000.
- _____. "Um personagem da República". In: RICUPERO, R. & ARAÚJO, J.H. P. *José Maria da Silva Paranhos, barão do Rio Branco*. Brasília: FUNAG, 1995.
- RODRIGUES, José Honório. *Interesse nacional e política externa*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.
- SINGER, Paul. "O Brasil no contexto do capitalismo internacional, 1889-1930". In: FAUSTO, Boris (Org.). *História geral da civilização brasileira*. São Paulo: Difel, 1977, pp. 347-390.
- VALLA, Victor. *A penetração norte-americana na economia brasileira (1900-1930)*. São José dos Campos: ITA, Tese de Doutorado, 1972.
- VIANA FILHO, Luís. *A vida do Barão do Rio Branco*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1959.
- VIANNA, Hélio. *A história diplomática do Brasil*. São Paulo: Melhoramentos, [s.d.].
- VINHOSA, Francisco. "O barão e o cardinalato". *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. Rio de Janeiro: 1996, n. 391.

NOTAS

1. Correspondência do barão de 1888 aponta sua percepção de crise no Império brasileiro, destacando inclusive o problema abolicionista, a questão militar e o problema da federação.
2. LESSA, Renato. "A invenção da República no Brasil: da aventura à rotina." In: CARVALHO, Maria Alice R. *República no Catete*. Rio de Janeiro: Museu da República, 2001.
- 3 A Revolta da Armada e a Revolução Federalista, em 1893 e 1894, respectivamente.
4. VIANA FILHO, Luís. *A vida do Barão do Rio Branco*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1959, p. 179
5. Sobre intelectualidade brasileira e latino-americana neste período ver BAGGIO, Kátia Gerab. *A "outra" América: a América Latina na visão dos intelectuais brasileiros das primeiras décadas republicanas*. Tese (Doutorado em História) – FFLCH-USP, São Paulo, 1998.
6. LESSA, Renato, op. cit., p. 35.

7. Além de ser um elemento de instabilidade do governo de Prudente, Canudos atingiu de forma desastrosa os militares, visto o grande desgaste sofrido tanto concretamente em seu contingente quanto na sua imagem. Dessa forma o exército enfraquecido cedia mais facilmente seu espaço no poder para a elite paulista.
8. BELLO, José Maria. *História da República*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1969, p. 138-139.
9. LESSA, Renato, op. cit., p. 43.
10. Campos Salles defendia em seu livro *Da propaganda à presidência*, de 1908, que era mais acertada a denominação de política de estados à referida política.
11. CARONE, Edgar. *A República Velha*. São Paulo: Difel, 1974. p. 296.
12. “Preocupado com os problemas financeiros, encerrado neles, Campos Sales simplificou os problemas políticos, procurou atingir a finalidade de sua plataforma a qualquer preço.” (LINS, Álvaro. *Rio Branco*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1945.)
13. Em BURNS, Bradford. *A aliança não escrita: o barão do Rio Branco e as relações Brasil-Estados Unidos*. Rio de Janeiro: EMC Ed., 2003, o autor identifica esse momento como de “paz, progresso e prosperidade”.
14. Rodrigues Alves foi ministro da Fazenda no governo de Floriano e no de Prudente de Moraes.
15. LINS, op. cit., p. 356.
16. BELLO, op. cit., p. 182.
17. CARVALHO, José Murilo. *Os bestializados: o Rio de Janeiro e a República que não foi*. Rio de Janeiro: Companhia das Letras. 1987, p. 162.
18. Para Duroselle, “Na época atual, diremos que uma fronteira política é a separação entre duas soberanias”. (DUROSELLE, Jean-Baptiste. *Todo Império perecerá*. Brasília: UnB, 1992, p. 61.)
19. LINS, op. cit., p. 180
20. De acordo com CERVO, 1986, essa postura segue-se desde a independência, em 1822, até 1838, quando começam a aparecer preocupações com as questões de limite indefinidas nos relatórios do ministério das Relações Exteriores.
21. “O *uti possidetis* ficou assim para sempre ligado ao nome dos dois Rio Branco: o primeiro, porque o definiu com precisão e segurança, e o segundo, porque lhe deu aplicação vitoriosa numa série de litígios e negociações”. LINS, op. cit., p. 193.
22. JORGE, Arthur Guimarães de Araújo. *Rio Branco e as fronteiras do Brasil: uma introdução às obras do Barão do Rio Branco*. Brasília: Senado Federal, 1999, p. 15.
23. Tratado de Montevideu de 25 de janeiro de 1890.
24. A questão de Palmas é erroneamente chamada de Missões, vinculada à falsa idéia, divulgada pela Argentina à ocasião das negociações, visando identificar a região em litígio com o antigo território das “missões jesuíticas”. O próprio barão, como destaca Lins, refutou essa versão, demonstrando que a área corresponde à Comarca de Palmas.
25. JORGE, op. cit., p. 16.
26. O dito tratado excluía a possibilidade de partilha do território em litígio através do artigo 5º, definindo que sua solução cabia ao entendimento dos rios referidos pelas partes em disputa.

27. Cargo que ocupou de 1876 a 1891. O livro *Rio Branco em Liverpool (1876-1896)*, de Flávio Mendes de Oliveira Castro, aborda este período, sobre o qual encontramos poucos estudos.
28. Destaque para sua correspondência com Rodolfo Dantas, fundador do *Jornal do Brasil*, e José Carlos Rodrigues, do *Jornal do Commercio*.
29. Neste sentido destacam-se as notas feitas na obra de Schneider sobre a guerra do Paraguai.
30. Sobre outras versões existentes para a indicação de Rio Branco para chefiar a missão especial em Washington, ver LINS, op. cit., p. 194.
31. VIANA FILHO, op. cit., p. 206.
32. LINS, op. cit., p. 200.
33. VIANA FILHO, op. cit., p. 199.
34. BURNS, op. cit., p. 48. Em NAPOLEÃO, 1999, encontra-se um capítulo importante sobre esta amizade.
35. GOES FILHO, Synesio Sampaio. *Navegantes, bandeirantes, diplomatas: um ensaio sobre a formação das fronteiras do Brasil*. São Paulo: Martins Fontes, 1999, p. 268.
36. Destaque para a indisposição criada por Zeballos ao negar a troca das memórias de defesa assim como havia sido acordado anteriormente. Fato que irritou o barão e que pode ser considerado marco do início da rivalidade como observa Aluízio Napoleão.
37. Apud. LINS, op. cit., p. 213.
38. NAPOLEÃO, Aluízio. *Rio Branco e as relações entre o Brasil e os Estados Unidos*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1999, pp. 173-174.
39. LINS, op. cit., p. 228.
40. “No país, multidões saudaram as boas notícias, e a imprensa louvava o regime diplomático.” (BURNS, E. Bradford. *A aliança não escrita: o barão do Rio Branco e as relações com os Estados Unidos*. Rio de Janeiro: EMC Ed., 2003.)
41. BELLO, op. cit., p. 146.
42. Em certa medida a vida boêmia de Rio Branco na juventude, seu envolvimento com uma dançarina belga, comprometeram sua imagem dificultando sua nomeação para o cargo diplomático.
43. RIO BRANCO, Barão do. *Obras completas do Barão do Rio Branco*. Rio de Janeiro: Ministério das Relações Exteriores, 1948 (IX – Discursos).
44. “A percepção antecede o processo de tomada de decisões e está ligada a um conjunto de crenças, valores e imagens que os atores carregam consigo, orientando sua inserção no ambiente físico e social.” Desta forma Alexandra de Mello e Silva aborda o sistema de crenças e indica como leitura especializada Steve Smith, *Belief systems and the studies of international relations*, de 1988.
45. BANDEIRA, Moniz. *Presença dos Estados Unidos no Brasil: dois séculos de história*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1973, p. 134.
46. CERVO, Amado Luís & BUENO, Clodoaldo. *História da política exterior do Brasil*. São Paulo: Ática, 1992, p. 140.
47. As supressões sugeridas são das legações da Rússia, Suíça, Espanha, Paraguai e Bolívia.

48. CERVO, op. cit., p. 145-146.
49. A declaração de Carlos de Carvalho pró-Argentina foi publicada no *El Diario* de Buenos Aires.
50. CERVO, op. cit., p. 147.
51. BUENO, Clodoaldo. *A República e sua política exterior (1889-1902)*. Marília: Unesp, tese de Livre Docência, 1984. p. 20.
52. A preferência de Rio Branco era pelo posto de Lisboa, mas estando este ocupado optou por Berlim. Sobre sua vontade de ir para Portugal, ver em VIANA FILHO, 1959, carta de Tobias Monteiro a Rodrigues Alves, p.326.
53. As mortes tão sentidas pelo barão de seus amigos Eduardo Prado e Rodolfo Dantas.
54. BURNS, op. cit., p. 47.
55. Sobre percepção dos quatro pontos de observação e configuração para I Guerra Mundial, ver LINS, 1945.
56. Apud LINS, op. cit., p. 251.
57. Apud VIANA FILHO, op. cit., p. 347.
58. Fundação Biblioteca Nacional (FBN), I- 03, 04, 62 (mss).
59. Apud. LINS, op. cit., p. 255.
60. Fundação Biblioteca Nacional (FBN), I- 03, 04, 64 (mss).
61. Apud. NAPOLEÃO, op. cit., p. 193.
62. NAPOLEÃO, Aluízio. *O segundo Rio Branco*. Rio de Janeiro: Ed. A Noite, 1941, p. 86.
63. RIO BRANCO, Barão do. *Obras completas do Barão do Rio Branco*. Rio de Janeiro: Ministério das Relações Exteriores, 1948 (IX – Discursos).
64. WEHLING, Arno. "Visão de Rio Branco: o homem de estado e os fundamentos de sua política." In: CARDIM, Carlos Henrique e Almino, João. (orgs.). *Rio Branco, a América do Sul e a modernização do Brasil*. Rio de Janeiro: EMC, 2002, p. 102.
65. RICUPERO, Rubens. *Rio Branco: o Brasil e o mundo*. Rio de Janeiro: Contraponto/Petrobras, 2000.
66. BUENO, Clodoaldo. *Política externa da Primeira República: anos de apogeu (1902-1918)*. São Paulo: Paz e Terra, 2003, p. 136.
67. ARON, Raymond; DEUTSCH, Karl; WENDZEL, Robert. *Curso de introdução às relações internacionais*. Brasília: UnB, 1983.
68. WEHLING, op. cit., p. 102.
69. Apud. LINS, op. cit., p. 143. O autor destaca que esta frase encontrava-se apenas na minuta da carta a Sousa Correia e com um risco.
70. RICUPERO, op. cit., p. 39.
71. RENOUVIN, Pierre, DUROSELLE, Jean. *Introdução à história das relações internacionais*. São Paulo: Difusão Européia, 1967, p. 376.
72. "A política externa era de responsabilidade do presidente, mas alguns ministros, pela força de sua personalidade, assumiram a decisão total". RODRIGUES, op. cit., p.42.
73. SILVA, Alexandra de Melo e. "O Brasil no continente e no mundo: atores e imagens na política externa brasileira contemporânea." *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, v. 8, n.

- 15, 1995, p. 97.
74. Sobre o conceito de interesse nacional como somatório da vontade do povo e da União, ver RODRIGUES, 1966.
75. RENOUVIN, op. cit., p. 344.
76. WENDZEL, Robert L. *Relações internacionais: o enfoque do formulador de política*. Brasília: Ed. UnB, 1985, p. 92.
77. “[A] política externa brasileira ao longo do século XX foi marcada pela busca de recursos de poder que garantissem maior autonomia do país no plano mundial, mesmo quando essa estratégia parecia se traduzir – e muitas vezes de fato se traduziu – no alinhamento a uma determinada potência”. (PINHEIRO, op. cit., p. 8.)
78. A definição das fronteiras brasileiras e a tendência à aproximação com os Estados Unidos já eram assuntos presentes na política externa imperial como demonstram diversos autores, inclusive os entusiastas do pan-americanismo.
79. Sobre o assunto, ver BULL, Hedley. *A sociedade anárquica: um estudo da ordem na política mundial*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2002.
80. O primeiro esforço no sentido de reunir os países americanos foi em 1826 no Congresso do Panamá convocado por Bolívar sob a bandeira da solidariedade continental.
81. Apud. NAPOLEÃO, 1999, p. 95.
82. CARVALHO, Carlos Delgado. *História diplomática do Brasil*. Ed. Fac-similar, Brasília: Senado Federal, 1998, p. 354.
83. BUENO, 2003, destaca assuntos em pauta do programa da I Conferência: “medidas tendentes a promover a prosperidade dos diversos Estados americanos; união pan-americana de comércio; comunicação dos portos; união aduaneira; pesos e medidas; direitos de invenção; moeda comum; e arbitramento”.
84. A União Internacional das Repúblicas Americanas foi criada em 14 de abril de 1890. Nesta data passou a ser comemorado o Dia do Pan-Americanismo. Nas revistas do IHGB podemos encontrar inúmeros artigos comemorativos sobre esta data.
85. A Organização dos Estados Americanos (OEA), de 1948, foi originada a partir de transformações no Bureau.
86. Vale lembrar que a Grã-Bretanha não se opôs à movimentação dos Estados Unidos sobre as repúblicas latino-americanas por estar envolvida no contexto europeu de disputas imperialistas e pela importância comercial que adquiriram as relações entre a potência européia e sua ex-colônia.
87. BUENO, op. cit., p. 58.
88. O Manifesto Republicano foi publicado no primeiro número do periódico *A República*.
89. O tratado de 1891 com os EUA gerou agitações na Câmara. Críticas de diversos personagens do cenário político o taxavam de unilateral ao atender apenas aos interesses norte-americanos.
90. RODRIGUES, op. cit., p. 100.
91. NAPOLEÃO, 1999, p. 104.
92. Ibid., p. 105.

93. Artigo escrito pelo barão em respostas às críticas sobre a elevação das legações do Brasil e dos Estados Unidos à categoria de embaixadas publicado pelo *Jornal do Commercio* em 12 de maio de 1906 e reproduzido inúmeras vezes.
94. RIO BRANCO, Barão do. *Obras completas do Barão do Rio Branco*. Rio de Janeiro: Ministério das Relações Exteriores, 1948 (VIII – Estudos Históricos), p. 138.
95. LEÃO FILHO, Joaquim de Sousa. “Dia Pan-americano – A tácita aliança – Constante de uma política continental”. *RIHGB*, (279) 1968.
96. OTAVIO, Rodrigo. “Alexandre de Gusmão e o monroísmo”. *RIHGB* (175) 1940.
97. Percalços da “amizade tradicional” podem ser explicados pela má escolha de representantes diplomáticos: Condé Raguet de 1825-28, Henry A. Wise de 1844-47, General James Watson Webb de 1861-69.
98. Ver primeira parte do livro BUENO, 2003, pp. 27-126.
99. LINS, op. cit., p. 333.
100. BUENO, 2003, ressalta que as mudanças ocorreram apenas na forma de produzir, vista a transição do trabalho escravo para o trabalho livre, e nas áreas de produção.
101. Os Estados Unidos destacam-se também como importantes compradores da borracha e do cacau brasileiros.
102. BUENO, 2003, p. 96.
103. A seção “Origens do americanismo”, neste artigo, trata exatamente dos eventos que configuraram este cenário favorável à política de aproximação.
104. BURNS, op. cit., p. 84.
105. LINS, op. cit., p. 278.
106. Apud GOES FILHO, op. cit., p. 285.
107. Sobre as suscetibilidades do tratado de 1867, ver LINS, 1966, p. 271.
108. Dado retirado de JORGE, 1999.
109. LINS, op. cit., p. 284.
110. BURNS, op. cit., p. 76.
111. A participação americana no sindicato gera desconfianças quanto a sua penetração na América do Sul, a imprensa traduz essa ameaça através de charges pejorativas do Tio Sam.
112. JORGE, op. cit., p. 104.
113. BUENO, 2003, p. 326.
114. Além de Rio Branco, destaca-se o serviço prestado por Assis Brasil e Rui Barbosa, embora este tenha abandonado a missão antes de sua conclusão por divergências com o barão.
115. GOES FILHO, op. cit., p. 293.
116. BURNS, op. cit., p. 110.
117. LINS, op. cit., p. 329.
118. As constantes lutas de independência que explodiam na América Latina e eram sufocadas por seus governos, geravam certo temor no governo dos Estados Unidos de que as repúblicas americanas relutassem em reconhecer o estado independente do Panamá.
119. Primeiramente Peru, seguido por Cuba, Costa Rica, Nicarágua, Guatemala e Venezuela, como destaca BURNS, 2003.

120. Os esforços do barão foram reconhecidos mesmo sem um pronunciamento conjunto, visto que o Chile reconheceu a independência do Panamá em 1º de março, o Brasil no dia 2 de março e a Argentina no dia seguinte.
121. Apud NAPOLEÃO, op. cit., pp. 200-201.
122. Apud LINS, op. cit., p. 335.
123. BURNS, op. cit., p. 122.
124. Diversos textos tratam da importância da ação conjunta dos dois estadistas, mas destacam a diferença entre o americanismo tomado por cada um na condução da política externa brasileira. Identificam o americanismo de Rio Branco como pragmático – aproximação como um meio – e o americanismo de Nabuco como ideológico – aproximação como um fim.
125. AHI 317/02/01 de 17 de março de 1905.
126. Ibidem.
127. AHI 317/02/01 de 26 de maio de 1905.
128. AHI 411/02/22 de 20 de março de 1905.
129. Ibidem.
130. Para fundamentar tal fato usa o caso de reconhecimento da independência do Panamá pelo governo brasileiro em alinhamento com posição dos Estados Unidos. BUENO, 2003, p. 156.
131. AHI 411/02/22 de 2 de maio de 1905.
132. BUENO, 2003, p. 337.
133. LINS, op. cit., p. 344.
134. Apud NAPOLEÃO, 1999, p. 225.
135. Apud BUENO, 2003, p. 339.
136. A versão oficial aponta que foi o ministro da Costa Rica quem indicou o Rio de Janeiro para sediar o evento, mas a escolha da capital brasileira provavelmente foi fruto da articulação de Rio Branco nos círculos internacionais. A presença do representante da Costa Rica na comissão encarregada da elaboração do programa da conferência respalda essa explicação.
137. AHI 182/3021. Ata de sessão ordinária da União Internacional das Repúblicas Americanas de 4 de abril de 1906, em Washington.
138. Ibidem.
139. CABRAL, João. *Evolução do direito internacional: esboço histórico-filosófico*. Rio de Janeiro: Tipografia do Jornal do Commercio, 1908, p. 166.
140. AHI 235/2/6, Despachos a Washington.
141. AHI 230/3783, Ofício de Buenos Aires.
142. LINS, op. cit., p. 515.
143. FBN, SPR 00002 (Periódicos). Discurso de Elihu Root em visita ao Rio de Janeiro. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 1/8/1906.
144. Apud NAPOLEÃO, 1999, p. 237.
145. LOBO, Hélio. *Pan-americanismo e o Brasil*. São Paulo: Nacional, 1939, p. 68.

Coleção Nelson Werneck Sodré Inventário Analítico

Leitura e descrição dos documentos

Filipe Martins Sarmento

Bacharel em História na Universidade do Estado do Rio de Janeiro
e ex-estagiário na Divisão de Manuscritos/FBN



Apresentação

Cumpre-nos discorrer sobre Nelson Werneck Sodré e, de chofre, questionar qual medida dar ao seu nome? Em que estatura conformar sua natureza? Não é muito fácil chegar a este justo equilíbrio. Se ainda, nesses tempos lúgubres, temos noção de algum valor de cidadania, liberdade e nacionalidade, então, todo aplauso ao inventário da Biblioteca Nacional.

Nascido em 1911, de um século vaidoso, Nelson Werneck Sodré cresceu vendo inúmeras revoluções militares marcharem ante seus olhos juvenis. Há problemas! Opta pela vida militar, vira artilheiro, mas torna-se temido por uma outra arma que o seduz desde cedo: a Literatura. Sua pena, inflexível e incisiva, tornou-se dialeticamente modelo para toda uma geração nacional. E aí ele começa a exprimir e desvendar um Brasil escondido e grave. Como militar defende, como escritor acusa e, juntando-se um ao outro, brilha seu amor pelo que é nosso. Sua influência espalha-se. Seus livros esgotam-se. Nelson jamais afrouxará as amarras de seu carinho por tudo que seja brasileiro.

Nessa dicotomia profissional, ele encontrará a unidade que fará a estrada de sua longa e consagrada vida: o amor pelo Brasil. Escreveu mais de 50 livros, conferenciou país adentro e mundo afora, foi crítico literário, conferencista, memorialista, foi preso, vilipendiado, insultado, calado, mas tudo isso foi pouco, muito pouco, pelo ardor com que defendia as coisas pátrias. Foi por contentar seu predileto prazer de ler, que ele, em pouco tempo, brinda-nos com um livro, cujo assunto comum a várias penas nos chega com ótica que era só dele: *História da literatura brasileira*, estudada sob fundamentos econômicos. Algo novo na praça. Quem é esse? Qual não deve ter sido, naqueles sombrios anos 30, o prazer do leitor brasileiro ao se deparar com obra tão *sui-generis*! Nelson oferece uma interpretação inteiramente nova dos fenômenos de nossa evolução cultural. Nelson tornava-se conhecido. E a literatura honrada. Tão honrada que, no cinquentenário da morte de Machado de Assis, ele é convidado a juntar-se aos maiores críticos literários do século brasileiro. Ele avança seus estudos e já se vê ensinando em escolas militares onde, há pouco, era aluno. Ele cresce, ele se expõe, ele luta, ele defende.

Porque somos obrigados a honrar bandeira, símbolos e brasões nacionais e, ao mesmo tempo, entregar aos outros as riquezas que o Criador aqui colocou e não lá? Define-se galhardamente contra as forças reacionárias e entreguistas. Os elogios cessam. Claro!!

Nelson continua escrevendo, ensinando, se multiplicando e, como é praxe, em nosso país, começa a ser perseguido. Foge, se esconde, é preso. Há problema! Ah, fôssemos declinar aqui a lista dos grandes brasileiros que passaram por tais pegadas!

Muito haveria de se falar sobre suas vicissitudes militares e suas lutas políticas. Ele foi incansável. Como militar, jamais reclamou, jamais pediu ou interferiu, cumpria ordens! Como civil, ensina a todos como amar e conhecer o Brasil. Um símbolo! Seu BBB era outro, era a Biblioteca Básica Brasileira que ele difundia e ensinava.

Jovem leitor, essa longa vida de Nelson Werneck Sodré você poderá senti-la, estudá-la e usufruí-la no acervo que, agora, em publicação material, a BN disponibiliza. São fotos, cartas, mapas, sínteses, conferências, livros, convites, estudos, conclusões etc. Tudo ao seu alcance. Não perca essa oportunidade de se espelhar num grande exemplo. Conhecer-lo e estudá-lo vale uma vida. Enobreça-se!

Mas, aqui, humildemente, cumpre-nos ainda chamar atenção para elemento de rara beleza que aflora em sua obra: o discernimento. A leitura diuturna e vasta pode se tornar improdutiva e inócua se não construída com método. Analogias, conclusões só afloram no espírito do leitor (e nos fazem bem!) se feitas com método. Elas passam a exercer em nossa vida social fundamental importância para o discernimento. Taí o *leitmotif* de toda obra de Nelson: o poder que ela nos dá de discernir, do senso crítico. Discernir, jovem leitor, é perceber, é dispor de recurso para atuar na realidade e não se permitir dominado por ela. Este é o elemento de beleza palmar de toda sua vida. Ele quer-nos sujeitos de nossa própria obra, com sentimento dialeticamente definido para entender, atuar e interferir nesse atraso estimulado e incensado de nossas elites.

Raramente se encontrarão dois espíritos, o militar e o civil, tão fraternalmente unidos, mesmo que no Brasil, das clarividências obscuras, ele tenha se preparado para a guerra e mais influído como paisano.

Com os mesmos postulados básicos que construíram sua vida, vista erguida, Nelson atravessou o século, mantendo sempre a dignidade e a tolerância que sua velhice soube tão bem agasalhar e embalar.

A Divisão de Manuscritos da Biblioteca Nacional está de parabéns. Os usuários também. O Brasil agradece.

Marco Aurélio Barroso

Escritor e professor universitário.

Graduado em Língua Portuguesa e Literatura.

Doutor em filologia românica pela Sorbonne (Paris)

Fundo/Coleção: Nelson Werneck Sodré

Datas-limite: 1924-1994

Localização: 32; 67,003; ARQ 1,2; MAP II.

Histórico: Nelson Werneck Sodré nasceu no Rio de Janeiro em 27 de abril de 1911 e faleceu em 1999. Em 1924 ingressou no Colégio Militar do Rio de Janeiro, passando à Escola Militar de Realengo. Em 1937, começou a frequentar os meios intelectuais, na Livraria José Olympio, onde conheceu escritores, como José Lins do Rego e Graciliano Ramos. Em 1946 se formou na Escola de Comando e Estado Maior do Exército. Em 1950 tomou parte nas eleições para a presidência do Clube Militar, integrando a chapa vencedora, favorável ao monopólio estatal do petróleo e à neutralidade do Brasil no plano internacional. Assumindo a direção do Departamento Cultural, foi responsável pela edição da *Revista do Clube Militar*. Em 1955, apoiou a movimentação do general Henrique Teixeira Lott na defesa da sucessão presidencial pelo presidente eleito Juscelino Kubitschek, então ameaçada por forças golpistas lideradas por Carlos Luz e Carlos Lacerda. Em 1954, se aproximou do Grupo de Itatiaia, movimento de intelectuais liderado por Hélio Jaguaribe, do qual se originaram o Instituto Brasileiro de Economia, Sociologia e Política (IBESP) e o Instituto Superior de Estudos Brasileiros (ISEB). A partir de 1962, dedicou-se exclusivamente ao trabalho intelectual, quando publica a maior parte de sua obra historiográfica. (Fonte: Catálogo *Nelson Werneck Sodré, o Homem e a obra*, Rio de Janeiro: FBN, 1992).

Forma de entrada: doação

Data: abril de 1995

Origem: o titular.

Conteúdo: obra bibliográfica do titular, fotografias de familiares e pessoas públicas; correspondência enviada e recebida do titular com políticos e intelectuais contemporâneos; artigos publicados, programas de cursos, recortes de jornais e revistas; documentos pessoais; fotografias de familiares e pessoas públicas; trabalhos sobre o titular; fitas videomagnéticas e audiomagnéticas.

Condições de acesso e de uso:

Reprodução: a Fundação Biblioteca Nacional só autoriza a reprodução integral de obras que estejam em domínio público e a reprodução parcial daquelas que, embora protegidas pela Lei do Direito Autoral (Lei 9610/98), não estejam mais disponíveis para compra no mercado livreiro – neste caso, a reprodução é condicionada ao compromisso do usuário de fazer uso estritamente pessoal e de pesquisa. Caberá ao usuário solicitar autorização para consulta ou reprodução de qualquer natureza. Neste último caso, as obras serão previamente avaliadas quanto ao estado geral de conservação física. Cópias xerox não são permitidas. As reproduções serão fornecidas, preferencialmente, em microfilme ou negativo fotográfico preto e branco. Caso a obra desejada já esteja reproduzida, a cópia solicitada será feita a partir da matriz já existente. Se a obra não estiver reproduzida, o serviço deverá ser solicitado em formulário próprio a ser submetido à análise da área de guarda, com prazo de resposta de até cinco dias úteis.

Quantificação: 807 documentos, dos quais 175 são fotografias.

Notas gerais: a coleção inclui ainda 188 livros que foram encaminhados à Seção de Intercâmbio da Biblioteca Nacional.

1. FICHÁRIO com recortes de jornal. [S.l.], 1924-1936. Orig. Imp. Microfilmado. Consulte o rolo microfilme. MS-550 (1).
32,01,001.
2. FICHÁRIO com recortes de jornal. [S.l.], 1937-1938. Orig. Imp. Microfilmado. Consulte o rolo microfilme. MS-550 (1).
32,01,002.
3. FICHÁRIO com recortes de jornal. [S.l.], 1939. Orig. Imp. Microfilmado. Consulte o rolo microfilme. MS-550 (1).
32,01,003.
4. FICHÁRIO com recortes de jornal. [S.l.], 1940-1942. Orig. Imp. Microfilmado. Consulte o rolo microfilme. MS-550 (1).
32,01,004.
5. FICHÁRIO com recortes de jornal. [S.l.], 1943-1945. Orig. Imp. Microfilmado. Consulte o rolo microfilme. MS-550 (1).
32,01,005.
6. FICHÁRIO com recortes de jornal. [S.l.], 1946. Orig. Imp. Microfilmado. Consulte o rolo microfilme. MS-550 (2).
32,01,006.
7. FICHÁRIO com recortes de jornal. [S.l.], 1947. Orig. Imp. Microfilmado. Consulte o rolo microfilme. MS-550 (2).
32,01,007.
8. FICHÁRIO com recortes de jornal. [S.l.], 1948. Orig. Imp. Microfilmado. Consulte o rolo microfilme. MS-550 (2).
32,01,008.
9. FICHÁRIO com recortes de jornal. [S.l.], 1949. Orig. Imp. Microfilmado. Consulte o rolo microfilme. MS-550 (2).
32,01,009.
10. FICHÁRIO com recortes de jornal. [S.l.], 1950. Orig. Imp. Microfilmado. Consulte o rolo microfilme. MS-550 (3).
32,01,010.

11. FICHÁRIO com recortes de jornal. [S.l.], 1951. Orig. Imp. Microfilmado. Consulte o rolo microfilme. MS-550 (3).
32,01,011.
12. FICHÁRIO com recortes de jornal. [S.l.], 1952. Orig. Imp. Microfilmado. Consulte o rolo microfilme. MS-550 (3).
32,01,012.
13. FICHÁRIO com recortes de jornal. [S.l.], 1953. Orig. Imp. Microfilmado. Consulte o rolo microfilme. MS-550 (4).
32,01,013.
14. FICHÁRIO com recortes de jornal. [S.l.], 1954. Orig. Imp. Microfilmado. Consulte o rolo microfilme. MS-550 (4).
32,01,014.
15. FICHÁRIO com recortes de jornal. [S.l.], 1955/1956. Orig. Imp. Microfilmado. Consulte o rolo microfilme. MS-550 (4).
32,01,015.
16. FICHÁRIO com recortes de jornal. [S.l.], 1957. Orig. Imp. Microfilmado. Consulte o rolo microfilme. MS-550 (4).
32,01,016.
17. FICHÁRIO com recortes de jornal. [S.l.], 1958. Orig. Imp. Microfilmado. Consulte o rolo microfilme. MS-550 (5).
32,01,017.
18. FICHÁRIO com recortes de jornal. [S.l.], 1959. Orig. Imp. Microfilmado. Consulte o rolo microfilme. MS-550 (5).
32,01,018.
19. FICHÁRIO com recortes de jornal. [S.l.], 1960. Orig. Imp. Microfilmado. Consulte o rolo microfilme. MS-550 (5).
32,02,001.
20. FICHÁRIO com recortes de jornal. [S.l.], 1961-1962. Orig. Imp. Microfilmado. Consulte o rolo microfilme. MS-550 (5).
32,02,002.
21. FICHÁRIO com recortes de jornal. [S.l.], 1963-1968. Orig. Imp. Microfilmado. Consulte o rolo microfilme. MS-550 (6).
32,02,003.

22. FICHÁRIO com recortes de jornal. [S.l.], 1969-1972. Orig. Imp. Microfilmado. Consulte o rolo microfilme. MS-550 (6).
32,02,004.
23. FICHÁRIO com recortes de jornal. [S.l.], 1973-1977. Orig. Imp. Microfilmado. Consulte o rolo microfilme. MS-550 (7).
32,02,005.
24. FICHÁRIO com recortes de jornal. [S.l.], 1978-1979. Orig. Imp.
32,02,006.
25. FICHÁRIO com recortes de jornal. [S.l.], 1980-1988. Orig. Imp.
32,02,007.
26. FICHÁRIO com recortes de jornal. [S.l.], 1989-1992. Orig. Imp.
32,02,008.
27. FICHÁRIO com recortes de jornal. [S.l.], 1993-1994. Orig. Imp.
32,02,009.
28. FICHÁRIO com recortes de jornal. [S.l.], 1994-1996. Orig. Imp. O fichário foi doado por Nelson Werneck Sodré em setembro de 1998.
32,02,009A.
29. CAMARGO, Acir da Cruz. Carta a Nelson Werneck Sodré enviando informações da pesquisa sobre Vieira Pinto, mostrando-se interessado em escrever sobre o destinatário e solicitando informações para isto. Ponta Grossa, 29 jan. 1992. 2 p. Orig. Dat. Com assinatura manuscrita.
32,02,010 nº 001.
30. CAMARGO, Acir da Cruz. Carta a Nelson Werneck Sodré indagando se foi feita uma autocrítica em relação à tese do feudalismo no Brasil. Ponta Grossa, 4 mar. 1993. 1 p. Orig. Dat. Com assinatura manuscrita.
32,02,010 nº 002.
31. CAMARGO, Acir da Cruz. Carta a Nelson Werneck Sodré enviando um questionário para que as respostas a este auxiliem o remetente em sua pesquisa. Ponta Grossa, 16 set. 1993. 2 doc. (2 p.). Orig. Dat. Anexo: questionário contendo 7 perguntas a Nelson Werneck Sodré.
32,02,010 nº 003.

32. CAMARGO, Acir da Cruz. Carta a Nelson Werneck Sodré contendo duas perguntas a respeito do programa de erradicação do analfabetismo e da posição de Nelson diante da cisão do Partido Comunista. Ponta Grossa, 28 jul. 1992. 1 p. Orig. Dat. Consta assinatura manuscrita.
32,02,010 nº 004.

33. M. Adolfo Ubilla. Carta a Nelson Werneck Sodré agradecendo pelo apoio dado ao povo da Nicarágua. Brasília, 4 abr. 1989. 1 p. Orig. Ms. Em espanhol. Papel com timbre da Embaixada da Nicarágua em Brasília, com assinatura manuscrita.
32,02,010 nº 005.

34. FRANCO, Afonso Arinos de Melo. Carta a Nelson Werneck Sodré agradecendo por um artigo. [S.l.], 5 jan. 1938. 1 p. Orig. Ms.
32,02,010 nº 006

35. TAUNAY, Afonso de E. Cartão a Nelson Werneck Sodré elogiando seu livro *Formação da sociedade brasileira*. [São Paulo], 31 jan. 1945. 1 doc. (2 p.). Orig. Ms.
32,02,010 nº 007.

36. TAUNAY, Afonso de E. Carta a Nelson Werneck Sodré comentando artigo deste. Rio de Janeiro, 20 out. 1952. 1 p. Orig. Ms. Papel com timbre da Academia Brasileira de Letras.
32,02,010 nº 008.

37. TAUNAY, Afonso de E. Carta a Nelson Werneck Sodré comentando um livro. [São Paulo], 23 jul. 1945. 1 p. Orig. Ms. Papel com timbre da Academia Brasileira de Letras.
32,02,010 nº 009.

38. TAUNAY, Afonso de E. Carta a Nelson Werneck Sodré agradecendo palavras generosas em um artigo. [São Paulo], 15 dez. 1953. 1 p. Orig. Ms. Papel com timbre da Academia Brasileira de Letras.
32,02,010 nº 010.

39. LIMA, Alceu Amoroso. Carta a Nelson Werneck Sodré comentando e elogiando artigo deste publicado no *Correio Paulistano*. Rio de Janeiro, 15 jul. 1937. 4 p. Orig. Ms.
32,02,010 nº 011.

40. LIMA, Alceu Amoroso. Carta a Nelson Werneck Sodré elogiando suas críticas publicadas em jornais. Rio de Janeiro, 25 set. [19__]. 4 p. Orig. Ms.
32,02,010 nº 012.

41. LIMA, Aldo de. Carta a Nelson Werneck Sodré informando que abordará a contribuição de Nelson para o estudo da literatura brasileira em curso que ministrará na Universidade Federal de Pernambuco e enviando o plano de curso. Recife, 11 ago. 1993. 1 p. Orig. Dat. Com assinatura manuscrita. 32,02,010 nº 013.
42. BRAGA, Américo. Ofício a Nelson Werneck Sodré comunicando a insubsistência do decreto que o transferiu para a reserva. Rio de Janeiro, 8 jan. 1962. 1 p. Orig. Dat. Papel com timbre do Ministério da Guerra. 32,02,010 nº 014.
43. PRESTES, Anita Leocádia. Carta a Nelson Werneck Sodré falando do desentendimento com Luiz Carlos Ribeiro Prestes e pedindo que preste solidariedade a Erick Honecker. Rio de Janeiro, 31 mar. 1992. 1 p. Orig. Dat. 32,02,010 nº 015.
44. SERPA, Antônio Carlos de Andrada. Cartão a Nelson Werneck Sodré agradecendo seu apoio e incentivo. [Borda], 30 jan. 1993. 1 doc. (2 p.). Orig. Ms. 32,02,010 nº 016.
45. MENEZES, Antônio Dias. Carta a Nelson Werneck Sodré convidando-o a assumir função de crítico literário do Correio Paulistano. São Paulo, 2 out. 1936. 1 p. Orig. Ms. Papel com timbre do Correio Paulistano. Com assinatura manuscrita. 32,02,010 nº 017.
46. VASCONCELOS, Armando Villanova Pereira de. Carta a Nelson Werneck Sodré solicitando que seja recolhido ao 6º RAA R-75 o manual reservado C 101-52 (Planejamento para a guerra). Cruz Alta, 22 nov. 1954. 1 p. Orig. Dat. Papel com timbre do Ministério da Guerra. Com assinatura manuscrita. Contém anotações manuscritas. 32,02,010 nº 018.
47. NEVES, Arthur. Carta a Nelson Werneck Sodré tratando da publicação de seu livro *O que se deve ler para conhecer o Brasil*, pedindo autorização para usar o trabalho deste sobre Euclides da Cunha como prefácio da edição de *Os sertões* e transmitindo notícias da U.N.B. Brasília, 8 jul. 1963. 2 p. Orig. Dat. Papel com timbre da Editora Universidade de Brasília. Com assinatura manuscrita. 32,02,010 nº 019.

48. CARTÃO de visita de Astrojildo Pereira contendo endereço. Rio de Janeiro, [19__]. 1 doc. Orig. Ms. Imp.
32,02,010 nº 020.
49. PEREIRA, Astrojildo. Carta a Nelson Werneck Sodré comunicando ter chegado da União Soviética, onde fez tratamento de saúde, e convidando-o para escrever o capítulo sobre literatura de uma obra sobre o Brasil que está sendo preparado pela Academia de Ciências da U.R.S.S. Rio de Janeiro, 20 nov. 1961. 3 p. Orig. Ms.
32,02,010 nº 021.
50. TAVARES, A. de Lyra. Carta a Nelson Werneck Sodré elogiando seu livro *Introdução à revolução brasileira*. Comenta sobre os valores e as obrigações dos militares. Rio de Janeiro, 11 ago. 1958. 1 p. Orig. Dat.
32,02,010 nº 022.
51. AMARAL, Azevedo. Carta a Nelson Werneck Sodré desculpando-se por seu afastamento, comentando os artigos daquele e pedindo que escreva algo para publicar na revista *Novas Diretrizes*. Rio de Janeiro, 16 jul. 1939. 2 p. Orig. Dat. Com assinatura manuscrita. Papel com timbre da revista *Novas Diretrizes*.
32,02,010 nº 023.
52. AMARAL, Azevedo. Carta a Nelson Werneck Sodré relatando que esteve com o capitão Mello Moraes e comunicando que se desligou da revista *Diretrizes* e fundou outra chamada *Novas Diretrizes*. Rio de Janeiro, 19 nov. 1938. 1 p. Orig. Dat. Com assinatura manuscrita. Papel com timbre da revista *Novas Diretrizes*.
32,02,010 nº 024.
53. LIMA SOBRINHO, Barbosa. Cartão a Nelson Werneck Sodré agradecendo bilhete recebido. Rio de Janeiro, 3 mar. 1986. 1 p. Orig. Dat. Com assinatura manuscrita. Papel com timbre da Associação Brasileira de Imprensa.
32,02,010 nº 025.
54. BERTELLI. Carta a Nelson Werneck Sodré tratando da elaboração, com este e mais três estudiosos, de um livro sobre Mário de Andrade, comemorativo do centenário de seu nascimento. [S.l.], 18 jul. 1992. 1 p. Orig. Dat.
32,02,010 nº 026.

55. BERTELLI. Carta a Nelson Werneck Sodré propondo a realização de um livro comemorativo do centenário do nascimento de Mário de Andrade, com análises marxistas sobre sua obra e seu papel como intelectual. [S.l.], 1 jul. 1992. 1 p. Orig. Dat.
32,02,010 nº 027.
56. KLINGER, Jeneral. Cartão a Nelson Werneck Sodré agradecendo comentário. Rio de Janeiro, 1 dez. 1951. 1 doc. (2 p.). Orig. Ms.
32,02,010 nº 028.
57. KLINGER, Jeneral. Carta a Nelson Werneck Sodré agradecendo o oferecimento do livro *Oeste* e comentando-o. Rio de Janeiro, 6 nov. 1942. 2 p. Orig. Dat. Com assinatura manuscrita.
32,02,010 nº 029.
58. KLINGER, Jeneral. Carta a Nelson Werneck Sodré justificando seu atraso para responder uma carta e comentando uma tradução feita pelo remetente. Rio de Janeiro, 12 ago. 1951. 1 p. Orig. Dat. Com assinatura manuscrita.
32,02,010 nº 030.
59. MACHADO NETO, Brasília. Carta a Nelson Werneck Sodré convidando-o a fazer parte da Confederação Nacional do Comércio como conselheiro técnico. Rio de Janeiro, 4 fev. 1959. 2 p. Orig. Dat. Papel com timbre da Confederação Nacional do Comércio. Com assinatura manuscrita.
32,02,010 nº 031.
60. CABAÇO. Carta a Nelson Werneck Sodré comentando a situação em Moçambique. Maputo, 5 out. 1983. 1 p. Orig. Ms. Papel com timbre do Ministério da Informação da República Popular de Moçambique.
32,02,010 nº 032.
61. TOLEDO, Caio Naval de. Carta a Nelson Werneck Sodré esclarecendo o dia e hora da exposição deste no seminário sobre o golpe de 64 que ocorrerá na UNICAMP. Campinas (São Paulo), 15 dez. 1993. 1 p. Orig. Imp. Papel com timbre da UNICAMP.
32,02,010 nº 033.
62. PRADO JÚNIOR, Caio. Carta a Nelson Werneck Sodré agradecendo pelo apoio pessoal recebido. São Paulo, 6 set. 1971. 1 p. Orig. Dat. Com assinatura manuscrita.
32,02,010 nº 034.
63. PRADO JÚNIOR, Caio. Carta a Nelson Werneck Sodré comentando a pesquisa em andamento, elogiando o trabalho de Nelson e falando das difi-

culdades de se estudar a história do Brasil. São Paulo, 7 dez. 1942. 2 p. Orig. Dat. Com assinatura manuscrita.

32,02,010 nº 035.

64. PRADO JÚNIOR, Caio. Carta a Nelson Werneck Sodré agradecendo crítica publicada sobre o livro de Prado Júnior, perguntando quando publicará seu próximo trabalho e convidando-o a participar como sócio correspondente da Sociedade de Estudos Históricos. São Paulo, 3 jan. 1943. 1 p. Orig. Dat. Com assinatura manuscrita.

32,02,010 nº 036.

65. PRADO JÚNIOR, Caio. Carta a Nelson Werneck Sodré felicitando-o por ter escrito uma história literária sem nomes e elogiando sua obra. São Paulo, 3 set. 1943. 1 p. Orig. Dat.

32,02,010 nº 037.

66. ANDRADE, Carlos Drummond de. Cartão de agradecimento a Nelson Werneck Sodré. Rio de Janeiro, 29 nov. 1982. 1 doc. Orig. Ms.

32,02,010 nº 038.

67. ANDRADE, Carlos Drummond de. Cartão a Nelson Werneck Sodré agradecendo o envio do livro História da literatura brasileira. Rio de Janeiro, 9 ago. 1982. 1 doc. Orig. Ms.

32,02,010 nº 039.

68. ANDRADE, Carlos Drummond de. Cartão a Nelson Werneck Sodré agradecendo o oferecimento do perfil de Oscar Nieweyer. Rio de Janeiro, 14 nov. 1978. 1 p. Orig. Ms.

32,02,010 nº 040.

69. COUTINHO, Carlos Nelson. Carta a Nelson Werneck Sodré agradecendo notícias e conselhos. Paris, 7 mar. 1978. 1 p. Orig. Dat.

32,02,010 nº 041.

70. CASTELO BRANCO, Humberto de Alencar. Cartão de boas festas a Nelson Werneck Sodré. [S.l.], [00 dez. 1948]. 2 p. Orig. Ms.

32,02,010 nº 042.

71. GIORDANO, Cláudio. Carta a Nelson Werneck Sodré informando ter enviado a Pedro A. Figueira um exemplar de História da história nova e falando de um projeto em comum. São Paulo, 4 ago. 1992. 2 doc. (5 p.). Orig. Ms. Anexo: conto popular do Leste europeu, "O senhor de terras e seu filho".

32,02,010 nº 043.

72. GIORDANO, Cláudio. Carta a Nelson Werneck Sodré relatando andamento do projeto de História nova do Brasil. São Paulo, 1 mar. 1993. 4 p. Orig. Ms.
32,02,010 nº 044.
73. GIORDANO, Cláudio. Carta a Nelson Werneck Sodré relatando andamento da publicação do livro História nova do Brasil. São Paulo, 27 mar. 1992. 1 p. Orig. Imp. Papel com timbre da Editora Giordano Ltda. Contém assinatura manuscrita.
32,02,010 nº 045.
74. GIORDANO, Cláudio. Carta a Nelson Werneck Sodré mostrando interesse em republicar História nova do Brasil e pedindo a opinião. São Paulo, 24 fev. 1992. 1 p. Orig. Imp. Com assinatura manuscrita. Papel com timbre da Editora Giordano Ltda.
32,02,010 nº 046.
75. GIORDANO, Cláudio. Carta a Nelson Werneck Sodré enviando exemplar do livro História nova do Brasil, prometendo enviar dez exemplares como pagamento e manifestando a vontade de promover o lançamento do livro, apesar da falta de recursos. São Paulo, 4 set. 1993. 1 p. Orig. Imp. Com assinatura manuscrita. Papel com timbre da Editora Giordano Ltda.
32,02,010 nº 047.
76. GIORDANO, Cláudio. Carta a Nelson Werneck Sodré informando que continua tentando publicar o livro sobre a história nova do Brasil e dando maiores informações sobre o projeto. São Paulo, 5 jun. 1992. 1 p. Orig. Imp. Com assinatura manuscrita. Papel com timbre da Editora Giordano Ltda.
32,02,010 nº 048.
77. GIORDANO, Cláudio. Carta a Nelson Werneck Sodré solicitando o texto da "História da história nova do Brasil" e agradecendo as respostas solícitas. São Paulo, 9 mar. 1992. 1 p. Orig. Imp. Com assinatura manuscrita. Papel com timbre da Editora Giordano Ltda.
32,02,010 nº 049.
78. GIORDANO, Cláudio. Carta a Nelson Werneck Sodré pedindo desculpas por falhas cometidas, enviando a estrutura desejada para o volume História nova do Brasil e comentando-a. São Paulo, 19 mar. 1992. 2 p. Orig. Imp. Com assinatura manuscrita. Papel com timbre da Editora Giordano Ltda.
32,02,010 nº 050.

79. RAINHO, Cleonice. Carta a Nelson Werneck Sodré agradecendo pelo prefácio escrito para o romance da missivista, que será publicado. Juiz de Fora, 15 jun. 1993. 2 p. Orig. Ms.
32,02,010 nº 051.

80. F. Clóvis Pacheco. Carta a Nelson Werneck Sodré dizendo ter usado a obra *A ideologia de colonialismo*, de Sodré, em sua dissertação de mestrado, agradecendo pela obra, discorrendo sobre a dissertação e sobre a ditadura militar. São Paulo, 17 out. 1994. 7 p. Orig. Dat.
32,02,010 nº 052.

81. COSTA, Cruz. Carta a Nelson Werneck Sodré comentando o livro *Memórias de um soldado*, de autoria de Sodré. São Paulo, 25 out. 1967. 1 p. Orig. Dat.
32,02,010 nº 053.

82. CYRO. Carta a Nelson Werneck Sodré sobre o estado de saúde de d. Amélia. Santos, 27 fev. 1967. 1 p. Orig. Ms.
32,02,010 nº 054.

83. DANTAS. Carta a Nelson Werneck Sodré elogiando-o. [S.l.], [19__]. 1 p. Orig. Ms.
32,02,010 nº 055.

84. BELINTANI, Ducler. Carta a Nelson Werneck Sodré convidando-o para a formatura dos alunos da Faculdade de Jornalismo Cásper Líbero. São Paulo, 8 set. 1965. 1 p. Orig. Dat. Papel com timbre do Centro Acadêmico Cásper Líbero.
32,02,010 nº 056.

85. ZHUKOV, E. M. Carta a Nelson Werneck Sodré convidando-o a participar de um simpósio sobre "A grande revolução socialista de outubro e o movimento de libertação nacional dos povos da Ásia, África e América Latina", que se realizará na União Soviética. Moscou, 24 mai. 1967. 1 p. Orig. Dat. Com assinatura manuscrita. Papel com timbre da Akademiya Nauk.
32,02,010 nº 057.

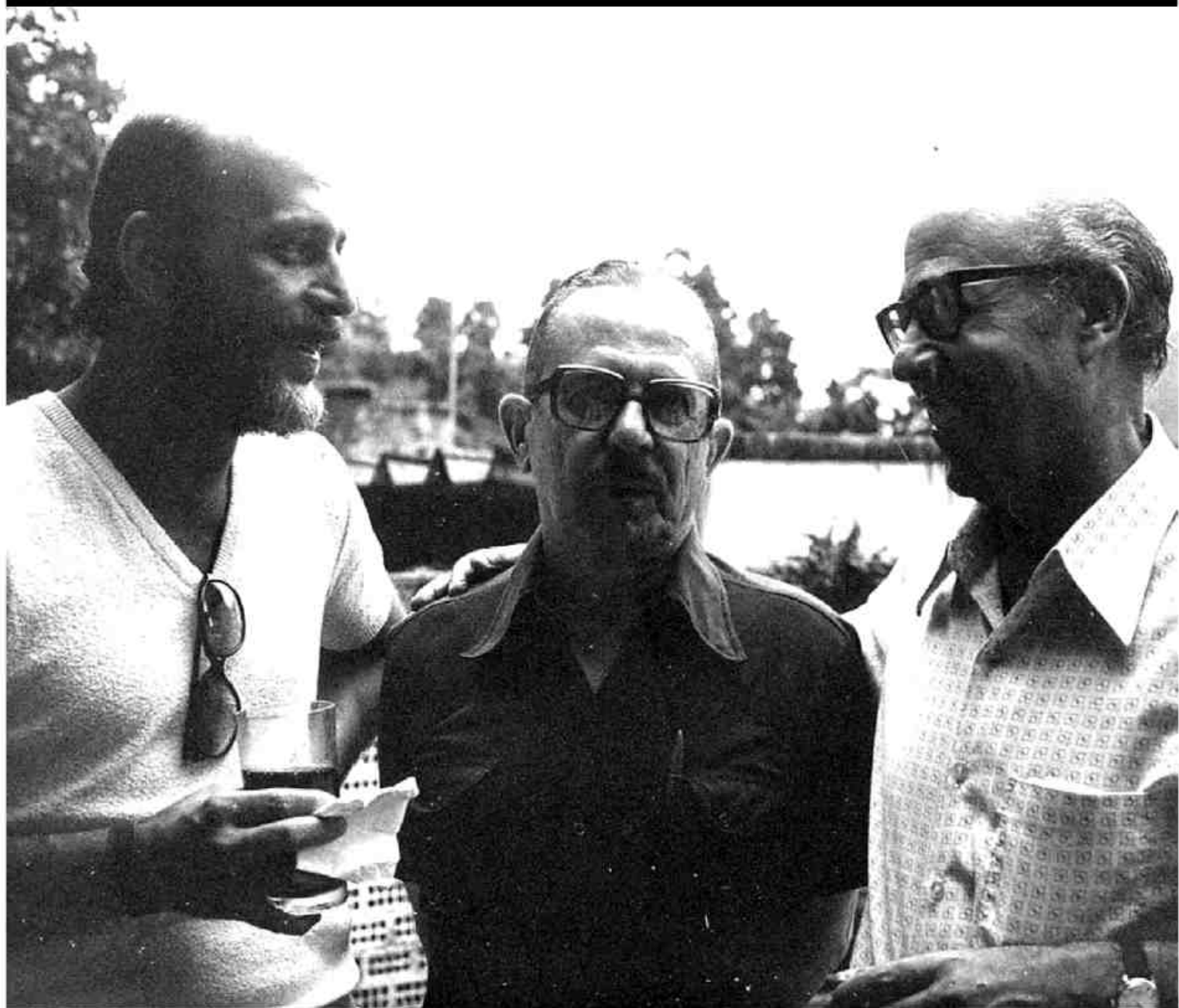
86. SUCUPIRA FILHO, Eduardo. Carta a Nelson Werneck Sodré felicitando-o pelo seu 80º aniversário. São Paulo, [1991]. 1 p. Orig. Dat. Com assinatura manuscrita
32,02,010 nº 058.

87. MEDEIROS, Elio Ambrósio de. Carta a Nelson Werneck Sodré convidando-o para sua formatura. [S.l.], 1963. 1 p. Orig. Ms.
32,02,010 nº 059.

88. VERÍSSIMO, Érico. Cartão a Nelson Werneck Sodré falando sobre o encontro dos dois e elogiando o trabalho de Sodré. Porto Alegre, 22 set. 1940. 1 doc. (2 p.). Orig. Ms.
32,02,010 nº 060.
89. GIOVANNETTI NETTO, Evaristo. Carta a Nelson Werneck Sodré assumindo o erro no último boletim *Polêmica*, na seção *Leituras*. São Paulo, 25 jan. 1994. 1 p. Orig. Dat.
32,02,010 nº 061.
90. MORAIS FILHO, Evaristo de. Carta a Nelson Werneck Sodré dizendo que, ao rever a segunda edição de *Reminiscências*, se deparou com 5 linhas sobre Sodré. Rio de Janeiro, 20 nov. 1987. 2 p. Orig. Ms.
32,02,010 nº 062.
91. GIOVANNETTI NETTO, Evaristo. Carta a Nelson Werneck Sodré convidando-o para a presidência de honra do IMESPE-Instituto Marxista de Estudos Sociais, Políticos e Econômicos. São Paulo, 26 jan. 1994. 1 p. Orig. Dat. Com assinatura manuscrita. Papel com timbre do IMESPE.
32,02,010 nº 063.
92. GIOVANNETTI NETTO, Evaristo. Carta a Nelson Werneck Sodré falando do estabelecimento do IMESPE-Instituto Marxista de Estudos Sociais, Políticos e Econômicos. São Paulo, 23 out. 1993. 1 p. Orig. Dat. Com assinatura manuscrita.
32,02,010 nº 064.
93. PRESTES, Maria Ribeiro. Carta à nação exigindo o reconhecimento da importância de Luiz Carlos Prestes pelo governo do Brasil. Brasília, 8 jul. 1992. 2 p. Cópia. Dat. Constam também como signatários outros integrantes da família Ribeiro Prestes.
32,02,010 nº 065.
94. FERNANDO. Carta a Nelson Werneck Sodré transcorrendo sobre suas vidas de intelectuais e sobre a situação política do Brasil. São Paulo, 25 out. 1965. 3 p. Orig. Ms. Papel com timbre da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo.
32,02,010 nº 066.
95. FERNANDO. Carta a Nelson Werneck Sodré falando sobre o livro deste, intitulado *Orientações do pensamento brasileiro*. São Paulo, 21 jul. 1942. 2 p. Orig. Ms. Papel com timbre da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo.
32,02,010 nº 067.

96. GULLAR, Ferreira. Carta a Nelson Werneck Sodré convidando-o a responder um questionário para a revista Piracema. Rio de Janeiro, 3 fev. 1993. 2 doc. (3 p.). Orig. Dat. Papel com timbre do Instituto Brasileiro de Arte e Cultura. Anexo: questionário contendo três perguntas.
32,02,010 nº 068.
97. GULLAR, Ferreira. Carta a Nelson Werneck Sodré falando sobre a atmosfera política do Brasil e manifestando a vontade de reunir a intelectualidade brasileira. Buenos Aires, 9 dez. 1975. 1 p. Orig. Dat. Com assinatura manuscrita.
32,02,010 nº 069.
98. CASTRO, Fidel. Carta a Nelson Werneck Sodré discorrendo sobre a questão das dívidas externas da América Latina e convidando-o para uma reunião continental que acontecerá em Havana. Havana, 26 jun. 1985. 4 p. Orig. Imp. Em espanhol. Com assinatura. Papel com timbre da República de Cuba.
32,02,010 nº 070.
99. SOARES, Gerson de Macedo. Carta a Nelson Werneck Sodré informando-o da solenidade na qual este tomará posse da cadeira nº 9 do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil. Rio de Janeiro, 28 ago. 1964. 1 p. Orig. Dat. Papel com timbre do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil.
32,02,010 nº 071.
100. RABELO, Genival. Carta a Nelson Werneck Sodré dizendo ter enviado o trabalho deste ao jornal e transmitindo fotocópia do jornal com o trabalho publicado. [S.l.], 21 out. 1987. 1 p. Orig. Ms. Consta fotocópia de "A mídia e o poder", artigo de Nelson Werneck Sodré publicado no Diário do Comércio.
32,02,010 nº 072.
101. AMADO, Gilberto. Carta a Nelson Werneck Sodré elogiando-o, dando notícias do seu trabalho e falando de algumas publicações. Paris, 10 set. 1957. 3 p. Orig. Ms.
32,02,010 nº 073.
102. AMADO, Gilberto. Carta a Nelson Werneck Sodré elogiando-o e comunicando que virá ao Brasil. Genebra, 27 jul. 1953. 1 p. Orig. Ms.
32,02,010 nº 074.

Imagens de Arquivo



Nelson Werneck Sodré com o escritor Carlos Eduardo Novaes e o sociólogo Evaristo de Moraes Filho. Rio de Janeiro, 12 jan. 1980.



NWS com sua mãe.
Cambuquira, [1918].

Com os pais,
Heitor de Abreu Sodré e
Amélia Werneck Sodré.
[S.I.], 1934.



Eu e meus pais
ano 1934

Minha querida Mãe
 como você, tenho muitas
 saudades. minha querida
 Mãe sinto muito lhe
 pedir se a senhora
 puder me mandar ~~uma~~
 uma bola Nômero 3
 se a senhora puder se a
 senhora não puder mas
 aflija respondame o
 pronto. diga as papai
 que eu vou muito
 bem. a senhora faz
 favor de responder
 esta carta impor-
 tante. Um beijo de
 teu querido filho.
 Nelson Saxe

Bilhete de NWS, ainda
 criança, a sua mãe
 pedindo que lhe envie
 uma "bola nº3".
 [S.I.], [19__].

Cartão postal a Mário
 da Silva Brito, diretor
 da Civilização Brasil, a
 editora da grande maioria
 de seus livros.
 Moscou, 29 abr. 1968.

МОСКВА, Moscow
 Здание СЭВ и гостиница «Украина»
 CMEA Building and Hotel Ukraine

MSB: minha mãe
 em 1968
 Com saudades, sua,
 envio-lhe grande
 abraço e é muito feliz,
 esperando que v. es-
 tija com boa saúde, livre
 das ocupações de finados
 e mandando boas em
 nome de Deus.

Фото А. Стужина
 12945-558 D

ПОЧТА СССР 1968 4 КОП
 Георгий Соловьев
 МОСКВА

ПОЧТА СССР 10 КОП
 10 457 1968
 МОСКВА BRITO

97, R. 7 DE SETEMBRO
 RIO DE JANEIRO
 BRASIL

АВИА
 PAR AVION

Ciudad de La Habana
26 de junio de 1985

General (r) Nelson Werneck Sodré

Estimado general:

El problema de la deuda externa se ha convertido, sin lugar a dudas y según admisión unánime, en el más importante para la economía de la América Latina y el Caribe en su conjunto y las economías de cada uno de nuestros países. La cifra superior ya a los 160 mil millones de dólares que la América Latina y el Caribe deben a la banca privada, a los organismos multilaterales de crédito y a diferentes gobiernos de países desarrollados, plantea sobre el continente un peso que se hace insuportable en las condiciones de la situación económica internacional. Incluso en aquellos países que tienen una menor deuda absoluta o una menor deuda per cápita, la comparación entre sus ingresos por exportación y el servicio que demanda esa deuda, arroja un resultado tan desfavorable que no puede entorpecer la corrección de que, en esas condiciones, el desarrollo económico es imposible.

La gravedad de la deuda externa latinoamericana aumenta cuando se advierte que la misma no obedece tan solo a circunstancias coyunturales que podrían variar, sino que deriva principalmente de la naturaleza estructural de las relaciones económicas entre los países subdesarrollados y los países capitalistas desarrollados, dentro de las cuales se mueve el conjunto de la América Latina y el Caribe.

Es evidente que la crisis económica internacional generada en los últimos años en las economías capitalistas desarrolladas, y cuyos efectos se sienten, hace más difícil para los países de la América Latina encontrar el pago de sus deudas. Pero aun en el improbable caso de que esa situación económica internacional mejorara, los problemas fundamentales de la América Latina y el Caribe quedarían sin solución. Mientras subsista el intercambio desigual, que impone precios de cuban para nuestros productos

Carta de Fidel Castro
a NWS tratando de
questão da dívida
externa da América
Latina e convidando-o
para uma reunião
continental
em Havana.
Havana, 26 jun. 1985.

4.

Le invito a usted para que, en su condición de personalidad destacada esté presente en la reunión de carácter continental que iniciaremos en La Habana en la noche del 30 de julio y continuará el 31 de julio y los días 1, 2 y 3 de agosto próximos.

Prendemos reunir en esta ocasión a más de 300 representantes de todas las fuerzas políticas, sociales e intelectuales posibles de la América Latina y el Caribe, sin restricciones ideológicas, religiosas o de clase.

Le agradecería mucho hiciera usted el mayor esfuerzo para estar presente en esta reunión, en la que a todas nos resultará extraordinariamente útil poder contar con sus opiniones y experiencias.

Lo saluda atentamente,


Fidel Castro Ruz

Carta a Affonso Romano
mediante a qual envia artigo
para a Revista do Livro
(publicado no nº 49).
Rio de Janeiro, 22 jan. 1996.

Nelson Werneck Sodré em
visita ao então presidente
da Fundação Biblioteca
Nacional, Affonso Romano
de Sant'Anna. Rio de
Janeiro, 1 fev. 1995.

Prezado Affonso Romano.

perdoe - faz
já vai o artigo que me pediu
para a Revista do Livro. J retornei.
A circulação dessa revista é
um fato altamente importante pa-
ra a cultura brasileira brasileira.

O artigo - especialmente es-
crito para a revista - é longo. Se não
der para publicar de uma só vez,
deixe-o em dois números.

Por favor, como favor especial, que
deposite o original no meu arquivo
e me en- tre, depois, uma exemplar
da Revista do Livro em que aparecer.

Muito grato, o admirador -
amigo

Nelson Werneck Sodré



103. AMADO, Gilberto. Carta a Nelson Werneck Sodré agradecendo e elogiando os comentários deste ao seu livro *História da minha infância*. Nova Iorque, 7 out. 1954. 2 p. Orig. Ms.
32,02,010 nº 075.

104. RODRIGUEZ, Gilberto. Carta a Nelson Werneck Sodré avisando da promulgação da Resolução nº 101, que lhe concede o título de benemérito do estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 6 nov. 1987. 2 p. Orig. Dat. Com assinatura manuscrita. Papel com timbre da Assembléia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro.
32,02,010 nº 076.

105. RAMOS, Graciliano. Carta a Nelson Werneck Sodré falando sobre colaborações e desculpando-se pela demora em responder sua carta. Rio de Janeiro, 29 mar. 1943. 2 p. Orig. Ms.
32,02,010 nº 077.

106. RAMOS, Graciliano. Carta a Nelson Werneck Sodré descrevendo manifestações populares relacionadas com a Segunda Guerra Mundial. Rio de Janeiro, 2 out. 1942. 1 p. Orig. Ms.
32,02,010 nº 078.

107. RAMOS, Graciliano. Carta a Nelson Werneck Sodré tratando da publicação de artigos e comentando trecho publicado por Nelson. Rio de Janeiro, 12 nov. 1938. 1 p. Orig. Ms.
32,02,010 nº 079.

108. FRAGOSO, Heleno Cláudio. Carta a Nelson Werneck Sodré enviando certidões de despachos relativos ao inquérito sobre História nova do Brasil. Rio de Janeiro, 15 dez. 1970. 2 doc. (6 p.). Orig. Dat. Anexas: certidões.
32,02,010 nº 080.

109. LIMA, Hermes. Cartão a Nelson Werneck Sodré dizendo ter consultado o livro *História da literatura brasileira*. Rio de Janeiro, 11 set. 1971. 2 p. Orig. Ms. Papel com timbre da Academia Brasileira de Letras.
32,02,010 nº 081.

110. LIMA, Hermes. Carta a Nelson Werneck Sodré elogiando o livro *História da literatura brasileira*, de autoria de Nelson. Rio de Janeiro, 3 out. 1960. 2 p. Orig. Ms.
32,02,010 nº 082.

111. LIMA, Hermes. Carta a Nelson Werneck Sodré agradecendo a crítica feita ao livro *Tobias*. Rio de Janeiro, 29 abr. 1939. 2 p. Orig. Ms.
32,02,010 nº 083.

112. CASTELO BRANCO, Humberto de Alencar. Cartão a Nelson Werneck Sodré agradecendo a oferta do livro *Introdução à revolução brasileira* e enviando uma conferência feita pelo remetente. Rio de Janeiro, 25 abr. 1958. 2 p. Orig. Ms. Papel com timbre da Escola Superior de Guerra. 32,02,010 nº 084.

113. INSTITUTO NACIONAL DE PREVIDÊNCIA SOCIAL (INPS). Comunicado a Nelson Werneck Sodré concedendo aposentadoria por tempo de serviço. [S.l.], 30 out. 1981. 1 p. Orig. Imp. 32,02,010 nº 085.

114. BARRETO, Isnard Dantas. Carta a Nelson Werneck Sodré informando ter lhe escrito uma em julho onde agradecia pelo trabalho, pedindo que informe se recebeu a carta e reforçando agradecimento. Rio de Janeiro, 10 out. 1933. 1 p. Orig. Ms. 32,02,010 nº 086.

115. BARRETO, Isnard Dantas. Carta a Nelson Werneck Sodré discorrendo sobre artigo de Nelson sobre o remetente, publicado na revista da Escola Militar e falando da sua concepção de ensino. Rio de Janeiro, 9 jul. 1933. 19 p. Orig. Dat. Com assinatura manuscrita. 32,02,010 nº 087.

116. MIRANDA, João Gilberto. Carta a Nelson Werneck Sodré solicitando uma entrevista. São Paulo, 9 out. 1991. 2 p. Orig. Dat. Com assinatura manuscrita. Papel com timbre da UNESP. 32,02,010 nº 088.

117. ROSA, João Guimarães. Telegrama a Nelson Werneck Sodré elogiando artigo de Nelson publicado no *Correio Paulistano* sobre o livro do remetente intitulado *Sagarana*. Brasília, [19__]. 1 p. Orig. Dat. 32,02,010 nº 089.

118. SANTOS, João Luiz dos. Carta a Nelson Werneck Sodré convidando-o a palestrar na Universidade Estadual de Ponta Grossa. Ponta Grossa, 15 jun. 1992. 1 p. Orig. Dat. Com assinatura manuscrita. Papel com timbre da Universidade Estadual de Ponta Grossa. 32,02,010 nº 090.

119. CARTA a Nelson Werneck Sodré contendo indagações sobre o Brasil e o socialismo. Ponta Grossa, 10 jan. 1992. 1 p. Orig. Dat. Papel com timbre da Universidade Estadual de Ponta Grossa. 32,02,010 nº 091.

120. DULLES, John W. F. Carta a Nelson Werneck Sodré parabenizando-o pelo livro *A história da imprensa no Brasil*. Washington, 19 set. 1968. 1 p. Orig. Dat. Em inglês. Com assinatura manuscrita.
32,02,010 nº 092.

121. RIOS, José Arthur. Carta a Nelson Werneck Sodré elogiando sua obra e comentando a situação política contemporânea do Brasil. Rio de Janeiro, 30 set. 1993. 2 p. Orig. Dat.
32,02,010 nº 093.

122. CARVALHO, José Cândido de. Carta a Nelson Werneck Sodré enviando-lhe um exemplar do livro *Olha para o céu*, Frederico e dizendo que publicará outro romance. Rio de Janeiro, 20 nov. 1957. 1 p. Orig. Dat. Com assinatura manuscrita.
32,02,010 nº 094.

123. OLYMPIO, José. Carta a Nelson Werneck Sodré dizendo que não poderá editar livro deste sobre pensadores brasileiros e mostrando-se interessado em republicar *História da literatura brasileira*. Rio de Janeiro, 14 abr. 1939. 2 p. Orig. Ms. Papel com timbre da Livraria José Olympio Editora.
32,02,010 nº 095.

124. OLYMPIO, José. Carta a Nelson Werneck Sodré agradecendo artigo publicado no *Correio Paulistano*. [S.l.], [19__]. 1 p. Orig. Ms. Papel com timbre da Livraria José Olympio Editora.
32,02,010 nº 096.

125. OLYMPIO, José. Carta a Nelson Werneck Sodré falando de carta enviada a Daniel. Rio de Janeiro, 20 jun. 1940. 2 p. Orig. Ms. Papel com timbre da Livraria José Olympio Editora.
32,02,010 nº 097.

126. [COSTA, Oswaldo]. Carta a Nelson Werneck Sodré justificando o fato de ter ido ao Rio de Janeiro e não tê-lo visitado, falando da vontade de Nelson em escrever artigos sobre política e da visão política do periódico *O Semanário*. Brasília, 00 jul. 1962. 3 p. Orig. Dat.
32,02,010 nº 098.

127. OLYMPIO, José. Carta a Nelson Werneck Sodré cumprimentando-o. Rio de Janeiro, 27 abr. 1979. 1 p. Orig. Ms.
32,02,010 nº 099.

128. OLYMPIO, José. Cartão a Nelson Werneck Sodré desejando-lhe boas festas. Rio de Janeiro, 00 dez. 1977. 1 doc. (2 p.). Orig. Imp. Cartão impres-

so com votos de boas festas da Livraria José Olympio Editora reforçados por anotações manuscritas.

32,02,010 nº 100.

129. PAULO NETTO, José. Carta a Nelson Werneck Sodré comunicando que escreverá um artigo sobre este e pedindo para agendar uma conversa. São Paulo, 26 out. 1991. 2 p. Orig. Dat. Com assinatura manuscrita.

32,02,010 nº 101.

130. PAULO NETTO, José. Carta a Nelson Werneck Sodré enviando trabalho que publicará e pedindo que Nelson o revise. São Paulo, 27 ago. 1991. 1 p. Orig. Dat.

32,02,010 nº 102.

131. PAULO NETTO, José. Carta a Nelson Werneck Sodré informando o recebimento de carta, pedindo desculpas pela demora em responder e dizendo que viajará à Portugal. São Paulo, 19 jan. 1992. 1 p. Orig. Ms.

32,02,010 nº 103.

132. PAULO NETTO, José. Carta a Nelson Werneck Sodré informando ter recebido carta onde Nelson comenta “democracia e transcrição socialista”, agradecendo-o pelas palavras estimulantes e falando de sua admiração por Nelson. São Paulo, 6 mai. 1990. 1 p. Orig. Dat. Com assinatura manuscrita.

32,02,010 nº 104.

133. AMADO, Jorge. Carta a Nelson Werneck Sodré pedindo que dê sua opinião acerca do livro de Cardoso da Fonseca, poeta saído dos meios sindicais, devido à impossibilidade de o remetente fazê-lo. Rio de Janeiro, 17 jun. [19__]. 1 p. Orig. Dat. Com assinatura manuscrita.

32,02,010 nº 105.

134. LIMA, Jorge de. Carta a Nelson Werneck Sodré dizendo que, ao tentar entregar-lhe um livro, descobriu seu novo endereço. Rio de Janeiro, 11 ago. 1952. 1 p. Orig. Ms.

32,02,010 nº 106.

135. SECCO, Lincoln Ferreira. Carta a Nelson Werneck Sodré relatando o fracasso da revista de opinião marxista, discorrendo sobre o capítulo XIII do primeiro volume de O capital, falando do marxismo e enviando duas perguntas sobre O capital. São Paulo, 8 jun. 1992. 4 p. Orig. Ms.

32,02,010 nº 107.

136. PRESTES, Luís Carlos. Cartão a Nelson Werneck Sodré desejando boas festas. Rio de Janeiro, 1982-1983. 1 doc. Orig. Ms.

32,02,010 nº 108.

137. PRESTES, Luís Carlos. Cartão a Nelson Werneck Sodré enviando um artigo. Rio de Janeiro, 7 nov. 1980. 1 doc. Orig. Ms.
32,02,010 nº 109.
138. PRESTES, Luís Carlos. Cartão de boas festas a Nelson Werneck Sodré. [S.l.], 1982-1983. 1 doc. Orig. Ms. Imp.
32,02,010 nº 110.
139. PRESTES, Luís Carlos. Cartão a Nelson Werneck Sodré agradecendo telegrama. Rio de Janeiro, 9 mar. 1985. 1 doc. Orig. Ms.
32,02,010 nº 111.
140. PRESTES, Luís Carlos. Cartão a Nelson Werneck Sodré desejando boas festas. [S.l.], 1985-1986. 1 doc. Orig. Ms. Imp.
32,02,010 nº 112.
141. PRESTES, Luís Carlos. Cartão a Nelson Werneck Sodré agradecendo o envio de "Contribuição à história do PCB". Rio de Janeiro, 19 set. 1985. 1 doc. Orig. Ms.
32,02,010 nº 113.
142. PRESTES, Luís Carlos. Cartão a Nelson Werneck Sodré agradecendo carta recebida. Rio de Janeiro, 26 jan. 1987. 1 doc. Orig. Ms.
32,02,010 nº 114.
143. PRESTES, Luís Carlos. Cartão de boas festas a Nelson Werneck Sodré. [S.l.], 1988-1989. 1 doc. Orig. Imp. Ms.
32,02,010 nº 115.
144. VARES, Luiz Paulo de Pilla. Carta a Nelson Werneck Sodré enviando detalhes do artigo que Nelson fará para a série Cadernos ponto e vírgula. Porto Alegre, 11 nov. 1993. 2 doc. (3 p.). Orig. Dat. Papel com timbre da Prefeitura de Porto Alegre. Com assinatura manuscrita. Anexa, lista dos participantes do volume.
32,02,010 nº 116.
145. PROENÇA, Cavalcanti. Recepção do general Nelson Werneck Sodré. [S.l.], [1964]. 8 p. Orig. Imp. Discurso contendo elogios a Nelson Werneck Sodré, publicado na revista do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil, ano XXIII, vol. XXXIII, nº 46.
32,02,010 nº 117.

146. CERQUEIRA, Marcello. Carta a Nelson Werneck Sodré falando de seu livro *A constituição na história: origem e reforma* e pedindo que Nelson revise uma parte de seu trabalho. Rio de Janeiro, 28 fev. 1992. 3 p. Orig. Dat. 32,02,010 nº 118.
147. CAMPOS, Milton. Carta a Nelson Werneck Sodré agradecendo o oferecimento do livro *Introdução à revolução brasileira*. Rio de Janeiro, 17 abr. 1958. 1 p. Orig. Ms. Papel com timbre da Câmara dos Deputados. 32,02,010 nº 119.
148. LOBATO, Monteiro. Carta a Nelson Werneck Sodré comentando a política brasileira. São Paulo, 27 abr. 1944. 1 p. Orig. Dat. 32,02,010 nº 120.
149. LOBATO, Monteiro. Carta a Nelson Werneck Sodré agradecendo o oferecimento do livro *Formação da sociedade brasileira*. São Paulo, 26 abr. 1945. 1 p. Orig. Dat. Com assinatura manuscrita. 32,02,010 nº 121.
150. FARIA, Octávio de. Cartão a Nelson Werneck Sodré agradecendo referências feitas no livro de memórias deste. Rio de Janeiro, 8 jul. 1971. 1 p. Orig. Ms. 32,02,010 nº 122.
151. SODRÉ, Olga Regina Frugoli. Carta aos pais sobre seus sentimentos. Rio de Janeiro, 16 dez. 1959. 1 p. Orig. Ms. 32,02,010 nº 123.
152. SODRÉ, Olga Regina Frugoli. Cartão postal a Nelson Werneck Sodré com ilustração de um castelo chamado Werneck. Munique, 23 mar. 1977. 1 doc. (2 p.). Orig. Ms. 32,02,010 nº 124.
153. SODRÉ, Olga Regina Frugoli. Cartão postal a Nelson Werneck Sodré falando do tempo em Paris e de seus planos. Paris, 29 out. 1978. 1 doc. (2 p.). Orig. Ms. Com ilustração da Place des Vosges. 32,02,010 nº 125.
154. VIANNA, Oliveira. Carta a Nelson Werneck Sodré fazendo comentários elogiosos sobre o livro *Oeste*, de autoria de Nelson. [S.l.], 25 set. 1942. 1 p. Orig. Dat. Com assinatura manuscrita. 32,02,010 nº 126.

155. VIANNA, Oliveira. Carta a Nelson Werneck Sodré tecendo comentários elogiosos sobre o livro *História da literatura brasileira*, de autoria de Nelson. Niterói, 1940. 2 p. Orig. Ms.
32,02,010 nº 127.

156. VIANNA, Oliveira. Carta a Nelson Werneck Sodré agradecendo carta, desejando sorte na viagem à região Centro-Oeste e informando sobre fotografia pedida por este. Niterói, 31 ago. 1938. 1 p. Orig. Dat. Com assinatura manuscrita.
32,02,010 nº 128.

157. VIANNA, Oliveira. Carta a Nelson Werneck Sodré agradecendo o envio e tecendo comentários elogiosos ao livro *Síntese do desenvolvimento literário no Brasil*, de autoria de Nelson. Niterói, 4 dez. 1943. 3 p. Orig. Ms.
32,02,010 nº 129.

158. VIANNA, Oliveira. Carta a Nelson Werneck Sodré tecendo comentários elogiosos acerca do livro *Orientações do pensamento brasileiro*, de Nelson, e convidando-o a ir à sua casa. Niterói, 15 jul. 1942. 2 p. Orig. Dat. Com assinatura manuscrita.
32,02,010 nº 130.

159. VIANNA, Oliveira. Carta a Nelson Werneck Sodré elogiando o livro *Formação da sociedade brasileira e falando de divergências de pontos de vista entre os dois*. Niterói, 21 abr. 1945. 1 p. Orig. Ms.
32,02,010 nº 131.

160. VIANNA, Oliveira. Carta a Nelson Werneck Sodré elogiando o livro *Panorama do segundo Império e sua capacidade intelectual*. Rio de Janeiro, 1 dez. 1939. 2 p. Orig. Dat. Papel com timbre do Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio. Com assinatura manuscrita.
32,02,010 nº 132.

161. COSTA, Orlando Moutinho Ribeiro da. Cartão a Nelson Werneck Sodré acusando o recebimento de dois livros e elogiando-os. Rio de Janeiro, 15 set. 1967. 1 doc. (2 p.). Orig. Ms. Papel com timbre do Superior Tribunal Militar.
32,02,010 nº 133.

162. MARQUES, Oswaldino. Cartão a Nelson Werneck Sodré falando dos problemas de saúde deste e perguntando quando o verá. Brasília, 1 ago. 1984. 1 p. Orig. Dat. Com assinatura manuscrita.
32,02,010 nº 134.

163. LIMA, Aldo de. Carta a Nelson Werneck Sodré convidando-o a participar de evento sobre as relações entre literatura, história e educação na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Recife, 18 mar. 1994. 1 p. Orig. Dat. Consta assinatura manuscrita.

32,02,010 nº 135.

164. LIMA FILHO, Oswaldo Costa. Carta a Nelson Werneck Sodré agradecendo-o por ter prefaciado o livro do remetente. Recife, 28 jan. 1993. 1 p. Orig. Dat. Consta assinatura manuscrita.

32,02,010 nº 136.

165. CAVALCANTI, Paulo. Carta a Nelson Werneck Sodré comentando a história do PCB e criticando a sua atual situação. Recife, 1 fev. 1992. 4 p. Orig. Dat. Consta assinatura manuscrita.

32,02,010 nº 137.

166. [ECHO], Pedro. Carta a Nelson Werneck Sodré falando sobre a republicação do livro História nova, da publicação de um artigo do remetente e de seu irmão, e de Rubem César. Correias, 25 jan. 1995. 1 p. Orig. Dat. Com assinatura manuscrita.

32,02,010 nº 138.

167. PEDRO. Carta a Nelson Werneck Sodré agradecendo ajuda no processo de anistia do remetente. [S.l.], [19__]. 1 p. Orig. Dat. Em francês.

32,02,010 nº 139.

168. MOMBEIG, Pierre. Carta a Nelson Werneck Sodré falando dos estudos deste sobre o Mato Grosso, sobre o livro Formação da sociedade brasileira, convidando-o a colaborar para a Associação dos Geógrafos Brasileiros e pedindo seu endereço. São Paulo, 4 jun. 1945. 1 p. Orig. Dat. Em francês. Com assinatura manuscrita. Papel com timbre da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo.

32,02,010 nº 140.

169. ANTUNES, Ricardo L. C. Carta a Nelson Werneck Sodré convidando-o a fazer parte do corpo de colaboradores da revista Crítica Marxista. Campinas, 20 jul. 1992. 2 p. Orig. Dat. Ms.

32,02,011 nº 001.

170. SIMONSEN, Roberto C. Carta a Nelson Werneck Sodré elogiando o livro deste, intitulado Formação da sociedade brasileira, e manifestando vontade de conhecê-lo pessoalmente. São Paulo, 3 fev. 1945. 1 p. Orig. Dat. Com assinatura manuscrita.

32,02,011 nº 002.

171. PUIGGRÓS, Rodolfo. Carta a Nelson Werneck Sodré propondo a publicação em espanhol do livro História da burguesia brasileira, de autoria de Nelson. Buenos Aires, 18 mar. 1969. 1 p. Orig. Dat. Em espanhol. Com assinatura manuscrita.

32,02,011 nº 003.

172. AGUIAR, Ronaldo Conde. Carta a Nelson Werneck Sodré contendo instrução para a participação na comissão julgadora do prêmio Brasília Manuel Bomfim. Distrito Federal, [199_]. 1 p. Orig. Imp. Papel com timbre da Secretaria de Ciência e Tecnologia. Com assinatura manuscrita.

32,02,011 nº 004.

173. CANINÉ, Ruça Lícia. Carta a Nelson Werneck Sodré agradecendo compreensão. Rio de Janeiro, 23 abr. 1992. 1 p. Orig. Imp. Com assinatura manuscrita.

32,02,011 nº 005.

174. WAINER, Samuel. Carta a Nelson Werneck Sodré enviando o pagamento pela sua colaboração à revista Diretrizes e pedindo que envie mais artigos. Rio de Janeiro, 25 mar. 1939. 1 p. Orig. Dat. Com assinatura manuscrita. Papel com timbre da revista Diretrizes.

32,02,011 nº 006.

175. DANTAS, San Tiago. Carta a Nelson Werneck Sodré elogiando o livro Introdução à revolução brasileira, de autoria de Nelson. Rio de Janeiro, 29 abr. 1958. 1 p. Orig. Dat. Com assinatura.

32,02,011 nº 007.

176. SCHMIDT, Sigurd. Carta a Nelson Werneck Sodré agradecendo envio de livros. Berlim, 6 jul. 1963. 1 p. Orig. Dat. Com assinatura manuscrita.

32,02,011 nº 008.

177. ISENBURG, Teresa. Carta a Nelson Werneck Sodré pedindo para utilizar uma parte do livro deste intitulado Ensaio sobre a grande propriedade pastoril, na antologia que a remetente pretende publicar. Bolonha, 27 fev. 1984. 1 p. Orig. Dat. Em italiano. Com assinatura manuscrita. Papel com timbre da Universidade de Bolonha.

32,02,011 nº 009.

178. SILVEIRA, Valdomiro. Carta a Nelson Werneck Sodré agradecendo palavras sobre o remetente publicadas no Correio Paulistano. Santos, 8 ago. 1939. 1 p. Orig. Dat. Com assinatura manuscrita.

32,02,011 nº 010.

179. TEITELBOIM, Volodia. Carta a Nelson Werneck Sodré agradecendo a remessa de livros. Santiago de Chile, 30 ago. 1963. 1 p. Orig. Dat. Em espanhol. Com assinatura manuscrita. Papel com timbre da Câmara dos Deputados.

32,02,011 nº 011.

180. ARTIGAS, João Batista Vilanova. Carta a Nelson Werneck Sodré falando da vinda deste para o "Ces", para ministrar um curso. São Paulo, 19 jul. 1963. 2 p. Orig. Dat. Com assinatura manuscrita.

32,02,011 nº 012.

181. VOLSKY, Victor V. Carta a Nelson Werneck Sodré enviando nota biográfica deste para aprovação e posterior inclusão no prontuário enciclopédico. Moscou, 4 nov. 1972. 2 doc. (2 p.). Orig. Dat. Papel com timbre do Instituto da América Latina da Academia de Ciências da União Soviética. Com assinatura manuscrita. Anexo: nota biográfica de Nelson Werneck Sodré.

32,02,011 nº 013.

182. VOLSKY, Victor V. Carta a Nelson Werneck Sodré solicitando colaboração na criação de uma enciclopédia sobre a América Latina. Moscou, 10 fev. 1969. 1 p. Orig. Dat. Em espanhol.

32,02,011 nº 014.

183. CARTA a Nelson Werneck Sodré falando da fundação do *Archivo Storico del Movimento Operaio Brasileiro*, discorrendo sobre a influência ideológica de Nelson para a instituição e pedindo sua colaboração. Milão, 21 nov. 1978. 3 p. Orig. Dat. Papel com timbre do Arquivo Histórico do Movimento Operário Brasileiro, situado em Milão. Consta assinatura ilegível.

32,02,011 nº 015.

184. CARTA a Nelson Werneck Sodré comunicando e lamentando o fato de a censura ter vetado uma dedicatória de Martha Antiero, em seu livro *A rede*, a Nelson. Rio de Janeiro, 24 fev. 1976. 1 p. Orig. Dat. Assinatura ilegível. Papel com timbre da Editora Civilização Brasileira S.A.

32,02,011 nº 016.

185. ELIZABETH. Carta a Nelson Werneck Sodré agradecendo o empréstimo de um documento. São Paulo, 8 abr. 1991. 1 p. Orig. Ms.

32,02,011 nº 017.

186. BILHETE a Nelson Werneck Sodré comunicando envio de depoimento. [S.l.], [19__]. 1 p. Orig. Dat.

32,02,011 nº 018.

187. JOÃO ALBERTO. Carta a Nelson Werneck Sodré falando da pesquisa do remetente sobre a obra e o pensamento de Nelson e enviando o projeto de pesquisa. São Paulo, 4 out. 1994. 3 p. Orig. Ms.
32,02,011 nº 019.

188. SODRÉ, Nelson Werneck. Carta a Affonso Romano enviando artigo para a Revista do Livro. Rio de Janeiro, 22 jan. 1996. 2 doc. (45 p.). Orig. Ms. Anexo, artigo intitulado "Liberdade e literatura".
32,02,011 nº 020.

189. SODRÉ, Nelson Werneck. Bilhete a sua mãe pedindo que envie bala para revólver. [S.l.], [19__]. 1 p. Orig. Ms.
32,02,011 nº 021.

190. SODRÉ, Nelson Werneck. Ofício comunicando ter completado 50 dias de prisão, sem saber o por quê. Niterói, 15 jul. 1964. 1 p. Cópia. Ms.
32,02,011 nº 022.

191. SODRÉ, Nelson Werneck. Ofício ao ministro da Guerra pedindo transferência para a reserva. Rio de Janeiro, 1962. 1 p. Cópia. Dat.
32,02,011 nº 023.

192. SODRÉ, Nelson Werneck. Ofício ao ministro da Guerra pedindo reconsideração de ato. Rio de Janeiro, 1962. 2 p. Cópia. Dat.
32,02,011 nº 024.

193. SODRÉ, Nelson Werneck. Carta a Samuel Wainer antecipando pontos, sobre o trabalho do remetente no jornal Última Hora, que devem ser discutidos. Rio de Janeiro, 4 jul. 1958. 3 p. Cópia. Dat.
32,02,011 nº 025.

194. SODRÉ, Nelson Werneck. Carta a Netinha perguntando como vão as aulas. Cambuquira, 18 out. [19__]. 1 p. Orig. Ms.
32,02,011 nº 026.

195. LIMA, Alceu Amoroso. Telegrama a Nelson Werneck Sodré informando mudança. Petrópolis, [08 jan. 1979]. 1 p. Orig. Imp.
32,02,011 nº 027.

196. SODRÉ, Amélia Werneck. Telegrama a Nelson Werneck Sodré chamando-o para ir vê-la. Cambuquira (Minas Gerais), 14 fev. 1967. 1 p. Orig. Dat.
32,02,011 nº 028.

197. CASTELO BRANCO, Humberto de Alencar. Telegrama a Nelson Werneck Sodré agradecendo pelo curso de História Militar. Rio de Janeiro, 10 out. 1949. 1 p. Orig. Dat.
32,02,011 nº 029.
198. FREIRE, Roberto. AROUCA, Sérgio. CARVALHO, Augusto. Telegrama felicitando Nelson Werneck Sodré pelos 80 anos de vida. Brasília, 8 mai. 1991. 1 p. Orig. Imp.
32,02,011 nº 030.
199. AMED, Emir. Telegrama a Nelson Werneck Sodré parabenizando-o por entrevista no jornal A Hora do Povo. Rio de Janeiro, [19__]. 1 p. Orig. Imp.
32,02,011 nº 031.
200. AMED, Emir. Telegrama a Nelson Werneck Sodré comunicando homenagem recebida da Câmara Municipal. Rio de Janeiro, [19__]. 1 p. Orig. Imp.
32,02,011 nº 032.
201. LAVIGNE, Eunísio. Telegrama a Nelson Werneck Sodré elogiando-o. Salvador (Bahia), 12 set. 1961. 1 p. Orig. Dat.
32,02,011 nº 033.
202. CANREBERT, M. Telegrama a Nelson Werneck Sodré cumprimentando-o por sua promoção. Rio de Janeiro, 28 set. 1948. 1 p. Orig. Dat.
32,02,011 nº 034.
203. GOULART, João. Telegrama a Nelson Werneck Sodré agradecendo oferta do livro Introdução à revolução brasileira. Rio de Janeiro, 16 abr. 1958. 1 p. Orig. Dat.
32,02,011 nº 035.
204. RAMOS, Margarida. Telegrama a Nelson Werneck Sodré convidando-o para a cerimônia de constituição do conselho do Programa de Preservação da Memória do PCB. Rio de Janeiro, [1992]. 1 p. Orig. Imp. Margarida é superintendente de projetos da Fundação Roberto Marinho.
32,02,011 nº 036.
205. PRESTES, Maria. Telegrama a Nelson Werneck Sodré confirmando convite para a entrega oficial do projeto do Memorial Prestes. Rio de Janeiro, [19__]. 1 p. Orig. Imp.
32,02,011 nº 037.

206. FARIA, O. Cordeiro. Radiograma a Nelson Werneck Sodré felicitando-o pela promoção. Curitiba, 30 set. 1948. 1 p. Orig. Dat.
32,02,011 nº 038.
207. GEISEL, Orlando. Telegrama a Nelson Werneck Sodré parabenizando-o pela promoção. Rio de Janeiro, 29 set. 1940. 1 p. Orig. Dat.
32,02,011 nº 039.
208. LIMA FILHO, Oswaldo. Telegrama a Nelson Werneck Sodré convidando-o a prefaciar o livro do remetente intitulado Política brasileira-Visão nacionalista. Recife, [19__]. 1 p. Orig. Imp.
32,02,011 nº 040.
209. LIMA FILHO, Oswaldo. Telegrama a Nelson Werneck Sodré solicitando confirmação de recebimento de livros. Recife, [19__]. 1 p. Orig. Imp.
32,02,011 nº 041.
210. DANTAS, San Tiago. Telegrama a Nelson Werneck Sodré agradecendo carta de solidariedade. Rio de Janeiro, 28 jul. 1952. 1 p. Orig. Dat.
32,02,011 nº 042.
211. BACHERÉIS de 1907. [S.l.], [19__]. 1 p. Imp. Artigo de jornal sobre a homenagem que será prestada aos bacharéis de 1907 da Faculdade de Direito de São Paulo.
32,02,011 nº 043.
212. REVISTA da Escola Militar. Curitiba, 16 set. 1933. 2 doc. (2 p.). Imp. Artigo de jornal elogiando o número de agosto da Revista da Escola Militar. Anexo: artigo publicado na Revista do Club Militar elogiando o número de junho da Revista da Escola Militar (07/1933).
32,02,011 nº 044.
213. OS PARTIDOS políticos. Itu, 17 out. 1937. 4 p. Imp. Artigo de jornal discorrendo sobre os partidos políticos no contexto da época. Constan quatro páginas do jornal A Cidade.
32,02,011 nº 045.
214. RETRATO do almoço de cordialidade dos bacharéis de 1907. São Paulo, 20 dez. 1937. 1 p. Imp. Fotografia publicada no jornal A Gazeta.
32,02,011 nº 046.

215. LEMOS, Pinheiro de. "História da literatura brasileira". Rio de Janeiro, 7 fev. 1938. 1 p. Imp. Crítica do livro História da literatura brasileira, de Nelson Werneck Sodré, publicada no jornal O Globo.
32,02,011 nº 047.
216. "A HISTÓRIA da literatura brasileira". São Paulo, 29 mar. 1938. 1 p. Imp. Crítica do livro História da literatura brasileira, de Nelson Werneck Sodré, publicada no jornal A Gazeta.
32,02,011 nº 048.
217. "UM LIVRO admirável de Nelson Werneck Sodré". São Paulo, 5 nov. 1939. 1 p. Imp. Artigo do Correio Paulistano falando sobre o livro Panorama do segundo Império, de Nelson Werneck Sodré.
32,02,011 nº 049.
218. "VISÃO panorâmica do segundo Império". São Paulo, 5 jan. 1940. 1 p. Imp. Artigo publicado no jornal A Gazeta falando do livro Panorama do segundo Império, de Nelson Werneck Sodré.
32,02,011 nº 050.
219. XAVIER, Lívio. Livros Novos. São Paulo, 12 mai. 1940. 1 p. Imp. Artigo publicado no Diário de S. Paulo falando do livro Panorama do segundo Império, de Nelson Werneck Sodré.
32,02,011 nº 051.
220. "HISTÓRIA da literatura brasileira", de Nelson Werneck Sodré. São Paulo, 6 set. 1940. 1 p. Imp. Artigo publicado no jornal A Gazeta falando do livro História da Literatura Brasileira, de Nelson Werneck Sodré.
32,02,011 nº 052.
221. LIMA, Hermes. "Literatura e economia". Rio de Janeiro, 18 set. 1940. 1 p. Imp. Artigo publicado no Correio da Manhã falando da importância da análise dos fatores econômicos para a crítica literária e discorrendo sobre o livro História da literatura brasileira, de Nelson Werneck Sodré.
32,02,011 nº 053.
222. LIVROS novos: Oeste. Recife, 6 mar. 1942. 1 p. Imp. Artigo publicado na Folha da Manhã falando do livro Oeste, de Nelson Werneck Sodré.
32,02,011 nº 054.
223. ORIENTAÇÕES do pensamento brasileiro, de Nelson Werneck Sodré. Rio de Janeiro, 27 jul. 1942. 1 p. Imp. Artigo publicado no jornal Vanguarda falando sobre o livro Orientações do pensamento brasileiro, de Nelson Werneck Sodré.
32,02,011 nº 055.

224. PONTES, Eloy. "Orientações do pensamento brasileiro". Rio de Janeiro, 5 out. 1942. 1 p. Imp. Artigo publicado no jornal O Globo criticando o livro Orientações do pensamento brasileiro, de Nelson Werneck Sodré.
32,02,011 nº 056.
225. MILLIET, Sérgio. "Últimos livros". São Paulo, 28 ago. 1943. 1 p. Imp. Artigo publicado no jornal O Estado de S. Paulo falando sobre os livros Síntese do desenvolvimento literário no Brasil, de Nelson Werneck Sodré, e Interpretação da literatura brasileira, de Vianna Moog.
32,02,011 nº 057.
226. HOMENAGEM ao escritor Nelson Werneck Sodré. Salvador, 29 jan. 1944. 1 p. Imp. Artigo sobre do almoço oferecido a Nelson Werneck Sodré quando este deixou a Bahia.
32,02,011 nº 058.
227. BASTIDE, Roger. "O casamento com a terra". São Paulo, 19 jan. 1945. 1 p. Imp. Artigo publicado no Diário de S. Paulo falando do livro Formação da sociedade brasileira, de Nelson Werneck Sodré.
32,02,011 nº 059.
228. LIMA, Hermes. "Formação da sociedade brasileira". Rio de Janeiro, 30 mar. 1945. 1 p. Imp. Artigo publicado no Correio da Manhã falando do livro Formação da Sociedade Brasileira, de Nelson Werneck Sodré.
32,02,011 nº 060.
229. ALCESTE. "Uma boa ação". São Paulo, 9 abr. 1945. 1 p. Imp. Artigo publicado no jornal A Gazeta falando do livro O que se deve ler para conhecer o Brasil, de Nelson Werneck Sodré.
32,02,011 nº 061.
230. XAVIER, Lívio. "Sociologia e história". São Paulo, 14 abr. 1945. 1 p. Imp. Artigo publicado no jornal Diário da Noite sobre Nelson Werneck Sodré e sua obra.
32,02,011 nº 062.
231. GRIECO, Agripino. Recorte do periódico O Jornal elogiando Nelson Werneck Sodré. Rio de Janeiro, 31 ago. 1945. 1 p. Imp. Recorte do último parágrafo do artigo intitulado "Reminiscências", ver 32,2,11 nº 064.
32,02,011 nº 063.

232. GRIECO, Agripino. "Reminiscências". Rio de Janeiro, 31 ago. 1945. 1 p. Imp. Artigo publicado no periódico O Jornal tratando do livro Reminiscências de um rábula criminalista, de Evaristo de Moraes.
32,02,011 nº 064.
233. FALECIMENTO-dr. Heitor Sodré. Caçapava (SP), 17 jun. 1948. 6 p. Imp. Constan seis páginas com diversos artigos do jornal O Povo, ano XX-XII, nº 1329.
32,02,011 nº 065.
234. DR. HEITOR Sodré. Caçapava (SP), 20 jun. 1948. 4 p. Imp. Nota sobre a morte de Heitor Sodré. Constan quatro páginas do jornal A Voz de Caçapava, ano 1, nº 13.
32,02,011 nº 066.
235. ELEIÇÃO no Clube Militar. Rio de Janeiro, 3 mai. 1950. 1 p. Imp. Texto publicado no Diário de Notícias com mensagem de uma das chapas sobre a indicação de Nelson Werneck Sodré para a diretoria do Departamento Cultural.
32,02,011 nº 067.
236. "ESTILLAC: do debate à morte". Rio de Janeiro, 7 mai. 1955. 1 p. Imp. Nota publicada na revista Manchete falando da morte do general Estillac Leal.
32,02,011 nº 068.
237. PEREGRINO, Umberto. "Explicação das 9 Histórias reiúnas". Rio de Janeiro, 00 jan. 1957. 1 p. Imp. Artigo falando da publicação de livros de contos.
32,02,011 nº 069.
238. CONFERÊNCIA de Nelson Werneck Sodré. São Paulo, 24 mai. 1958. 1 p. Imp. Nota publicada no jornal Última Hora sobre conferência pronunciada por Nelson Werneck Sodré sobre a formação histórica da sociedade brasileira. Consta foto de Nelson Sodré.
32,02,011 nº 070.
239. "EFEITOS do processo de industrialização na estrutura atual da sociedade brasileira". São Paulo, 25 mai. 1958. 1 p. Imp. Artigo publicado no jornal Correio Paulistano falando sobre conferência pronunciada por Nelson Werneck Sodré sobre a formação histórica da sociedade brasileira.
32,02,011 nº 071.
240. "NELSON Sodré à frente do I.S.E.B". Rio de Janeiro, 9 jul. 1958. 1 p. Imp. Nota publicada no jornal Última Hora informando sobre a designação

de Nelson Werneck Sodré para responder pelo expediente do Instituto Superior de Estudos Brasileiros.

32,02,011 nº 072.

241. BROCA, Brito. "Os valores autênticos". São Paulo, 26 ago. 1958. 1 p. Imp. Artigo publicado no jornal A Gazeta sobre a obra de Nelson Werneck Sodré.

32,02,011 nº 073.

242. PEREGRINO, Umberto. "Que papel desempenharão as armas atômicas em caso de nova guerra mundial?" Rio de Janeiro, 20 nov. 1958. 1 p. Imp. Entrevista publicada no Jornal do Brasil com Nelson Werneck Sodré sobre o emprego de armas atômicas.

32,02,011 nº 074.

243. "AINDA sobre o livro de H. Jaguaribe: opina o prof. Nelson Werneck Sodré". Rio de Janeiro, 13 dez. 1958. 1 p. Imp. Nota publicada no jornal Última Hora com opinião de Nelson Werneck Sodré sobre o livro O nacionalismo na atualidade brasileira, de Hélio Jaguaribe.

32,02,011 nº 075.

244. "CONFUSÕES deliberadas numa carta do sr. Hélio Jaguaribe". Rio de Janeiro, 24 dez. 1958. 1 p. Imp. Texto publicado no Diário de Notícias contendo carta de Hélio Jaguaribe à redação do jornal, onde esclarece pontos referentes à posição política de Nelson Werneck Sodré no I.S.E.B., e também a resposta da redação do jornal.

32,02,011 nº 076.

245. "NOMEADO novo assessor chefe de relações públicas da Petrobrás". [S.l.], 1 jun. 1960. 1 p. Imp. Nota publicada no Boletim Semanal da Petrobrás falando da nomeação de Nelson Werneck Sodré, assessor-chefe de relações públicas da Petrobrás.

32,02,011 nº 077.

246. "ENCRAVADA na Secretaria da Presidência da República a nomeação do coronel Nelson Werneck Sodré para a assessoria de relações públicas da Petrobrás". Rio de Janeiro, 02-08 jul. 1960. 1 p. Imp. Nota falando que a nomeação de Nelson Werneck Sodré se encontra paralisada na Secretaria da Presidência da República.

32,02,011 nº 078.

247. "CORONEL Umberto Peregrino demitido por transcrever artigo contra um americano". Rio de Janeiro, 29 jun. 1960. 1 p. Imp. Texto publicado no Jornal do Brasil tratando da demissão de Umberto Peregrino do cargo de

diretor da Biblioteca do Exército, por ter publicado no boletim da instituição um artigo de Nelson Werneck Sodré em defesa do I.S.E.B.
32,02,011 nº 079.

248. "DEMITIDO pelo ministro da Guerra o diretor da Biblioteca do Exército". São Paulo, 29 jun. 1960. 1 p. Imp. Texto publicado na Folha da Manhã sobre a demissão de Umberto Peregrino. Artigo igual ao 32,2,11 nº 079.

32,02,011 nº 080.

249. "DIRETORES da Biblioteca do Exército se demitem em solidariedade a Peregrino". Rio de Janeiro, 13 ago. 1960. 1 p. Imp. Nota publicada no Jornal do Brasil sobre o pedido de demissão dos membros da Comissão Diretora da Biblioteca do Exército em solidariedade à demissão do coronel Umberto Peregrino.

32,02,011 nº 081.

250. "TANCREDO manifesta preocupação ante os perigos que ameaçam o novo regime". Rio de Janeiro, 21 set. 1961. 1 p. Imp. Texto publicado no Jornal do Brasil sobre a preocupação do então primeiro-ministro Tancredo Neves com os perigos que rondam o novo sistema de governo.

32,02,011 nº 082.

251. "MINISTÉRIO da Educação edita livro de comunista insultando a imprensa". Rio de Janeiro, 28 set. 1960. 1 p. Imp. Texto publicado no jornal Correio da Manhã criticando trecho do livro O que se deve ler para conhecer o Brasil, de Nelson Werneck Sodré.

32,02,011 nº 083.

252. "HISTÓRIA da literatura brasileira, de Nelson Werneck Sodré". [S.l.], 29 out. 1960. 1 p. Imp. Artigo publicado no jornal O Semanário falando do livro História da literatura brasileira, de Nelson Werneck Sodré.

32,02,011 nº 084.

253. "DEPUTADO acusa mestres de comunizarem alunos da Universidade do D. E." [S.l.], 17 jul. 1963. 1 p. Imp. Texto publicado no jornal Correio da Manhã sobre as acusações do deputado Abel Rafael de que professores, entre eles Nelson Werneck Sodré, estariam utilizando suas aulas para disseminar ideologia comunista.

32,02,011 nº 085.

254. CONDÉ, José. Entrevista com Nelson Werneck Sodré perguntando quais os livros publicados recentemente que considera indispensáveis. Rio de Janeiro, 30 jul. 1963. 1 p. Imp.

32,02,011 nº 086.

255. SAVAGET, Edna. "Um homem e a revolução". Rio de Janeiro, 11 ago. 1963. 1 p. Imp. Artigo publicado no jornal Diário de Notícias sobre Nelson Werneck Sodré.
32,02,011 nº 087.
256. "NELSON Werneck Sodré fala sobre as origens do I.S.E.B." São Paulo, 17 out. 1963. 1 p. Imp. Texto publicado no jornal Última Hora contendo a visão de Nelson Werneck Sodré sobre o I.S.E.B.
32,02,011 nº 088.
257. PROPAGANDA da tarde de autógrafos do livro Quem matou Kennedy?, de Nelson Werneck Sodré. Rio de Janeiro, 6 dez. 1963. 1 p. Imp.
32,02,011 nº 089.
258. "PODE o Brasil resistir a isto?" Rio de Janeiro, 13 nov. 1963. 1 p. Imp. Nota do jornal O Globo comentando a criação de uma biblioteca rotativa para os funcionários da Petrobrás e contendo a lista dos livros à disposição.
32,02,011 nº 090.
259. "QUEM matou Kennedy?". Rio de Janeiro, 13-19 dez. 1963. 1 p. Imp. Nota publicada no jornal Novos Rumos sobre tarde de autógrafos do livro Quem matou Kennedy?, de Nelson Werneck Sodré.
32,02,011 nº 091.
260. SODRÉ, Nelson Werneck. "Metalúrgicos estudarão verdadeira história". [S.l.], 00 jan. 1964. 1 p. Imp. Texto publicado no jornal A Voz dos Metalúrgicos sobre encontro dos estudiosos do I.S.E.B. com metalúrgicos.
32,02,011 nº 092.
261. "GORDON põe livro no index". Rio de Janeiro, 03-09 jan. 1964. 1 p. Imp. Nota publicada no jornal O Semanário sobre discurso de Lincoln Gordon onde critica o livro Quem matou Keneddy?, de Nelson Werneck Sodré.
32,02,011 nº 093.
262. "CTI elegeu Conselho". Rio de Janeiro, 31/01-06 fev. 1964. 1 p. Imp. Nota publicada no jornal Novos Rumos sobre a eleição do Conselho Deliberativo do Comando dos Trabalhadores Intelectuais (CTI).
32,02,011 nº 094.
263. "PRESO Verneck Sodré". São Paulo, 28 mai. 1964. 1 p. Imp. Nota publicada no jornal Folha de S. Paulo falando da prisão de Nelson Werneck Sodré.
32,02,011 nº 095.

264. SUPLEMENTO do Diário do Congresso Nacional. [Brasília], 00 jul. 1964. 6 p. Imp.
32,02,011 nº 096.
265. "IPM acusa general Nelson Sodré de agitar Cambuquira". Belo Horizonte, 21 jul. 1964. 1 p. Imp. Texto publicado no jornal Diário de Minas falando da acusação a Nelson Werneck Sodré como principal responsável pela doutrinação comunista em Cambuquira.
32,02,011 nº 097.
266. "WERNECK cassado é par de Castelo". [S.l.], 12 set. 1964. 1 p. Imp. Nota falando da recepção como membro do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil.
32,02,011 nº 098.
267. CAVALCANTI, Waldemar. "Papel e função do escritor". Rio de Janeiro, 18 mar. 1965. 1 p. Imp. Artigo publicado no periódico O Jornal tratando do livro *Ofício de escritor: dialética da literatura*, de Nelson Werneck Sodré, e da segunda edição do livro *A ideologia do colonialismo*, do mesmo autor.
32,02,011 nº 099.
268. ENTREVISTA com Nelson Werneck Sodré. Rio de Janeiro, 28 mar. 1965. 1 p. Imp.
32,02,011 nº 100.
269. "ADVOGADO de Ênio quer Pina punido". [S.l.], 29 mai. 1965. 2 doc. (1 p.). Imp. Texto publicado no jornal Correio da Manhã sobre o inquérito militar em relação a Ênio Silveira. Consta também o texto: "Baderna ensaiada contra liberdade vaiada pelo povo".
32,02,011 nº 101.
270. "IPM pede prisão preventiva para escritor preso". [S.l.], 12 jun. 1965. 1 p. Imp. Texto publicado no jornal Correio da Manhã falando da prisão de escritores para interrogatório.
32,02,011 nº 102.
271. SERRA, João B. "GENERAL: HN não é contra Caxias". [S.l.], 18 jun. 1965. 1 p. Imp. Artigo publicado no jornal Última Hora com entrevista onde Nelson Werneck Sodré defende a obra *História nova* contra acusações de subversão.
32,02,011 nº 103.

272. "GENERAL Sodré não teme prisão". [S.l.], 21 jun. 1965. 1 p. Imp. Texto publicado no jornal Última Hora sobre a convocação de Nelson Werneck Sodré para depor.
32,02,011 nº 104.
273. "GENERAL Werneck Sodré indiciado pelo IPM do ISEB". [S.l.], 26 jun. 1965. 1 p. Imp. Texto publicado no jornal Correio da Manhã informando que Nelson Werneck Sodré foi indiciado.
32,02,011 nº 105.
274. "I EXÉRCITO: escritores mentiram". [S.l.], 29 jun. 1965. 1 p. Imp. Texto contendo declarações dos representantes do Exército negando acusações de torturas a escritores presos.
32,02,011 nº 106.
275. "AUTOR de História nova: prisão foi ato político". [S.l.], 9 jul. 1965. 1 p. Imp. Texto publicado no jornal Correio da Manhã falando sobre a prisão de Maurício Martins de Melo e contendo declarações deste sobre o ocorrido.
32,02,011 nº 107.
276. "ESCRITORES apontam violência no IPM". [S.l.], 18 jul. 1965. 1 p. Imp. Texto publicado no jornal Correio da Manhã falando sobre as declarações dos autores do livro História nova do Brasil após suas prisões.
32,02,011 nº 108.
277. PROPAGANDA de programa televisivo que contará com a presença de Nelson Werneck Sodré. São Paulo, 24 set. 1965. 2 doc. (2 p.). Imp. Constam duas cópias, uma publicada no Diário de S. Paulo e outra no Diário da Noite.
32,02,011 nº 109.
278. "ATENTADO à cultura a prisão de Schenberg". São Paulo, 24 set. 1965. 1 p. Imp. Texto publicado no jornal Diário da Noite com declarações de Nelson Werneck Sodré sobre a prisão do professor Mário Schenberg.
32,02,011 nº 110.
279. "CASSADOS não podem falar através da TV". São Paulo, 25 set. 1965. 1 p. Imp. Texto publicado no jornal O Estado de S. Paulo falando do cancelamento do programa televisivo que receberia Nelson Werneck Sodré, devido à proibição de aqueles que tiveram direitos políticos cassados darem declarações na televisão ou em jornais.
32,02,011 nº 111.

280. ERRATA do texto “Atentado à cultura a prisão de Schenberg”, publicado no dia 24 set. 1965. São Paulo, 25 set. 1965. 1 p. Imp. Ver 32,2,11 nº 110. 32,02,011 nº 112.
281. BURNETT, Lago. “A história militar”. Rio de Janeiro, 24 out. 1965. 1 p. Imp. Artigo publicado no Jornal do Brasil falando do livro História militar do Brasil, de autoria de Nelson Werneck Sodré. 32,02,011 nº 113.
282. “III EXÉRCITO apreende livros”. Porto Alegre, 7 nov. 1965. 1 p. Imp. Nota publicada no jornal Correio da Manhã tratando da apreensão de exemplares do livro História militar do Brasil, de Nelson Werneck Sodré. 32,02,011 nº 114.
283. OLINTO, Antônio. Coluna Porta de Livraria, com lista dos livros mais vendidos e comentários. Rio de Janeiro, 14 dez. 1965. 1 p. Imp. 32,02,011 nº 115.
284. BEIGUELMAN, Paula. “A propósito de uma interpretação da história da República”. Rio de Janeiro, 09-11/1966. 17 p. Imp. Artigo publicado na revista Civilização Brasileira. 32,02,011 nº 116.
285. OLINTO, Antônio. Coluna Porta de Livraria, com relação de livros mais vendidos. Rio de Janeiro, 17 jan. 1966. 1 p. Imp. 32,02,011 nº 117.
286. “GENERAL endossou relatório do IPM-ISEB contra Werneck Sodré”. Rio de Janeiro, 25 abr. 1966. 1 p. Imp. Texto publicado no jornal O Globo falando do indiciamento de Nelson Werneck Sodré. 32,02,011 nº 118.
287. “JUÍZO da 1ª Vara da Fazenda Pública, tendo por impetrante a Editora Civilização Brasileira, referente à apreensão de livros publicados por esta”. Rio de Janeiro, 00 mai. 1966. 6 p. Imp. Consta também parecer da Procuradoria da República. Publicado na revista Civilização Brasileira, ano I, nº 7. 32,02,011 nº 119.
288. “PROMOTORIA pede um general para ouvir Werneck Sodré”. Rio de Janeiro, 17 jun. 1966. 1 p. Imp. Texto publicado no Jornal do Brasil falando do depoimento de Nelson Werneck Sodré e de prisões efetuadas arbitrariamente. 32,02,011 nº 120.

289. "ECOS da história da história nova". Rio de Janeiro, 00 jul. 1966. 6 p. Imp. Texto publicado na revista *Civilização Brasileira* contendo explicação sobre as conseqüências da publicação do livro *História nova* e texto de Américo Jacobina Lacombe se defendendo de críticas recebidas em número anterior da revista.

32,02,011 nº 121.

290. PROPAGANDA de diversos livros de Nelson Werneck Sodré. [S.l.], 27 dez. 1966. 1 p. Imp. Publicada no *Correio da Manhã*.

32,02,011 nº 122.

291. "HISTÓRIA da imprensa no Brasil: uma retificação". Rio de Janeiro, 00 set. 1967. 1 p. Imp. Página da revista *Civilização Brasileira* com carta de Carlos Heitor Cony a Nelson Werneck Sodré com observação de que foi omitido, no livro *História da imprensa no Brasil*, o nome do redator que defendeu Cony em episódio narrado no livro. Consta também resposta de Nelson a esta carta.

32,02,011 nº 123.

292. "DEGRAUS do paraíso dão a Montello prêmio de romance". [S.l.], 3 set. 1967. 1 p. Imp. Texto publicado no jornal *Correio da Manhã* tratando do prêmio literário concedido pelo Pen Clube do Brasil, no qual o livro *Ofício de escritor*, de Nelson Werneck Sodré, também foi premiado.

32,02,011 nº 124.

293. "SEM retribuição". Rio de Janeiro, 11 out. 1967. 1 p. Imp. Nota publicada no jornal *Última Hora* comentando trecho do livro *Memórias de um soldado*, de Nelson Werneck Sodré.

32,02,011 nº 125.

294. "OS 10 mais". Rio de Janeiro, 21 out. 1967. 1 p. Imp. Lista dos dez livros mais vendidos, nacionais e estrangeiros, em seis capitais brasileiras, publicada no *Jornal do Brasil*, consta da lista o livro *Memórias de um soldado*, de Nelson Werneck Sodré.

32,02,011 nº 126.

295. "CARTILHA do dólar". [S.l.], 18 jul. 1968. 1 p. Imp. Nota publicada no jornal *Correio da Manhã* falando do lançamento do livro *Cartilha do dólar*, de autoria de Genival Rabelo, com foto deste ao lado de Nelson Werneck Sodré.

32,02,011 nº 127.

296. "CARPEAUX autografa seu livro". Rio de Janeiro, 31 ago. 1968. 1 p. Imp. Nota publicada na revista Manchete falando da noite de autógrafos do livro 25 anos de literatura, de Otto Maria Carpeaux, com foto deste ao lado de Nelson Werneck Sodré, Hélio Silva, Antônio Houaiss e Ênio Silveira. 32,02,011 nº 128.
297. "LIVROS caem no index". São Paulo, 12 jul. 1970. 1 p. Imp. Nota publicada no jornal O Estado de S. Paulo falando da retirada de livros de Nelson Werneck Sodré e Celso Furtado da bibliografia em prova de história de vestibular. 32,02,011 nº 129.
298. SODRÉ, Nelson Werneck. "A época de Vargas". [S.l.], 1975. 8 p. Imp. Resumo publicado na revista Ensaios de Opinião sobre a atuação política de Getúlio Vargas e o afastamento crescente deste das Forças Armadas. 32,02,011 nº 130.
299. "UM ESTUDO pioneiro". [S.l.], 30 mar. 1976. 1 p. Imp. Texto publicado no jornal Correio do Povo falando do livro O sentido do tenentismo, de Virgínio Santa Rosa, prefaciado por Nelson Werneck Sodré. 32,02,011 nº 131.
300. SILVA, Armando Corrêa da. "Geografia e ideologia". São Paulo, 00 out. 1976. 7 p. Imp. Artigo publicado no Boletim Paulista de Geografia falando do livro Introdução à geografia: geografia e ideologia, de Nelson Werneck Sodré. 32,02,011 nº 132.
301. "CIVILIZAÇÃO brasileira sofre atentado a bomba e autores deixam panfletos da AAB". Rio de Janeiro, 6 dez. 1976. 1 p. Imp. Texto publicado no Jornal do Brasil falando de um atentado a bomba à Editora Civilização Brasileira cometido pela Aliança Anticomunista Brasileira. 32,02,011 nº 133.
302. PROPAGANDA do livro História da imprensa no Brasil, de Nelson Werneck Sodré. Rio de Janeiro, 23 jul. 1977. 1 p. Imp. 32,02,011 nº 134.
303. NOTA sobre o falecimento do dr. Antônio Balthazar de Abreu Sodré. São Paulo, 23 fev. 1978. 1 p. Imp. Recorte do jornal O Estado de S. Paulo. 32,02,011 nº 135.
304. "NELSON Werneck Sodré inicia, esta noite, curso de literatura". Porto Alegre, 22 mai. 1978. 1 p. Imp. Texto publicado no jornal Folha da Ma-

nhã falando do curso intitulado “Raízes da literatura brasileira e seus reflexos hoje”, a ser ministrado por Nelson Werneck Sodré.

32,02,011 nº 136.

305. HOHLFELDT, Antônio. “Para Sodré, tendência da literatura ao formalismo retrata interdições”. Porto Alegre, 23 mai. 1978. 1 p. Imp. Matéria publicada no jornal *Correio do Povo* contendo a opinião de Nelson Werneck Sodré sobre diversos assuntos, entre eles a situação da literatura nacional, sobre o curso que ministra e sobre a censura.

32,02,011 nº 137.

306. “NELSON Werneck Sodré diz acreditar no trabalho do estudante brasileiro”. [S.L.], 23 mai. 1978. 1 p. Imp. Matéria publicada no jornal *Correio da Manhã* contendo a opinião de Nelson Werneck Sodré sobre os estudantes brasileiros e sua concepção da natureza da história.

32,02,011 nº 138.

307. MATÉRIA sobre curso e ciclo de palestras de Nelson Werneck Sodré. Porto Alegre, 23 mai. 1978. 1 p. Imp. Documento igual na localização

32,02,011 nº 137.

32,02,011 nº 139.

308. “WERNECK fala sobre raízes da literatura”. Porto Alegre, 23 mai. 1978. 1 p. Imp. Texto publicado no jornal *Zero Hora* falando do curso “Raízes da literatura brasileira e seus reflexos hoje”, que Nelson Werneck Sodré ministrará em Porto Alegre.

32,02,011 nº 140.

309. “NELSON Werneck Sodré não será julgado pela justiça militar”. Rio de Janeiro, 27 mai. 1978. 1 p. Imp. Nota publicada no jornal *O Globo* falando do arquivamento do processo contra Nelson Werneck Sodré por propaganda subversiva.

32,02,011 nº 141.

310. “STM arquiva inquérito contra Werneck Sodré”. Porto Alegre, 27 mai. 1978. 1 p. Imp. Nota publicada no jornal *Correio do Povo* falando do arquivamento do processo contra Nelson Werneck Sodré por propaganda subversiva.

32,02,011 nº 142.

311. “STM recusa acusação a escritor”. Rio de Janeiro, 27 mai. 1978. 1 p. Imp. Matéria publicada no *Jornal do Brasil* falando do arquivamento do processo contra Nelson Werneck Sodré por propaganda subversiva.

32,02,011 nº 143.

312. BÁRBARA, Danúsia. "Cada qual fala de um assunto, cada qual do mesmo assunto". Rio de Janeiro, 14 set. 1978. 1 p. Imp. Matéria publicada no Jornal do Brasil falando do lançamento da coleção Depoimentos, da Avenir Editora, sendo os quatro primeiros livros de autoria de Darcy Ribeiro, Oscar Niemeyer, Carlos Drummond de Andrade e Nelson Werneck Sodré. Consta foto dos quatro juntos.
32,02,011 nº 144.

313. PROPAGANDA dos livros de Nelson Werneck Sodré publicados pela Editora Civilização Brasileira. São Paulo, 14 set. 1978. 1 p. Imp.
32,02,011 nº 145.

314. "A BRANCURA ilesa". Rio de Janeiro, 20 set. 1978. 1 p. Imp. Nota publicada na revista Veja falando do lançamento dos quatro primeiros livros da coleção Depoimentos, com fotografia de Oscar Niemeyer, Darcy Ribeiro, Carlos Drummond de Andrade e Nelson Werneck Sodré, juntos.
32,02,011 nº 146.

315. NOTA sobre o lançamento da coleção Depoimentos. Rio de Janeiro, 30 set. 1978. 1 p. Imp. Recorte da revista Manchete. Consta fotografia de Nelson Werneck Sodré, Darcy Ribeiro e Oscar Niemeyer, juntos.
32,02,011 nº 147.

316. "NIEMEYER, Drummond, Darcy Ribeiro e Werneck Sodré fazem seus depoimentos". Brasília, 2 out. 1978. 1 p. Imp. Nota publicada na revista Fatos e Fotos falando do lançamento da coleção Depoimentos. Consta fotografia de Niemeyer.
32,02,011 nº 148.

317. "NIEMEYER, Darcy e Werneck visitam Brasília". Brasília, 5 nov. 1978. 1 p. Imp. Texto publicado no Jornal de Brasília falando do lançamento da coleção Depoimentos em Brasília.
32,02,011 nº 149.

318. PROPAGANDAS de livros de Nelson Werneck Sodré publicados pela Editora Civilização Brasileira. [S.l.], [19__]. 5 doc. (5 p.). Imp. Recorte de revista.
32,02,011 nº 150.

319. RESENHA da biografia de Oscar Niemeyer escrita por Nelson Werneck Sodré. Rio de Janeiro, 00 fev. 1979. 3 p. Imp. Publicada na revista Encontros com a Civilização Brasileira.
32,02,011 nº 151.

320. CUNHA, Carlos. "A obra de Nelson Werneck Sodré". São Luiz (MA), 4 fev. 1979. 2 doc. (2 p.). Imp. Artigo publicado no jornal O Imparcial falando da vida e da obra de Nelson Werneck Sodré. Anexo: artigo de Carlos Cunha publicado no jornal O Imparcial falando do livro A coluna Prestes, de Nelson Werneck Sodré.

32,02,011 nº 152.

321. MAFFEI, Eduardo. "O novo e o velho em tempo de ISEB". Porto Alegre, 24 mar. 1979. 1 p. Imp. Artigo publicado no jornal Correio do Povo falando do ISEB e de Nelson Werneck Sodré.

32,02,011 nº 153A.

322. LISTA dos livros mais vendidos. São Paulo, 14 abr. 1979. 1 p. Imp. Publicado em Leia livros, ano I, nº 11. Consta na lista o livro A coluna Prestes, de Nelson Werneck Sodré.

32,02,011 nº 153B.

323. ALMEIDA, B. Pires de. "A VISITA do 4º R.A.M. de Itú". São Paulo, 7 abr. 1979. 1 p. Imp. Artigo publicado no jornal Nossa Folha falando da visita, em 1940, da bateria de um regimento de artilharia do Exército Nacional, no qual Nelson Werneck Sodré era tenente, à cidade de Tietê para um desfile.

32,02,011 nº 154A.

324. ALVES FILHO, Ivan. Resenha do livro Formação histórica do Brasil, de Nelson Werneck Sodré. [S.l.], 00 ago. 1979. 7 p. Imp. Publicada na revista Encontros com a Civilização Brasileira, nº 14.

32,02,011 nº 154B.

325. MOREL, Edmar. "Os condenados à morte que seriam atirados ao mar de um avião". Rio de Janeiro, 25 abr. 1979. 1 p. Imp. Artigo publicado no jornal Tribuna da Imprensa falando do plano de atentado do Esquadrão PARA-SAR contra jornalistas, estudantes e religiosos que combatiam a ditadura.

32,02,011 nº 155.

326. ALMEIDA, Arlindo. "O ISEB em questão". João Pessoa, 13 mai. 1979. 1 p. Imp. Artigo publicado no jornal Correio das Artes falando do livro A verdade sobre o ISEB, de Nelson Werneck Sodré.

32,02,011 nº 156.

327. MATTOS, Regina. Artigo falando do livro Introdução à geografia, de Nelson Werneck Sodré. Rio de Janeiro, 00 mai. 1980. 1 p. Imp. Recorte da Revista de Cultura Vozes.

32,02,011 nº 157.

328. MONIZ, Edmundo. "A coluna Prestes". São Luís (MA), 7 jun. 1980. 1 p. Imp. Artigo publicado no jornal O Estado do Maranhão falando do livro A coluna Prestes, de Nelson Werneck Sodré.

32,02,011 nº 158.

329. "A BRANCURA ileza". Rio de Janeiro, 20 set. 1978. 1 p. Imp. Nota publicada na revista Veja falando do lançamento dos quatro primeiros livros da coleção Depoimentos. Consta fotografia de Oscar Niemeyer, Darcy Ribeiro, Carlos Drummond de Andrade e Nelson Werneck Sodré, juntos. Documento igual na localização 32,02,011 nº 146.

32,02,011 nº 159.

330. "UM GENERAL de boas brigas". [S.l.], 00/09-10/1982. 1 p. Imp. Entrevista com Nelson Werneck Sodré publicada em O Escritor.

32,02,011 nº 160.

331. CARVALHO, Sol. "Colonialismo, cultura e alienação". [S.l.], 28 fev. 1982. 5 p. Imp. Entrevista com Nelson Werneck Sodré publicada na revista Tempo.

32,02,011 nº 161.

332. SUMÁRIO da revista Tempo, edição 595. [S.l.], 7 mar. 1982. 1 p. Imp. Consta no verso a nota de abertura.

32,02,011 nº 162.

333. "NELSON Werneck Sodré fala da ciência, da revolução de 64, do terceiro mundo e da vida". São José do Rio Preto, 1 abr. 1982. 2 doc. (2 p.). Imp. Entrevista com Nelson Werneck Sodré publicada no jornal A Notícia. Anexo: chamada da entrevista com Nelson Werneck Sodré. Proveniente da Coleção Nelson Werneck Sodré.

32,02,011 nº 163.

334. "GRANADA: a resistência continua". [S.l.], 00 dez. 1983. 1 p. Imp. Texto publicado na revista Panorama Tricontinental falando da resistência de Granada à invasão americana e de manifestação de intelectuais brasileiros contra o governo dos Estados Unidos.

32,02,011 nº 164.

335. "COMANDO dos trabalhadores intelectuais (C.T.I)". Rio de Janeiro, 17 jan. 1964. 1 p. Imp. Nota publicada no jornal Correio da Manhã falando da assembléia geral do Comando dos Trabalhadores Intelectuais.

32,02,011 nº 165.

336. "NELSON Werneck Sodré dá curso em Vitória". Vitória, 2 fev. 1984. 1 p. Imp. Nota publicada no jornal A Gazeta falando de curso que Nelson Werneck Sodré dará em Vitória, no Espírito Santo. 32,02,011 nº 166.
337. "NELSON Werneck Sodré dará curso de história em Vitória". Vitória, 3 jan. 1984. 1 p. Imp. Nota publicada no jornal A Gazeta falando de curso que Nelson Werneck Sodré dará em Vitória, no Espírito Santo. 32,02,011 nº 167.
338. "UM CURSO de história na estréia de um projeto". Vitória, 3 jan. 1984. 1 p. Imp. Nota publicada no jornal A Gazeta falando sobre o curso de história que Nelson Werneck Sodré dará em Vitória. 32,02,011 nº 168.
339. ANÚNCIO de palestra que será ministrada por Nelson Werneck Sodré, intitulada "História, teoria e prática". Maputo, 24 fev. 1982. 1 p. Imp. Recorte do jornal Notícias. 32,02,011 nº 169.
340. LISTA dos livros mais vendidos da semana, publicada no jornal Folha de São Paulo, na qual aparece o livro Vida e morte da ditadura, de Nelson Werneck Sodré. São Paulo, 22 abr. 1984. 2 doc. Imp. Consta também nota sobre o livro, publicada no jornal Zero Hora (Porto Alegre, 5 jun. 1984). 32,02,011 nº 170.
341. "INTERPRETAÇÃO dos anseios democráticos". Rio de Janeiro, 30 abr. 1984. 1 p. Imp. Texto publicado no jornal O País falando do livro Vida e morte da ditadura, de Nelson Werneck Sodré. 32,02,011 nº 171.
342. MARQUES, Oswaldino. "Nelson Werneck Sodré: a crítica como desbloqueio da consciência". Minas Gerais, 16 jun. 1984. 1 p. Imp. Artigo publicado no jornal Suplemento Literário de Minas Gerais falando de Nelson Werneck Sodré e sua obra. 32,02,011 nº 172.
343. MARQUES, Oswaldino. "Os 50 anos da obra de Nelson Werneck Sodré". Brasília, 9 jul. ,1984. 1 p. Imp. Artigo publicado no jornal Correio Braziliense falando de Nelson Werneck Sodré e de sua obra. 32,02,011 nº 173.

344. SODRÉ, Nelson Werneck. Declaração sobre o Golpe de 1964, publicada na Folha de São Paulo. São Paulo, 24 ago. 1984. 1 p. Imp. Recorte do jornal Folha de São Paulo.
32,02,011 nº 174.
345. MOURA, Clóvis; RAMOS, Ricardo. "Nelson Werneck Sodré: 50 anos de vida literária"; "50 anos de renovação histórica". São Paulo, 00 ago. 1984. 2 doc. (1 p.) Imp. Artigos publicados no jornal O Escritor falando de Nelson Werneck Sodré e sua obra.
32,02,011 nº 175.
346. ENGRÁCIO, Arthur. "O cinquentenário do escritor". [S.l.], 25 nov. 1984. 1 p. Imp. Artigo publicado no jornal A Notícia falando de Nelson Werneck Sodré e sua obra.
32,02,011 nº 176.
347. ALVES, Ivan. "Di Cavalcanti". Rio de Janeiro, 14 mar. 1985. 1 p. Imp. Artigo publicado no jornal O País falando de Di Cavalcanti e de sua morte.
32,02,011 nº 177.
348. RELAÇÃO de livros de Nelson Werneck Sodré vendidos pela Editora Vozes. [S.l.], 00 abr. 1985. 1 p. Imp. Publicado em O Correio de Ofertas, publicação da Editora Vozes. Consta retrato de Nelson Werneck Sodré.
32,02,011 nº 178.
349. SAMUEL, Heli. "Werneck e o fim da ditadura". Rio de Janeiro, 25 abr. 1985. 1 p. Imp. Artigo publicado no jornal O País falando do livro Vida e morte da ditadura, de Nelson Werneck Sodré.
32,02,011 nº 179.
350. ESTRADA, João Duque. "Os trinta anos da morte de Estillac Leal". Rio de Janeiro, 2 mai. 1985. 1 p. Imp. Artigo publicado no jornal O País com entrevista de Nelson Werneck Sodré, sobre a vida e a atuação política do general Newton Estillac Leal.
32,02,011 nº 180.
351. "OS TRÊS beneficiários". Havana, 26 mai. 1985. 1 p. Imp. Artigo falando da dívida externa dos países subdesenvolvidos.
32,02,011 nº 181.
352. "TURMA de 34: em memória do marechal Pessoa". Rio de Janeiro, 11 set. 1985. 1 p. Imp. Texto publicado no jornal O Globo falando de homenagem que será prestada no centenário de nascimento do marechal José Pessoa Cavalcanti de Albuquerque.
32,02,011 nº 182.

353. "NELSON Werneck Sodré abre o projeto Perfil". [S.l.], 22 ago. 1986. 1 p. Imp. Matéria falando do depoimento de Nelson Werneck Sodré em videocassete para o projeto Perfil.
32,02,011 nº 183.
354. CUNHA, Carlos. "Werneck Sodré, o mestre". São Luís (MA), 28 dez. 1986. 1 p. Imp. Artigo publicado no Diário do Norte falando de Nelson Werneck Sodré e sua obra.
32,02,011 nº 184.
355. "A INTENTONA comunista". [S.l.], 16 jul. 1987. 1 p. Imp. Artigo publicado no jornal Voz falando do livro A Intentona comunista de 1935, de Nelson Werneck Sodré.
32,02,011 nº 185.
356. MACHADO, Luiz Toledo. "Consciência nacional e a prática nacionalista". [S.l.], 28 fev. 1988. 1 p. Imp. Artigo publicado no Diário Popular falando do ensaio da professora Paula Beiguelman, onde analisa o livro Memórias de um soldado, de autoria de Nelson Werneck Sodré.
32,02,011 nº 186.
357. ZÓZIMO, SUTER, Fred. Coluna Roda-Viva, com nota sobre cirurgia de Nelson Werneck Sodré. Rio de Janeiro, 10 jan. 1990. 1 p. Imp. Recorte do Jornal do Brasil.
32,02,011 nº 187.
358. COUTINHO, Fábio de Souza. "Um intelectual engajado". São Paulo, 1 mai. 1991. 1 p. Imp. Artigo falando sobre a vida e a obra de Nelson Werneck Sodré.
32,02,011 nº 188.
359. TAVARES, Ildásio. "80 anos de um grande brasileiro". Bahia, 4 jun. 1991. 1 p. Imp. Artigo publicado na Tribuna da Bahia falando da vida de Nelson Werneck Sodré. Consta dedicatória manuscrita do autor a Nelson Werneck Sodré.
32,02,011 nº 189.
360. "INTELECTUAIS já têm comando: criado o CTI". [S.l.], [19__]. 1 p. Imp. Matéria de jornal falando da criação do Comando dos Trabalhadores Intelectuais (CTI).
32,02,011 nº 190.

361. PROPAGANDA eleitoral de Modesto da Silveira, publicada em jornal, onde personalidades lhe declaram publicamente apoio; entre elas se encontra Nelson Werneck Sodré. [S.l.], [19__]. 1 p. Imp.
32,02,011 nº 191.

362. "MOÇÃO nacionalista com apoio do ministro derrotada no ISEB". [S.l.], [19__]. 1 p. Imp. Matéria de jornal sobre discussões no ISEB em torno do livro O nacionalismo na atualidade brasileira, de Hélio Jaguaribe, e voto de Nelson Werneck Sodré nessa instituição.
32,02,011 nº 192.

363. MAURO, José. "Último cartucho do golpe é a conspiração nacionalista". Rio de Janeiro, 9 set. 1961. 1 p. Imp. Artigo publicado no jornal Última Hora falando da prisão de militares ligados à corrente de pensamento nacionalista, entre eles Nelson Werneck Sodré.
32,02,011 nº 193.

364. COUTINHO, Galeão. "Gente sem história". [S.l.], [19__]. 1 p. Imp. Artigo falando do livro Oeste, de Nelson Werneck Sodré.
32,02,011 nº 194.

365. ARTIGO sobre o livro Oeste, de Nelson Werneck Sodré. [S.l.], [19__]. 1 p. Imp. Recorte da Revista do Arquivo Municipal. O artigo está incompleto.
32,02,011 nº 195.

366. SILVEIRA, Tasso da. Artigo sobre o livro História da literatura brasileira, de Nelson Werneck Sodré. Rio de Janeiro, 24 fev. 1938. 1 p. Imp. Recorte do jornal A Ofensiva.
32,02,011 nº 196.

367. NOTA falando do livro Memórias de um soldado, de Nelson Werneck Sodré. [S.l.], [19__]. 1 p. Imp.
32,02,011 nº 197.

368. SILVEIRA, Helena. "Nelson Werneck Sodré: história da imprensa no Brasil". São Paulo, 25 set. 1966. 1 p. Imp. Artigo publicado na Folha de São Paulo falando do livro História da imprensa no Brasil, de Nelson Werneck Sodré.
32,02,011 nº 198.

369. CAMBARÁ, Isa. "Werneck Sodré lança obra sobre 20 anos do regime". São Paulo, 28 mar. 1984. 1 p. Imp. Artigo publicado no jornal Folha de São Paulo falando do livro Vida e morte da ditadura, de Nelson Werneck Sodré. Consta dedicatória manuscrita a Nelson Werneck Sodré.
32,02,011 nº 199.

370. "EM REGOZIJO pela publicação do 200º volume da Brasileira". [S.l.], [19__]. 1 p. Imp. Nota falando das festividades referentes à publicação do volume 200 da Coleção Brasileira, nas quais Nelson Werneck Sodré discursou. 32,02,011 nº 200.
371. "MAIS de 102 bilhões, lucro da Ford e GM". [S.l.], [19__]. 1 p. Imp. Matéria de jornal sobre os lucros da Ford e da General Motors, no Brasil. 32,02,011 nº 201.
372. "A UNIDADE da América Latina é imprescindível para fazer face à dívida externa". [S.l.], [19__]. 1 p. Imp. Matéria de jornal sobre os problemas da dívida externa nos países da América Latina. 32,02,011 nº 202.
373. "PAÍS teve 5 moratórias". [S.l.], [19__]. 1 p. Imp. Matéria de jornal sobre as vezes em que o Brasil declarou moratória à dívida externa. 32,02,011 nº 203.
374. "POETAS do Livrespaço protestam pela retirada do nome de Nelson Werneck Sodré do Juca Pato". São Paulo, [19__]. 1 p. Imp. Matéria publicada no Diário Popular falando da retirada do nome de Nelson Werneck Sodré da lista de candidatos ao prêmio de intelectual do ano de 1984, o Troféu Juca Pato, por solicitação do próprio escritor. 32,02,011 nº 204.
375. "NELSON Werneck Sodré preso em São Paulo". [S.l.], [19__]. 1 p. Imp. Matéria publicada no jornal O Globo falando da prisão de Nelson Werneck Sodré. A matéria está incompleta. 32,02,011 nº 205.
376. CERTIDÃO de casamento de Nelson Werneck Sodré e Yolanda Geny Maria Frugoli, realizado em 2 fev. 1935. Itu, 24 abr. 1967. 1 p. Cópia. Dat. O documento provavelmente é uma cópia da 2ª via. 32,02,012 nº 001A.
377. DOCUMENTOS de identidade e cartão de identificação do contribuinte de Nelson Werneck Sodré. [S.l.], [19__]. 2 doc. (2 p.). Cópia. Imp. 32,02,012 nº 001B.
378. DOCUMENTOS de identidade, cartão de identificação do contribuinte e carteira militar de Yolanda Geny Maria Sodré. [S.l.], [19__]. 3 doc. (6 p.). Cópia. Imp. Constan duas cópias de cada documento. 32,02,012 nº 001C.

379. SODRÉ, Olga Regina Frugolli. Bilhete para sua mãe felicitando-a pelo aniversário de casamento. [S.l.], 2 fev. 1959. 1 p. Orig. Ms.
32,02,012 nº 002.
380. CARTÃO de assistência técnica da Empresa Newtec's, com orçamento. Rio de Janeiro, 9 jun. 1989. 2 p. Orig. Dat. Imp.
32,02,012 nº 003.
381. SODRÉ, Olga Regina Frugolli. Cartão de aniversário para Yolanda Sodré. Cruz Alta (RJ), 17 dez. 1952. 1 doc. (2 p.). Orig. Ms. Consta envelope.
32,02,012 nº 004.
382. CERTIDÃO de nascimento de Olga Regina Frugolli Sodré. São Paulo, 4 jan. 1964. 2 doc. (2 p.). Cópia. Dat. Constan duas cópias.
32,02,012 nº 005.
383. BOLETINS escolares de Olga Regina Frugolli Sodré. Rio de Janeiro, 1951-1960. 5 doc. (5 p.). Orig. Ms.
32,02,012 nº 006.
384. SODRÉ, Olga Regina Frugolli. Curriculum vitae. Rio de Janeiro, 14 mar. 1980. 4 doc. (8 p.). Orig. Dat. Constan três cópias do documento.
32,02,012 nº 007.
385. APRESENTAÇÃO do curso de psicologia oriental organizado por Olga Regina Frugolli Sodré. [Rio de Janeiro], [19__]. 1 p. Cópia. Dat.
32,02,012 nº 008.
386. CARTEIRA de identidade de Nelson Werneck Sodré. [S.l.], [19__]. 2 p. Orig. Imp.
32,02,012 nº 009A.
387. CARTÃO de identidade de Nelson Werneck Sodré no Ministério da Educação e Cultura. [S.l.], 21 jun. 1963. 2 p. Orig. Imp.
32,02,012 nº 009B.
388. CARTEIRA militar de Nelson Werneck Sodré. Rio de Janeiro, 00 fev. 1934. 3 p. Orig. Imp.
32,02,012 nº 009C.
389. CARTÃO de membro do World Peace Council de Nelson Werneck Sodré. [S.l.], 00 abr. 1986. 2 p. Orig. Imp.
32,02,012 nº 009D.

390. CARTEIRA de identidade de Heitor de Abreu Sodré. [S.l.], 1921. 2 p. Orig. Imp. Heitor de Abreu Sodré era pai de Nelson Werneck Sodré. 32,02,012 nº 009E.
391. SALVO-CONDUTO de Heitor de Abreu Sodré. Caçapava, 29 dez. 1944. 2 doc. (3 p.). Orig. Imp. Anexo: cartão de visita de Heitor de Abreu Sodré. 32,02,012 nº 009F.
392. MATRIZ de metal para impressão do nome de Nelson Werneck Sodré. [S.l.], [19__]. 1 doc. Orig. 32,02,012 nº 009G.
393. TÍTULO de eleitor de Nelson Werneck Sodré. [S.l.], [19__]. 1 p. Orig. Imp. Ms. 32,02,012 nº 010A.
394. TÍTULO eleitoral de Yolanda Frugolli Sodré. Rio de Janeiro, 23 jun. 1965. 2 p. Orig. Dat. 32,02,012 nº 010B.
395. TÍTULO de eleitor de Heitor de Abreu Sodré. Caçapava, 2 mar. 1933. 1 p. Orig. Dat. 32,02,012 nº 010C.
396. CERTIDÃO de casamento de Nelson Werneck Sodré e Yolanda Frugoli Sodré. Itu (SP), 5 abr. 1951. 1 p. Cópia. Dat. 32,02,012 nº 011.
397. RECORTE de revista contendo fotografia da entrada do Colégio Militar do Rio de Janeiro. [S.l.], [19__]. 1 p. Orig. Imp. Consta anotação de Nelson Werneck Sodré no verso: "Entrada do Colégio Militar do Rio de Janeiro, onde estudei de 1924 a 1930". 32,02,012 nº 012.
398. "DONA Hortência Abreu Sodré morre aos 82 anos na GB". [S.l.], 28 dez. 1968. 2 doc. (2 p.). Imp. Nota publicada no Correio da Manhã falando da morte de Maria Hortência Abreu Sodré. Anexa, nota publicada no Estado de São Paulo falando do falecimento de Amélia Werneck Sodré (SP, 18 mar. 1967). 32,02,012 nº 013.

399. SODRÉ, Heitor de Abreu. Carta a Amélia Werneck Sodré agradecendo carta e lamentando a distância. [S.l.], 3 out. 1907. 4 p. Orig. Ms.
32,02,012 nº 014A.
400. SODRÉ, Heitor de Abreu. Carta a Amélia Werneck Sodré agradecendo carta e dizendo sentir sua falta. [S.l.], [19__]. 4 p. Orig. Ms. Carta incompleta.
32,02,012 nº 014B.
401. SODRÉ, Amélia Werneck. Carta a Heitor de Abreu Sodré agradecendo cartas e relacionado as pessoas que poderão comparecer ao casamento. São Gonçalo do Sapucaí, 17 nov. 1907. 3 p. Orig. Ms.
32,02,012 nº 014C.
402. SODRÉ, Amélia Werneck. Carta a Heitor de Abreu Sodré agradecendo e enviando notícias. São Gonçalo de Sapucaí, 10 nov. 1907. 4 p. Orig. Ms.
32,02,012 nº 014D.
403. MATTOS, José Ferreira de. Carta a José de Almeida Telles pedindo que faça um ofício apresentando e indicando Heitor de Abreu Sodré. São Paulo, 3 out. 1912. 2 p. Orig. Ms. Consta envelope da carta.
32,02,012 nº 015.
404. RECIBO de recolhimento aos cofres da Prefeitura do valor referente ao sepultamento de Heitor de Abreu Sodré. Caçapava, 14 jun. 1948. 1 p. Orig. Ms.
32,02,012 nº 016.
405. RECIBO de pagamento de dívida pública por Heitor de Abreu Sodré. São Paulo, 23 nov. 1922. 1 p. Orig. Ms.
32,02,012 nº 017.
406. CONVITE para o funeral de Victoria Frugoli. Itu, 26 jan. 1949. 2 doc. (2 p.). Orig. Imp. Anexo: cartão de recordação da missa de sétimo dia de Victoria Frugoli, com imagens religiosas (Itu, 1 fev. 1949).
32,02,012 nº 018A.
407. CARTÃO de falecimento de Domenico Frugoli. [S.l.], [1928]. 2 p. Orig. Imp. Em italiano. Contém imagens religiosas.
32,02,012 nº 018B.
408. CARTÃO de falecimento de Alfredo Frugoli. [S.l.], [19__]. 4 p. Orig. Imp.
32,02,012 nº 018C.

409. CARTÃO de falecimento de Alaerte Osvaldo Frugoli. Itu, 23 nov. 1962. 4 p. Orig. Imp. Contém imagem religiosa. 32,02,012 nº 018D.
410. CARTÃO de lembrança da missa de sétimo dia de Iolanda Maria Frugoli. Itu, 16 dez. 1975. 2 p. Orig. Imp. Contém imagem religiosa. 32,02,012 nº 018E.
411. DOCUMENTOS médicos de Nelson Werneck Sodré. [S.l.], [1941]-[1994]. 20 doc. (30 p.). Orig. Constam receitas médicas, atestados e exames. 32,02,012 nº 019.
412. TÍTULO de eleitor de Nelson Werneck Sodré. [S.l.], 16 set. 1941-26 jun. 1974. 2 doc. (4 p.). Orig. Dat. Ms. Consta retrato. 32,02,012 nº 020A.
413. CARTEIRA de identidade de Nelson Werneck Sodré expedida pelo Ministério da Guerra. São Paulo, 1942. 2 p. Orig. Ms. Consta fotografia de Nelson Werneck Sodré. 32,02,012 nº 020B.
414. CARTEIRA de trabalho de Nelson Werneck Sodré. Rio de Janeiro, 29 mai. 1951. 1 doc. Orig. Imp. 32,02,012 nº 020C.
415. PERFIL biográfico de Nelson Werneck Sodré. [S.l.], [19__]. 2 p. Orig. Dat. 32,02,012 nº 021.
416. SODRÉ, Nelson Werneck. Relação de roteiros e sumários de aulas e de cursos. [S.l.], [19__]. 1 p. Orig. Ms. 32,02,012 nº 022.
417. RELAÇÃO das obras de Nelson Werneck Sodré. [S.l.], [19__]. 13 p. Orig. Ms. 32,02,012 nº 023.
418. RELAÇÃO das obras de Nelson Werneck Sodré. [S.l.], [19__]. 9 p. Orig. Ms. 32,02,012 nº 024.
419. DOCUMENTOS básicos do Centro Brasil Democrático. Rio de Janeiro, [19__]. 6 p. Orig. Imp. Impresso contendo: manifesto de fundação, relação dos fundadores, estatutos, regimento interno, programa de trabalho e

proposta de adesão ao Centro Brasil Democrático. Consta o nome de Nelson Werneck Sodré entre os fundadores.

32,02,012 nº 025.

420. ORÇAMENTO para a abertura do túmulo de Rodrigo Vilella, para sepultamento de Amélia Werneck Almeida. [S.l.], 15 mar. 1967. 1 p. Orig. Ms.

32,02,012 nº 026.

421. RECORTE fotográfico de Nelson Werneck Sodré, Darcy Ribeiro, Oscar Niemeyer e outro. [S.l.], [19__]. 1 p. Orig. Imp.

32,02,012 nº 027.

422. GUIMARÃES, Cláudio Jorge. Comunicado falando do grupo Senda. [S.l.], [19__]. 1 p. Orig. Dat.

32,02,012 nº 028.

423. ATESTADO de atropelamento de Nelson Werneck Sodré emitido pelo 4º Regimento de Artilharia Montada. Itu, 15 abr. 1934. 2 p. Orig. Ms.

32,02,012 nº 029.

424. CONTRA-CHEQUE de Nelson Werneck Sodré. [S.l.], 1991-1992. 2 doc. (3 p.). Orig. Imp. Consta uma cópia autenticada.

32,02,012 nº 030.

425. SOARES, Anna Maria de Niemeyer. Recibo de contribuição feita por Nelson Werneck Sodré à Fundação Oscar Niemeyer. Rio de Janeiro, 25 abr. 1988. 1 p. Orig. Ms. Dat.

32,02,012 nº 031.

426. GALLICHO, Eurico O. Santinhos oferecidos como prêmios a Nelson Werneck Sodré. [S.l.], 00 out. 1923. 2 doc. (4 p.). Orig. Ms.

32,02,012 nº 032.

427. ORDEM de pagamento a Nelson Werneck Sodré, emitida pelo INPS. Rio de Janeiro, 19 mar. 1984. 1 p. Orig. Dat. Imp.

32,02,012 nº 033.

428. LISTA contendo os títulos de dez livros nacionais. [S.l.], [19__]. 1 p. Orig. Ms.

32,02,012 nº 034.

429. DOCUMENTO de arrecadação de IPTU de imóvel de Nelson Werneck Sodré. Rio de Janeiro, 1992. 1 p. Cópia. Imp.

32,02,012 nº 035.

430. SODRÉ, Nelson Werneck. "Itinerário da minha vida militar". [S.l.], [19__]. 1 p. Orig. Ms. Relação dos lugares onde Nelson Werneck Sodré atuou no serviço militar com suas respectivas datas.
32,02,012 nº 036.
431. CARTÃO de reconhecimento de firma de Nelson Werneck Sodré. Rio de Janeiro, [19__]. 3 doc. (5 p.). Orig. Ms. Imp. Anexos: cartão de reconhecimento de firma de Yolanda Geny Maria Sodré; cartão de reconhecimento de firma em branco.
32,02,012 nº 037.
432. RECORTE de revista com fotografia da praça Alberto Rocha, em São Gonçalo do Sapucaí. [S.l.], [19__]. 1 p. Orig. Imp.
32,02,012 nº 038.
433. RECORTE de revista com fotografias. [S.l.], [19__]. 1 p. Orig. Imp.
32,02,012 nº 039.
434. RECORTE de revista com fotografias de Cruz Alta e da Colônia Selbach. [S.l.], [19__]. 2 p. Orig. Imp.
32,02,012 nº 040.
435. RECORTE com fotografia de Itu. [S.l.], [19__]. 1 p. Orig. Imp.
32,02,012 nº 041.
436. RECORTE com fotografia do município de Itu. [S.l.], [19__]. 1 p. Orig. Imp.
32,02,012 nº 042.
437. DENERY, Neverso. "O bandido dos Balkans". [S.l.], 00 ago. 1925. 70 p. Orig. Ms.
32,02,012 nº 043.
438. CONTRATO entre Nelson Werneck Sodré e a Editora Universitária de Buenos Aires para publicação de História das estruturas econômicas do Brasil. Buenos Aires, 20 jul. 1962. 1 p. Orig. Dat. Em espanhol.
32,02,012 nº 044.
439. MELLO, Maurício Martins. Recibo de pagamento de direitos autorais, feito por Nelson Werneck Sodré, por sua participação no livro História nova do Brasil. Rio de Janeiro, 21 dez. 1965. 1 p. Orig. Ms.
32,02,012 nº 045.

440. CONTRATO entre Nelson Werneck Sodré e Polish Scientific Publishers para a tradução e publicação do livro História da literatura brasileira na Polônia. Rio de Janeiro, 3 mar. 1972. 3 p. Orig. Dat. Em Inglês.
32,02,012 nº 046.

441. CONTRATO entre Nelson Werneck Sodré e a Editora Vozes para publicação do livro Introdução à geografia. Petrópolis (RJ), 1 ago. 1975. 4 p. Orig. Imp. Consta a assinatura de Nelson e do representante da editora.
32,02,012 nº 047.

442. MOCHALOV, V. G. Carta a Nelson Werneck Sodré falando dos problemas ocorridos para o recebimento dos direitos autorais deste referentes a edição russa do livro Brasil, radiografia de um modelo. Moscou, 24 abr. 1981. 1 p. Orig. Dat. Mochalov é chefe do Departamento de Exportação e Importação da VAAP.
32,02,012 nº 048.

443. MOCHALOV, V. G. Carta a Nelson Werneck Sodré dizendo ter solicitado a devolução do dinheiro recebido pela editora argentina, indevidamente, para então pagar a Nelson o direito autoral. Moscou, 19 mai. 1981. 1 p. Orig. Dat. Mochalov é chefe do Departamento de Exportação e Importação da VAAP.
32,02,012 nº 049.

444. SEDYKH, V. Carta a Nelson Werneck Sodré dizendo já ter pago os direitos autorais do seu livro Brasil, radiografia de um modelo à editora argentina Orbeus e que Nelson deve reclamar com esta. Moscou, 9 nov. 1981. 1 p. Orig. Dat. Sedykh é diretor das Edições Progresso.
32,02,012 nº 050.

445. CONTRATO entre Nelson Werneck Sodré e a Livraria Martins Fontes Editora para publicação do livro História da imprensa no Brasil. São Paulo, 11 nov. 1982. 2 p. Orig. Dat.
32,02,012 nº 051.

446. SANTEIRO, Ana Maria. Carta a Ênio Silveira, representante da Editora Civilização Brasileira, cancelando os contratos de Nelson W. Sodré com a Editora referentes às obras História militar do Brasil e A coluna Prestes. Rio de Janeiro, 21 mai. 1984. 1 p. Orig. Dat.
32,02,012 nº 052.

447. CONTRATO entre Nelson Werneck Sodré e a Mercado Aberto Editora para publicação de O tenentismo. Porto Alegre, 1 ago. 1985. 2 p. Orig. Dat.
32,02,012 nº 053.

448. CONTRATO entre Nelson Werneck Sodré e Mercado Aberto Editora para publicação do livro *O tenentismo*. Rio de Janeiro, 31 set. 1985. 3 p. Orig. Dat. Imp.
32,02,012 nº 054.
449. CONTRATO entre Nelson Werneck Sodré e a Mercado Aberto Editora para publicação de *A intentona comunista de 1935*. Rio de Janeiro, 27 jun. 1986. 3 p. Orig. Dat. Imp.
32,02,012 nº 055.
450. CONTRATO entre Nelson Werneck Sodré e a Mercado Aberto Editora para publicação de *Literatura e história no Brasil Contemporâneo*. Rio de Janeiro, 23 dez. 1986. 3 p. Orig. Imp.
32,02,012 nº 056.
451. RESCISÃO de contrato de edição entre Nelson Werneck Sodré e a Livraria José Olympio Editora. Rio de Janeiro, 23 dez. 1986. 2 p. Orig. Imp.
32,02,012 nº 057.
452. CONTRATO entre Nelson Werneck Sodré e a Editora Bertrand Brasil para publicação da obra *O que se deve ler para conhecer o Brasil*. Rio de Janeiro, 8 jan. 1987. 2 doc. (4 p.). Orig. Dat. Imp. Anexo: adendo ao contrato para edição de outras obras (RJ, 12 fev. 1987).
32,02,012 nº 058.
453. CONTRATO entre Nelson Werneck Sodré e a Editora Bertrand Brasil para publicação de *História militar do Brasil*. Rio de Janeiro, 8 jan. 1987. 3 p. Orig. Dat. Imp.
32,02,012 nº 059.
454. CONTRATO entre Nelson Werneck Sodré e a Editora Bertrand Brasil para a publicação de *Formação histórica do Brasil*. Rio de Janeiro, 8 jan. 1987. 3 p. Orig. Dat. Imp.
32,02,012 nº 060.
455. CONTRATO entre Nelson Werneck Sodré e a Editora Bertrand Brasil para publicação de *Síntese da história da cultura brasileira*. Rio de Janeiro, 8 jan. 1987. 3 p. Orig. Dat. Imp.
32,02,012 nº 061.
456. CONTRATO entre Nelson Werneck Sodré e a Editora Bertrand Brasil para publicação de *Brasil - radiografia de um modelo*. Rio de Janeiro, 8 jan. 1987. 3 p. Orig. Dat. Imp.
32,02,012 nº 062.

457. CONTRATO entre Nelson Werneck Sodré e a Editora Bertrand Brasil para publicação de História da literatura brasileira. Rio de Janeiro, 8 jan. 1987. 3 p. Orig. Dat. Imp.
32,02,012 nº 063.

458. ADENDO ao contrato de 8 jan. 1987 entre Nelson Werneck Sodré e a Editora Bertrand Brasil para publicação de Brasil - radiografia de um modelo. Rio de Janeiro, 12 fev. 1987. 1 p. Orig. Dat.
32,02,012 nº 064.

459. CONTRATO entre Nelson Werneck Sodré e a Editora Bertrand Brasil para publicação de O Governo Militar secreto. Rio de Janeiro, 14 abr. 1987. 3 p. Orig. Dat. Imp.
32,02,012 nº 065.

460. CONTRATO entre Nelson Werneck Sodré e a Editora Bertrand Brasil para publicação de A luta pela cultura (Memórias de um escritor - Vol. 2). Rio de Janeiro, 14 abr. 1987. 3 p. Orig. Dat. Imp.
32,02,012 nº 066.

461. CONTRATO entre Nelson Werneck Sodré e a Editora Bertrand Brasil para publicação de A marcha para o nazismo. Rio de Janeiro, 14 mai. 1987. 3 p. Orig. Dat. Imp.
32,02,012 nº 067.

462. CONTRATO entre Nelson Werneck Sodré e a Editora Bertrand Brasil para publicação de A ofensiva reacionária (Memórias de um escritor - Vol. 3). Rio de Janeiro, 14 abr. 1987. 3 p. Orig. Dat. Imp.
32,02,012 nº 068.

463. CONTRATO entre Nelson Werneck Sodré e a Editora Bertrand Brasil para publicação de A fúria de Calibá (Memórias de um escritor - Vol. 4). Rio de Janeiro, 14 abr. 1987. 3 p. Orig. Dat. Imp.
32,02,012 nº 069.

464. CONTRATO de cessão de direitos autorais entre Nelson Werneck Sodré e a Editora UFRGS para publicação de Evolução social do Brasil. Porto Alegre, 10 ago. 1987. 2 p. Orig. Dat.
32,02,012 nº 070.

465. CONTRATO entre Nelson Werneck Sodré e a Editora Oficina de Livros para publicação de Capitalismo e revolução burguesa no Brasil. Belo Horizonte, 30 abr. 1990. 2 p. Cópia. Dat. Imp.
32,02,012 nº 071.

466. GIORDANO, Cláudio. Carta a Nelson Werneck Sodré falando do projeto de lançar um livro sobre "História nova do Brasil". São Paulo, 13 ago. 1992. 3 p. Orig. Dat.
32,02,012 nº 072.
467. RECIBO referente ao pagamento de direitos autorais realizado pela Editora Bertrand Brasil a Nelson Werneck Sodré. Rio de Janeiro, 26 fev. 1993. 12 doc. (12 p.). Orig. Dat. Imp. Anexos: documentos de prestação de contas dos direitos autorais de 11 livros de Nelson Werneck Sodré, publicados pela Bertrand Brasil.
32,02,012 nº 073.
468. RECIBO referente a pagamento de direitos autorais pela Editora Civilização Brasileira a Nelson Werneck Sodré. Rio de Janeiro, 26 fev. 1993. 3 doc. (3 p.). Orig. Dat. Anexos: documento de prestação de contas de direitos autorais de dois livros de Nelson Werneck Sodré publicados pela Editora Civilização Brasileira.
32,02,012 nº 074.
469. RECIBO referente ao pagamento de direitos autorais pela Editora Bertrand Brasil a Nelson Werneck Sodré. Rio de Janeiro, 31 ago. 1994. 12 doc. (12 p.). Cópia. Dat. Imp. Anexos: documentos de prestação de contas de direitos autorais de 11 livros de Nelson Werneck Sodré publicados pela Editora Bertrand Brasil.
32,02,012 nº 075.
470. CONTRATO entre Nelson Werneck Sodré e a Editora Oficina de Livros para publicação da obra *O fascismo cotidiano*. Belo Horizonte, [19__]. 2 p. Cópia. Dat. Imp.
32,02,012 nº 076.
471. FOLHETO comemorativo do 40º aniversário de formatura dos bacharéis de 1907, entre estes Heitor Abreu Sodré, pai de Nelson Werneck Sodré. [S.l.], 14 dez. 1947. 7 p. Orig. Imp.
32,02,012 nº 077.
472. CARTÃO de agradecimento pelas manifestações de pêsames pela morte do marechal Júlio Caetano Horta Barbosa. Rio de Janeiro, 00 out. 1965. 1 p. Orig. Imp.
32,02,012 nº 078.

473. BORISO', V. I. Artigo sobre o livro História militar do Brasil. Moscou, 16 set. 1967. 2 p. Orig. Imp. Em russo. Consta dedicatória do autor a Nelson Werneck Sodré.

32,02,012 nº 079.

474. FOLHETO do Encontro Nacional pela Democracia, onde Nelson Werneck Sodré participaria de debate. Rio de Janeiro, 00 dez. 1978. 2 p. Orig. Imp.

32,02,012 nº 080.

475. CONVITE para a colação de grau dos formandos de 1979 da Universidade de Santa Maria, na qual Nelson Werneck Sodré era patrono. Santa Maria, 00 dez. 1979. 12 p. Orig. Imp.

32,02,012 nº 081.

476. FOLHETO de mesa-redonda com participação de Nelson Werneck Sodré sobre o tema "As forças armadas face à abertura política". Rio de Janeiro, 1981. 1 p. Orig. Imp.

32,02,012 nº 082.

477. FOLHETO sobre curso de extensão ministrado por Nelson Werneck Sodré intitulado "Os militares na história: guerra, política e instituições". Rio de Janeiro, 1981. 6 p. Orig. Imp.

32,02,012 nº 083.

478. FOLHETO sobre o ciclo de palestras a respeito de política e cultura no período Vargas, com a presença de Nelson Werneck Sodré entre os palestrantes. Rio de Janeiro, 1983. 1 p. Orig. Imp.

32,02,012 nº 084.

479. FOLHETO sobre o seminário "Marx e o marxismo-100 anos", no qual Nelson Werneck Sodré consta entre os conferencistas. Rio de Janeiro, 1983. 6 p. Orig. Imp.

32,02,012 nº 085.

480. LIVRETO comemorativo do 50º aniversário da turma de aspirantes da Escola Militar de Realengo, turma de que Nelson Werneck Sodré fazia parte. Rio de Janeiro, 1984. 28 p. Orig. Imp.

32,02,012 nº 086.

481. FOLHETO de publicidade dos livros A ideologia do colonialismo e Vida e morte da ditadura, de Nelson Werneck Sodré, publicados pela Editora Vozes. [S.l.], 00/03-04/1984. 2 doc. (4 p.). Orig. Imp.

32,02,012 nº 087.

482. CONVITE para a colação de grau dos licenciandos de História da UGE. Rio de Janeiro, 00 ago. 1984. 5 p. Orig. Imp. Nelson Werneck Sodré era o patrono da turma.
32,02,012 nº 088.

483. FUNDAÇÃO MUSEU DA IMAGEM E DO SOM. Certificado de agradecimento a Nelson Werneck Sodré. Rio de Janeiro, 13 mai. 1992. 1 p. Orig. Imp. Assina o certificado o presidente da Fundação, Arthur José Poerner.
32,02,012 nº 089.

484. MATERIAL de divulgação da 1ª Semana de Estudos Literários, com homenagem a Nelson Werneck Sodré. Recife, 00 out. 1994. 5 doc. (13 p.). Orig. Imp. Consta: pasta, convite, folheto e dois cartazes do evento.
32,02,012 nº 090.

485. CONVITE de casamento de Nelson Werneck Sodré e Yolanda Frugoli. Itu (SP), 2 fev. 1935. 1 p. Orig. Imp.
32,02,012 nº 091.

486. FOLHETO da Fundação Oscar Niemeyer. [S.l.], [19__]. 10 p. Orig. Imp.
32,02,012 nº 092.

487. OLIVEIRA, Juca de. Poesias de Carlos Drummond de Andrade e Vinícius de Moraes na voz de Juca de Oliveira. [S.l.], 1973. 1 doc. Orig. Disco de vinil compacto. Com acompanhamento ao violão de Toquinho. Suplemento gratuito da revista Mais, nº 1.
32,02,012 nº 093.

488. PLANO de curso da disciplina Cultura Brasileira, tendo por objetivo analisar a contribuição do pensamento de Nelson Werneck Sodré ao estudo da literatura brasileira. [S.l.], [19__]. 2 p. Orig. Dat.
32,02,012 nº 094.

489. LISTA das entidades que participaram da Semana da Anistia. [S.l.], [19__]. 2 doc. (3 p.). Orig. Dat. Em anexo, folhas manuscritas com tópicos referentes à questão da anistia.
32,02,012 nº 095.

490. BIBLIOGRAFIA do curso Formação Histórica do Brasil. [S.l.], [19__]. 2 doc. (7 p.). Orig. Dat. Consta uma cópia.
32,02,012 nº 096.

491. FOLHETO do Curso de Literatura da UNIBRADE. Rio de Janeiro, [19__]. 1 p. Orig. Dat. Nelson Werneck Sodré se encontra entre os palestrantes.
32,02,012 nº 097.
492. LISTA com os nomes dos fundadores do CEBRADE. [S.l.], [19__]. 1 p. Orig. Imp. Consta o nome de Nelson Werneck Sodré na lista.
32,02,012 nº 098.
493. CONVITE para o lançamento do livro *O governo militar secreto*, de Nelson Werneck Sodré, pela Editora Bertrand Brasil. Rio de Janeiro, [19__]. 1 p. Orig. Imp.
32,02,012 nº 099.
494. CONVITE para a colação de grau dos formandos de 1987 da Universidade Gama Filho. Rio de Janeiro, 17 set. 1987. 2 p. Orig. Imp. Nelson Werneck Sodré recebeu homenagem.
32,02,012 nº 100.
495. FOLHETO com a programação de cursos da UNIVERTA, entre eles o curso *Formação Histórica do Brasil*, de Nelson Werneck Sodré. Rio de Janeiro, 1980. 5 p. Orig. Imp.
32,02,012 nº 101.
496. FOLHETO sobre o curso *O Brasil Contemporâneo*, a ser ministrado por Nelson Werneck Sodré. Rio de Janeiro, [19__]. 6 p. Orig. Imp. Consta anotação manuscrita: Não se realizou este curso.
32,02,012 nº 102.
497. GLINKIN, A. N. *Osnovnye etapy i osobennosti istoricheskogo razvitiya brazílii v gody vtoroj mirovoj vojny i v poslevoennys period (1939-1961)*. Moscou, 1963. 32 p. Orig. Imp. Em russo. Consta dedicatória a Nelson Werneck Sodré.
32,02,012 nº 103.
498. FOLHETO sobre o curso *Formação Histórica do Brasil*, a ser ministrado por Nelson Werneck Sodré. [S.l.], [19__]. 2 p. Orig. Imp. Contém anotações de Nelson Werneck Sodré no verso.
32,02,012 nº 104.
499. CARTAZ sobre a história da cidade de Itu. São Paulo, [19__]. 1 p. Orig. Imp.
32,02,012 nº 105.

500. SANTOS, Armando dos. Diploma de conclusão do curso preliminar no Grupo Escolar Convenção de Itu, da esposa de Nelson Werneck Sodré, Yolanda Frugoli. Itu (SP), 30 nov. 1929. 1 p. Orig. Imp.
32,02,012 nº 106.

501. PINNA, Gerson de. Intimação a Nelson Werneck Sodré para depor em um inquérito policial militar sobre o ISEB. Rio de Janeiro, 8 set. 1964. 1 p. Orig. Dat.
32,02,012 nº 107.

502. DIPLOMA de sócio efetivo do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil, de Nelson Werneck Sodré. Rio de Janeiro, 11 set. 1964. 1 p. Orig. Imp.
32,02,012 nº 108.

503. ELYAS, Aparecida Regina Ribeiro. Ofício a Nelson Werneck Sodré intimando-o a apresentar defesa no processo administrativo a que responde. Rio de Janeiro, 8 dez. 1964. 1 p. Orig. Dat.
32,02,012 nº 109.

504. "VIOLÊNCIA contra a história nova". Rio de Janeiro, 00 set. 1965. 22 p. Orig. Imp. Transcrição do mandado de segurança impetrado pela Editora Brasiliense contra o encarregado do IPM/ISEB, publicada na Revista Civilização Brasileira - Ano I, nº 4-setembro/1965.
32,02,012 nº 110.

505. MANDADO de segurança da Editora Civilização Brasileira contra o D.F.S.P. Rio de Janeiro, 00/09-11/1966. 7 p. Orig. Imp. Transcrição do mandado publicada na Revista Civilização Brasileira.
32,02,012 nº 111.

506. CONVITE a Nelson Werneck Sodré, expedido pelo Departamento Federal de Segurança Pública, a prestar esclarecimentos ao Serviço de Ordem Política e Social. Rio de Janeiro, 14 mar. 1966. 1 p. Dat. Orig.
32,02,012 nº 112.

507. COUTINHO, Vicente de Paula Dale. Intimação a Nelson Werneck Sodré para prestar depoimento no inquérito policial militar do ISEB. Rio de Janeiro, 28 mar. 1966. 1 p. Orig. Dat.
32,02,012 nº 113.

508. CONVITE a Nelson Werneck Sodré, expedido pelo Departamento de Polícia Federal, a prestar esclarecimentos na Seção de Investigações. Rio de Janeiro, 13 abr. 1972. 1 p. Orig. Dat.
32,02,012 nº 114.

509. DIÁRIO Oficial com informação sobre o processo de Nelson Werneck Sodré. [S.l.], 18 mar. 1981. 2 p. Imp.
32,02,012 nº 115.
510. MIRANDA, Rozinha. Diploma de destaque do ano da comunidade cambuquirense a Nelson Werneck Sodré. Cambuquira, 30 mar. 1985. 1 p. Orig. Imp.
32,02,012 nº 116.
511. CERTIFICADO de participação de Nelson Werneck Sodré na mesa-redonda “Estado Novo. Sociedade Política. Os Aparelhos de Estado. As Forças Armadas”, realizada pelo Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da UFRJ. Rio de Janeiro, 5 nov. 1987. 1 p. Orig. Ms.
32,02,012 nº 117.
512. ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO. Título de benemérito do Estado do Rio de Janeiro concedido a Nelson Werneck Sodré. Rio de Janeiro, 9 nov. 1987. 1 p. Orig. Imp.
32,02,012 nº 118.
513. CERTIFICADO de homenagem prestada a Nelson Werneck Sodré no 10º Prêmio Jornalístico Vladimir Herzog de Anistia e Direitos Humanos. [S.l.], 25 out. 1988. 1 p. Orig. Imp.
32,02,012 nº 119.
514. ASSOCIAÇÃO CULTURAL JOSÉ MARTI. Documento conferindo reconhecimento público a Nelson Werneck Sodré pela contribuição para a aproximação entre Brasil e Cuba. Rio de Janeiro, 5 jul. 1989. 1 p. Orig. Dat.
32,02,012 nº 120.
515. DOCUMENTO de criação da revista Crítica Marxista. São Paulo, 00 jun. 1992. 2 p. Cópia. Dat.
32,02,012 nº 121.
516. DIÁRIO Oficial do Estado do Rio de Janeiro com a nomeação de Nelson Werneck Sodré para o Conselho Estadual de Cultura. Rio de Janeiro, 10 dez. 1992. 1 p. Cópia. Imp.
32,02,012 nº 122.
517. AUTORIZAÇÃO a Yolanda Frugoli Sodré para visitar seu marido Nelson Werneck Sodré, que se encontra detido. Rio de Janeiro, 2 jun. 1964. 1 p. Orig. Imp. Ms.
32,02,012 nº 123.

518. AUTORIZAÇÃO a Yolanda Frugoli Sodré para visitar seu marido Nelson Werneck Sodré, que se encontra detido. Rio de Janeiro, 20 jul. 1964. 1 p. Orig. Imp. Ms.
32,02,012 nº 124.

519. VERÍSSIMO, Ignácio José. Ofício a Nelson Werneck Sodré solicitando que compareça à comissão de inquérito a fim de prestar esclarecimentos. Rio de Janeiro, 00 dez. 1966. 1 p. Orig. Dat. Ignácio José Veríssimo foi responsável pelo IPM/CNTI.
32,02,012 nº 125.

520. FROTA, Sylvio Couto Coelho da. Convite a Nelson Werneck Sodré para comparecer ao Quartel General da Divisão Blindada a fim de tratar de assuntos do seu interesse. Rio de Janeiro, 15 jul. 1966. 1 p. Orig. Dat.
32,02,012 nº 126.

521. SARMENTO, Syseno. Intimação a Nelson Werneck Sodré para prestar depoimento. Rio de Janeiro, 29 dez. 1966. 1 p. Orig. Dat. Syseno Sarmento foi encarregado de um IPM.
32,02,012 nº 127.

522. PEREIRA, Manoel Mendes. Solicitação a Nelson Werneck Sodré para comparecer ao Estado Maior do Exército a fim de ser inquerido. Rio de Janeiro, 26 ago. 1965. 1 p. Orig. Dat. Manoel Mendes Pereira foi encarregado de um IPM.
32,02,012 nº 128.

523. RIBEIRO, Darcy. Portaria designando Nelson Werneck Sodré professor responsável pelo Departamento Cultural de História. [S.l.], 9 out. 1962. 1 p. Orig. Dat.
32,02,012 nº 129.

524. BUARQUE, Cristóvam. Decreto instituindo o Prêmio Manoel Bomfim. Brasília, 1995. 2 doc. (3 p.). Orig. Dat. Cristóvam Buarque foi governador do Distrito Federal. Anexo: decreto nomeando os membros da comissão julgadora do Prêmio Manoel Bomfim; entre eles se encontra Nelson Werneck Sodré.
32,02,012 nº 130.

525. RODRIGUEZ, Gilberto. Resolução concedendo título de benemérito do Estado do Rio de Janeiro a Nelson Werneck Sodré. Rio de Janeiro, 9 nov. 1987. 1 p. Orig. Dat. Gilberto Rodriguez foi presidente da Assembléia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro.
32,02,012 nº 131.

526. MONIZ, Edmundo. Ofício a Nelson Werneck Sodré falando de sua nomeação como membro do Conselho Estadual da Cultura. [S.l.], 15 jan. 1993. 1 p. Orig. Dat. Edmundo Moniz foi secretário de Estado da Cultura. 32,02,012 nº 132.

527. AUTORIZAÇÃO a Yolanda Frugoli Sodré para visitar seu marido, Nelson Werneck Sodré, que se encontra detido. Rio de Janeiro, [19__]. 1 p. Orig. Imp. Ms. 32,02,012 nº 133.

528. BRAZILIYA. Moscou, 1963. 529 p. Orig. Imp. Em russo. Livro com diversos artigos tratando dos aspectos econômicos, políticos e culturais do Brasil, entre os autores estão Dias Gomes e Oscar Niemeyer. 32,02,013.

529. SODRÉ, Nelson Werneck. Braziliya: Analiz modeli razvitiya. Moscou, 1976. 2 doc. (516 p.). Orig. Imp. Em russo. Livro Brasil: radiografia de um modelo, editado pela Edições Progresso. Constan dois exemplares do livro, cada um com 258 páginas. 32,02,014.

530. LAMEGO, Valéria. Entrevista com Nelson Werneck Sodré. Rio de Janeiro, 5 jul. 1991. 5 p. Orig. Dat. 32,03,001 nº 001.

531. PAULO NETTO, José. Biografia de Nelson Werneck Sodré. São Paulo, 00 ago. 1991. 40 p. Cópia. Dat. 32,03,001 nº 002.

532. NOTA sobre Nelson Werneck Sodré. [S.l.], 00 fev. 1942. 1 p. Cópia. Dat. Cópia de nota publicada na Revista do Arquivo Municipal, ano VII, volume LXXXI, página 250. Werneck Sodré. 32,03,001 nº 003.

533. SODRÉ, Nelson Werneck. Trabalho de estágio no Estado-Maior sobre as comunicações entre o planalto e o litoral que mais interessam à defesa do Estado de São Paulo. [S.l.], 9 jul. 1947. 207 p. Cópia. Dat. Constan 5 fotografias. 32,03,001 nº 004.

534. DATAS da literatura brasileira. [S.l.], [19__]. 36 p. Orig. Dat. Relação com datas de publicações e outras datas importantes da literatura brasileira; no final se encontra uma relação de escritores com as datas de nascimento e morte. 32,03,001 nº 005.

535. SODRÉ, Nelson Werneck. Azeredo Coutinho: nota biográfica e antologia. [S.l.], 1958. 89 p. Cópia. Dat. Consta anotação manuscrita: "Realizei este trabalho para uma coleção planejada por Astrojildo Pereira e malograda, pois não chegou a se concretizar. Pus de parte a antologia de Azeredo Coutinho e incluí o estudo dele e de sua obra em meu livro A ideologia do colonialismo".

32,03,001 nº 006.

536. SODRÉ, Nelson Werneck. Segunda aula do curso de Formação Histórica do Brasil. [S.l.], 19 mar. 1959. 9 p. Orig. Dat.

32,03,001 nº 007.

537. SODRÉ, Nelson Werneck. Programa 1963 do curso de Formação Histórica do Brasil. [S.l.], 1963. 2 p. Orig. Dat.

32,03,001 nº 008.

538. EQUIPE DA CETPA. Tiradentes. Rio de Janeiro, [1963]. 67 p. Orig. Imp. Revista de história em quadrinhos. Anotação manuscrita: "Texto preparado no ISEB, pelo grupo História Nova-que jamais recebeu qualquer pagamento pelo seu trabalho. Nelson Werneck Sodré preparou o texto, que todos subscreveram. Os desenhos são de Gutemberg Monteiro".

32,03,001 nº 009.

539. SODRÉ, Nelson Werneck. "Nationalism and development". Califórnia, 24 jan. 1968. 43 p. Orig. Dat. Em inglês. Estudo apresentado na University of California.

32,03,001 nº 010.

540. SODRÉ, Nelson Werneck. Programa de um curso de História. [S.l.], 00 jul. 1968. 10 p. Orig. Dat.

32,03,001 nº 011.

541. SODRÉ, Nelson Werneck. Esquema para construir base de organização nacionalista. [S.l.], 1972. 2 p. Orig. Dat.

32,03,001 nº 012.

542. SODRÉ, Nelson Werneck. Fichamento do texto "O desenvolvimento do capitalismo em Portugal no século XIX", de M. Villaverde Cabral. [S.l.], 1976. 2 p. Orig. Ms.

32,03,001 nº 013.

543. "O TENENTISMO acabou". São Paulo, 1976. 4 p. Orig. Imp. Entrevista com Nelson Werneck Sodré publicada na revista Debates nº 1 - 2ª edição.

32,03,001 nº 014.

544. SODRÉ, Nelson Werneck. Depoimento. Rio de Janeiro, 25 jun. 1976. 4 p. Cópia. Dat. Depoimento sobre os golpes de 1929 e 1945. 32,03,001 nº 015.
545. PROGRAMA do curso de Ciências Jurídicas da PUC-A crise do Estado. [S.l.], 10 out. 1978. 6 p. Orig. Ms. 32,03,001 nº 016.
546. TÓPICOS relativos à questão da paz. [S.l.], [19__]. 2 p. Orig. Ms. 32,03,001 nº 017.
547. SODRÉ, Nelson Werneck. Programa do curso de Formação Histórica do Brasil. [S.l.], 4 jun. 1980. 24 p. Orig. Dat. 32,03,001 nº 018.
548. SODRÉ, Nelson Werneck. Programa da primeira aula do curso História Nova do Brasil. [S.l.], 5 jun. 1981. 4 p. Orig. Ms. 32,03,001 nº 019.
549. SODRÉ, Nelson Werneck. Programa do curso Que é Literatura?. Rio de Janeiro, 18 ago. 1980. 9 p. Orig. Ms. 32,03,001 nº 020.
550. SODRÉ, Nelson Werneck. Programação da segunda aula do curso História Nova do Brasil. [S.l.], 8 jun. 1981. 6 p. Orig. Ms. 32,03,001 nº 021.
551. SODRÉ, Nelson Werneck. Programa da terceira aula do curso História Nova do Brasil. [S.l.], 11 jun. 1981. 10 p. Orig. Ms. 32,03,001 nº 022.
552. SODRÉ, Nelson Werneck. Programa da quarta aula do curso História Nova do Brasil. [S.l.], 15 jun. 1981. 7 p. Orig. Ms. 32,03,001 nº 023.
553. SODRÉ, Nelson Werneck. Programa da quinta aula do curso História Nova do Brasil. [S.l.], 22 jun. 1981. 7 p. Orig. Ms. 32,03,001 nº 024.
554. SODRÉ, Nelson Werneck. Programa da sexta aula do curso História Nova do Brasil. [S.l.], 25 jun. 1981. 6 p. Orig. Ms. 32,03,001 nº 025.
555. SODRÉ, Nelson Werneck. Programa da sétima aula do curso História Nova do Brasil. [S.l.], 29 jun. 1981. 11 p. Orig. Ms. 32,03,001 nº 026.

556. SODRÉ, Nelson Werneck. Programa da oitava aula do curso História Nova do Brasil. [S.l.], 2 jul. 1981. 7 p. Orig. Ms.
32,03,001 nº 027.
557. SODRÉ, Nelson Werneck. Programa da nona aula do curso História Nova do Brasil. [S.l.], 6 jul. 1981. 7 p. Orig. Ms.
32,03,001 nº 028.
558. SODRÉ, Nelson Werneck. Programa da décima aula do curso História Nova do Brasil. [S.l.], 9 jul. 1981. 4 p. Orig. Ms.
32,03,001 nº 029.
559. SODRÉ, Nelson Werneck. Programa da oitava aula do curso Os Militares na História. [S.l.], 3 nov. 1981. 3 p. Orig. Ms.
32,03,001 nº 030.
560. SODRÉ, Nelson Werneck. Programa da primeira aula do curso Os Militares na História. [S.l.], 9 nov. 1981. 10 p. Orig. Ms.
32,03,001 nº 031.
561. SODRÉ, Nelson Werneck. Programa da segunda aula do curso Os Militares na História. [S.l.], 12 nov. 1981. 6 p. Orig. Ms.
32,03,001 nº 032.
562. SODRÉ, Nelson Werneck. Programa da terceira aula do curso Os Militares na História. [S.l.], 16 nov. 1981. 4 p. Orig. Ms.
32,03,001 nº 033.
563. SODRÉ, Nelson Werneck. Programa da quarta aula do curso Os Militares na História. [S.l.], 19 nov. 1981. 6 p. Orig. Ms.
32,03,001 nº 034.
564. SODRÉ, Nelson Werneck. Programa da quinta aula do curso Os Militares na História. [S.l.], 23 nov. 1981. 6 p. Orig. Ms.
32,03,001 nº 035.
565. SODRÉ, Nelson Werneck. Programa da sexta aula do curso Os Militares na História. [S.l.], 26 nov. 1981. 6 p. Orig. Ms.
32,03,001 nº 036.
566. SODRÉ, Nelson Werneck. Programa da sétima aula do curso Os Militares na História. [S.l.], 30 nov. 1981. 8 p. Orig. Ms.
32,03,001 nº 037.
567. SODRÉ, Nelson Werneck. Programa da nona aula do curso Os Militares na História. [S.l.], 7 dez. 1981. 2 p. Orig. Ms.

32,03,001 nº 038.

568. SODRÉ, Nelson Werneck. Programa da décima aula do curso Os Militares na História. [S.l.], 22 dez. 1981. 4 p. Orig. Ms.

32,03,001 nº 039.

569. SODRÉ, Nelson Werneck. Programa da palestra Marx, o Marxismo e o Pensamento Histórico. Rio de Janeiro, 1983. 15 p. Orig. Ms.

32,03,001 nº 040.

570. SODRÉ, Nelson Werneck. Lênin e a História. [S.l.], [1983]. 23 p. Orig. Dat. Anotação manuscrita: Remetido à Global em 24 out. 1983.

32,03,001 nº 041.

571. SODRÉ, Nelson Werneck. A História do Observatório Nacional. Rio de Janeiro, 1988. 2 doc. (26 p.). Orig. Dat. Publicação especial do Observatório Nacional. Consta uma cópia do mesmo documento.

32,03,001 nº 042.

572. PINTO, João Alberto da Costa. Pensamento e Obra de Nelson Werneck Sodré. São Paulo, 00 nov. 1993. 26 p. Orig. Dat. Projeto de pesquisa apresentado no concurso de doutorado em história da PUC de São Paulo.

32,03,001 nº 043.

573. SODRÉ, Nelson Werneck. "A fúria do golpismo". Rio de Janeiro, 00 set. 1994. 1 p. Orig. Imp. Recorte do Jornal do Leblon, ano 2, nº 4.

32,03,001 nº 044.

574. CITAÇÕES sobre os seguintes temas: clima; classe e propriedade; e aria-nização. [S.l.], [19__]. 3 p. Orig. Ms.

32,03,001 nº 045.

575. "CUESTIONES actuales del socialismo". [S.l.], [19__]. 4 p. Orig. Imp. Em espanhol. Constan somente duas folhas da revista.

32,03,001 nº 046.

576. SODRÉ, Nelson Werneck. O Brasil da época. [S.l.], [19__]. 4 p. Orig. Ms. Tópicos sobre a História do Brasil.

32,03,001 nº 047.

577. SODRÉ, Nelson Werneck. Tópicos sobre o fim da escravidão. [S.l.], [19__]. 20 p. Orig. Ms.

32,03,001 nº 048.

578. SODRÉ, Nelson Werneck. Plano para Porto Alegre. [S.l.], [19__]. 2 p. Orig. Ms.
32,03,001 nº 049.
579. SODRÉ, Nelson Werneck. Tópicos sobre a ação integralista brasileira. [S.l.], [19__]. 6 p. Orig. Dat.
32,03,001 nº 050.
580. TEXTO sobre o Modernismo. [S.l.], [19__]. 2 p. Orig. Dat.
32,03,001 nº 051.
581. SODRÉ, Nelson Werneck. Roteiro de debate sobre Realismo e cultura brasileira. [S.l.], [19__]. 1 p. Orig. Ms.
32,03,001 nº 052.
582. SODRÉ, Nelson Werneck. Texto sobre a Constituição de 1946. [S.l.], [19__]. 11 p. Orig. Ms.
32,03,001 nº 053.
583. SODRÉ, Nelson Werneck. Texto intitulado Evolução da Guerra. [S.l.], [19__]. 6 p. Orig. Ms.
32,03,001 nº 054.
584. TEXTO sobre o problema ferroviário brasileiro. [S.l.], [19__]. 5 p. Orig. Dat.
32,03,001 nº 055.
585. ESCOLA DE ESTADO MAIOR. Evolução das intuições militares, do armamento e dos processos de combate. [S.l.], [19__]. 69 p. Orig. Imp. Livro do Curso de História militar.
32,03,001 nº 056.
586. SODRÉ, Nelson Werneck. Tópicos sobre as Forças Armadas. [S.l.], [19__]. 2 p. Orig. Ms.
32,03,002 nº 001.
587. SODRÉ, Nelson Werneck. Esquema de um curso sobre o regime brasileiro. [S.l.], [19__]. 2 p. Orig. Ms.
32,03,002 nº 002.
588. SODRÉ, Nelson Werneck. O que é literatura? [S.l.], [19__]. 9 p. Dat. Artigo.
32,03,002 nº 003.

589. SODRÉ, Nelson Werneck. Informações geográficas e políticas sobre Moçambique. [S.l.], [19__]. 2 p. Orig. Ms.
32,03,002 nº 004.
590. SODRÉ, Nelson Werneck. Canudos. [S.l.], [19__]. 30 p. Orig. Dat. Texto para história em quadrinhos.
32,03,002 nº 005.
591. SODRÉ, Nelson Werneck. Os bandeirantes. [S.l.], [19__]. 23 p. Orig. Dat. Texto para história em quadrinhos.
32,03,002 nº 006.
592. SODRÉ, Nelson Werneck. Quadros com dados sobre a importação e exportação de mercadorias, usados para ilustrar aula no ISEB. [S.l.], [19__]. 7 p. Orig. Dat.
32,03,002 nº 007.
593. SODRÉ, Nelson Werneck. Plano para curso sobre cultura brasileira. [S.l.], [19__]. 4 p. Orig. Ms.
32,03,002 nº 008.
594. SODRÉ, Nelson Werneck. Reflexões sobre a cultura brasileira. [S.l.], [19__]. 9 p. Orig. Ms. Conjunto de fichamentos e citações.
32,03,002 nº 009.
595. SODRÉ, Nelson Werneck. O pós-modernismo-José Lins do Rego e Graciliano Ramos. [S.l.], [19__]. 2 doc. (320 p.). Orig. Dat. Consta uma cópia do documento.
32,03,002 nº 010.
596. SODRÉ, Nelson Werneck. Ditadura e alienação. [S.l.], [19__]. 2 doc. (14 p.). Orig. Dat. Consta cópia do documento.
32,03,002 nº 011.
597. SODRÉ, Nelson Werneck. Citações sobre diversos assuntos. [S.l.], [19__]. 25 p. Orig. Dat.
32,03,002 nº 012.
598. SODRÉ, Nelson Werneck. Mapas, folha com desenhos de bandeiras históricas e anotações manuscritas. [S.l.], [19__]. 40 p. Orig. Ms.
32,03,002 nº 013.
599. SODRÉ, Nelson Werneck. A imprensa. [S.l.], [19__]. 27 p. Orig. Dat.
32,03,002 nº 014.

600. SODRÉ, Nelson Werneck. Plano para uma edição definitiva das minhas obras. [S.l.], [19__]. 3 p. Orig. Ms.
32,03,002 nº 015.
601. PAUTA de entrevista com Nelson Werneck Sodré. Rio de Janeiro, 00 mai. [19__]. 4 p. Cópia. Dat. O depoimento ocorrera no Museu da Imagem e Som.
32,03,002 nº 016.
602. DADOS biográficos de Nelson Werneck Sodré. [S.l.], [19__]. 4 p. Orig. Ms.
32,03,002 nº 017.
603. SODRÉ, Nelson Werneck. Texto de palestra sobre o general Liber Sevegñi. [S.l.], [19__]. 4 p. Orig. Ms.
32,03,002 nº 018.
604. SODRÉ, Nelson Werneck. Tópicos sobre a guerra e a paz. [S.l.], [19__]. 4 p. Orig. Ms.
32,03,002 nº 019.
605. SODRÉ, Nelson Werneck. Tópicos sobre literatura. [S.l.], [19__]. 3 p. Orig. Ms.
32,03,002 nº 020.
606. SODRÉ, Nelson Werneck. Tópicos sobre a ciência no terceiro mundo. [S.l.], [19__]. 9 p. Orig. Ms.
32,03,002 nº 021.
607. SODRÉ, Nelson Werneck. Tópicos sobre Vargas e a defesa da economia nacional. [S.l.], [19__]. 4 p. Orig. Ms.
32,03,002 nº 022.
608. SODRÉ, Nelson Werneck. Tópicos sobre a área estatal da economia. [S.l.], [19__]. 5 p. Orig. Ms.
32,03,002 nº 023.
609. SODRÉ, Nelson Werneck. Lenin e a história. [S.l.], [19__]. 6 p. Orig. Ms. Rascunho do artigo.
32,03,002 nº 024.
610. SODRÉ, Nelson Werneck. Programa do curso Os Militares na História. [S.l.], [19__]. 4 p. Orig. Dat.
32,03,002 nº 025.

611. SODRÉ, Nelson Werneck. Tópicos referentes à história das forças armadas. [S.l.], [19__]. 7 p. Orig. Ms.
32,03,002 nº 026.
612. SODRÉ, Nelson Werneck. Tópicos sobre a América Latina. [S.l.], [19__]. 9 p. Orig. Ms.
32,03,002 nº 027.
613. SODRÉ, Nelson Werneck. Dados sobre a vida e a obra de Karl Marx. [S.l.], [19__]. 12 p. Orig. Ms.
32,03,002 nº 028.
614. MARTINERS, Guy. L'historiographie marxiste du Brésil: L'apport de Nelson Werneck Sodré. [S.l.], [19__]. 27 p. Cópia. Dat. Em francês.
32,03,002 nº 029.
615. SODRÉ, Nelson Werneck. Texto para orelha de um livro de Gilberto Amado. [S.l.], [19__]. 1 p. Cópia. Dat.
32,03,002 nº 030.
616. SILVA, Armando Corrêa da. Sobre a formação histórica do Brasil. [S.l.], [19__]. 24 p. Orig. Dat.
32,03,002 nº 031.
617. PEREGRINO, Umberto. Artigo falando sobre Nelson Werneck Sodré. [S.l.], [19__]. 4 p. Cópia. Dat.
32,03,002 nº 032.
618. Adiantamento ao B.I. nº 63. [S.l.], 19 mar. 1952. 2 p. Orig. Dat.
32,03,002 nº 033.
619. TÓPICOS referentes à história do Brasil. [S.l.], [19__]. 2 p. Orig. Ms.
32,03,002 nº 034.
620. SODRÉ, Nelson Werneck. Cartão postal a M. S. Brito enviando cumprimentos. Moscou, 29 abr. 1968. 2 p. Orig. Ms. Cartão postal com fotografia de Moscou. Constan dois selos.
32,03,002 nº 035.
621. [GUTO]. Cartão postal a Amélia Werneck Sodré enviando cumprimentos e falando do Castelo Werneck, na Alemanha. Essen, 17 jan. 1967. 2 p. Orig. Ms. Cartão postal com fotografia do Castelo Werneck, na Alemanha.
32,03,002 nº 036.
622. SODRÉ, Nelson Werneck. Cartão postal a Yolanda Frugoli Sodré enviando informações sobre a viagem e sobre a compra de uma estola. Leningrado,

26 set. 1967. 2 p. Orig. Ms. Cartão postal com fotografia de uma ponte em Leningrado. Leningrado hoje se chama São Peterburgo.
32,03,002 nº 037.

623. ARTIGOS publicados no livro Tipos e aspectos do Brasil. [Rio de Janeiro], [1956]. 37 p. Orig. Imp. Constan artigos de autoria de Nelson Werneck Sodré, José Veríssimo da Costa Pereira e Elza Coelho de Souza.
32,03,002 nº038.

624. MIRANDA JÚNIOR. Ilustrações para um conto de Nelson Werneck Sodré publicado na Revista da Escola Militar em 1933. [S.l.], [1932]. 3 doc. (3 p.). Orig. Ms.
32,03,002 nº039.

625. MIRANDA JÚNIOR. Ilustração. [Rio de Janeiro], 1933. 8 doc. (8 p.). Orig. Ms.
32,03,002 nº040.

626. SANTA ROSA. Ilustração para o livro de [Manuel Grandjé]. [S.l.], [19__]. 1 p. Orig. Ms.
32,03,002 nº041.

627. CHAMBELLAND, C. Ilustração para o Conto Santania, de Nelson Werneck Sodré, publicado na revista O Cruzeiro, em 1929. [Rio de Janeiro], [19__]. 1 p. Orig. Ms.
32,03,002 nº042.

628. JORNADA Nelson Werneck Sodré – Fitas 1 a 7. [S.l.], [22/08/2002]. 7 fitas. Cópia. Fita videomagnética. Fitas fora de consulta.
67,03

629. MEMÓRIA nacional nº 51. [S.l.], [19__]. 2 fitas. Cópia. Fita videomagnética. Entrevista com Nelson Werneck Sodré. Fitas fora de consulta. Anexos: cópia da fita; carta de Wanda Cristina a Nelson Werneck Sodré falando sobre Carlos Cunha. (São Luís, 22/08/1991, 2 p.)
67,03

630. LA SYMPHONIE des Deux mondes. [S.l.], [19__]. 1 fita. Orig. Fita audiomagnética.
67,03.

631. ENTREVISTA de Nelson Werneck Sodré na Rádio JB. [S.l.], [19__]. 1 fita. Orig. Fita audiomagnética.
67,03.

632. PALESTRA de Nelson Werneck Sodré. [S.l.], 22/08/1985. 2 fitas. Orig. Fita audiomagnética.
67,03.

633. NELSON Werneck Sodré com Carlos Eduardo Novaes e Evaristo de Moraes Filho. Rio de Janeiro, 12 jan. 1980. 1 foto. 18x24 cm. Cópia. Fotografia.
ARQ 1,2,1 nº 001.

634. NELSON Werneck Sodré com Carlos Eduardo Novaes, Evaristo de Moraes Filho e Ary Quintela. Rio de Janeiro, 12 jan. 1980. 1 foto. 18x24 cm. Cópia. Fotografia.
ARQ 1,2,1 nº 002.

635. NELSON Werneck Sodré com Carlos Eduardo Novaes e Evaristo de Moraes Filho. Rio de Janeiro, 12 jan. 1980. 1 foto. 18x24 cm. Cópia. Fotografia.
ARQ 1,2,1 nº 003.

636. NELSON Werneck Sodré com José Louzeiro e uma mulher não identificada, em uma feira de livros. Rio de Janeiro, 00 abr. 1985. 1 foto. 12x18 cm. Cópia. Fotografia.
ARQ 1,2,1 nº 004.

637. NELSON Werneck Sodré com José Louzeiro e um homem não identificado. Rio de Janeiro, 00 abr. 1985. 1 foto. 12x18 cm. Cópia. Fotografia.
ARQ 1,2,1 nº 005.

638. TURMA da Escola Preparatória de Cadetes de São Paulo, na missa comemorativa dos 50 anos da formatura. [S.l.], 1 jun. 1991. 1 foto. 13x18 cm. Cópia. Fotografia. Nelson Werneck Sodré está entre os homens no retrato.
ARQ 1,2,1 nº 006.

639. NELSON Werneck Sodré com Eduardo Moniz, com este autografando um livro de sua autoria para o primeiro. [S.l.], 1994. 1 foto. 21x15 cm. Cópia. Fotografia.
ARQ 1,2,1 nº 007.

640. NELSON Werneck Sodré ao lado de Eduardo Moniz. [S.l.], 1994. 1 foto. 21x15 cm. Cópia. Fotografia.
ARQ 1,2,1 nº 008.

641. MONJARDIM, Marcia. Nelson Werneck Sodré e Affonso Romano de Sant'Anna, no gabinete deste na Biblioteca Nacional. Rio de Janeiro, 1 fev. 1995. 1 foto. 12x18 cm. Cópia. Fotografia.

ARQ 1,2,1 nº 009.

642. NELSON Werneck Sodré com sua mãe. Cambuquira, [1918]. 1 foto. 24x17 cm. Cópia. Fotografia.

ARQ 1,2,1 nº 010.

643. NELSON Werneck Sodré com seus pais. [S.l.], 1934. 1 foto. 18x24 cm. Cópia. Fotografia.

ARQ 1,2,1 nº 011.

644. AMÉLIA Werneck de Almeida, mãe de Nelson Werneck Sodré. [S.l.], [19__]. 1 foto. 4x4 cm. Cópia. Fotografia.

ARQ 1,2,1 nº 012.

645. AMÉLIA Werneck de Almeida, mãe de Nelson Werneck Sodré. [S.l.], [19__]. 1 foto. 4x3 cm. Cópia. Fotografia.

ARQ 1,2,1 nº 013.

646. AMÉLIA Werneck de Almeida, mãe de Nelson Werneck Sodré. [S.l.], [19__]. 1 foto. 18x9 cm. Cópia. Fotografia.

ARQ 1,2,1 nº 014.

647. AMÉLIA Werneck de Almeida, mãe de Nelson Werneck Sodré, ao lado de mulher não identificada. Cambuquira, [1962]. 1 foto. 17x12 cm. Cópia. Fotografia.

ARQ 1,2,1 nº 015.

648. AMÉLIA Werneck de Almeida, mãe de Nelson Werneck Sodré, aos 74 anos. Cambuquira, [1962]. 1 foto. 18x22 cm. Cópia. Fotografia.

ARQ 1,2,1 nº 016.

649. AVÓS paternos de Nelson Werneck Sodré, Baltazar de Abreu Sodré e Mariana de Abreu Sodré. [S.l.], [18__]. 1 foto. 18x24 cm. Cópia. Fotografia.

ARQ 1,2,1 nº 017.

650. ROZINA, avó de Nelson Werneck Sodré. [S.l.], 1884. 1 foto. 11x6 cm. Cópia. Fotografia.

ARQ 1,2,1 nº 018.

651. BISAVÓ de Nelson Werneck Sodré. [S.l.], [18__]. 1 foto. 10x6 cm. Cópia. Fotografia.

ARQ 1,2,1 nº 019.

652. UMA MULHER não identificada. [S.l.], [18__]. 1 foto. 10x6 cm. Cópia. Fotografia.

ARQ 1,2,1 nº 020.

653. RAIMUNDO Correia e Francisco Bressane. [S. Gonçalo], [1891]-[1892]. 1 foto. 14x10 cm. Cópia. Fotografia.

ARQ 1,2,1 nº 021.

654. RAIMUNDO Correia, sua mulher, suas três filhas e um casal de amigos. São Gonçalo do Sapucaí, [1891]. 1 foto. 12x17 cm. Cópia. Fotografia.

ARQ 1,2,1 nº 022.

655. CÉSAR, avô de Nelson Werneck Sodré, com a segunda esposa e os filhos do segundo casamento. [S.l.], [18__]. 1 foto. 16x22 cm. Cópia. Fotografia.

ARQ 1,2,1 nº 023.

656. CÉSAR, avô de Nelson Werneck, e sua segunda esposa, Zita. [S.l.], [18__]. 1 foto. 15x10 cm. Cópia. Fotografia.

ARQ 1,2,1 nº 024.

657. ZINHA, tia de Nelson Werneck Sodré. [S.l.], 1905. 1 foto. 14x10 cm. Cópia. Fotografia.

ARQ 1,2,1 nº 025.

658. CÉSAR Correia de Almeida, avô de Nelson Werneck Sodré, com a segunda esposa, Zita, e a filha mais velha do casal. [S.l.], [18__]. 1 foto. 21x16 cm. Cópia. Fotografia.

ARQ 1,2,2 nº 001.

659. CARTÃO postal com retrato de César Correia de Almeida, avô de Nelson Werneck Sodré, com sua segunda esposa, Zita, e ao fundo a Fazenda de Santa Rufina. [S.l.], [18__]-[19__]. 1 doc. 9x14 cm. Orig. Imp.

ARQ 1,2,2 nº 002.

660. CARTÃO postal com retrato da Fazenda de Santa Rufina. [S.l.], [18__]-[19__]. 1 doc. 9x14 cm. Orig. Imp.

ARQ 1,2,2 nº 003.

661. AVÔ materno de Nelson Werneck Sodré com a família. [São Gonçalo do Sapucaí], [1914]. 1 foto. 12x17 cm. Cópia. Fotografia.

ARQ 1,2,2 nº 004.

662. PAI, mãe e tios de Nelson Werneck Sodré. [S.l.], [1907]. 1 foto. 19x13 cm. Cópia. Fotografia.

ARQ 1,2,2 nº 005.

663. TIOS de Nelson Werneck Sodré, José Augusto e Djanira. [S.l.], [19__]. 1 foto. 13x9 cm. Cópia. Fotografia. Fotografia em formato oval. ARQ 1,2,2 nº 006.

664. DJANIRA Werneck de Almeida e José Augusto de Sousa e Silva, tios de Nelson Werneck Sodré. Jahu, 10 set. 1908. 1 foto. 14x10 cm. Cópia. Fotografia. Consta dedicatória a Heitor e Amélia, pais de Nelson Werneck Sodré. ARQ 1,2,2 nº 007.

665. CYRO Werneck, tio de Nelson Werneck Sodré. [S.l.], 5 mai. 1911. 1 foto. 14x10 cm. Cópia. Fotografia. Consta dedicatória aos pais de Nelson Werneck Sodré. ARQ 1,2,2 nº 008.

666. DJANIRA Werneck de Almeida. [S.l.], [19__]. 1 foto. 8x6 cm. Cópia. Fotografia. Fotografia em formato oval. Djanira é tia de Nelson Werneck Sodré. ARQ 1,2,2 nº 009.

667. DJANIRA Werneck de Almeida e sua primeira filha, Rozina. Jahu, 1911. 1 foto. 13x9 cm. Cópia. Fotografia. Consta dedicatória aos pais de Nelson Werneck Sodré. Fotografia em formato oval. Djanira é tia de Nelson Werneck Sodré. ARQ 1,2,2 nº 010.

668. Antônio Baltazar, Guilherme, Afonso e Oswaldo, tios de Nelson Werneck Sodré. [S.l.], [18__]-[19__]. 1 foto. 12x18 cm. Cópia. Fotografia. ARQ 1,2,2 nº 011.

669. HEITOR de Abreu Sodré. [S.l.], 1907. 1 foto. 14x10 cm. Cópia. Fotografia. Heitor de Abreu Sodré é o pai de Nelson Werneck Sodré. ARQ 1,2,2 nº 012.

670. HEITOR de Abreu Sodré. [S.l.], [19__]. 1 foto. 4x3 cm. Cópia. Fotografia. Heitor de Abreu Sodré é o pai de Nelson Werneck Sodré. ARQ 1,2,2 nº 013.

671. HEITOR de Abreu Sodré. [S.l.], [19__]. 1 foto. 4x3 cm. Cópia. Fotografia. Heitor de Abreu Sodré é o pai de Nelson Werneck Sodré. ARQ 1,2,2 nº 014.

672. HEITOR de Abreu Sodré. [S.l.], 27 abr. 1947. 1 foto. 17x13 cm. Cópia. Fotografia. Heitor de Abreu Sodré é o pai de Nelson Werneck Sodré. ARQ 1,2,2 nº 015.

673. HEITOR de Abreu Sodré com Luís de Sampaio Freire e Arthur Pequero-by de Aguiar Whitaker. São Paulo, 7 dez. 1907. 1 foto. 14x10 cm. Cópia. Fotografia. Constan anotações manuscritas no verso.

ARQ 1,2,2 nº 016.

674. DUAS crianças não identificadas. Rio de Janeiro, [18__]-[19__]. 1 foto. 10x6 cm. Cópia. Fotografia.

ARQ 1,2,2 nº 017.

675. CÁSSIA Victoria Ferrari Frugoli. [S.l.], [19__]. 1 foto. 18x13 cm. Cópia. Fotografia.

ARQ 1,2,2 nº 018.

676. UMA MULHER não identificada segurando um bebê com 23 dias, chamado Ângela. [S.l.], 2 jul. 1954. 1 foto. 9x6 cm. Cópia. Fotografia. Consta no verso dedicatória a Nelson Werneck Sodré, mulher e filha.

ARQ 1,2,2 nº 019.

677. MARLENE, sobrinha de Nelson Werneck Sodré. [S.l.], [19__]. 1 foto. 13x8 cm. Cópia. Fotografia.

ARQ 1,2,2 nº 020.

678. MARLENE, sobrinha de Nelson Werneck Sodré. [S.l.], [19__]. 1 foto. 13x8 cm. Cópia. Fotografia.

ARQ 1,2,2 nº 021.

679. HOMENS não identificados em uma fazenda. [S.l.], [19__]. 1 foto. 6x9 cm. Cópia. Fotografia.

ARQ 1,2,2 nº 022.

680. HEITOR de Abreu Sodré e outras pessoas não identificadas. [S.l.], [19__]. 1 foto. 6x9 cm. Cópia. Fotografia. Heitor de Abreu Sodré é o pai de Nelson Werneck Sodré.

ARQ 1,2,2 nº 023.

681. PESSOAS não identificadas. [S.l.], [19__]. 1 foto. 12x9 cm. Cópia. Fotografia.

ARQ 1,2,2 nº 024.

682. DOIS homens e uma mulher não identificados. Três Corações (MG), [1926]. 1 foto. 6x11 cm. Cópia. Fotografia.

ARQ 1,2,2 nº 025.

683. HEITOR de Abreu Sodré com crianças e duas mulheres. Caçapava, [19__]. 1 foto. 6x9 cm. Cópia. Fotografia.

ARQ 1,2,3 nº 001.

684. HEITOR de Abreu Sodré com homens, mulheres e crianças. Caçapava, [1929]. 1 foto. 9x12 cm. Cópia. Fotografia.

ARQ 1,2,3 nº 002.

685. HEITOR de Abreu Sodré com outras pessoas não identificadas, ao lado de um carro. [S.l.], [19__]. 1 foto. 6x9 cm. Cópia. Fotografia.

ARQ 1,2,3 nº 003.

686. HEITOR de Abreu Sodré com três mulheres e um homem. [S.l.], [19__]. 1 foto. 6x9 cm. Cópia. Fotografia.

ARQ 1,2,3 nº 004.

687. TRÊS crianças. [S.l.], [19__]. 1 foto. 6x9 cm. Cópia. Fotografia.

ARQ 1,2,3 nº 005.

688. HEITOR de Abreu Sodré com outras pessoas e um carro ao fundo. Caçapava, [1938]. 1 foto. 7x11 cm. Cópia. Fotografia.

ARQ 1,2,3 nº 006.

689. HEITOR de Abreu Sodré com quatro mulheres e três crianças. Caçapava, 1938. 1 foto. 8x6 cm. Cópia. Fotografia.

ARQ 1,2,3 nº 007.

690. CINCO mulheres e cinco homens. Cruz Alta, 1951. 1 foto. 6x9 cm. Cópia. Fotografia.

ARQ 1,2,3 nº 008.

691. CINCO mulheres, ao fundo uma estátua. Cruz Alta, 1951. 1 foto. 9x7 cm. Cópia. Fotografia.

ARQ 1,2,3 nº 009.

692. CINCO mulheres. Cruz Alta, 1951. 1 foto. 6x9 cm. Cópia. Fotografia.

ARQ 1,2,3 nº 010.

693. CINCO casais. [S.l.], [19__]. 1 foto. 6x9 cm. Cópia. Fotografia.

ARQ 1,2,3 nº 011.

694. DUAS mulheres e um homem sentados em um banco. Cruz Alta, 1951. 1 foto. 6x9 cm. Cópia. Fotografia.

ARQ 1,2,3 nº 012.

695. MULHER não identificada. [S.l.], [19__]. 1 foto. 9x6 cm. Cópia. Fotografia.

ARQ 1,2,3 nº 013.

696. NELSON Werneck Sodré e outras pessoas em um casamento. Cruz Alta, 1952. 1 foto. 9x14 cm. Cópia. Fotografia.

ARQ 1,2,3 nº 014.

697. PRIMAS de Nelson Werneck Sodré. [S.l.], [19__]. 1 foto. 13x8 cm. Cópia. Fotografia.

ARQ 1,2,3 nº 015.

698. CLÉLIA e Capistrano, tios de Nelson Werneck Sodré. [S.l.], [19__]. 1 foto. 9x12 cm. Cópia. Fotografia.

ARQ 1,2,3 nº 016.

699. DIVA Siqueira. Caçapava, 1925. 1 foto. 5x3 cm. Cópia. Fotografia. Recorte oval de uma fotografia.

ARQ 1,2,3 nº 017.

700. DIVA Siqueira. Caçapava, [19__]. 1 foto. 8x5 cm. Cópia. Fotografia. Recorte de fotografia.

ARQ 1,2,3 nº 018.

701. DIVA Siqueira. Caçapava, [19__]. 1 foto. 4x3 cm. Cópia. Fotografia. Recorte de fotografia.

ARQ 1,2,3 nº 019.

702. MULHER não identificada. [S.l.], [19__]. 1 foto. 6x5 cm. Cópia. Fotografia. Recorte de fotografia.

ARQ 1,2,3 nº 020.

703. SANTINHA. Caçapava, [19__]. 1 foto. 5x2 cm. Cópia. Fotografia. Recorte de fotografia.

ARQ 1,2,3 nº 021.

704. MULHER não identificada. [S.l.], [19__]. 1 foto. 7x3 cm. Cópia. Fotografia. Recorte de fotografia.

ARQ 1,2,3 nº 022.

705. MENINAS da família Siqueira e amigos. Caçapava, [19__]. 1 foto. 13x8 cm. Cópia. Fotografia. Constan anotações manuscritas no verso: "Família Siqueira e amigas. Santinha e Diva foram minhas namoradas de meninice".

ARQ 1,2,3 nº 023.

706. DIVA Siqueira com uma menina e uma mulher. Caçapava, [1929]. 1 foto. 13x8 cm. Cópia. Fotografia. Diva Siqueira foi namorada de Nelson Werneck Sodré na juventude.

ARQ 1,2,3 nº 024.

707. DIVA Siqueira, Santinha Siqueira, suas irmãs e amigo. [S.l.], [19__]. 1 foto. 8x13 cm. Cópia. Fotografia. Constan anotações manuscritas no verso. Diva Siqueira foi namorada de Nelson Werneck Sodré na juventude.

ARQ 1,2,3 nº 025.

708. MULHER não identificada. [S.l.], [19__]. 1 foto. 5x4 cm. Cópia. Fotografia. Recorte de fotografia.

ARQ 1,2,4 nº 001.

709. MULHER não identificada. [Caçapava], [19__]. 1 foto. 6x3 cm. Cópia. Fotografia. Recorte de fotografia.

ARQ 1,2,4 nº 002.

710. MULHER não identificada. [S.l.], [19__]. 1 foto. 5x4 cm. Cópia. Fotografia. Recorte de fotografia.

ARQ 1,2,4 nº 003.

711. ZINA, namorada de infância de Nelson Werneck Sodré. Caçapava, [19__]. 1 foto. 7x9 cm. Cópia. Fotografia.

ARQ 1,2,4 nº 004.

712. CARTÃO postal com fotografia de uma mulher. [S.l.], 1921. 1 doc. 14x9 cm. Cópia. Fotografia. Consta dedicatória de Clelia.

ARQ 1,2,4 nº 005.

713. MULHER não identificada. [S.l.], [19__]. 1 foto. 4x3 cm. Cópia. Fotografia.

ARQ 1,2,4 nº 006.

714. MULHER não identificada. [S.l.], [19__]. 1 foto. 5x4 cm. Cópia. Fotografia.

ARQ 1,2,4 nº 007.

715. MULHER não identificada. [S.l.], 1937. 1 foto. 9x6 cm. Cópia. Fotografia.

ARQ 1,2,4 nº 008.

716. YOLANDA Frugoli Sodré com dois pássaros nas mãos. [S.l.], [1937]. 1 foto. 9x6 cm. Cópia. Fotografia.

ARQ 1,2,4 nº 009.

717. YOLANDA Frugoli Sodré. [Campo Grande], [1937]. 1 foto. 9x6 cm. Cópia. Fotografia.
ARQ 1,2,4 nº 010.
718. YOLANDA Frugoli Sodré. [Campo Grande], [1938]. 1 foto. 7x6 cm. Cópia. Fotografia.
ARQ 1,2,4 nº 011.
719. YOLANDA Frugoli Sodré. [Campo Grande], [1938]. 1 foto. 9x7 cm. Cópia. Fotografia.
ARQ 1,2,4 nº 012.
720. YOLANDA Frugoli Sodré com um pássaro na mão. [Campo Grande], [1938]. 1 foto. 9x6 cm. Cópia. Fotografia.
ARQ 1,2,4 nº 013.
721. YOLANDA Frugoli Sodré com dois pássaros nas mãos. [Campo Grande], [1938]. 1 foto. 9x6 cm. Cópia. Fotografia.
ARQ 1,2,4 nº 014.
722. YOLANDA Frugoli Sodré. [Campo Grande], [1938]. 1 foto. 9x6 cm. Cópia. Fotografia.
ARQ 1,2,4 nº 015.
723. YOLANDA Frugoli Sodré. [Campo Grande], [1938]. 1 foto. 9x6 cm. Cópia. Fotografia.
ARQ 1,2,4 nº 016.
724. YOLANDA Frugoli Sodré. [Campo Grande], [1938]. 1 foto. 9x6 cm. Cópia. Fotografia.
ARQ 1,2,4 nº 017.
725. YOLANDA Frugoli Sodré. [Campo Grande], [19__]. 1 foto. 9x6 cm. Cópia. Fotografia.
ARQ 1,2,4 nº 018.
726. YOLANDA Frugoli Sodré e os pais de Nelson Werneck Sodré. Cambuquira, [1940]. 1 foto. 8x12 cm. Cópia. Fotografia.
ARQ 1,2,4 nº 019.
727. YOLANDA Frugoli Sodré e sua filha, Olga Regina Frugoli Sodré. [Bahia], 1943. 1 foto. 9x6 cm. Cópia. Fotografia.
ARQ 1,2,4 nº 020.

728. YOLANDA Frugoli Sodré e sua filha, Olga Regina Frugoli Sodré. [Bahia], [1943]. 1 foto. 7x6 cm. Cópia. Fotografia.
ARQ 1,2,4 nº 021.

729. [NELSON Werneck Sodré e Yolanda Frugoli Sodré]. Caçapava, 00 fev. 1942. 1 foto. 13x9 cm. Cópia. Fotografia.
ARQ 1,2,4 nº 022.

730. [NELSON Werneck Sodré e sua esposa, Yolanda Frugoli Sodré]. Cambuquira, [1940]. 1 foto. 13x18 cm. Cópia. Fotografia.
ARQ 1,2,4 nº 023.

731. YOLANDA Frugoli Sodré. Cruz Alta, 1952. 1 foto. 9x14 cm. Cópia. Fotografia.
ARQ 1,2,4 nº 024.

732. NELSON Werneck Sodré e Yolanda Frugoli Sodré. Cruz Alta, 1951. 1 foto. 6x9 cm. Cópia. Fotografia.
ARQ 1,2,4 nº 025.

733. YOLANDA Frugoli Sodré. [S.l.], 17 ago. 1967. 1 foto. 8x6 cm. Cópia. Fotografia.
ARQ 1,2,5 nº 001.

734. YOLANDA Frugoli Sodré. [S.l.], [1973]. 1 foto. 7x5 cm. Cópia. Fotografia.
ARQ 1,2,5 nº 002.

735. YOLANDA Frugoli Sodré. [S.l.], [26 mai. 19__]. 1 foto. 4x3 cm. Cópia. Fotografia.
ARQ 1,2,5 nº 003.

736. YOLANDA Frugoli Sodré. [S.l.], [1980]. 1 foto. 7x5 cm. Cópia. Fotografia.
ARQ 1,2,5 nº 004.

737. OLGA Regina Frugoli Sodré, Victória e Amélia Werneck. [Caçapava], [00 fev. 19__]. 1 foto. 9x14 cm. Cópia. Fotografia. Olga Regina F. Sodré é filha de Nelson Werneck Sodré.
ARQ 1,2,5 nº 005.

738. AMÉLIA Werneck de Almeida, mãe de Nelson Werneck Sodré, Victória, Olga e Nelson Werneck Sodré. [Caçapava], [00 fev. 19__]. 1 foto. 9x14 cm. Cópia. Fotografia. Olga Regina F. Sodré é filha de Nelson Werneck Sodré.
ARQ 1,2,5 nº 006.

739. OLGA Regina Frugoli Sodré. [S.l.], [1942]. 12 fotos. 7x7 cm (cada). Cópia. Fotografia. Olga Regina F. Sodré é filha de Nelson Werneck Sodré. Constatam 12 fotografias de Olga bebê, em diferentes poses. Os números de registro patrimonial são: (1) 943.972 D-27 fev. 1998; (2) 943.973 D-27 fev. 1998; (3) 943.974 D-27 fev. 1998; (4) 943.975 D-27 fev. 1998; (5) 943.976 D-27 fev. 1998; (6) 943.977 D-27 fev. 1998; (7) 943.978 D-27 fev. 1998; (8) 943.979 D-27 fev. 1998; (9) 943.980 D-27 fev. 1998; (10) 943.981 D-27 fev. 1998; (11) 943.982 D-27 fev. 1998; (12) 943.983 D-27 fev. 1998. ARQ 1,2,5 nº 007.

740. OLGA Regina Frugoli Sodré. [S.l.], [194_]. 7 fotos. 28x23 cm. Cópia. Fotografia. Montagem com 7 fotografias de Olga com diferentes expressões quando bebê. Olga Regina F. Sodré é filha de Nelson Werneck Sodré. ARQ 1,2,5 nº 008.

741. OLGA Regina Frugoli Sodré. [Bahia], [1943]. 1 foto. 6x9 cm. Cópia. Fotografia. Olga Regina F. Sodré é filha de Nelson Werneck Sodré. ARQ 1,2,5 nº 009.

742. OLGA Regina Frugoli Sodré. [Bahia], [1943]. 1 foto. 9x6 cm. Cópia. Fotografia. Olga Regina F. Sodré é filha de Nelson Werneck Sodré. ARQ 1,2,5 nº 010.

743. OLGA Regina Frugoli Sodré bebê, e outro bebê. [Bahia], [1943]. 1 foto. 6x9 cm. Cópia. Fotografia. Olga Regina F. Sodré é filha de Nelson Werneck Sodré. ARQ 1,2,5 nº 011.

744. OLGA Regina Frugoli Sodré. [Bahia], 1943. 1 foto. 9x6 cm. Cópia. Fotografia. Olga Regina F. Sodré é filha de Nelson Werneck Sodré. ARQ 1,2,5 nº 012.

745. OLGA Regina Frugoli Sodré. [Bahia], 1943. 1 foto. 9x6 cm. Cópia. Fotografia. Olga Regina F. Sodré é filha de Nelson Werneck Sodré. ARQ 1,2,5 nº 013.

746. OLGA Regina Frugoli Sodré. [Bahia], 1943. 1 foto. 9x6 cm. Cópia. Fotografia. Olga Regina F. Sodré é filha de Nelson Werneck Sodré. ARQ 1,2,5 nº 014.

747. OLGA Regina Frugoli Sodré segurando um urso de pelúcia. [Bahia], 1943. 1 foto. 9x6 cm. Cópia. Fotografia. Olga Regina F. Sodré é filha de Nelson Werneck Sodré. ARQ 1,2,5 nº 015.

748. OLGA Regina Frugoli Sodré segurando um jornal. [S.l.], [19__]. 1 foto. 12x8 cm. Cópia. Fotografia. Olga Regina F. Sodré é filha de Nelson Werneck Sodré.

ARQ 1,2,5 nº 016.

749. OLGA Regina Frugoli Sodré. [S.l.], 1948. 1 foto. 8x6 cm. Cópia. Fotografia. Olga Regina F. Sodré é filha de Nelson Werneck Sodré.

ARQ 1,2,5 nº 017.

750. OLGA Regina Frugoli Sodré. [S.l.], 1947. 1 foto. 9x7 cm. Cópia. Fotografia. Olga Regina F. Sodré é filha de Nelson Werneck Sodré.

ARQ 1,2,5 nº 018.

751. OLGA Regina Frugoli Sodré com duas meninas. [S.l.], 1947. 1 foto. 7x9 cm. Cópia. Fotografia. Olga Regina F. Sodré é filha de Nelson Werneck Sodré.

ARQ 1,2,5 nº 019.

752. OLGA Regina Frugoli Sodré sentada à mesa com 5 pessoas. [S.l.], 1947. 1 foto. 8x6 cm. Cópia. Fotografia. Olga Regina F. Sodré é filha de Nelson Werneck Sodré.

ARQ 1,2,5 nº 020.

753. OLGA Regina Frugoli Sodré, Fernando, Marlene e um menino não identificado. Itu (SP), [19__]. 1 foto. 6x9 cm. Cópia. Fotografia. Olga Regina F. Sodré é filha de Nelson Werneck Sodré.

ARQ 1,2,5 nº 021.

754. OLGA Regina Frugoli Sodré e seus avós paternos, Heitor e Amélia. [S.l.], 1947. 1 foto. 9x7 cm. Cópia. Fotografia. Olga Regina F. Sodré é filha de Nelson Werneck Sodré.

ARQ 1,2,5 nº 022.

755. OLGA Regina Frugoli Sodré, seus avós paternos, um homem e uma menina não identificados. [S.l.], 1947. 1 foto. 7x9 cm. Cópia. Fotografia. Olga Regina F. Sodré é filha de Nelson Werneck Sodré.

ARQ 1,2,5 nº 023.

756. OLGA Regina Frugoli Sodré e Nelson Werneck Sodré. [S.l.], 1947. 1 foto. 8x6 cm. Cópia. Fotografia. Olga Regina F. Sodré é filha de Nelson Werneck Sodré.

ARQ 1,2,5 nº 024.

757. OLGA Regina Frugoli Sodré. Caçapava, 27 abr. 1947. 1 foto. 6x9 cm. Cópia. Fotografia. Olga Regina F. Sodré é filha de Nelson Werneck Sodré. ARQ 1,2,5 nº 025.

758. OLGA Regina Frugoli Sodré. Caçapava, 1947. 1 foto. 7x9 cm. Cópia. Fotografia. Olga Regina F. Sodré é filha de Nelson Werneck Sodré. ARQ 1,2,6 nº 001.

759. OLGA Regina Frugoli Sodré. [S.l.], [19__]. 1 foto. 14x9 cm. Cópia. Fotografia. Olga Regina F. Sodré é filha de Nelson Werneck Sodré. ARQ 1,2,6 nº 002.

760. OLGA Regina Frugoli Sodré vestindo uma fantasia. Itu (SP), 1953. 1 foto. 12x8 cm. Cópia. Fotografia. Olga Regina F. Sodré é filha de Nelson Werneck Sodré. ARQ 1,2,6 nº 003.

761. OLGA Regina Frugoli Sodré vestindo uma fantasia. [S.l.], [19__]. 1 foto. 13x8 cm. Cópia. Fotografia. Olga Regina F. Sodré é filha de Nelson Werneck Sodré. ARQ 1,2,6 nº 004.

762. OLGA Regina Frugoli Sodré vestindo uma fantasia. [S.l.], [19__]. 1 foto. 24x18 cm. Cópia. Fotografia. Consta dedicatória a sua avó. Olga Regina F. Sodré é filha de Nelson Werneck Sodré. ARQ 1,2,6 nº 005.

763. OLGA Regina Frugoli Sodré na sua formatura. [S.l.], [19__]. 1 foto. 9x12 cm. Cópia. Fotografia. Olga Regina F. Sodré é filha de Nelson Werneck Sodré. ARQ 1,2,6 nº 006.

764. OLGA Regina Frugoli Sodré. [S.l.], [19__]. 1 foto. 6x6 cm. Cópia. Fotografia. Olga Regina F. Sodré é filha de Nelson Werneck Sodré. ARQ 1,2,6 nº 007.

765. OLGA Regina Frugoli Sodré. [S.l.], 1957. 1 foto. 7x7 cm. Cópia. Fotografia. Olga Regina F. Sodré é filha de Nelson Werneck Sodré. ARQ 1,2,6 nº 008.

766. OLGA Regina Frugoli Sodré. [S.l.], 1957. 1 foto. 7x7 cm. Cópia. Fotografia. Olga Regina F. Sodré é filha de Nelson Werneck Sodré. ARQ 1,2,6 nº 009.

767. OLGA Regina Frugoli Sodré. [S.l.], 1957. 1 foto. 6x6 cm. Cópia. Fotografia. Olga Regina F. Sodré   filha de Nelson Werneck Sodré.
ARQ 1,2,6 n  010.
768. OLGA Regina Frugoli Sodr . [S.l.], 1960. 1 foto. 18x11 cm. C pia. Fotografia. Olga Regina F. Sodr    filha de Nelson Werneck Sodr .
ARQ 1,2,6 n  011.
769. OLGA Regina Frugoli Sodr  e duas mulheres na praia. [S.l.], [19__]. 1 foto. 9x14 cm. C pia. Fotografia. Olga Regina F. Sodr    filha de Nelson Werneck Sodr .
ARQ 1,2,6 n  012.
770. OLGA Regina Frugoli Sodr  na praia. [S.l.], [19__]. 1 foto. 8x5 cm. C pia. Fotografia. Olga Regina F. Sodr    filha de Nelson Werneck Sodr .
ARQ 1,2,6 n  013.
771. OLGA Regina Frugoli Sodr  na praia. [S.l.], [19__]. 1 foto. 7x9 cm. C pia. Fotografia. Olga Regina F. Sodr    filha de Nelson Werneck Sodr .
ARQ 1,2,6 n  014.
772. OLGA Regina Frugoli Sodr  na praia. [S.l.], [19__]. 1 foto. 7x10 cm. C pia. Fotografia. Olga Regina F. Sodr    filha de Nelson Werneck Sodr .
ARQ 1,2,6 n  015.
773. OLGA Regina Frugoli Sodr  na praia. [S.l.], [19__]. 1 foto. 7x10 cm. C pia. Fotografia. Olga Regina F. Sodr    filha de Nelson Werneck Sodr .
ARQ 1,2,6 n  016.
774. OLGA Regina Frugoli Sodr  deitada na praia. [S.l.], [19__]. 1 foto. 8x11 cm. C pia. Fotografia. Olga Regina F. Sodr    filha de Nelson Werneck Sodr .
ARQ 1,2,6 n  017.
775. OLGA Regina Frugoli Sodr  na praia. [S.l.], [19__]. 1 foto. 10x7 cm. C pia. Fotografia. Olga Regina F. Sodr    filha de Nelson Werneck Sodr .
ARQ 1,2,6 n  018.
776. OLGA Regina Frugoli Sodr  deitada na praia. [S.l.], [19__]. 1 foto. 7x10 cm. C pia. Fotografia. Olga Regina F. Sodr    filha de Nelson Werneck Sodr .
ARQ 1,2,6 n  019.

777. OLGA Regina Frugoli Sodr  na praia. [S.l.], [19__]. 1 foto. 7x10 cm. C pia. Fotografia. Olga Regina F. Sodr    filha de Nelson Werneck Sodr .
ARQ 1,2,6 n  020.
778. OLGA Regina Frugoli Sodr . [S.l.], [19__]. 1 foto. 19x7 cm. C pia. Fotografia. Olga Regina F. Sodr    filha de Nelson Werneck Sodr .
ARQ 1,2,6 n  021.
779. OLGA Regina Frugoli Sodr  em um gramado. [S.l.], [19__]. 1 foto. 9x14 cm. C pia. Fotografia. Olga Regina F. Sodr    filha de Nelson Werneck Sodr .
ARQ 1,2,6 n  022.
780. OLGA Regina Frugoli Sodr . Cambuquira, [19__]. 1 foto. 9x12 cm. C pia. Fotografia. Olga Regina F. Sodr    filha de Nelson Werneck Sodr .
ARQ 1,2,6 n  023.
781. OLGA Regina Frugoli Sodr . Cambuquira, [19__]. 1 foto. 9x12 cm. C pia. Fotografia. Olga Regina F. Sodr    filha de Nelson Werneck Sodr .
ARQ 1,2,6 n  024.
782. OLGA Regina Frugoli Sodr . Cambuquira, [19__]. 1 foto. 12x9 cm. C pia. Fotografia. Olga Regina F. Sodr    filha de Nelson Werneck Sodr .
ARQ 1,2,6 n  025.
783. OLGA Regina Frugoli Sodr . [S.l.], [19__]. 1 foto. 8x12 cm. C pia. Fotografia. Olga Regina F. Sodr    filha de Nelson Werneck Sodr .
ARQ 1,2,7 n  001.
784. OLGA Regina Frugoli Sodr  sentada   beira de um lago. [S.l.], [19__]. 1 foto. 12x18 cm. C pia. Fotografia. Olga Regina F. Sodr    filha de Nelson Werneck Sodr .
ARQ 1,2,7 n  002.
785. OLGA Regina Frugoli Sodré. [S.l.], [19__]. 1 foto. 7x5 cm. Cópia. Fotografia. Olga Regina F. Sodré   filha de Nelson Werneck Sodré.
ARQ 1,2,7 n  003.
786. OLGA Regina Frugoli Sodré. [S.l.], [19__]. 1 foto. 12x9 cm. Cópia. Fotografia. Olga Regina F. Sodré   filha de Nelson Werneck Sodré.
ARQ 1,2,7 n  004.

787. OLGA Regina Frugoli Sodré. [S.l.], [19__]. 1 foto. 6x5 cm. Cópia. Fotografia. Olga Regina F. Sodré é filha de Nelson Werneck Sodré.
ARQ 1,2,7 nº 005.

788. OLGA Regina Frugoli Sodré em uma rua com carros e prédios ao fundo. [S.l.], [19__]. 1 foto. 9x13 cm. Cópia. Fotografia. Olga Regina F. Sodré é filha de Nelson Werneck Sodré.
ARQ 1,2,7 nº 006.

789. OLGA Regina Frugoli Sodré . [S.l.], [19__]. 1 foto. 9x13 cm. Cópia. Fotografia. Olga Regina F. Sodré é filha de Nelson Werneck Sodré.
ARQ 1,2,7 nº 007.

790. OLGA Regina Frugoli Sodré de biquini em diferentes poses. [S.l.], [19__]. 6 fotos. 4x3 cm (cada). Cópia. Fotografia. As fotos encontram-se unidas. Os números de registro das fotos são: (63) 945.531 D-18 mar. 1998; (64) 945.532 D-18 mar. 1998; (65) 945.533 D-18 mar. 1998; (66) 945.534 D-18 mar. 1998; (67) 945.535 D-18 mar. 1998; (68) 945.536 D-18 mar. 1998. Olga Regina F. Sodré é filha de Nelson Werneck Sodré.
ARQ 1,2,7 nº 008.

791. OLGA Regina Frugoli Sodré em uma praia. [S.l.], [19__]. 1 foto. 4x3 cm. Cópia. Fotografia. Olga Regina F. Sodré é filha de Nelson Werneck Sodré.
ARQ 1,2,7 nº 009.

792. OLGA Regina Frugoli Sodré na praia em várias poses. [S.l.], [19__]. 6 fotos. 4x3 cm cada. Cópia. Fotografia. As fotos encontram-se unidas. Os nº s de registro das fotos são: (70) 945.538 D-18 mar. 1998; (71) 945.539 D-18 mar. 1998; (72) 945.540 D-18 mar. 1998; (73) 945.541 D-18 mar. 1998; (74) 945.542 D-18 mar. 1998; (75) 945.543 D-18 mar. 1998. Olga Regina F. Sodré é filha de Nelson Werneck Sodré.
ARQ 1,2,7 nº 010.

793. OLGA Regina Frugoli Sodré de biquini em uma pedra. [S.l.], [19__]. 1 foto. 6x5 cm. Cópia. Fotografia. Olga Regina F. Sodré é filha de Nelson Werneck Sodré.
ARQ 1,2,7 nº 011.

794. OLGA Regina Frugoli Sodré. [S.l.], [19__]. 1 foto. 12x9 cm. Cópia. Fotografia. Olga Regina F. Sodré é filha de Nelson Werneck Sodré.
ARQ 1,2,7 nº 012.

795. PERFIL de Olga Regina F. Sodré. [S.l.], [19__]. 1 foto. 12x9 cm. Cópia. Fotografia. Olga Regina F. Sodré é filha de Nelson Werneck Sodré.
ARQ 1,2,7 nº 013.

796. OLGA Regina F. Sodré ao lado de um automóvel. Rio de Janeiro, 00 dez. 1963. 1 foto. 10x7 cm. Cópia. Fotografia. Olga Regina F. Sodré é filha de Nelson Werneck Sodré.

ARQ 1,2,7 nº 014.

797. CASA onde Nelson Werneck Sodré morou em Campo Grande. Campo Grande (MT), [193__]. 1 foto. 6x9 cm. Cópia. Fotografia.

ARQ 1,2,7 nº 015.

798. HOTEL Frugoli, onde Nelson Werneck Sodré morou em Itu. Itu (SP), [19__]. 1 foto. 9x14 cm. Cópia. Fotografia. O hotel era propriedade do sogro de Nelson Werneck Sodré.

ARQ 1,2,7 nº 016.

799. CASA em Cambuquira. Cambuquira, [19__]. 1 foto. 9x14 cm. Cópia. Fotografia.

ARQ 1,2,7 nº 017.

800. CASA onde Nelson Werneck Sodré morou em Cambuquira. Cambuquira, 00 jun. 1959. 1 foto. 9x14 cm. Cópia. Fotografia.

ARQ 1,2,7 nº 018.

801. CASA em Cambuquira. [S.l.], [19__]. 1 foto. 9x14 cm. Cópia. Fotografia.

ARQ 1,2,7 nº 019.

802. CASA na qual Nelson Werneck Sodré morou em Cambuquira. Cambuquira, [19__]. 1 foto. 9x14 cm. Cópia. Fotografia.

ARQ 1,2,7 nº 020.

803. CASA em Cambuquira. Cambuquira, [19__]. 1 foto. 9x14 cm. Cópia. Fotografia.

ARQ 1,2,7 nº 021.

804. CASA em Cambuquira. Cambuquira, [19__]. 1 foto. 9x14 cm. Cópia. Fotografia.

ARQ 1,2,7 nº 022.

805. CASA em Cambuquira. Cambuquira, [19__]. 1 foto. 9x14 cm. Cópia. Fotografia.

ARQ 1,2,7 nº 023.

806. CASA situada na rua Dona Mariana. [Rio de Janeiro], [19__]. 1 foto. 9x14 cm. Cópia. Fotografia.
ARQ 1,2,7 nº 024.

807. INTERIOR da casa situada em Cambuquira. Cambuquira, [19__]. 1 foto. 9x14 cm. Cópia. Fotografia.
ARQ 1,2,7 nº 025.

808. COLÉGIO SANTO AMARO. Certificado de conclusão do curso ginasial de Olga Regina Frugoli Sodré. Rio de Janeiro, 12 dez. 1957. 1 p. Orig. Dat.
MAP II,2,001 nº 001.

809. COLÉGIO MILITAR DO RIO DE JANEIRO. Certificado de conclusão de curso de Nelson Werneck Sodré. Rio de Janeiro, 29 dez. 1930. 1 p. Orig. Ms.
MAP II,2,001 nº 002.

810. NOMEAÇÃO de Heitor de Abreu Sodré para coletor de rendas federais em Caçapava. [S.l.], 23 nov. 1922. 1 p. Orig. Ms.
MAP II,2,001 nº 003.

811. PERMISSÃO para afastamento de seis meses do cargo de coletor de rendas federais a Heitor de Abreu Sodré. Rio de Janeiro, 28 nov. 1927. 1 p. Orig. Dat.
MAP II,2,001 nº 004.

812. COLÉGIO MILITAR DO RIO DE JANEIRO. Título de agrimensor concedido a Nelson Werneck Sodré. Rio de Janeiro, 10 fev. 1931. 1 p. Orig. Ms. Imp.
MAP II,2,001 nº 005.

813. ESCOLA DE ESTADO-MAIOR. Diploma de conclusão de curso concedido a Nelson Werneck Sodré. Rio de Janeiro, 19 dez. 1946. 1 p. Orig. Ms. Imp.
MAP II,2,001 nº 006.

814. FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS. Diploma do curso superior de graduação em administração. Rio de Janeiro, [19__]. 1 p. Orig. Imp. O diploma não está preenchido.
MAP II,2,001 nº 007.

815. ACADEMIA DE SCIENCIAS SOCIAES E JURÍDICAS. Diploma concedido a José Balthasar de Abreu Cardoso Sodré. São Paulo, 5 nov. 1849. 1 p. Orig. Ms. Imp.
MAP II,2,002 nº 001.

816. FACULDADE DE DIREITO DE SÃO PAULO. Diploma de conclusão de curso de bacharelado em Direito concedido a Heitor de Abreu Sodré. São Paulo, 25 abr. 1908. 1 p. Orig. Ms. Documento não encontrado.
MAP II,2,002 nº002.

817. ÁRVORE gencalógica da família Sodré. [S.l.], [19__]. 1 p. Orig. Imp.
MAP II,2,003 nº 001.

Os Estatutos da Academia Brasílica dos Acadêmicos Renascidos

Tarso Oliveira Tavares Vicente

Técnico em Documentação/Divisão de Obras Gerais/ FBN
Mestre em História (UFF)



Entre as profundas mudanças ocorridas na Europa no longo período que vai dos séculos XVI ao XVIII estão as que afetaram as formas de sociabilidade. Em boa parte do continente, inclusive em Portugal, vê-se que a corte, o centro do poder real, tornou-se também um espaço de debates, já que o saber ia se impondo como critério de diferenciação social. O historiador João Adolfo Hansen¹ afirma que as academias portuguesas resultaram do processo de adaptação da velha nobreza à centralização estatal como nobreza cortesã. O ideal de uma formação de letras e armas (*virtude e estamento*) tornou-se nuclear no ensino dos aristocratas. A academia ou reunião lítero-científica tornou-se uma extensão culta da corte.

A mais famosa das academias lusas do Antigo Regime foi a Academia Real de História Portuguesa. Fundada por d. João V, em 1720, tinha o objetivo de reescrever a história civil e eclesiástica do Império Português, incluindo-se a história da colonização do Brasil. De acordo com a historiadora Íris Kantor, ao criar esta academia, d. João punha sob sua tutela o programa oficial de construção coletiva da história nacional, propiciando a integração e socialização das elites dirigentes leiga e eclesiástica, ao mesmo tempo que estimulava a transferência de informações e competências da esfera eclesiástica para a esfera secular².

No Brasil, as academias começaram com a Academia Real de História, e foi para dar conta do ambicioso projeto de se escrever as glórias do Império Português que se fundou na Bahia a Academia Brasílica dos Esquecidos, em 1724.

Já a Academia Brasílica dos Acadêmicos Renascidos, projeto político e cultural iniciado por elites coloniais do Brasil, teve vínculos estreitos com o projeto da Academia Brasílica dos Esquecidos e, por consequência, com o da Academia Real de História Portuguesa, sua inspiradora. Criada na Bahia, em 1759, sob influência de ambos, a Academia dos Renascidos resultou da iniciativa do conselheiro ultramarino José Mascarenhas Pacheco de Melo. O próprio nome, renascidos, estava ligado à Academia Brasílica dos Esquecidos, pois o objetivo dos seus membros era mostrar que eles haviam, como fênix, renascido das cinzas da Academia dos Esquecidos, dando a esta novo lustre.

A Biblioteca Nacional guarda na Divisão de Manuscritos os estatutos da Academia Brasília dos Acadêmicos Renascidos. Segundo este documento, o principal intuito da academia era escrever a história universal, eclesiástica e secular da América Portuguesa, ou seja, conhecer o Brasil em toda a sua realidade, até então desconhecida dos portugueses, quer os da metrópole, quer os da colônia.

De acordo ainda com Íris Kantor, a intenção de José Mascarenhas, diretor da academia, era que ela se transformasse num instrumento de governo em meio aos processos de redefinição das fronteiras territoriais, de expulsão dos

53

Estatutos da Academia Brasileira
da dos Acadêmicos Renascidos, estabelecida na Cid.
do Salvador da Bahia de todos os Santos Capital de toda
America Portuguesa, da qual hade escrever a Historia
Universal.

Introduccão



1 O Officio Cravallos de Offrey N.º, que habitão nesta Capi-
tal dos seus Estados do Brasil, e a quaes nenhum da Europa pode
m exceder na lealdade, e sincero amor a seu Soberano, viveo na maior
constancia, desde q' recebeu a noticia da perigosa enfermidade de
S. M. P. no dia de Sabbado de Allouia 14 de Abril do presente
anno em q' conseguiu a cura do seu feto restabelecim. da importan-
tissima vida, e puzera vande domo. Senhor. Porão ainda mais os
jubilos nos Corações, q' os repiques nas Iguezas, exom innumerações festas
publicas repetidas, vese manifestação do gozo q' tinham no peito.

2 Sendo prepetua na memoria p. os seculos futuros a sua incomparavel a-
legria, alimentada duppemente da sua fidelidade, ideando algum novo modo
dedar ao mundo Cua prova demonstrativa da sinceridade de seus obsequi-
os. Embrazão se de q' os Soberanos são Senhores das Cidades, honras, e
felicidades dos seus Cravallos, e q' fizesse lhes tudo isto hie mais proveito
sagacidade, q' do affecto. Que tem impio na sua contado, e que se tribu-
ta-lhe, hie dividida não obsequio: por em q' no entendimento não tem no
aplicação a C. Mag. Cua potencia somente se aquita a evidencias dos
discursos: os q' obsequios nascem sempre da sinceridade. da causa, eão os
mais estimados, p. q' unica. Adecem a sempre da razão: até a v. o
pode qualificar se de livre, quando offerece a produccão da enten-
dimento.

3 A este fim sequenciação mutua m. a concordar Com gr.
numero de pessoas, das mais doutas, e seguras da Cidade, e resolveram
em Cua junta elegeo hum p. q' se p. da sua alegria, e do seu affecto a
Real, e Amabilissima Pessoa de S. M. P. estabelecendo Cua
Academia, q' tenha por principal Instituto escrever a Historia U-
niversal, Eccles. e secular da America Portuguesa, e q' principie no
feliz dia, em q' se celebra o Anniversario da nossa maior fortuna, de di-
cand'o a ne sublime Specto a primeira produccão do seu engenho
naquella Conf.ª publica. de se C. q' se no.

4 A este fim sequenciação mutua m. a concordar Com gr.
numero de pessoas, das mais doutas, e seguras da Cidade, e resolveram
em Cua junta elegeo hum p. q' se p. da sua alegria, e do seu affecto a
Real, e Amabilissima Pessoa de S. M. P. estabelecendo Cua
Academia, q' tenha por principal Instituto escrever a Historia U-
niversal, Eccles. e secular da America Portuguesa, e q' principie no
feliz dia, em q' se celebra o Anniversario da nossa maior fortuna, de di-
cand'o a ne sublime Specto a primeira produccão do seu engenho
naquella Conf.ª publica. de se C. q' se no.

Distribuição dos Empregos para a Real Academia das Sciencias e Artes de Lisboa

Memorias para a Academia universal Lincea
Memorias que se lèem de Encomenda Ligeira Portugueza.

¶ Para compor as do Para. Mamboé mangueira Capicarias
germeas, inclum as Capicarias do Cabu Camuca Camuça
Papi integras, Ma grande de Soanes &c.

St. N.
St. N.
St. N.
St. João do Rego Cavalhante
St. João Pereira da Mendonça



Encomendado a la donat
de dolo su en la pen
coracion. S. Papis
Prampia, en la donat
tam con quera mae. ad
m. l.
m. cap. g. co. m. l. d.
Papis.

Don Pedro Henriquez

Da Capitania general de Pernambuco nos v[ostros]
compreendendo as Capitancias de Santa Helena, de Alagoas,
Pernambuco, Paraíba, Rio de Janeiro, Litoral e Alagoas.

[illegible]

Da D. de S. Antonio, Sec. da Cap. e Com.

“Distribuição dos empregos para os quaes a Academia dos Renascidos elegeo por votos conformes depois de repetidas conferências a alguns dos seus sócios”: dividindo entre os seus membros o estudo das diversas regiões da colônia, a academia pretendia escrever a história da América Portuguesa

jesuítas e de controle da mão-de-obra indígena. Isso fica evidenciado na homenagem prestada a d. João V, a quem os acadêmicos ofereciam o título de protetor da instituição, a qual, por sua vez, ganharia o *status* de Academia Real e incluiria as armas reais entre os dizeres do selo acadêmico: Uma academia que tomou por empresa escrever a nova Historia deste continente, e tem por obrigação averiguar a verdade, podia fazer eterno agradecimento aos reaes benefícios no templo da fama a gloriosa memoria das acçoens de hum Rey que pode ser prototypo de todos os Príncipes perfeitos.

A Academia dos Renascidos, no entanto, não chegou a funcionar, pois, um ano depois de sua fundação, o marquês de Pombal mandou à prisão o conselheiro José Mascarenhas Pacheco de Melo. De acordo com Ariel Castro, isto indicaria que a proposta da academia era revolucionária e que causara um choque entre uma visão brasileira (nativista) e uma visão portuguesa.³ Chega a ser irônico o fato de que o responsável pelo fechamento da academia seria o homenageado nos estatutos como seu mecenas.

Os encontros dos integrantes da Academia dos Renascidos ocorreram de 6 de julho de 1759 a 26 de abril de 1760, data de sua última sessão. As atividades da entidade chamam a atenção pela abrangência, liberdade intelectual e diversidade dos temas tratados. Reunindo-se de 15 em 15 dias e sempre às 15 horas, era composta de 40 acadêmicos numerários (o núcleo efetivo da academia) e mais outros, supranumerários (não-permanentes), sem limite fixo de membros (exceção feita aos habitantes de Salvador, cujo número não passaria de 20). A possibilidade da inclusão de novos membros (supranumerários), a qualquer tempo, ajudava os acadêmicos a se fazerem representar em todo o território colonial, pois a intenção da entidade era alargar-se à medida que se fizessem os estudos das diferentes regiões do Brasil.

Dessa forma, autores de diversas partes da colônia e até mesmo do exterior participaram do movimento dos renascidos, muitos deles autores de obras que chegaram ao nosso conhecimento. Entre eles estão Domingos de Loreto Couto, José Mirales, padre Antonio da Silva Jaboatão, João Borges de Barros, Frei Gaspar da Madre de Deus, padre Mateus da Encarnação, Cláudio Manuel da Costa e Inácio Barbosa Machado, irmão de Diogo Barbosa Machado, o autor da *Biblioteca Lusitana*, de 1759. Ao que tudo indica, a academia não chegou a publicar nenhuma obra. Com a prisão de seu diretor, os acadêmicos provavelmente esconderam o que haviam produzido.

Lendo os estatutos, podemos imaginar que o documento original continha ao menos duas imagens: a representação da academia (a ave fênix fitando o sol, com os dizeres: *multiplicabo dies*); e o seu selo (a mesma ave fênix abraçando-se em chamas, com os dizeres: *ut vivam*; e na circunferência, o título: ACADEM. BRAZIL. DOS RENASC. A propósito, a alegoria da fênix era

também usada como representação oficial do reinado de d. João V e também era usada como símbolo da Academia Real de História Portuguesa.

O manuscrito tem 15 páginas, divididas em 25 seções e 66 parágrafos, e mede 34,5 cm x 22 cm. Em bom estado de conservação, integrava, ao que tudo indica, o acervo Real Biblioteca, hoje pertencente à Biblioteca Nacional. O fato de fazer parte de um acervo tão importante como o proveniente da Real Biblioteca da Ajuda confere mais valor ainda ao documento.

Encadernado junto com os Estatutos está o documento intitulado Destribuição dos empregos para os quaes a Academia dos Renascidos elegeo por votar conformes depois de repetidas conferencias a alguns dos sócios”. Este documento, com o vistoso carimbo da Real Biblioteca na primeira folha e que dá autenticidade à obra, de certa forma complementa as informações contidas nos Estatutos. Nele figuram os nomes dos sócios da academia, agrupados por província, bem como os temas de suas dissertações, além de um calendário de apresentações.

Este segundo manuscrito é importante também por revelar a forma de trabalho da Academia dos Renascidos, fixada em seus estatutos, quando prescreviam que, para se escrever a história portuguesa com mais brevidade, se dividirá este laborioso exercício pelos acadêmicos, que a pluralidade de votos fazem e [nomear-se-à] leitor para cada uma das províncias deste continente. Como exemplo, pode-se observar que a sessão prevista para o dia 1º de setembro de 1759 versaria sobre o seguinte tema: Em que se differença a significação destes nomes Maranhão, Grampará, Orelhana e Amazonas! A sua ethimologia e a do nome do Rio da prata e que he origem destes Rios. Esta sessão ficou a cargo de Bernardo José Jordão, Inácio Barbosa Machado e José Lopes Pereira.

A Academia Brasílica dos Acadêmicos Renascidos cumpriu seu papel de promover a discussão intelectual. Apesar de efêmera, devido à ambiciosa pretensão de abarcar diversas regiões brasileiras, proporcionou uma percepção mais global da realidade colonial, bem como novas possibilidades de sociabilidade.

NOTAS

1. HANSEN, João A. Introdução in PÉCORA, Alcir (org.) & HANSEN, João A. *Poesia seiscentista: fênix renascida & postilhão de Apolo*. São Paulo: Hedra, 2002.
2. KANTOR, Íris. *Esquecidos e renascidos: historiografia acadêmica luso-americana (1724-1759)*. São Paulo: Editora Hucitec/Centro de Estudos Baianos da Universidade Federal da Bahia. 2004, p. 30.
3. CASTRO, Ariel. Movimento academicista e processo político-cultural no Brasil Colônia. Disponível em: <http://www.geocities.com/Athens/Crete/7424/academia.html> (último acesso em 26/03/2009).

Esta obra foi composta em Adobe Garamond
e impressa em papel Off-set 90 g/m²
na Flama Ramos Acabamento Gráfico Ltda.

ISSN 0100-1982



Ministério
da Cultura

